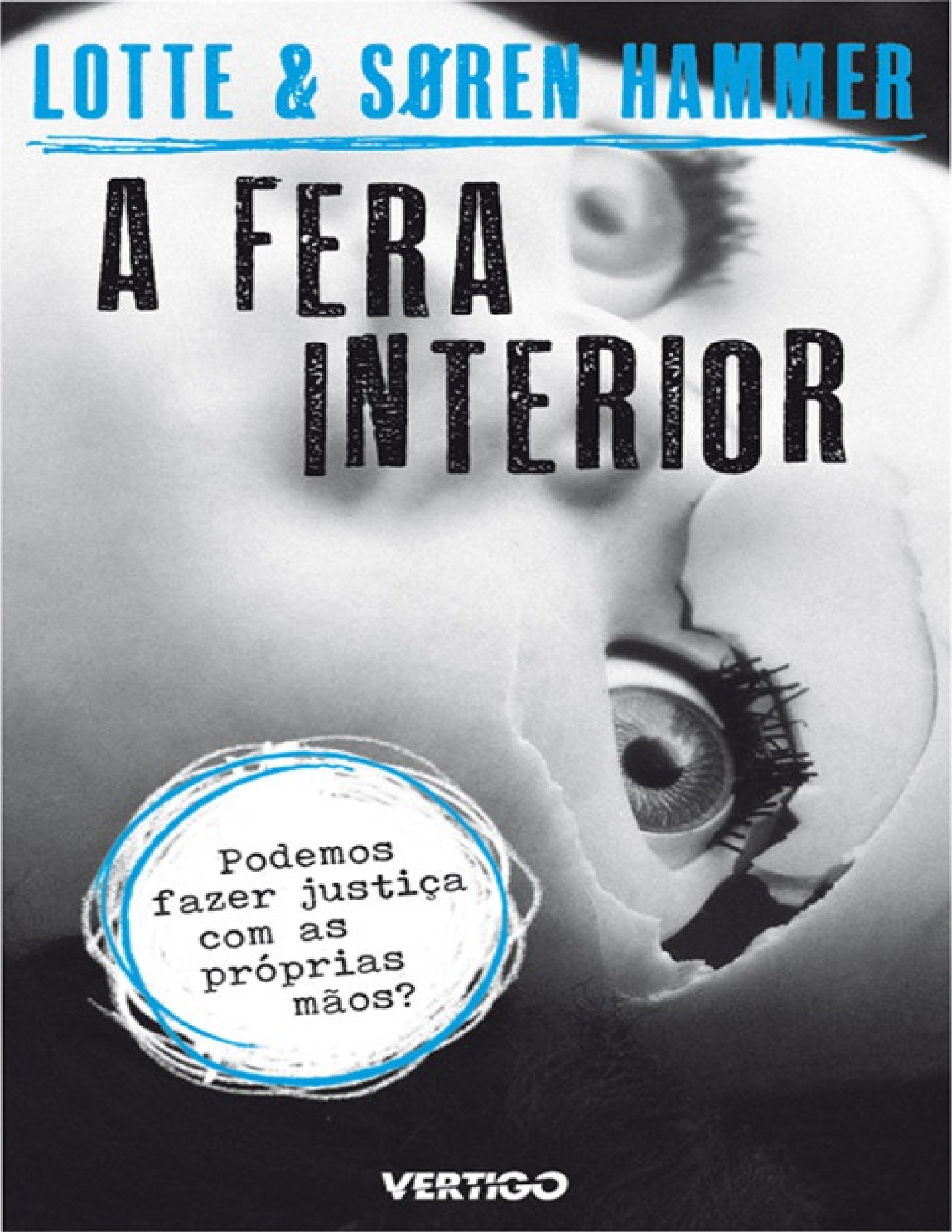


**LOTTE & SØREN HAMMER**



# **A FERA INTERIOR**

Podemos  
fazer justiça  
com as  
próprias  
mãos?

**VERTIGO**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



Lotte & Søren Hammer

# **A FERA INTERIOR**

Podemos fazer justiça com as próprias mãos ?

Tradução Márcia Guimarães

**VERTIGO**

# PRÓLOGO

No campo próximo à mata, o homem lançou as últimas toras. Depois ficou de pé, pressionou as costas das mãos sobre o cóccix e espreguiçou-se algumas vezes para afugentar a inesperada fraqueza. Já acostumado a fazer trabalho braçal, não considerou as poucas horas que passara enchendo o buraco como algo especial e, em comparação com o que havia feito durante todo o dia, um pouco de dor era irrelevante. Apenas o surpreendeu.

Movendo-se com algum desconforto, pegou a última das latas de gasolina e derramou seu conteúdo sobre as toras ; a camada mais alta da pilha estava no nível do solo. Tinha ali uns 15 metros cúbicos de madeira de faia, misturada com um pouco de olmo, castanheira e bétula, além de uma ameixeira ainda nova, com tronco marrom avermelhado no lado sob o sol e esverdeado sob a sombra, como ele tinha observado com o olhar atento de um *expert*. Havia também 31 sacos de carvão, uma quantidade que ele tinha memorizado antes de começar e, depois, contabilizado um a um enquanto os levava para o fosso, para que o trabalho ficasse menos monótono. Olhou de relance para seu relógio e notou que o mostrador estava coberto de sangue seco e que nenhum dos ponteiros estava visível. Exatamente como na última vez em que tinha olhado. Arrancou o relógio do pulso e o atirou na pilha. Então olhou para o céu, que começava a escurecer. Na direção do oeste, uma faixa de nuvens carregadas estava iluminada pelos raios vermelhos do sol poente e o lago para lá do campo repousava cinzento e sombrio. Uma tempestade estava se formando.

Ele tirou da mochila um conjunto de roupas limpas e um saco plástico com lenços umedecidos. Despiu a parte superior do corpo musculoso e, embora estivesse tremendo, os lenços proporcionaram uma sensação agradável em sua pele enquanto se limpava cuidadosamente. Foi particularmente cuidadoso com a cabeça e as mãos, onde o carvão tinha deixado marcas que iriam chamar a atenção, o que o fez pensar que deveria ter trazido um espelho. Sorriu no crepúsculo. Normalmente, nunca se preocupava muito com a aparência, mas hoje era um dia especial. Talvez fosse até mesmo possível que neste dia, neste campo sinistro na Zelândia, Dinamarca, ele sentisse uma pontinha de orgulho ; sim, talvez até esquecesse seu apelido ridículo. Todos o chamavam de Alpinista. Apenas alguns – quase ninguém – sabiam seu verdadeiro nome ; o nome que tinha antes, quando alguém se importava com ele e ele se importava com alguém. Até... não era mais assim.

Essa lembrança da infância não ficou impune : a dor na sua região lombar se espalhou em direção às nádegas e coxas como picadas violentas. Tentou ignorá-la e se concentrou em trocar de roupa, jogando a velha na pilha de madeira e carvão. Quando estava pronto, sentiu a doçura da vingança invadi-lo. Com exceção de uma situação imprevista que guardara para si e que teria que resolver mais tarde, havia seguido as instruções ao pé da letra. Agora era com os outros membros do grupo.

Pegou um isqueiro, se abaixou e acendeu a fogueira. A gasolina pegou fogo rapidamente e as chamas cresceram em sua direção com tanta força que ele deu um passo atrás, assustado.

Por alguns segundos, ficou ali para se aquecer, mas o profundo desconforto em relação ao fogo logo foi mais forte.

Um relâmpago atravessou o crepúsculo e o homem se virou calmamente para olhar o céu. A tempestade estava chegando mais rapidamente do que esperava. No barranco à esquerda, onde a mata se inclinava em direção ao lago, um par de nuvens negras de tempestade se aproximava, como se a terra tivesse aberto e libertado os tenebrosos poderes do inferno. Houve outro relâmpago, e uma terceira nuvem negra se formou. E então veio a chuva. Gotas grandes, agressivas, milhares de flechas que ricocheteavam do solo. Poderosas, purificantes, precisas.

Aprensivo, o homem contemplou o fogo por um momento, mas concluiu que a água não o apagaria. Na pior das hipóteses, impediria que as chamas se alastrassem. Virou-se e caminhou decidido em direção à mata, sem olhar para trás. Logo desapareceu na escuridão.

O denso nevoeiro da manhã de segunda-feira descia como ondas brancas de algodão sobre a calçada. As duas crianças mal conseguiam enxergar um metro adiante, enquanto se dirigiam à escola. Tinham que ir adivinhando o caminho, e logo seus passos eram hesitantes e cuidadosos. O garoto andava um pouco atrás da menina, com a mochila nos braços. De repente, parou.

– Me espere !

A menina estacou. A neblina se condensava em seus cabelos, e ela secou as gotas de névoa da testa, enquanto esperava pacientemente pelo irmãozinho, que lutava para colocar a mochila nas costas. Ele tinha falado em turco, o que raramente fazia, e nunca com ela ; agora se ocupava com as alças, puxando-as com força, o que não ajudava em nada. Finalmente, quando conseguiu, segurou a mão da irmã. Ela olhou ao redor, tentando enxergar através da neblina o outro lado do campo. Então tomou uma direção qualquer e deu alguns passos no escuro antes de logo parar de novo. O menino chegou bem perto da irmã.

– Estamos perdidos ?

– Seu bobo.

– Lá em casa estava claro.

– Daqui a pouco, aqui também vai clarear.

Ela tentava se convencer de que não havia motivo para sentir medo, que deviam estar perto do prédio ; era melhor continuarem andando.

– Não podemos seguir pessoas estranhas. Haja o que houver, não podemos ir com estranhos, não é ?

A menina percebeu que o irmão estava quase chorando e o puxou pela mão. Deram alguns passos incertos, até que avistou um brilho fraco, mais adiante, na diagonal, e seguiu naquela direção.

Pouco tempo depois estavam no corredor em frente ao ginásio esportivo. A menina sentou-se num banco e começou a ler, e seu irmão veio com uma bola nas mãos.

– Quer jogar bola comigo ? Você joga tão bem.

– Você pendurou suas roupas direito e pôs a mochila no lugar certo ?

O garoto disse sim com a cabeça, os olhos bem abertos, tentando parecer sincero.

– Ande, vá lá e faça isso.

Ele foi, meio a contragosto, mas sem reclamar ; logo estava de volta, e ainda querendo jogar.

– Tenho de ler uma coisa antes. Você começa e daqui a pouco eu vou.

Ele olhou rapidamente para o livro, com descrença ; era grosso.

– Promete que vem logo ?

– Assim que terminar este capítulo. Vá e jogue sozinho. Não vou demorar.

O garoto correu ao ginásio e em pouco tempo ela ouviu o barulho da bola quicando.

Continuou lendo. De vez em quando fechava os olhos e imaginava que fazia parte da história.

O irmão a interrompeu.

– Não tem lugar para jogar.

– Por que não ?

– Porque alguns homens estão pendurados lá.

– Então fique longe deles.

Dali a pouco, o garoto estava na frente dela de novo. A menina não o tinha ouvido se aproximar.

– Não gosto dos homens.

Ela respirou fundo.

– Você peidou ?

– Não, mas não gosto dos homens mortos. Eles foram mutilados.

Ela levantou-se, irritada, e caminhou em direção à entrada do ginásio, o irmão logo atrás.

Havia cinco pessoas penduradas no teto, cada uma por uma corda. Estavam nuas e de frente para ela.

– Não são esquisitos ?

– São – ela falou e fechou a porta.

Pôs o braço em volta dos ombros do garoto.

– Podemos jogar bola agora ?

– Não, não podemos. Temos que procurar um adulto.



O detetive Konrad Simonsen estava curtindo suas férias. Sentado em um cômodo com uma bela vista, no último andar de uma casa de veraneio, fumava seu quarto cigarro matinal e tomava uma xícara de café. Olhava fixamente, através das janelas enormes, para um par de nuvens cinzentas se arrastando lá fora. Não pensava em nada especial.

A jovem de porte atlético que apareceu – voltando de sua corrida matinal – tinha tirado os sapatos e as meias, de modo que ele não ouviu seus passos quando ela entrou. Por isso, tomou um susto no momento em que ela falou. Além do mais, estava acostumado a ficar sozinho.

– Pelo amor de Deus, papai. O mínimo que podia fazer era abrir uma janela.

Sua irritação era por causa da fumaça de cigarro que pairava pesada no ar. Abriu as portas francesas – grandes portas de vidro – para que a brisa fresca do mar tomasse conta do ambiente e balançasse seus cachos louros, até decidir que o cheiro forte tinha acabado e trancar as portas. Então se jogou em uma das poltronas em frente a ele sem demonstrar qualquer preocupação pelo fato de com isso amassar o jornal no bolso da sua calça de moletom.

Ele disse :

– Bom dia, você foi até o Blokhus ? Deve ter sido uma corrida e tanto !

– Dia... já é quase tarde, dorminhoco. Sim, fui até o Blokhus, e não é tão longe assim.

O pai apontou para o jornal.

– É para mim ?

Ela respondeu, com ironia, mas calmamente :

– E obrigado, minha filha querida, por me fazer café.

– E obrigado, minha doce Anna Mia, por me fazer café.

Ela pegou o jornal, mas então seu olhar caiu sobre o cinzeiro e sua expressão severa denunciou o que estava por vir. Com um gesto acusador, apontou as guimbas e seu sotaque de Bornholm, a ilha dinamarquesa onde nasceu, ficou mais pesado :

– Quatro cigarros antes do café da manhã !

– Sabe que eu estou de férias, então está tudo um pouco diferente do normal.

Ele podia ter se poupado da mentira.

– Você fuma demais, bebe demais, e sua dieta é horrível. Dizer que está obeso seria uma gentileza.

Ele se defendeu, com certa indiferença :

– Quase nunca fumo no trabalho, e apenas moderadamente à noite ; então posso relaxar de vez em quando.

– Claro, tirando o fato de que está mentindo, parece bastante razoável.

Ele não soube o que dizer. Olhou para o jornal, que estava bem longe do seu alcance. A voz dela, séria, ficou ainda mais firme :

– Você sabe que ainda me deve mais uns quinze anos, não é, papai ?

Isso cortou seu coração, despertando aquela velha certeza de que não tinha sido um bom pai. Essa certeza estava adormecida havia três anos, desde uma noite feliz de maio, quando ela aparecera de repente na sua porta e explicara que tinha que passar uma semana em Copenhague, e que seria mais prático e econômico ficar com ele. Como se nada fosse mais natural. Daí, invadiu seu apartamento e sua vida – uma garota desconhecida, de 16 anos, bonita, animada, cheia de vida... sua filha.

Não havia mais nada a fazer a não ser render-se e pedir clemência, mas não sabia o que dizer. Desculpar-se parecia bobagem, e a promessa de que mudaria e teria um novo e saudável estilo de vida era mais fácil de ser feita do que de ser cumprida. Para completar, ele não era do tipo que tem facilidade para compartilhar seus sentimentos. Arriscou algumas promessas vagas, até que de repente ela ficou menos séria e mudou de assunto.

– Depois falamos sobre isso, papai. Diga, você já se acostumou aqui ? É uma casa de campo bastante sofisticada, essa da Nathalie.

Também era um assunto delicado, embora fosse menos pessoal, e se ele não a conhecesse bem, acharia que tinha falado nisso para aproveitar que ele estava na defensiva. Mas não. Era ele quem via as conversas como um jogo estratégico, com vencedores e perdedores – um mau hábito que interpretava, muito convenientemente, como uma doença profissional, como resultado de muitos interrogatórios. Tentou não ver aquilo como uma provocação.

– Sim, é magnífica.

– Por que você ficou tão mal-humorado anteontem quando chegamos ?

– Porque a Condessa é minha subalterna, e isso tudo é um pouco constrangedor.

– Mas você sabia que era dela.

– Sim, minha querida, é verdade, mas só Deus sabe como não me expressei bem em relação ao que estava procurando. Milionários pagariam uma fortuna para passar férias nesta luxuosa propriedade, e o fato de que estamos pagando tão pouco é antiético, e provavelmente ilegal também.

– E daí ? Ela é rica. De qualquer forma, chega de falar dessa “moça”.

– Além disso, a geladeira está lotada de comida, o suficiente para enfrentarmos uma guerra.

– Não tem guerra nenhuma. Vamos ficar aqui só duas semanas. É claro que você poderia comer menos. Não ia lhe fazer mal nenhum usar suas reservas por um tempo.

– Nada de comida, nada de bebida, nada de cigarro ; qual é a próxima restrição ?

Ela ouviu e continuou a falar.

– Você sabia que o piso do terraço é de pedra italiana pintada à mão e que o mármore no *hall* de entrada se chama Ølandsbrud ?

– Como sabe disso ?

– Pela Nathalie, claro.

Ninguém se referia à Condessa como Nathalie, e isso soou estranho em seus ouvidos. Nathalie Vón Rosen era seu nome, mas todos, inclusive Anna Mia, se referiam a ela como a Condessa.

– Você já veio aqui antes ?

– Na verdade, já.

- Não estou gostando disso.
- Então vai gostar menos ainda, porque eu trouxe um presente para você.
- Um presente ? De quem ?
- Da Nathalie, mas eu ia esperar alguns dias antes de lhe dar.

Sua expressão de espanto era totalmente sincera.

– Ah, papai, você às vezes é incrivelmente tolo. Não é tão difícil entender e, se quer saber, ela tem um sentimento especial por você e, se você cuidasse melhor de si mesmo e perdesse uns quinze ou vinte quilos, até que formariam um belo casal.

Sons curtos e agudos de pés descalços sobre o chão de madeira de pinho tomaram conta do cômodo e lá se foi ela, sem que ele tivesse a chance de falar alguma coisa sobre aquela ideia absurda.

O presente da Condessa era maravilhoso. Assim que voltou, Anna Mia sentou-se no braço da poltrona e observou atentamente enquanto o pai desmanchava o embrulho. Era *Mein System*, de Aron Nimzowitsch, primeira edição, de 1925, com dedicatória pessoal desse grande mestre do jogo de xadrez – um tesouro que o deixou quase em estado de êxtase. Nesse meio tempo, ela pôde ler por sobre o ombro do pai.

- O que ela quer dizer com “Obrigada por sua ajuda” ?

Ele virou o cartão, mas era tarde.

- Não tem educação ? Você não lê cartas alheias, lê ?
- Leio. Em que a ajudou ?
- Não é da sua conta !

Ficaram sentados em silêncio ; ela no braço da poltrona e ele no assento.

- Me fala o quanto vocês se conhecem – ele disse.

- Quem ? Eu e a Nathalie ?

Seu falso desinteresse era quase ridículo.

- Sim, é claro.
- Não é da sua conta.

Estavam de volta à estaca zero.

Algum tempo depois, ela ficou mais amável.

– Não conheço a Nathalie muito bem, e não fizemos nada escondido de você. Nada mesmo. O fato de eu já ter estado aqui antes é pura coincidência. Nos encontramos por acaso em Skagen no verão passado, e ela me convidou para almoçar. Mas já sei como você a ajudou. Foi durante o divórcio, não foi ?

Ele hesitou.

- Conversamos um pouco.

Anna Mia deu um tapinha leve sobre a cabeça dele.

– Acho que mereceu o livro, papai. Então me faça um favor. Não vamos falar sobre preço. A Nathalie nunca esperaria ganhar alguma coisa como retorno de seus presentes ; ela é assim, e você sabe disso.

- Sei. Mas é uma questão de princípios.
- Talvez tenha princípios errados.

Ela se levantou e caminhou até uma das janelas enquanto ele, cuidadosamente, quase com

devoção, folheava o livro.

– Vou tomar um banho. Enquanto isso, pode pensar sobre o que faremos hoje.

– Certo, está bem.

Teve de chamá-lo duas vezes antes que se movesse, e ele não percebeu que o ânimo tinha mudado de novo. Estava muito entretido com seu jogo de xadrez.

– Seu celular está ligado ?

– Não. O acordo foi que o mundo lá fora seria esquecido, acho que se lembra disso. Por que a pergunta ?

Ele se levantou, com um longo olhar para a figura de um jogo no livro, depois se virou para a janela e contemplou o horizonte. A paisagem de dunas se abria à sua frente como montes irregulares varridos pelo vento, brancos e brilhantes, onde o sol batia e acinzentados e escuros do outro lado ; alguns invadidos por roseiras, outros por pés de centeio. Lá longe, ele podia ver o Mar do Norte, com suas reluzentes ondas de crista branca, e sobre ele um bando de gansos selvagens voando ao longo do litoral em direção ao sul. De repente, sentiu o braço de Anna Mia ao redor de seu corpo e o peso da cabeça da filha sobre as costas. Uma mistura de constrangimento e admiração tomou conta dele, como se a juventude da filha fosse algo sagrado. Mas permaneceu como estava e depois de alguns segundos de eternidade, ela falou, suavemente :

– Estão vindo te buscar, papai.

Só então ele viu. Uma coisa aflitiva percorrendo devagar a sinuosa estrada entre as dunas : um carro da polícia.

Umas quatro horas depois, Simonsen estava numa sala na Escola Langbæk, vendo a chuva cair, sombria, contínua. Um cão farejava a vegetação atrás do *playground*. Um policial lhe dava comandos com gestos e gritos ; às vezes fazia com que se aproximasse para receber carinhos e elogios.

Uma mulher jovem com um saco plástico enrolado na cabeça, como um lenço provisório, aproximou-se do policial e, por alguns minutos, Simonsen observou os gestos dos dois. Dali a pouco, uma rajada de vento molhou o vidro da janela, reduzindo quase totalmente a visibilidade. Virou-se, então, para o corredor atrás dele. A tinta da parede se mostrava descascada e suja, alternando vários tons de amarelo. O revestimento do piso estava muito estragado. Havia alguns trabalhos artísticos pendurados aqui e ali, uns um pouco melhores que os outros. O mais próximo era feito com arame e latas de refrigerante muito empoeiradas.

O detetive parecia inquieto :

– Caramba, Condessa !

A mulher se achava atrás dele conversando em um telefone celular ; foram palavras ditas sem irritação, apenas para mostrar como achava absurdo ele ter sido trazido do outro lado do país – como uma entrega a domicílio – simplesmente para acabar ali, olhando aquele céu sombrio de outubro. Não sabia quase nada sobre a investigação. Esperavam que ele assumisse o caso, mas não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

A mulher tampou o telefone com a mão.

– Olá, Simon, me desculpe por interromper suas férias, mas pelo menos pôde aproveitar alguns dias, não é ? Espero que Anna Mia não tenha ficado muito chateada. Arne está chegando, ele vai lhe contar tudo.

Sorriu e voltou para sua conversa ao telefone, antes mesmo que Simonsen pudesse falar alguma coisa. Ele retribuiu o sorriso meio a contragosto ; por um segundo pensou em como os dentes da Condessa eram bonitos. Respirou fundo e olhou para a janela de novo. A vista ainda era deprimente. A conversa da mulher continuava, e continuava, sem fim.

O detetive deduziu que ela falava com um dos peritos criminais – e logo percebeu que se tratava de alguma coisa grave. Um tom de voz ligeiramente elevado e uma certa incoerência no que ela dizia denunciaram isso. Quando ela fez uma pergunta quase idêntica ao que já tinha perguntado, ele a puxou pelo braço gentilmente. A Condessa desligou o telefone sem se despedir.

– Está com fome ? – ele perguntou.

– Acho que não.

Simonsen estava acostumado com esse tipo de situação e sabia que era temporária. Mais cedo ou mais tarde, todos os investigadores tinham que enfrentar situações assim, muito impressionantes, difíceis de lidar ; imagens horríveis, daquelas que ficam grudadas na memória para sempre. Sem dúvida, para ela era esse o caso. Ele achava mais difícil quando

as vítimas eram crianças, mas isso era comum entre a maioria dos policiais. E ainda não tinha entrado no ginásio. Interrompeu seu pensamento e voltou ao presente.

- Pegue seu carro e vá comer alguma coisa. Esteja de volta em uma hora.
- Não estou com fome.
- É uma ordem, Condessa. E desligue o celular.

Ela acenou, dando a entender que estava concordando. Mas o detetive viu em seus olhos que não. Normalmente, ela era a personificação do autocontrole. Era quem não se alterava enquanto todo mundo parecia desorientado. Olhou para ela e a luz cinzenta do dia cobria seu rosto. E ele viu que sua pele demonstrava o mesmo tom pálido dos cabelos.

- É horrível, Simon ! Acho que nunca vi nada parecido.
- Acho que nenhum de nós viu.
- Arne e eu olhamos rapidamente pela porta e... Ai, foi pavoroso !
- Tenho certeza de que sim. Agora vá. Tenho mais o que fazer do que me preocupar com você.

Falou e sorriu para atenuar suas palavras. Ela não demonstrou ter percebido. Permaneceu onde estava e ele se perguntou se deveria abraçá-la ou apenas pôr a mão em seu ombro. Mas não fez nem uma coisa nem outra ; não era bom nesse tipo de coisa. Finalmente, ela disse :

- Vou ficar bem.
  - Sei que vai. Até logo !
- E então ela se foi.

O Centro de Educação Especial tinha sido temporariamente transformado em um escritório de investigações. Duas estantes foram esvaziadas e sobre a mesa no meio da sala havia uma pilha de papéis e uma caixa com alguns lápis. Um quadro branco fora colocado na frente do quadro verde, de forma que as explicações pudessem ser dadas sem o uso de giz. Um mapa da escola havia sido pendurado em uma das paredes, obviamente às pressas, sem nenhum cuidado.

Simonsen observava o mapa enquanto Arne Pedersen limpava seu assento. Sua calça já estava manchada em dois lugares e não queria que ficasse ainda pior.

- Como foi sua viagem ?
- Desagradável.
- E a casa ? Pode pedir um reembolso ?
- É pouco provável.

As cadeiras, malconservadas, rangeram quando os dois homens se sentaram. Simonsen pôs os cotovelos sobre a mesa e perguntou, secamente :

- Como você está ?

A pergunta não perturbou Pedersen, o que era um bom sinal.

– Melhor agora, mas no começo não foi fácil. Quase desmaiei duas vezes, e isso não acontecia há anos.

- Mas está bem agora ?
- Normalmente, só acontece quando há crianças envolvidas, sabe como é.
- Arne, responda a minha pergunta. Você está bem agora ?

Pedersen olhou para ele com firmeza.

– Sim, estou legal agora.

– Isso é bom. Então me ponha a par da cronologia, das estratégias e de toda a situação no momento.

Sua fala soou mais rude e arrogante do que pretendia, mas ainda estava incomodado com a demora e queria ir direto aos fatos.

A ordem foi obedecida prontamente. Pedersen relatou os eventos com exatidão, começando pelas crianças turcas que chegaram na escola às 6h15 da manhã e pela bicicleta encontrada à direita da entrada. E prosseguiu :

– Era o primeiro dia depois do recesso e a escola já estava aberta. As crianças foram direto para suas respectivas salas de aula e penduraram seus casacos. Depois, se encontraram no prédio B para jogar futebol. Dentro do ginásio, acharam cinco corpos. A irmã, a criança mais velha, procurou em vão por um adulto. Ligou, da sala dos professores, para o número de emergências e foi transferida para a delegacia de Gladsaxe. A ligação foi registrada às 6h41. O policial de plantão era... me desculpe...

Parou de falar e ficou pensativo. Simonsen interviu.

– O nome não é particularmente importante. Mas, me diga, essas duas crianças, elas não chegaram um pouco cedo demais ? Achei que as aulas comesçassem às oito horas.

– E começam. Também pensei nisso, então perguntei ao diretor. Acontece que a escola tem alunos que se encontram bem antes das aulas começarem. Todas as escolas estão acostumadas com esse problema. Para alguns pais, é uma maneira de economizar, não tendo que pagar alguém para ficar com os filhos, para outros...

Simonsen o interrompeu.

– Ok, ok, continue.

– Claro... onde estava mesmo ?... Certo. O policial de plantão instruiu a menina a esperar até que um professor chegasse, e ela ligou para o local de trabalho da mãe, em Gentofte. A mãe não pôde ser localizada imediatamente, mas o proprietário, um libanês residente na Dinamarca, decidiu ir ao encontro da menina. Pegou o carro e chegou na escola um pouco antes das 7 horas. Expulsou do ginásio oito crianças que haviam se juntado lá. Também ligou de novo para a delegacia de Gladsaxe e uma viatura policial chegou às 7h38.

Simonsen interrompeu bruscamente.

– Às 7h38 !

Pedersen evitou o seu olhar e ajustou a gravata, gesto que seu chefe conhecia bem.

– Vamos, desembucha logo o nome do homem e fala o que aconteceu.

Não adiantava mais protelar, e o nome foi revelado. A explicação também foi dada.

– Disse que as ligações não eram tão importantes... já que estava claro que eram de *mujavas*. É, infelizmente foram essas as palavras usadas.

Simonsen estava visivelmente irritado.

– Por que está protegendo esse bandido ? Você o conhece ?

Apesar dos seus 40 anos, Pedersen tinha sido abençoado com uma aparência juvenil ; parecia um adolescente que crescera demais e, naquele momento, seu rosto estava vermelho como seus cabelos ruivos da cor de fogo.

– Estivemos na mesma academia de polícia. Nós dois estamos em um mesmo grupo de

jogo de apostas.

Simonsen franziu as sobrancelhas e fechou os olhos, mas decidiu não perguntar mais nada sobre o policial. Pedersen era um bom investigador – criativo e eficiente – e havia uma possibilidade de que se tornasse o próximo chefe de polícia. Mas sua paixão pelo jogo era famosa e havia mais de uma história sobre ele circulando. Um dia teriam que ter uma conversa, mas não agora, e se Peterson estava devendo dinheiro àquele bandido, ele nem queria saber.

– Deixa para lá ! Continue.

– Os policiais da viatura pediram reforço, a escola foi interditada e as crianças mandadas para casa. Os funcionários foram reunidos na sala dos professores e, claro, entraram em contato conosco. Cheguei por volta das nove e mandei buscar você. Depois informei o chefe de polícia e, também, reuni Troulsen, Pauline e a Condessa. Aí, tomei as devidas providências : chamei investigadores, técnicos, peritos, cães... sim, até Elvang está aqui.

– Por que cães ? O que estão procurando ?

– Dez mãos, entre outras coisas.

– Maldição !

– Isso mesmo ! Maldição.

– Esteve dentro do ginásio ?

– Não ; só na porta. Duas vezes. Na primeira vez, passei mal, como lhe contei. Estão todos andando por aí em roupas espaciais e parece um filme de ficção científica. Assim que respirei o ar dali, tive de ouvir um discurso sobre contaminação em cenas de crime. Você sabe de quem. Está completamente histérico.

– O chefe do Departamento de Perícia Criminal é pago para ficar histérico assim. E Elvang ?

– Boa pergunta ! E Elvang ? Ficou lá, estressado. Além disso, falou que...

Procurou as palavras.

– Além disso ?

– Disse que sou um escravo de modismos... mas isso não tem importância.

– Não, a não ser pelo fato de mostrar que ele ainda mantém o bom humor.

– Pode rir o tanto que quiser, vai ter para você também. Deve estar esperando e agora a sala já deve estar pronta. Mas enquanto ainda estamos aqui, posso dizer que sei, com certeza, por que ele ainda não se aposentou. Não é conversa fiada. A nova namorada do meu irmão trabalha no Ministério da Educação, que tem acesso a informações sobre o Serviço de Previdência Social. E isso tinha que servir para alguma coisa. Quer saber o motivo ?

Simonsen se perguntou se seu subordinado tinha mesmo alguma informação importante, exceto fatos concretos, e respondeu, com um sorriso :

– Adoraria, quando tivermos tempo para isso. Quais são nossas estratégias ?

– Ainda não estão muito claras, mas são promissoras. Eles estão fazendo mudanças organizacionais, formando um grupo de operações especiais.

– Não estou gostando disso. Quem são *elas* ?

– Não sei. Simonsen, na primeira hora foi uma loucura... nunca vi nada nem parecido. O ministro da Justiça ligou duas vezes e pediu para ser informado a cada minuto.

– O ministro da Justiça ? Por que cargas d'água ele não usa seus próprios canais ?



- Não tenho ideia. Também não perguntei.
- *A cada minuto* ? Ele realmente falou isso ?
- Falou. Com essas palavras.
- Impressionante.

– Não é ? Para completar, o diretor-geral da Polícia Federal ligou duas vezes. Para enfatizar o fato de que o ministro da Justiça deveria ser informado de tudo. Na segunda ligação, ameaçou vir pessoalmente até aqui, mas a Condessa o convenceu a não fazer isso. Depois, teve o diretor da Polícia Civil, mas isso já era de se esperar. O secretário de segurança está atormentando o prefeito de Gladsaxe, que, por sua vez, tem ligado com frequência. Além disso, o procurador-geral ligou também, extremamente mal-humorado.

- O procurador-geral ? Como foi que ele entrou nessa história ?

– Bem, foi exatamente isso que ele me perguntou. Não queria se envolver na investigação. Acho que foi isso que disse ; não é fácil entendê-lo. E ainda não consegui saber quem foi que o chamou. A Condessa está ocupadíssima ; tanto com o presidente quanto com o vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos. Entre outros.

- Caramba ! Que loucura !

– Loucura mesmo ; e tem mais ! Por fim, recebi uma ligação de um assessor direto do presidente, Helmer Hammer... é, esse é o nome dele... e isso foi logo depois da segunda ligação do ministro. Nessa altura, já estava impaciente com tantas interrupções, e agora vejo que estava um pouco abalado também. Então falei claramente com ele que se não tivéssemos sossego para fazer o nosso trabalho, não haveria informações para dar ; nem mesmo se o presidente ligasse em pessoa. E desliguei.

- Humm... isso foi sensato ? O que aconteceu depois ?

- Ele ligou de novo.

- Foi esperto. Vai coordenar as informações agora ?

– Não, nesse caso, ele foi razoável. Não sabe nada sobre o trabalho da polícia, mas compreendeu nossa situação. E prometeu parar com as interrupções. Pois manteve a palavra ; depois disso, não houve mais ligações de pessoas importantes.

Pedersen pareceu aliviado. Sem demonstrar muita impaciência, Simonsen tentou voltar ao ponto que realmente o interessava.

- Isso é bom, mas não esclarece sobre nossas estratégias.

- Na verdade, esclarece, porque ele disse que você vai conduzir as investigações.

- Achei que já estava fazendo isso.

– Sim, eu sei. Me deixe explicar. Quer dizer que você vai liderar a investigação e passar as informações somente para ele. Para mais ninguém.

- Não vai haver outros canais de comunicação ?

– De certo modo, não. Mas o melhor de tudo é que você pode fazer o que achar que deve, sem restrições financeiras ou de pessoal. Ele vai cuidar de todos os trâmites administrativos para que você possa se dedicar exclusivamente à investigação.

- Isso é ótimo !

– Sim, ele tem muito poder. E disse que sua nomeação ainda não foi oficializada, mas é tudo uma questão de burocracia. Você deve entrar em contato com ele, quando tiver tempo ;

tenho o número. Enfim, resumindo, Simon, você é seu próprio chefe.

– Ele disse isso também ?

– Não, é uma conclusão minha.

– Hum... para mim, não faz muita diferença não seguir o protocolo habitual.

– É bem melhor do que ter homens e mulheres do alto escalão dando ordens de acordo com seus caprichos.

– Talvez, mas depois a gente vê isso. Agora temos outras coisas para pensar.

De repente a sirene tocou, alta e estridente. Ninguém tinha pensado em desligá-la, já que as crianças tinham ido para casa. Simonsen, assustado, deu um pulo e a cadeira rangeu. Por um momento, ficou ali, imóvel. Pedersen, mais acostumado com sirenes de escolas, apenas esperou o barulho parar, e continuou o relatório.

– A atual divisão do trabalho está assim : Pauline ficou responsável pela vizinhança e pelas áreas externas da escola, a Condessa está cuidando da área interna, Troulsen está interrogando os funcionários, e eu estou liberado, já que você se encontra aqui agora. Nosso problema maior é que os homens ainda não foram identificados e o zelador sumiu. Chama-se Per Clausen e provavelmente foi quem abriu a escola de manhã ; mas ninguém o viu. É possível que esteja indisposto, de ressaca... acho que isso acontece de vez em quando. Quanto à identificação dos cinco homens, tem uma dúzia de pessoas experientes tentando descobrir se alguém deu falta deles. Ainda não temos nenhum resultado.

Simonsen pensou um pouco, levantou-se e Pedersen fez o mesmo.

– Vamos todos nos reunir dentro de meia hora. Cuide para que todos sejam avisados. Pode me encontrar no ginásio, mas antes quero ter uma conversa a sós com Elvang. Diga ao Troulsen que nem mesmo um mosquito pode sair deste lugar sem minha permissão. E traga Pauline para dentro, antes que fique parecendo um pinto molhado. Nem sei que diabos ela está fazendo lá fora... ajudando os cães ?

– Santo Deus ! Ela nem tem muita experiência ainda.

– E nem vai adquirir ficando ensopada. Pelo menos, arranje uma capa de chuva para ela. Deve ter uma pendurada por aí. E mais uma coisa : dez crianças estiveram no ginásio. Alguém chamou um psicólogo ? E os pais, já foram informados ?

– Oh, ainda não !

– Então resolva isso, mas antes me leve até o Elvang, e, enquanto isso, me fale sobre ele. Fez um bom trabalho, Arne. Muito eficiente.

O elogio pareceu artificial. Como se tivesse sido decorado em um curso de gestão empresarial.

O cemitério estava deserto e o homem andava devagar, silencioso, entre as lápides ; chuviscava, mas o único som que se podia ouvir era o de seus passos sobre o cascalho. Parou próximo a um túmulo bem simples, sem nenhum ornamento, e abriu uma cadeira dobrável. Antes de se sentar, colocou um buquê de flores sobre o túmulo. Como se fosse uma última carícia da natureza, a chuva fina fez com que parecessem revigoradas. Nesse momento, Erik Mørk sorriu.

– Trouxe flores, papai, porque hoje foi um dia muito especial. Um dia que eu esperava há muito tempo. Talvez desde que era criança, mesmo que isso não faça nenhum sentido. Ouvi no rádio que encontraram aqueles homens executados e o resto do dia certamente vai ser um caos.

Parou de falar e ficou um tempo olhando para o chão. Depois sorriu, e foi um sorriso que veio lá do fundo do seu coração, coisa que raramente acontecia. Adorava sentar ali, naquele lugar calmo, tranquilo, longe do mundo. Costumava passar horas perto do túmulo do pai falando sobre diversos assuntos. No trabalho precisava ser extrovertido, mas, por natureza, ele era totalmente o contrário ; talvez esse fosse o segredo do seu sucesso profissional, sucesso para o qual nem ligava, e que trocava por qualquer coisa se pudesse ter sua infância de volta.

– Estou muito ansioso desde que recebi uma carta do Alpinista no sábado passado com vídeos da *minivan* e do ginásio da escola ; assim, fiquei sabendo que tudo foi feito, mas...

E, sem mais nem menos, mudou completamente de assunto.

– Hoje de manhã estava no escritório em reunião com um grupo de clientes. A campanha está indo muito bem e todos estão bem-humorados. Estão vendendo uma quantidade enorme de roupas femininas baratas e tanto eles como nós estamos ganhando muito dinheiro. Mas ninguém nem mencionou as oito garotas que estão nesse momento se oferecendo como mercadorias nos *outdoors* por toda a cidade. Pelo amor de Cristo, elas mal entraram na adolescência e... sim, sei que parece contraditório, pois se tem alguém que é o principal responsável por isso, esse alguém sou eu. Mas não consegui lidar muito bem com a situação e tive de tirar folga o resto do dia.

O tempo começou a abrir. Erik fechou o guarda-chuva, sacudiu e pendurou no braço da cadeira. Depois, retomou seu monólogo.

– É claro que uma das vantagens de ter seu próprio negócio é poder entrar e sair quando quiser. Hoje, saí sem nem saber direito por quê. Temos feito tantas campanhas parecidas... E essa, definitivamente, é uma das melhores. Acho que é porque tenho estado especialmente sensível.

O relógio da torre da igreja badalou. Ele se levantou, esticou bem as pernas e agachou-se ao lado do túmulo. Pegou duas folhas molhadas que tinha visto sobre uma inscrição na sepultura : Arne Christian Mørk – 1934-1979. Enquanto arrancava cuidadosamente algumas ervas daninhas ao seu redor, continuou a falar.

– Ontem me despedi gentilmente de Per... sabe quem é, Per Clausen, aquele zelador sobre o qual lhe falei. É um homem fantástico, vou sentir falta dele. Primeiro, tomamos café da manhã juntos e depois vimos os vídeos que dirigi. Elogiou muito, e devo admitir que ficaram ótimos mesmo. Tem um, em particular, filmado dentro da *minivan*, que é encantador, uma pequena pérola diabólica que vai abalar a opinião pública e fortalecer nosso nacionalismo. Pode ser decisivo ; espere e verá. Foi ideia do Per instalar câmeras sobre cada assento ; foi difícil, mas valeu a pena cada obstáculo vencido. Fora isso, falamos sobre tudo que existe entre o céu e a terra, e não apenas sobre as semanas que viriam em seguida. Tudo como se fosse uma visita de domingo de manhã como qualquer outra. É estranho pensar que não vou vê-lo nunca mais.

Um carro passou na rua atrás do cemitério e um som de rádio quebrou o silêncio. Esperou até que a paz voltasse a reinar.

– Quando Per se despediu, disse algo que tem me feito pensar muito : “Adeus, sujeito espuma !” Essas foram suas últimas palavras para mim : sujeito espuma. Falou com aquele sorriso malicioso que é bem típico dele. Obviamente, estava se referindo ao fato de que eu costumava mascar espuma quando criança, porque achava que ela poderia absorver a escuridão que havia dentro de mim. Já tinha até me esquecido disso, quer dizer, de que contei isso para ele. Tirava pedacinhos de espuma dos mais variados lugares : almofadas, assentos, bolas da aula de ginástica, meu capacete de andar de bicicleta... até das ombreiras de minha mãe. Quando falo sobre isso, consigo sentir o gosto, embora ninguém jamais tenha pensado que espuma tem gosto de alguma coisa. Mas tem. Tem gosto de coisa errada ; de erro e de culpa.

Balançou a cabeça para se livrar dos próprios pensamentos, e acrescentou :

– É ruim lembrar disso e... bem, talvez Per esteja certíssimo. No final das contas, é provavelmente isso que sou... o sujeito espuma.

Professor universitário com a mais alta graduação e médico-legista, Arthur Elvang era do tipo que fala o que pensa sem o menor constrangimento. Konrad Simonsen se preparou para manter o foco e não se deixar distrair pela língua afiada do professor. Encontraram-se em frente ao ginásio. Elvang estava sentado, absorvido na leitura de um jornal, praticamente no mesmo lugar em que a pequena garota turca estivera por volta de sete horas antes. Depois do que pareceu uma eternidade, pôs o jornal de lado e seus olhinhos críticos, atrás dos óculos de casco de tartaruga, examinaram Simonsen de cima a baixo, como se estivesse tomando medidas para fazer um terno.

– Tem reserva de gordura para enfrentar todo o inverno, meu pequeno Simon ! Olhe, sinto muito por suas férias. Onde estava ? Alguma clínica de recuperação ?

Estendeu a mão em direção a Simonsen, que pensou que Elvang queria enfiar um dedo em seu estômago para finalizar a análise de seu corpo, mas o médico puxou a mão de volta.

– Ande ! Não seja mal-humorado, me ajude a levantar.

Simonsen cuidadosamente o ajudou a ficar de pé.

– Não estou mal-humorado. E minha filha sempre comenta sobre minha barriga, então já estou acostumado. Mas há muitos anos não me chamam de pequeno Simon ; desde que Planck se aposentou.

Planck tinha sido o diretor do Departamento de Homicídios antes dele.

– É, o tempo voa. Falou com sua filha sobre o diabetes ?

Simonsen ficou tenso.

– Não acredito ! Como ficou sabendo...

Parou e retomou o autocontrole. Os conhecimentos médicos do professor eram célebres. Ou então estava apenas arriscando uma adivinhação que ele, sem querer, tinha acabado de confirmar. Imediatamente mudou o assunto.

– A área já está liberada ?

– Sim, os peritos foram embora há uns quinze minutos ; mas fique longe da porta de trás e do banheiro. É verdade que tem carta branca neste caso ?

– Parece que sim.

– Então deve requisitar o Planck, a não ser que ele esteja caduco. Vocês dois juntos são imbatíveis. Embora ele tenha mais talento que você, claro...

– Não está nem um pouco caduco. Podemos entrar ?

– Sim, vamos lá, pequeno Simon.

Cinco corpos de homem estavam pendurados no meio do ginásio, com um fio grosso de *nylon* em volta do pescoço. As pontas do *nylon* haviam sido presas em ganchos bem firmes aparafusados no teto, por volta de sete metros acima do chão. Os pés estavam a aproximadamente meio metro do solo e os corpos separados por pelo menos dois metros um do outro, de forma que quatro deles formavam um quadrado, cujos lados eram paralelos às

paredes. O outro estava no centro.

As mãos de todos eles tinham sido amputadas, mas os antebraços estavam intactos, desde o cotovelo até o punho. As faces estavam desfiguradas. As genitálias também foram mutiladas – de forma a ficarem irreconhecíveis – ou arrancadas. A morte e os ferimentos davam aos homens uma aparência muito semelhante, como se os traços físicos próprios de cada um não existissem. Simonsen sabia que depois de examiná-los mais minuciosamente, a individualidade de cada um iria reaparecer.

– Motosserra ?

Elvang confirmou. Essa era uma de suas grandes qualidades : não hesitava em expressar uma opinião imediata, ao contrário da maioria dos patologistas, que raramente ousavam até mesmo confirmar o sexo de um cadáver antes que este tivesse passado por uma tomografia computadorizada. E os legistas eram ainda piores.

– Enquanto estavam vivos ?

– Não.

Simonsen sentiu-se aliviado, já que era tudo suficientemente terrível do jeito que estava, mesmo que, para sua surpresa, ele não tivesse tido náuseas ao ver os corpos. Talvez porque o ambiente tinha sido arejado, talvez porque tivesse tido tempo para se preparar para ver aquilo, talvez porque estava já insensível, depois de tudo que tinha visto na vida. Como saber o porquê ? E quem se importava ? Ele não, de jeito nenhum. E continuou sua ronda lenta ao redor dos homens.

Pelo visto, deviam ter sangrado horrores, mas não havia muitas manchas de sangue no chão. Debaixo de cada corpo havia apenas uma poça viscosa mais ou menos do diâmetro de uma bola de tênis. O pescoço, a parte superior do tórax e as coxas estavam ensanguentados, e era possível ver alguns coágulos nos cabelos. Fora isso, não havia outras manchas, mas era possível sentir o cheiro doce e repulsivo de sangue misturado com o fedor de excrementos e secreções corporais. Felizmente, a temperatura e as três janelas abertas abrandavam o odor. Os corpos inchados e amarelados fizeram com que Simonsen pensasse em pedaços de carne de porco pendurados em uma linha de produção de um matadouro, imagem que, para seu desgosto, não conseguia apagar.

Concentrou-se nas cabeças dos homens, enquanto se movia lentamente entre eles e examinava um por um. As feridas não eram todas iguais. Três deles tiveram o rosto totalmente serrado. A lâmina tinha atravessado desde o alto da cabeça até a mandíbula, de modo que o cérebro, a cavidade da boca e a garganta estavam expostos. Nos outros, os cortes faciais tinham sido em forma de cruz, com a lâmina perpendicular à cabeça. Em dois ainda restaram alguns dentes e a língua. Um deles ainda possuía um olho quase intacto.

A mesma brutalidade tinha ocorrido em relação aos órgãos genitais. Dois homens tiveram o pênis e os testículos arrancados. Outros dois, só o pênis, e num desses, o corte foi tão profundo que a bexiga estava para fora, pendurada entre as pernas. O restante tinha perdido só a pele que recobre o pênis. O homem pendurado no meio tinha defecado. Excrementos escuros e viscosos cobriam suas nádegas e a parte de trás das coxas ; moscas sobrevoavam e pousavam em busca de alimento.

Já as lesões nos pulsos estavam limpas e eram exatas, precisas. Simonsen podia distinguir a medula nos dois ossos do antebraço e, por alguns segundos, distraiu-se pensando sobre

eles ; sabia que um era o rádio e o outro, a ulna, mas não se lembrava de qual era o grande e qual era o menor.

Balançou a cabeça e deu mais uma volta, dessa vez procurando por sinais que pudessem identificá-los. Estimou suas idades entre 40 e 70 anos. Um tinha uma argola de ouro na orelha esquerda e uma tatuagem desbotada de uma águia no ombro direito. Dois tinham cicatrizes de cirurgia de apêndice ou hérnia. Um era careca e a cor morena da sua pele certamente havia sido adquirida em alguma clínica de bronzeamento artificial. As unhas dos pés do cadáver no canto de trás, à esquerda, eram compridas, irregulares e infectadas por fungos – pareciam pedaços de toucinho frito. Dentro da orelha direita, havia um dente de ouro.

Uma última volta foi dedicada à inspeção das cordas, que tinham sido penduradas, paralelas às paredes, com precisão matemática. Formavam diagonais exatas. Quem prendera os parafusos no teto tivera bastante trabalho.

Simonsen concluiu sua inspeção e se aproximou de Elvang, que tinha demonstrado pouco interesse pelos corpos e, naquele momento, parecia bastante entediado.

– Suas primeiras impressões ?

O professor não hesitou.

– Enforcados aqui. Não foram transportados. Quarta ou quinta-feira. Parece que são de etnia dinamarquesa. Mas não me pergunte como isso foi feito, ou por que não tem sangue por todo lado.

– Quando acha que saberá com precisão o dia e a hora em que foram mortos ?

O velho senhor não respondeu à pergunta. Apenas suspirou. Não era mais nenhum iniciante e a ideia de passar a noite em claro trabalhando não lhe agradava nem um pouco.

– Tive que pedir reforços. Para trabalhar horas extras, que você vai pagar.

– Com certeza. Traga quantos precisar.

– Me ligue depois de meia-noite.

– Pode aguardar.

Simonsen só tinha mais uma pergunta. Mas não era uma pergunta qualquer.

– Terrorismo ?

Elvang demorou alguns segundos para responder. Nesse meio-tempo, foi ficando agitado, inquieto. Então sacudiu as mãos como um adolescente histérico e disse, com tom debochado :

– Ohhhhhh, ohhhhhh, os monstros estão chegando ! E não estão vindo da floresta, estão saindo de dentro d'água !

Simonsen ignorou essa estranha explosão de nervos e falou, friamente :

– Onze de setembro, Bali, massacre de Beslan, Madri, Londres. Isso tudo foi paranoia também, professor ?

Olharam-se fixamente. Depois, o velho senhor deu de ombros.

– Se está pensando em membros das cruzadas cristãs com casacos de pele negros e sonhos a respeito do Califa... bem, não vejo nada aqui que aponte para tal interpretação. Em todo caso, não sei do que se trata. Sua pergunta não foi oportuna.

– Talvez, mas é uma pergunta que vou ter de responder durante o resto do dia.

Elvang ficou calado. Lançou um rápido olhar para os corpos e balançou a cabeça, pensativo. Com o rosto marcado pelo tempo, os poucos e arrepiados fios de cabelo que lhe

restaram e a postura encurvada, mais parecia um pássaro recém-nascido. Depois falou :

– Eu estava em Ruanda em 1995.

– Achei que não gostava de voar.

– Só voo em casos de genocídio. Por quatro meses, viajei, literalmente, de uma vala comum a outra. Era inacreditável e é impossível descrever a enorme quantidade de pessoas assassinadas. Descobri um grau de depravação e de crueldade que não pode imaginar nem mesmo em seu mais terrível pesadelo. Foi horivelmente chocante, mas não foi o pior. O pior ainda estava por vir. Quando voltei para casa, percebi que ninguém se importava. Ouvir sobre as vítimas não interessava a ninguém e falar da catástrofe era, no mínimo, assunto de mau gosto. Portanto, me desculpe se tenho uma relação um pouco sarcástica com o conceito de terrorismo.

Simonsen sentiu um vazio por dentro.

– Não sei o que dizer.

– Ninguém está pedindo para dizer nada. Esqueça, todos fazem isso. Mas me diga : como sabe que não gosto de voar ?

– Apenas ouvi falar.

– Nada a ver com aquela história sobre como as cadeias de hotéis da cidade fizeram de tudo para me manter no emprego o máximo de tempo possível, já que meu medo de voar estava trazendo conferências internacionais para Copenhague, não é ?

Simonsen sentiu um leve calor no rosto.

– Alguma coisa desse tipo.

Uma porta se abriu nos fundos do ginásio. Arne Pedersen, a Condessa e Pauline Berg entraram, imediatamente seguidos por Poul Troulsen.

– Você não passa de um tolo. Achar que o país paga um diretor do Departamento de Homicídios que acredita nesse tipo de absurdo é inacreditável. Que vergonha ! Deixe disso e vá buscar um balde.

– Para que um balde ?

– Sua recém-admitida subordinada ainda não aprendeu a controlar certas reações do organismo.

Tarde demais. Um segundo depois, Berg não resistiu e vomitou sobre o chão, sem fazer uso do saco plástico que tinha em mãos, exatamente com esse propósito. Pedersen olhou para seus sapatos respingados de vômito e tirou um lenço do bolso. Era de seda pura e tinha custado bem caro. Tinha acabado de levantar um pé para limpar, quando a Condessa tomou o lenço e entregou a Berg, que olhou para ele, agradecida, antes de mostrar que ia repetir o feito.



Os corpos foram retirados do ginásio esportivo, todas as janelas foram abertas e, ainda assim, Pauline Berg achou o cheiro insuportável quando entrou. Mas pode ter sido uma ilusão do olfato ; isso acontece às vezes. Konrad Simonsen estava sentado no chão, no centro do ginásio, olhando fixamente para o teto. A imagem a fez pensar em um monge num templo indiano e ela se perguntou o que ele estava fazendo ali.

– Arne disse que queria falar comigo.

Sua voz soou, para ela mesma, como a de um aluno tenso durante um exame importante. Normalmente, ela se dava bem com os homens, que costumavam achá-la atraente e inteligente, mas seu chefe era a exceção que confirmava a regra. Exceto pelo fato de o olhar puritano de Simonsen demonstrar, de vez em quando, que reprovava suas roupas, geralmente a ignorava ; quer dizer, no aspecto pessoal.

Ele fez um sinal para que Berg se sentasse a seu lado e ela obedeceu.

– Viu os corpos ?

– O amável velho senhor me mostrou tudo. Esqueci o seu nome, mas enquanto andávamos me deu uma longa explicação sobre tudo. Não foi muito difícil.

– O amável velho senhor se chama Arthur Elvang e todos nós passamos mal algumas vezes. Definitivamente, não foi só você que vomitou hoje, mas vai ver que com o tempo ficamos mais resistentes. Não sei se isso é bom ou ruim.

– Por certo, vai ser bem mais prático.

Berg deu um sorriso meio sem graça, e ele não retribuiu. Estava achando aquela situação estranha. Mudou de posição, constrangida. Simonsen deve ter percebido sua inquietação, ou então leu seus pensamentos. De qualquer modo, disse :

– Há uma razão para estarmos sentados aqui... vamos falar sobre isso mais tarde. Conte-me como o zelador reagiu quando o encontrou.

– Na verdade, foi um cão que o encontrou. Estava perto do barracão onde guardam equipamentos de ginástica, próximo aos campos de futebol. Alegou que tinha acabado de acordar. Não sei... não tenho mais muito que dizer. Praticamente me ignorou, exceto pelo fato de ter dito que falaria com minha professora sobre a capa de chuva da escola que eu estava usando. Arne foi tão gentil...

– É mesmo, ele foi legal. Mas continue... o zelador.

– Falou aquilo sobre a capa de chuva para me provocar, mas fora isso, foi dócil. Nós o levamos até a Condessa. Ele estava com medo do cão, que então ficou do lado de fora, na chuva.

– O que achou dele ?

– À primeira vista, me pareceu patético. Tem cheiro de cerveja e precisa de um banho. Por outro lado... também é... não sei como explicar.

– Não tenha pressa. Sou paciente.

Ela ficou pensativa, e Simonsen observou o teto.

– Não é essa mosca-morta que parece. Tenho certeza disso. Ele é, de algum jeito... bem ativo.

– Consciente e atento ?

– É, não. Não nesse sentido. É que parece que ele sabe muito bem o que está acontecendo, embora suas respostas sejam completamente sem nexos.

– Você estava presente quando foi interrogado ?

– Só no começo. Troulsen e a Condessa é que o interrogaram. Não foi combinado, mas ficou subentendido que eu ia só ouvir. Porém, li o resto. A gravação foi enviada para o EG e uma hora depois já tínhamos a transcrição. Posso afirmar que realmente temos reforços... nunca vi tanta eficiência.

Simonsen percebeu que ela estava se referindo ao QG, quartel-general, como EG, abreviatura de Escritório Geral, nome usado pelo Departamento de Homicídios. Falou :

– Nem eu. Mas ficou lá só no começo ?

– Sim, depois me mandaram procurar uma televisão ; assisti a sua entrevista coletiva.

– Para me vigiar e saber se fiz papel de imbecil ?

– Não foi ideia minha.

Ficou em silêncio, depois continuou, cuidadosamente :

– Disseram que não é sua especialidade, quer dizer, coletivas à imprensa.

– Disseram isso ? E o que você acha ? Estava ridículo ?

Berg não sabia o que dizer. Tentou, de algum modo, ser honesta.

– Não, não estava. De fato, falou pouco ; os outros falaram bem mais, mas com certeza você não gosta muito da loura platinada do jornal *Dagbladet*.

– O nome dela é Anni Staal e ela representa uma etapa lamentável na evolução humana ; mas, pessoalmente, não tenho nada contra ela, só acho que deveria ser deportada. Deixei isso muito claro ?

– Não, acho que não. Só para quem conhece você.

– E você me conhece ?

A tensão do aluno durante um exame importante reapareceu subitamente. Mas só para uma visita breve. Simonsen amenizou o efeito de suas palavras com um tapinha afetuoso no joelho de Berg.

– Chega disso. Diga-me como se sentiu quando Per Clausen a chateou por causa da sua idade.

Berg pareceu confusa.

– Como me senti ?

– Isso. Como se sentiu.

– Isso é importante ?

– Talvez sim, talvez não. Tente responder.

Ela fechou os olhos para lembrar o episódio e, portanto, não viu seu chefe assentir pacientemente.

– Não foi malvado. Olhava para mim quase como se fôssemos amigos. Não estava querendo me aborrecer sobre isso, se é que me entende.

– Entendo. O que mais ?  
– Foi a única vez que realmente percebeu que existo. Me provocou, sim, mas de um jeito legal, como se estivesse se importando comigo.

– Gosta dele ?

Ela abriu os olhos.

– Gosto. Pode, por favor, me dizer por que isso ?

– Depois, mais tarde. Quantos anos tem mesmo ?

– Vinte e oito.

– Obrigado. Agora, voltemos ao teto. Você é boa em geometria ?

– Nem boa nem ruim, mas não sou nenhum gênio da matemática.

– Não precisa ser. Se olhar os buracos dos ganchos que sustentavam as cordas, vai ver que foram presos com precisão. Tanto em relação ao centro do ginásio quanto em relação uns aos outros. Tenho pensado sobre esses buracos por algum tempo e cheguei ao fato de que sua localização pode ser determinada pelo comprimento e pela largura do teto. A princípio isso não fica claro, mas também não é difícil ver, depois que se pensa nisso. Não precisa usar uma trena. Pode fazer isso com barbante, um lápis e um polegar no lugar certo. Seria mais simples, mais fácil e muito mais preciso.

– Entendo o que quer dizer. De um modo geral.

– Os detalhes não têm muita importância. Consegue visualizar as linhas de interseção entre dois círculos ?

– Sim, são curvas.

– Exatamente, e a partir da localização e das dimensões dos arcos é possível calcular onde estão os centros dos dois círculos.

De repente, uma luz se acendeu na cabeça de Berg e ela entendeu.

– Um polegar. Está falando de digitais ?

– Infelizmente, não. Os peritos já checaram e não há nenhuma. Só quero saber se quem prendeu os ganchos fez isso da forma que eu teria feito. Dizem que você é forte e flexível, é verdade ?

A reação dela foi se levantar, ajeitar a calça e, sem o menor esforço, passar a perna sobre a cabeça.

– Foi uma resposta convincente. Artes marciais ? Ginástica olímpica ?

– Balé. Quer ver uma pirueta ?

– Outra hora. Não sabia que era bailarina.

– Minha mãe tinha grandes planos para mim. Seria solista na Academia Real de Balé ; nada abaixo disso. Por sorte, não passei no teste de admissão ; meus pés não eram muito fortes. Então minha mãe resolveu investir na minha irmã mais nova e pude dançar por prazer, e não por obrigação.

As palavras fluíam com rapidez ; a dança era a grande paixão de Berg. No dia a dia, ela não fazia parte do núcleo do Departamento de Investigações, e o fato de ela estar no grupo principal de Simonsen se devia exclusivamente à sua idade, não às suas habilidades. Fora chamada para mostrar o ponto de vista de uma geração mais jovem. E estava gostando de falar com o chefe sobre si mesma, até que percebeu seu olhar distante e lhe ocorreu que talvez não

fosse a hora nem o local apropriados para sua autobiografia. Apesar disso, o monólogo tinha soltado sua língua.

– Parou de me ouvir há muito tempo, não foi ?

Era verdade. Simonsen estava fechado em seu próprio mundo, bem distante de danças, coreografias, sinfonias. Em seus pensamentos, tentava imaginar o que poderia levar alguém a mutilar, com uma motosserra, cinco seres humanos, e pendurá-los nus em uma escola, logo em uma escola. Ódio, doença mental, insensibilidade, idealismo ? Nada disso era uma explicação ; no máximo, parte de uma.

Teve de repetir a pergunta, antes que ele respondesse :

– Não está ouvindo, está ?

– Mais ou menos, mas não me leve a mal. Quando tudo voltar ao normal, gostaria de vê-la dançar e ouvir sua história. E aí terá minha total atenção, prometo.

Apontou para o teto.

– Vamos subir e dar uma olhada nos dois buracos mais próximos.

Estava claro que “vamos” queria dizer “você vai”.

– Quer saber se há linhas curvas em cada buraco e para que lado elas apontam, certo ?

– Sim, exatamente como lhe falei. Mas o andaime da escola foi removido para investigação. Os peritos usaram um guindaste quando removeram os corpos, mas infelizmente o levaram com eles.

– Então, em que está pensando ? Estou em forma, mas a minha habilidade para voar anda meio enferrujada.

Seu comentário irreverente saiu sem querer. Por sorte, ele sorriu.

– Claro que está. Mas talvez pudéssemos... usar as cordas.

Pegaram as cordas. Berg olhou para elas, de ponta a ponta, como se as medisse, e viu que estava certo. Contanto que não estivessem preocupados com segurança, não era uma tarefa impossível.

– Mas não podemos cair.

– Ao contrário, podemos cair o quanto quisermos ; apenas temos de cair aqui – ele apontou para um grande colchão azul de espuma escorado na parede – e isso é uma ordem.

Berg tirou as meias e os sapatos enquanto ele buscava e posicionava o colchão, o que a agradou.

– Vou alargar a calça também ; é muito escorregadia para subir na corda.

– Nada disso. Vá até o vestiário e encontre um *short* próprio para ginástica.

– E se não combinar com meu *top* ?

– Ande, vá ! Não temos o dia todo, e já me faz perder um bom tempo com essa história de balé.

Ela saiu correndo. E estava contente.

Stig Åge Thorsen sentou na cabine da caminhonete e tentou, sem sucesso, controlar seus pensamentos. Tinha voltado de férias dois dias antes ; um cruzeiro de 12 dias nas ilhas gregas. A viagem fora uma catástrofe e o assombrava, por mais que tentasse afastar as lembranças. *Flashbacks* indesejados, sobre os quais não tinha nenhum domínio, pipocavam repentinamente na sua cabeça. Deslizou o olhar tristemente sobre a paisagem de outono ; muitas árvores sobre a colina que descia em direção à beira do lago – verdes, marrons, vermelhas, douradas em meio à neblina. O dia estava cinzento e as nuvens carregadas. Fazia frio e o ar estava parado. Seus pensamentos se voltaram para o cruzeiro e Thorsen desistiu de lutar contra eles.

Na Grécia, o clima de outono era morno e o primeiro dia foi calmo... Estava absorvido consigo mesmo, apreciando o ruído surdo do motor do navio ; ficou horas no convés observando as vilas de pescadores ao longo do litoral, que iam passando devagar, em tons pastéis claros : uma espécie de tédio previsível. A comida era diferente, mas boa. Haviam confundido seu nome : Stig Åge Thorsen tinha se tornado Thor Åge Stigsen, o que lhe causou problemas no restaurante. Corrigiu o erro, mas no dia seguinte haviam se esquecido disso e teve de explicar de novo.

Cnossos foi uma experiência marcante, e lá conheceu Maja, sardenta e cheia de gargalhadas. Seu cabelo vermelho voava ao vento enquanto andava sobre o *deck*, e sorria quando jogava pedacinhos de pão para as muitas gaivotas que a rodeavam e grasnavam. Sorriu para ele e isso foi ruim. Mais tarde, ele falou sobre fosforescência nas águas do mar e apontou para constelações. Maja era de Randers. Quando sorriu de novo, ele se distanciou dela.

O navio aportou em Samos, onde a guia falou sobre os matemáticos gregos – Pitágoras, Euclides e Arquimedes podiam levantar a Terra com a ajuda de uma alavanca. Desenhou diagramas no cascalho com uma vara e o grupo formou um círculo em volta dela. Ele mesmo não acreditava nesse princípio, pois, quando a barra escorregou das mãozinhas de alguém, o tronco do pai ficara esmagado sob o carro ; mas não falou isso. No entanto, perguntou se Arquimedes sabia que a Terra é redonda. O guia apagou os diagramas com as mãos e todos lhe lançaram olhares indignados. Até Maja pareceu irritada com ele.

Foram nadar na praia de Salonica, e depois deitaram na areia e deixaram o sol secar seus corpos. Estavam sozinhos e, pela primeira vez, ele lhe tocou levemente a cabeça. Os dedos deslizaram entre os cachos molhados e se encontraram em um longo carinho de sua mão entre os cabelos dela. E depois aconteceu o que tinha de acontecer. Maja suspirou satisfeita e ele ouviu a mãe gemer. De repente, sentiu nas mãos os cabelos da mãe, os braços pálidos da mãe ; provou suas bochechas salgadas, sentiu sua pele. Cheirou seu sexo.

Falou palavras, palavras feias, sem querer.

Maja se levantou e vestiu suas roupas enquanto ele tentava, em vão, se explicar. Sobre a terra do Pequeno Urso, onde a mãe do Pequeno Urso chorava porque o pai do Pequeno Urso

era mau e tinha partido ; sobre as lágrimas da mãe do Pequeno Urso que eram culpa do Pequeno Urso ; sobre o Pequeno Urso, que havia secado com beijos as lágrimas da mãe do Pequeno Urso, e que tinha de consolá-la, e sobre as noites que eram tão terrivelmente longas.

Maja foi embora.

Ele também. Vestindo apenas um calção de banho, saiu da praia o mais rápido possível. Andou sem destino em ruas solitárias que brilhavam ao sol ; e foi caminhando até não poder mais. Seus pés estavam vermelhos e inchados. Arrancou um espinho de um arbusto e furou as bolhas. Isso aliviou a dor, mas só a externa. Por dentro, sempre teve mil olhos que o encaravam com recriminação, e ele queria furar todos, um por um, mas para isso os espinhos não serviam. Ficou lá sentado, olhando uma rua qualquer, em uma terra estranha, humilhado por sua própria arrogância – pela crença passageira de que podia controlar sua própria vida – enquanto as cigarras cantavam e as montanhas a distância sorriam para ele.

O grasnar rouco de um corvo veio da mata e atravessou o campo, trazendo Thorsen de volta ao presente. Mudou de posição, inquieto. Perguntou-se que maus presságios aquele pássaro estaria anunciando. Depois retomou o trabalho. Era seu dever manter queimando o fogo que Alpinista tinha acendido em sua propriedade enquanto ele estava fora, de férias. Nas proximidades da fogueira encontrava-se uma *minivan* que ele nunca tinha visto antes. Sem dificuldade, deu ré no veículo, de modo a ficar paralelo ao fosso e, assim, poder descarregar os sacos de carvão e madeira diretamente sobre as chamas.

O compressor tinha parado. Jogou mais gasolina e o reiniciou. Tinham sido cavados dutos de ar debaixo do fosso, de forma que naquele momento o fogo aumentou de novo e as chamas inflamaram-se. Então lançou sobre a fogueira as outras coisas que se achavam na carroceria da caminhonete. O calor ficou ainda mais intenso e ele começou a suar. De acordo com os cálculos de Per Clausen, a temperatura chegaria a 2.200 graus Celsius, sendo que ferro derrete aos 1.500, e aço, aos 1.800. Assim, quando a polícia chegasse, não haveria restado praticamente nada. Mas cálculos eram uma coisa, e realidade definitivamente era outra. Essa lição tinha ficado martelando o tempo todo dentro dele enquanto estivera no exterior.

Konrad Simonsen estava exausto. Esses dias de trabalho sem previsão de acabar o afligiam, e na medida em que ficava mais velho também ficava mais difícil manter a concentração ao trabalhar sem interrupção por mais tempo do que era razoável. E ali, se alguém tinha que manter uma visão global da situação, como se estivesse vendo de fora, esse alguém era ele.

No entanto, às vezes tudo parecia um grande borrão de tinta – fato que tinha dificuldade em admitir até para si mesmo. Em vez disso, usou uma quantidade de energia mental absurda para mostrar que estava no controle da situação, para mostrar que tudo fora meticulosamente planejado e que sabia exatamente quais seriam os próximos passos. E até mesmo para mostrar que se lembrava daquilo que tinha dito uma hora antes.

Tudo isso o deixou impaciente e irritável. Na verdade, o que queria mesmo era sua velha e confortável poltrona, um bom livro e sanduíches de tomate. Depois, cama ! Então se lembrou de que não tinha ido ao supermercado, nem teria tempo para isso. Conteve um bocejo e se concentrou no homem à sua frente.

À primeira vista, a aparência de Per Clausen era lamentável ; vestia um macacão desbotado – uma das alças presa com um pedaço de arame –, e um moletom imundo sobre os ombros. O cabelo era castanho-claro ; estava despenteado, além de muito sujo. Os traços do rosto eram fortes e os ossos das bochechas, proeminentes ; a pele amarelada e seca. Mas Simonsen já tinha visto na vida decadência suficiente para concordar com Pauline Berg que a daquele homem era relativa : seus dentes estavam escovados, a camiseta por baixo do macacão estava limpa – embora manchada de cor-de-rosa por causa de uma lavagem descuidada – e as unhas tinham sido aparadas recentemente. Seu olhar encontrou o de Simonsen com uma calma inabalável. Não havia agressividade, mas também não havia medo.

– Meu nome é Konrad Simonsen, e estou coordenando a investigação sobre as cinco pessoas que apareceram enforcadas hoje de manhã no ginásio esportivo da escola. Você já conheceu a agente Berg.

Apontou para Berg, que estava sentada na cabeceira da mesa. Nenhum dos dois desviou o olhar.

– Vou começar fazendo uma observação positiva. Estou contente por ter arrumado tempo para vir. É a terceira vez que o incomodamos hoje.

– Obrigado, investigador chefe. É muita gentileza da sua parte.

– Apenas por curiosidade, pergunto : como sabe que esse é o meu cargo, senhor Clausen... O homem o interrompeu.

– Per, me chame de Per. Fica mais natural.

– Então está bem. Per, estou cansado demais para me preocupar com bobagens, e você já me deu motivos suficientes para esquentar minha cabeça. Preciso dizer que essa conversa vai ser diferente das outras. Por exemplo, não vamos gravá-la. E, como já deve ter percebido,

dessa vez sou eu, basicamente, quem vai falar. Tenho pensado bastante nos seus encontros anteriores conosco e gostaria de informá-lo sobre as minhas conclusões. Além disso, queria conhecê-lo pessoalmente.

– Como quiser. A festa é sua.

– É, acho que podemos chamar assim, principalmente porque essa palavra combina bem com as explicações absurdas e as respostas enigmáticas que tem nos dado aos montes desde que foi localizado. Selecionei alguns... trechos, digamos assim, para você entender claramente a que estou me referindo. Pauline, por favor.

Berg estava pronta ; leu com voz clara e impessoal :

*“Por que foi dormir no barracão de equipamentos quando a polícia chegou ?”*

*“Para me sentir descansado para o interrogatório.”*

*“O que o levou a pensar que seria interrogado ?”*

*“Porque estava dormindo no barracão.”*

*“Se não tivesse dormido lá, certamente não teria sido.”*

*“O que está feito está feito.”*

Ela passou a página rapidamente e continuou.

*“Já estamos conversando há quase uma hora e ainda não perguntou o que a polícia está fazendo aqui. Como explica isso ?”*

*“Não sou eu quem deve perguntar. São vocês.”*

*“Não está curioso ?”*

*“Acho que vai me falar mais cedo ou mais tarde.”*

*“Hoje de manhã havia cinco homens mortos pendurados no teto do ginásio esportivo.”*

*“Peraí ! Isso não é verdade.”*

*“Esteve no ginásio ?”*

*“Muitas vezes.”*

*“Quando os corpos estavam lá, ora bolas !”*

*“Não, acho que não. Teria percebido alguma coisa.”*

A única reação de Per Clausen à leitura de Pauline foi um movimento irônico nos cantos da boca, quase imperceptível, mas, ainda assim, tremendamente irritante. Simonsen ignorou isso e disse, gentilmente :

– Seus atos e suas respostas evasivas tornam mais forte a impressão de que está tentando nos distrair. Talvez goste de ser o centro das atenções, talvez se divirta desperdiçando o nosso tempo. Conheço gente dos dois tipos. Minha primeira dedução é de que você não teve nada a ver com os assassinatos. Se não for esse o caso, então você deve ser muito tolo, pois só gente muito inocente acredita que pode enfrentar um interrogatório sendo mais inteligente e esperto em suas respostas do que aqueles que estão fazendo as perguntas. Não pode. Mais cedo ou mais tarde se comete um erro. É só uma questão de tempo.

– Parece verdade.

– E é. Estou aborrecendo você ?

– Não, isso está muito interessante. Continue.

– Está bem. Vamos falar um pouco sobre as suas inverdades.

– Certo.

– Muita gente pensa que é ilegal mentir para polícia, mas isso é... para usar palavras mais



amenas, uma crença que você parece não compartilhar. A maioria das pessoas sente vergonha ao ser desmascarada em uma mentira ; nesse caso também você não se encaixa. Pauline tem um exemplo...

Berg reassumiu a função de leitora. Dessa vez a tarefa era um pouco diferente, já que agora eram dois relatos.

*Primeira sessão :*

*“E você diz que é viúvo. Há quanto tempo ?”*

*“Klara morreu há uns oito anos, num dia em que estávamos fazendo compras. Foi atropelada no passeio por um motorista bêbado. Estávamos de mãos dadas, mas não tive mais do que um arranhão. O jovem arruaceiro que estava ao volante ficou quatro meses preso e menos de um ano depois matou outra pessoa. Dessa vez, uma criança de quatro anos de idade. E também estava bêbado. Hoje é vice-presidente de uma importante empresa de planos de saúde.”*

*Segunda sessão :*

*“... acontece que sua esposa, ou melhor, ex-esposa não está nada morta. Seu nome é Klara Persson e mora em Malmö ; tem boa saúde. Como explica isso ?”*

*“Com certeza, uma ex-esposa pode ser considerada uma pessoa morta.”*

*“Por que nos dá essas respostas ridículas ?”*

*“Acho que estava muito criativo naquele momento.”*

Simonsen assumiu a palavra :

– E essa é apenas uma das suas mentiras tolas. Também mentiu sobre coágulos de sangue nas suas pernas, sobre seu emprego na escola desde 1963 ; disse, ainda, que visita sua irmã em Tarm regularmente, e que foi condenado três vezes por incêndio premeditado. Também afirma que é alcoólatra. Nesse ponto, vou lhe dar o benefício da dúvida, por enquanto ; da mesma forma, vou levar em consideração a visita à sua irmã na semana passada, apesar de saber que foi a primeira vez em oito anos que foi vê-la.

– Vejam só, o tempo realmente voa !

Simonsen não se importou com a ironia.

– Estamos profundamente interessados na viagem que fez nas suas férias e pode ter certeza de que vamos investigar minuciosamente todos os detalhes.

– Um trem intermunicipal saindo da Estação Central, terça-feira às 8 horas da manhã. O nome do trem era *H. C. Andersen*. Um trem local partindo de Tarm Trinbræt, sexta-feira às 9h34 da manhã. O nome do trem era *Fætter Guf*.

– Obrigado, mas dispensamos essa sua ajuda, já que sua credibilidade está sendo questionada. Para não dizer que a pouca importância que dá à verdade pode significar absolutamente qualquer coisa. Eu sou o primeiro a reconhecer que mentir faz parte da natureza humana, mas se olhamos um pouco além das aparências, podemos ver que a maioria dos exageros tem uma origem banal. Um grau de escolaridade inventado para alimentar o ego, uma vida sem graça enriquecida com acontecimentos que ultrapassam os limites da realidade, essas coisas triviais. Suas mentiras tendem a ser um comportamento patológico... *pseudologia fantástica* ..., mas se isso for verdade, é uma doença que parece ter adquirido muito recentemente e, digamos assim, bastante oportunamente. Nenhum dos outros funcionários da

escola descreve você como um mentiroso compulsivo ; na verdade, acontece o contrário, o que me traz de volta à pergunta : por quê ? O que ganha com isso ? Se existe uma boa razão, no momento presente ela está fora da minha capacidade de compreensão. Quero falar com você de novo amanhã. Vai nos encontrar aqui na escola às 14 horas. Vamos juntos de carro até Copenhague. Até lá, vamos investigar cuidadosamente sua vida para ver se encontramos alguma coisa que possa explicar seu comportamento. Por favor, faça um esforço para ficar sóbrio. Caso contrário, posso ter que submetê-lo a uma abstinência compulsória.

– Vai me dar um cartãozinho, como fazem os dentistas ?

– Não, não fazemos isso. E, a não ser que tenha alguma coisa importante a acrescentar, creio que terminamos.

– Era só isso ? Foi rápido.

– Como falei, o objetivo principal era conhecê-lo.

– Entendo. Nesse caso, obrigado pela pizza.

– Não sabia que tínhamos lido dado comida, mas não precisa agradecer.

Simonsen se levantou sem deixar de olhar Clausen fixamente.

– Só mais uma coisa... uma pergunta secundária. É bom em geometria ?

Per Clausen respondeu naturalmente, sem demonstrar nenhuma surpresa.

– Se refere a geometria plana ou geometria analítica ?

– Acho que não sei a diferença. Não tenho sua *expertise*.

– Há uma grande diferença. Pense no velho e bom Gauss, por exemplo, um dos maiores matemáticos de todos os tempos, que nasceu no século dezoito. Trabalhou com equações e álgebra, em vez de linhas e círculos. Sempre pensei que era uma espécie de trapaça, ou pelo menos falta de bom gosto, mas temos de reconhecer que gerou resultados. Conseguiu provar que o heptadecágono equilátero, um polígono de dezessete lados iguais, pode ser construído com um compasso e uma régua. A primeira contribuição, em mais de dois mil anos, sobre polígonos regulares.

– Impressionante !

– Sem dúvida, mas não particularmente prático. Só sei de um exemplo onde um heptadecágono teve utilidade no mundo real. Quer que fale sobre isso ?

– Sim, quero muito.

A resposta de Simonsen era verdadeira. Havia muitas outras coisas mais importantes para serem discutidas com aquele zelador, mas realmente queria ouvir a história. Aquele homem era curiosamente fascinante.

Clausen explicou :

– Em 1525, dezessete marinheiros de Portsmouth foram condenados pela Suprema Corte de Almirantes por terem assoviado a bordo do *Mary Rose*, o navio mais importante da frota inglesa na época. Para uma ofensa grave como essa, a justiça só conhecia uma punição, e as forcas foram armadas de acordo com os princípios de Gauss, de forma que estivessem em perfeita simetria. Os desenhos foram preservados no Museu Nacional da Marinha, em Londres.

– É uma boa história, muito ilustrativa, devo admitir, e muito convincente, apesar de as datas não serem nada coerentes ; mas acho que entendi o que quis dizer. Agora, vá para casa com cuidado e não se esqueça que temos um encontro amanhã.

O zelador fez um gesto no ar com uma das mãos, como se quisesse deixar claro que uma pequena discrepância quanto ao tempo não faz grande diferença.

– Uma pequena licença poética é permitida, sempre.

Apertaram as mãos e Clausen foi embora. Mal ele tinha atravessado a porta, Simonsen acendeu um cigarro. Berg pegou um prato debaixo de uma planta e pôs na frente dele ; estava preocupada com seu chefe, que parecia mesmo muito cansado. Depois falou :

– Estava bem mais focado do que quando foi interrogado pela Condessa.

– Imaginei isso.

– E aquela última história ? O que foi aquilo ?

– Difícil dizer. Seu comportamento parece totalmente irracional, mas provavelmente vamos descobrir tudo sobre sua vida nos próximos dias, e aí será mais fácil entendê-lo.

– Estou falando sobre a história das forcas... aquilo não foi uma forma premeditada de fazer uma conexão com os assassinatos ?

– Pode ser. Além de achá-lo extremamente arrogante e insensível, ainda não consigo decifrar sua personalidade, mas isso vai mudar.

– Talvez ele queira desviar nossa atenção de alguma outra coisa... ou outra pessoa.

– Quem sabe ? Mas o tempo está a nosso favor, e o bom e velho trabalho duro produz mais e melhores resultados do que hipóteses e suposições.

Seu comentário teve o efeito que ele esperava. Berg ficou levemente constrangida e mudou o assunto :

– Você prometeu me falar porque quis que eu participasse disso tudo.

Aparentemente, Simonsen estava mais seguro em relação ao zelador do que realmente se sentia. Talvez tivesse sido um erro liberá-lo. O comportamento estranho daquele homem ia além das referências do investigador, o que fora o verdadeiro motivo para permitir que Clausen fosse embora. Assim, teria tempo para refletir. Mas assim que o zelador saiu, a dúvida começou a atormentá-lo. Afastou esses pensamentos e respondeu :

– Ele perdeu uma filha. Era sua única filha e estaria mais ou menos com a sua idade hoje, então achei que isso seria um lado vulnerável dele e que você poderia representar... um ponto de partida, mas mudei de ideia.

Berg se sentiu desconfortável.

– Ainda bem que mudou de ideia.

Simonsen não deu importância ao seu tom de voz.

– Não estamos falando de um roubo de bicicleta. Aqui não há lugar para esse tipo de sensibilidade.

– Sei disso, só acho que seria desagradável. Por que desistiu ?

– Vi que ele não morderia a isca, então seria inútil. Por que não procura o Troulsen e checa se a vigilância está adequada ? Se Per Clausen possui um cachorro, quero o seu *pedigree* aqui em no máximo dez minutos.

– Vou checar. Pela quarta vez. Mas ele está cem por cento coberto : vigilância local e remota, cobertura dupla. E são todos *experts*. Troulsen disse que não precisa se preocupar nem um pouco.

– Faça isso, independentemente do que Poul diz. Temos permissão oficial para grampear o

telefone dele ?

– Sim, mas foi difícil conseguir e só é válida por três dias.

Simonsen apagou o cigarro e subitamente decifrou a sensação que tinha experimentado quando se sentara em frente a Per Clausen. Estava tentando entender desde aquele momento, mas agora sabia. Era o mesmo sentimento que tinha no passado ao enfrentar adversários em torneios de xadrez. Respeito e afinidade (cordialidade) misturados a uma agressividade mental, como se fosse possível separar uma pessoa do seu cérebro. Junto com isso, teve a terrível certeza de que seu adversário o havia examinado atentamente e descoberto com exatidão o seu método de trabalho e talvez, até mesmo, tudo sobre sua vida e sua personalidade. Deu um sorriso de desprezo e deixou que as imagens dos homens assassinados afastassem qualquer sentimento de afinidade com o zelador. Então se virou para Berg :

– Que história foi aquela de pizza ? Ainda tem ?

– Muitas. Quer uma ? Estão na sala dos professores.

– Seria bom, se estiver disposta a buscar. Só mesmo se quiser. Não foi contratada como minha assistente.

– Quero buscar. Alguma preferência de sabor ?

– Duas fatias das menos calóricas... você escolhe.

– Quer mais alguma coisa ?

– Sim, quinze minutos de paz e tranquilidade.

Conseguiu.

Arne Pedersen girou a roda da fortuna, que era bem equilibrada e surpreendentemente eficaz, provavelmente fruto de seis meses de trabalho pedagógico com madeira. Tinha esvaziado uma vasilha com cubos de açúcar, que estavam espalhados sobre a mesa. A roda parou sobre um sol, Pedersen reorganizou os cubos de açúcar e girou novamente. Os cliques metálicos podiam ser ouvidos em toda a sala dos professores.

– Pode parar com isso ? Está me levando à loucura.

A Condessa estava tentando solucionar o problema de um computador que se recusava a obedecer a seus comandos. O que aparecia no monitor estava projetado em uma tela e, sem entender nada daquilo, Poul Troulsen acompanhava seus esforços com interesse. Tinha uma pilha de papéis no colo, cuja altura não indicava qualquer possibilidade de descanso.

Pedersen não respondeu, e segundos depois se pôde ouvir outra vez o barulho da roda a caminho de um novo encontro com a sorte. A Condessa lançou um olhar suplicante para Pauline Berg, que entendeu a mensagem, levantou-se e logo voltou trazendo Pedersen pela mão e comendo um cubo de açúcar. Empurrou-o gentilmente sobre uma poltrona ao lado de Poul Troulsen. Ele se sentou, resmungou algum tempo e depois olhou para as anotações do colega.

– Está pensando em falar sobre tudo isso ?

Poul Troulsen era conhecido por ser tão meticuloso com relação a suas apresentações como era no trabalho. Estava com uma aparência alarmantemente descansada, embora fosse o mais velho de todos. Dessa vez, a Condessa apoiou Pedersen.

– Arne tem razão, Poul. Você deve ser breve. Todos querem ir para casa.

– Amém, amém, e amém de novo. Estou cansado, não quero ficar aqui mais, e não entendo por que esse zelador não pode ficar para amanhã. Com os diabos ! Como é que o Simon não está aqui ?

– Estou aqui agora, Arne. E talvez esteja certo, talvez seja melhor esperar, mas sou eu quem está no comando dessa investigação e quem dá as ordens. Pode aceitar, ou abandonar o caso.

Simonsen tinha entrado pela porta dos fundos e ninguém havia percebido, até que o viram de pé em frente a todos. No QG da polícia se falava que o chefe do Departamento de Homicídios tinha o estranho – e também irritante – hábito de sempre se tornar o centro das atenções ao entrar em um local. Normalmente, sem falar muito. Mas dessa vez tinha ido longe demais. Pedersen respeitava seu chefe, mas não tinha medo dele ; e suas palavras tinham sido muito rudes. Ajeitou-se na poltrona, com uma expressão de decepção e um gesto de raiva.

Simonsen caiu em si.

– Tudo bem, tudo bem. Peço desculpas. Mas não é o único que está cansado. Vamos trabalhar duro para ir embora o mais cedo possível. Vou começar com um resumo dos acontecimentos do dia.

Assim fez. Primeiro falou sobre o ambiente temporário de trabalho deles – não queria acumular muitas coisas ali. Depois se referiu ao enorme interesse demonstrado pela imprensa – deveria ser completamente ignorado. Ninguém, com exceção de Pauline, estava realmente ouvindo, mas todos apreciavam o fato de seu chefe ter um bom entendimento da situação, e a Condessa pensou consigo mesma que Simonsen – ali, de pé em frente a ela, tão forte e poderoso – era um líder nato. Para todos, exceto para si mesmo.

Só Berg tinha uma pergunta :

– Se ignorarmos totalmente os repórteres, não correremos o risco de eles se tornarem... como posso explicar... inconformados ? Quero dizer, não têm se concentrado em outra coisa o dia todo, e até a imprensa internacional...

Simonsen a interrompeu.

– Há coletivas à imprensa diariamente no QG, e não faz parte do nosso trabalho vender jornais ou cobertura televisiva.

Sem opiniões divergentes, aquele ponto estava definido. Podiam prosseguir.

A Condessa liquidou o tópico referente aos vizinhos, dizendo que nenhum deles declarara ter visto qualquer coisa fora do normal. Depois foi a vez de Poul Troulsen. Ele se levantou. Foi um gesto desnecessário, que fez com que alguns dos presentes ficassem tensos, mas injustamente, como se pôde ver, pois levou menos de 10 minutos para fazer uma exposição do pequeno progresso obtido no dia. Troulsen tinha feito uma quantidade impressionante de pesquisas, que se revelaram tediosas, lentas, malsucedidas e, algumas vezes, difíceis.

Alguns professores haviam agido impulsivamente e tentado ir embora, sendo que um deles realmente escapou por uma janela, dizendo que tinha direito ao seu dia de folga, independentemente do que estivesse acontecendo. Agora estava preso na delegacia de Gladsaxe ; havia sido detido por danos à propriedade pública, devido às marcas das botas sujas no parapeito da janela.

Depois daquele episódio, ninguém mais deixou a escola sem ter feito relatos orais e escritos das suas viagens de férias. Com exceção de dois amantes que haviam passado algum tempo juntos em Paris e tentado esconder isso da polícia, assim como já escondiam dos respectivos cônjuges, não havia nada suspeito. Ninguém tinha um passado que indicasse uma predileção por assassinatos em massa. Enfim, os funcionários da escola eram cumpridores da lei e os trabalhos do dia não deram em nada.

Ou quase nada ; houve um incidente, com o qual Troulsen concluiu sua exposição :

– A psicóloga da escola, Ditte Lubert... ela é impossível. Eu a interroguei duas vezes, se é que posso chamar aquilo de interrogatório. Ela é... não consigo descrever exatamente. Realmente, acho que está tentando esconder alguma coisa, mas não imagino o que seja, portanto, ou outra pessoa a interroga, ou obtenho permissão para bater nela. De preferência, as duas coisas.

Quem não conhecesse Poul Troulsen poderia ser enganado por sua aparência gentil e digna de confiança ; um amável vovô de barba grisalha. Mas Simonsen, que sabia dos limites daquela gentileza, reagiu rapidamente à sugestão de violência.

– Condessa, você não...

Berg interrompeu.

– Vou falar com a senhora Lubert amanhã.

Todos olharam para ela, surpresos. A nova colega de trabalho parecia ser uma mulher com bastante autoconfiança, talvez até um pouco demais. Simonsen resmungou seu consentimento e Troulsen entendeu que tinha sido liberado daquela tarefa.

– Do fundo do meu coração, obrigado. Não imagina onde está se metendo, mas boa sorte... e, pelo que há de mais sagrado, não faça perguntas tendenciosas, ou vai se arrepender.

O assunto estava encerrado. Troulsen sentou-se.

Simonsen reassumiu a palavra. Tinha intrigado tanto a Condessa quanto Arne Pedersen com relação ao zelador. Nem ela nem ele tinha feito qualquer comentário, mas Simonsen sabia que estavam se perguntando qual eram seus planos. Para todos, os trabalhos e as apresentações poderiam muito bem ter esperado até a manhã seguinte, como Pedersen tinha observado, mas o chefe insistiu.

– Vamos falar de Per Clausen. O fato de tê-lo liberado está me perturbando. Talvez tenha sido um erro e, embora eu saiba muito bem que acham que estou dando importância demais a ele, penso que estão errados ; o tempo vai mostrar. Nossas prioridades agora estão claras : identificar as vítimas, descobrir como vieram parar na escola e saber por que esses homens foram enforcados. Mas repito que Clausen é o maior suspeito no momento. Arne e Condessa, vocês fizeram um bom trabalho, e bem mais depressa do que achei que fosse possível.

Pedersen comentou :

– É porque não temos de esperar, independentemente do que pedimos e a quem. As horas extras no QG tendem a aumentar significativamente se as coisas continuarem assim.

– O que não é um problema seu, portanto esqueça isso. Sei que prepararam uma pequena, mas completa apresentação secundária. Estamos todos esperando ansiosos.

A Condessa tomou a palavra, mas, para surpresa de todos, não começou pela vida de Clausen.

– Amanhã terei a ajuda de um especialista em computadores, um novo colega de trabalho. Ou melhor, um estagiário. Seu nome é Malte Borup. Sejam gentis com ele.

E encarou a compreensível surpresa de Simonsen elegantemente.

– Como devem se lembrar, tive permissão para contratá-lo. Então foi liberado das suas outras tarefas e devemos todos ficar gratos. É um gênio em tecnologia da informação e vão gostar muito dele, embora seja um pouco indelicado.

Estava alegre como uma jovem no *show* do seu ídolo. Conseguira contratar seu aluno, coisa que estava tentando fazer já havia um bom tempo.

Simonsen estragou a sua alegria com um comentário ríspido :

– Se não se adequar, estará fora antes que você possa dizer “erro fatal”. Agora fale sobre Per Clausen.

A Condessa falou :

– Per Monrad Clausen nasceu em 1941, em Copenhague. Seus pais eram Anette e Hans Clausen. Seu pai se tornou mestre carpinteiro e sua mãe era dona de casa. Em 1947, a família se mudou de Bispebjerg para Charlottenlund, onde Per Clausen cresceu. Em 1948, sua irmãzinha, Alma Clausen, nasceu. A família não teve outros filhos. Clausen era ótimo aluno e professores da escola convenceram seu pai a deixá-lo continuar os estudos. Passou no

vestibular em 1959. As finanças da família eram equilibradas. Clausen estudou e trabalhou na oficina do pai por um ano e, em 1960, se matriculou no Instituto de Estatística da Universidade de Copenhague. Em 1961, ganhou uma bolsa de estudos para a Faculdade Valkendorf, no centro de Copenhague, onde só são aceitos os alunos mais bem-dotados. Formou-se em 1965, com honra ao mérito e notas excepcionais. Recebeu uma medalha de ouro da universidade por sua tese sobre estatística espacial e a distribuição de números primos.

Enquanto ela falava, Pedersen ilustrava sua apresentação com imagens na tela do computador. A Condessa tomou um gole de água e prosseguiu.

– Entre 1965 e 1969, Clausen trabalhou na Universidade de Boston, em Massachusetts, mas no outono de 1969 retornou à Dinamarca, onde trabalhou para a companhia de seguros Union. Casou-se com Klara Persson em 1973. Ela é sueca, mas se tornou cidadã dinamarquesa quando se casou e pôde trabalhar como higienista dental. O casal se estabeleceu em Bagsværd, no endereço atual de Clausen, e em 1977 tiveram sua única filha, Helene Clausen. O salário de Clausen foi sendo aumentado com enorme rapidez e logo estava entre os quinze por cento mais altos do país. Em 1987, o casamento acabou, porque Klara se reencontrou com um namoradinho de infância e ficou apaixonada. O divórcio foi difícil, cheio de ressentimentos. No mesmo ano, mãe e filha se mudaram para a Suécia. Clausen permaneceu em Bagsværd. Em 1988, seus pais faleceram e ele e sua irmã receberam uma herança de quase novecentas mil coroas cada um. No ano seguinte, ele teve problemas com as autoridades fiscais, quando doou meio milhão de dólares para organizações de caridade e quis deduzir dos impostos o valor integral da doação. Em 1992, foi multado por dirigir em alta velocidade na estrada Hilerød. Em janeiro de 1993, Helene veio morar com o pai e se matriculou no ensino médio em uma escola de Gentofte ; seis meses depois, transferiu-se para Auregaard, uma escola também em Gentofte, onde se inscreveu em um curso de gramática. No verão de 1994, ela se afogou em um acidente na praia de Bellevue, em Klampenborg.

Simonsen a interrompeu.

– Onde está enterrada ?

A Condessa olhou para Pedersen, que balançou a cabeça. Ela então deu de ombros, com uma expressão de quem pede desculpas.

– Na época, Clausen tinha cinquenta e três anos, e após a morte da sua filha, sua vida pessoal e seu prestígio social decaíram muito. Em 1996, deixou de ser chefe do Departamento de Estatística da Union para se tornar zelador da escola Langebæk. Conseguiu esse emprego com a ajuda do seu patrão na Union, que conhecia o superintendente da escola em Gladsaxe. Nesse tempo, Clausen representava um problema ; bebia demasiadamente, se comportava mal e não cuidava da higiene pessoal. Assim mesmo, apesar das desconfianças, ele se saiu melhor no emprego do que era esperado, mesmo tirando licenças ocasionais por doença ou por indisposição devido ao uso abusivo de álcool. Em geral, as pessoas gostam dele, mas é muito fechado e nunca fala de sua vida pessoal. Parece que nos últimos anos tem conseguido certo controle sobre o consumo de álcool. Há um ano e meio, falou com o diretor da escola que estava com câncer no cólon e obteve uma licença para dezesseis aplicações de tratamento no hospital de Gentofte. Ia uma ou duas vezes por dia, mas no hospital não há nenhum registro desse tratamento.

Simonsen se levantou e ficou parado por um bom tempo, olhando para o quadro branco,



como se quisesse escrever detalhes adicionais provenientes das palavras da Condessa. Ninguém disse nada ; só se ouvia o zumbido do ventilador interno do computador. Finalmente, o chefe reagiu.

– Pensei que só mentia para nós. Onde está ele agora ?

Troulsen respondeu :

– No bar. Surpresa, surpresa !

– Temos algum oficial lá ?

– Dois dentro e dois fora. Pare de se preocupar, Simon.

Simonsen parou de pensar no zelador e disse :

– Mais uma coisa. Pedi a Kasper Planck para nos ajudar nisso.

Olhou ao redor ; os quatro acenaram com a cabeça e ninguém fez nenhum comentário.

A Condessa levou Simonsen e Troulsen de carro para casa. Ela ouviu as notícias mais recentes, seu chefe cochilou e Troulsen falou sobre pizzas. Deixaram que ele falasse. Quando acabou o noticiário, a Condessa desligou o rádio e cutucou Simonsen, que estava sentado a seu lado.

– Por que solicitou guardas ? Não é um exagero ?

– Se está falando do oficial em frente à escola, está lá para aprender.

– Aprender o quê ? Que as noites de outono são frias ?

– A tratar bem as pessoas.

No banco de trás, Troulsen pôs a cabeça entre os dois.

– Prestem atenção, vocês dois ! Têm que me ouvir. Se nenhum de nós pediu pizzas, e também nenhum dos professores, então quem foi ? Alguém deve ter feito o pedido. Estavam todas pagas e a conta foi alta. Têm que concordar que isso está um tanto misterioso.

A Condessa tentou acalmá-lo, concordando que aquilo era estranho. Mas preferia ouvir mais sobre o guarda.

– Vejam, parece que as pizzas foram encomendadas para uma festa, e com certeza não faríamos isso. Os funcionários também não sabem de festa nenhuma. A secretária da escola estava certa de que...

De repente, Simonsen ficou atento, e quase gritou :

– Você disse festa ? Quando foram encomendadas ?

– Bom, a princípio achei que fosse qualquer hora de hoje, mas o rapaz que entregou falou que os abacaxis estavam em falta, e por isso três das pizzas eram diferentes do que foi pedido, o que indica que a encomenda foi feita bem mais cedo. Senão, teriam que ter escolhido outro ingrediente que não fosse abacaxi no ato do pedido.

– Investigue isso, Poul. Você, pessoalmente. Descubra qual é a pizzaria, onde fica e a que horas abre.

Troulsen tinha lutado a noite toda para que as pizzas fossem levadas a sério ; agora, estavam sendo exageradamente levadas a sério. Respondeu, humildemente :

– Certo, Simon. Cuidarei disso.

A Condessa estava distraída.

– Sobre o que estão falando ?

– Previsão criminal, acho. Mas vamos esperar até amanhã de manhã para discutirmos isso mais detalhadamente.

Isso fez com que nenhum deles parecesse mais sensato que os outros.

Helle Smidt Jørgensen não grita. Sabe que gritar não adianta.

Em vez disso, chora baixinho, como um cãozinho maltratado, um pequeno e macio labrador de pelo preto ; enterra o rosto no pelo do cão para se esconder ; ele dorme com ela ; o cão sempre dorme com ela ; é o seu cão ; ela sonha que acorda ; está encharcada de suor e a camisola está úmida ; joga o travesseiro no chão, não precisa dele ; um domingo de verão ; café da manhã com a família num jardim público ; a mesa posta ao ar livre, no lindo dia de sol ; a bandeira está hasteada ; todos estão felizes, exceto ela ; ela e o cão ; têm de se levantar ; têm de sair da cama e encontrar as pílulas ; psicofármacos ; medo é uma reação normal ; Tio Bernhard está sentado numa cabeceira da mesa ; as crianças estão brincando na grama ; ela não está brincando ; é uma adulta ; 53 anos de idade, uma enfermeira experiente, *Enfermeira Helle Smidt Jørgensen*, como se lê em seu crachá ; ansiolíticos ; o medo tem sintomas físicos, psicológicos e comportamentais ; ela se senta e sorri, porque é uma adulta, uma enfermeira adulta ; Tio Bernhard é um assessor importante do prefeito, um adulto assessor importante do prefeito ; o cão se deita a seu lado ; o cão é dela ; é possível esconder o rosto em um cão ; tranquilizantes ; medo é um mecanismo de sobrevivência quando o organismo se depara com o perigo ; ela não está em perigo ; tem o resto do grupo ; Stig Åge Thorsen e Erik Mørk a protegem ; Per Clausen destrói o medo ; Alpinista acaba com a escuridão da noite ; Vovô sugere que cantem, todos adoram cantar ; ela fala para o Vovô que ele está morto ; e o Tio Bernhard está morto ; e o cão está morto ; o seu cão, que dorme perto dela ; e todos estão se divertindo ; e Tio Bernhard pega o banjo ; Lexotan ; distúrbios de ansiedade podem ser tratados com psicofármacos.

Eles cantam ; Tio Bernhard tem voz de barítono ; todos gostam do Tio Bernhard ; Tio Bernhard canta muito bem ; Tio Bernhard vira prefeito ; Tio Bernhard é bonito ; todos sabem que Tio Bernhard é bonito ; três miligramas três vezes ao dia ; ela acorda, vai até a cozinha, o copo está na prateleira, tem de tomar três miligramas, três vezes três miligramas, três vezes três vezes trezentos miligramas, agora !, rápido, assim que acorda ; antes da cantoria, tem de acordar antes da cantoria ; todos estão em silêncio ; todos estão olhando para ela ; Tio Bernhard está sorrindo ; Tio Bernhard sorri com doçura ; Tio Bernhard é legal quando sorri ; Tio Bernhard canta a música dela ; é uma música estrangeira ; só ela e Tio Bernhard entendem a letra.

*Fique comigo a vida toda e nunca envelhecerá.*

Ela é adulta. Tem 53 anos de idade.

*Vou te amar tanto que nunca envelhecerá.*

É uma enfermeira. É forte.

*Se viver com alegria, nunca envelhecerá.*

Não precisa ter medo. Tem pílulas.

*Tem que ficar jovem, pois nunca envelhecerá.*

A canção chega até ela ; a canção a abraça ; as filhas da noite ficam furiosas na luz do sol ; a canção afugenta o sonho ; o sol desaparece, e a bandeira, a mesa, o Vovô, tudo desaparece ; a cama sumiu ; a enfermeira sumiu ; está escuro ; tudo em silêncio ; há medo ; ela esconde seu rosto no cão ; ouve passos ; é tão pequena e os passos são tão pesados ; pânico pode ser tratado com psiquiatras e terapeutas.

Terapia afugenta a ansiedade ; Tio Bernhard afugenta o cão.

Ela sente o hálito úmido do tio em seu pescoço ; pode identificar o cheiro do creme que ele usa nos cabelos.

Escuta sua respiração ; sente os dedos dele em seu corpo.

Helle Smidt Jørgensen não grita. Sabe que gritar não adianta.

Os dedos do rapaz voavam sobre o teclado tão rapidamente que produziam um som similar ao que se ouve quando há uma tira de papelão presa no meio da roda em movimento de uma bicicleta. A Condessa desviou os olhos de sua leitura e, disfarçadamente, o observou. Era um jovem de cabelos anelados, olhos azuis e rosto largo ; alto e magro, com um modo de se vestir que ela só podia descrever como único. Acima do seu lábio superior, um ralo bigode começava a aparecer, mas quando sorria era difícil controlar o desejo de afagar seus cachos e salvá-lo de um mundo cruel que, na melhor das hipóteses, lhe oferecia apenas chances mínimas de sobrevivência. Ou, pelo menos, era o que parecia.

Malte Borup levantou os olhos, como se tivesse sentido que estava sendo observado, e descansou as mãos sobre o teclado.

- Aquela moça muito bonita... também é policial ?
- Seu nome é Pauline, e, como ela mesma falou, sim, é da polícia.
- É verdade, ela disse mesmo. Estava usando meus olhos mais do que meus ouvidos.
- Não é só com você que isso acontece.
- E a outra ? Aquela com... bom, a outra.
- É uma psicóloga que vai participar da discussão.
- O que ela fez ?
- Nada. Como está meu *laptop* ?

– Logo estará pronto. Mandeí uma mensagem de texto para o homem de barba. Aquele esquisito... só um minuto... tenho o nome dele aqui.

A agenda de endereços surgiu na tela. O computador funcionava como uma extensão dos seus pensamentos.

- Poul Troulsen. Tenho de aprender esses nomes. Ele foi ao McDonald's, não foi ?
- Na verdade, foi à pizzaria. O que você escreveu ?
- Só perguntei se poderia trazer uns refrigerantes quando voltasse. Fiz mal ? Vou pagar.
- Não, tudo bem, mas acho que ele não lê mensagens de texto.

Borup deu uma espiada na tela, compreendeu que nada poderia ser feito, e deu de ombros.

- Amanhã vamos voltar ao EG. Lá tem uma cantina onde vai poder comprar refrigerantes.
- Que bom ! Vou conhecer o chefe ? O homem gordo. Eu o vi na televisão.
- Vai conhecê-lo hoje, mas não o chame de gordo.
- Gordo não. Quis dizer... um pouco acima do peso.
- Não o chame de gordo, e não diga que está acima do peso.
- Certo.

– Seu nome é Konrad Simonsen e está no ginásio esportivo com uma convidada. Talvez possamos alcançá-lo antes que vá embora.

Malte Borup ficou tenso. Imóvel como uma tela de computador congelada.

- Prefiro não ver nenhum cadáver. Não quero, a não ser que seja absolutamente

necessário.

- Nem vai ver. Os corpos já foram levados para o laboratório há muito tempo.
- Legal.
- É, acho que pode dizer isso.

Porém, se os corpos realmente não estavam mais lá, isso era uma questão de opinião. A mulher que chegou de táxi trouxe uma nova perspectiva sobre o assunto.

Simonsen estava apagando seu cigarro sobre uma marca preta e feia na parede, quando viu o carro. Estava preocupado, irritado. A noite tinha sido muito longa e ele estava a ponto de enlouquecer com tanta informação para processar. Fatos e detalhes, tudo misturado, e cada vez que deixava alguma coisa de lado aparecia outra para inquietá-lo. Era sempre assim, quando começava a investigar um caso – principalmente um caso como esse, que atraía muita atenção pública –, mas isso não servia muito de consolo. E, para piorar, tinha se esquecido de ligar para Anna Mia na véspera, embora tivesse feito todo o possível para cumprir a promessa ; e tinha se esquecido de agradecer à Condessa pelo livro sobre xadrez, apesar de ter feito de tudo para se lembrar. Como se isso não fosse suficiente, em um acesso de planejamento alimentar, naquela manhã tinha decidido comer apenas uma tigela de iogurte, de modo que agora estava faminto. Ensaiou um sorriso, que se achava longe de parecer natural, e se dirigiu ao encontro da convidada.

Era uma mulher pequena e negra. Cumprimentaram-se formalmente. Sua voz era seca como talco e, sem mudar a entonação, ela começou a falar dos desejos de Simonsen – como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

- Vejo que adora filé de peixe.

Ele sabia que ela o estava provocando. Às vezes, usava suas habilidades especiais para confundi-lo ; sem qualquer motivo em particular. Já havia passado por isso antes.

- Pensamentos não engordam. É só isso.

Simonsen era um homem racional. Não acreditava em espíritos, em criaturas sobrenaturais, nem no poder dos cristais ou coisas desse tipo. Quando resolvia envolver os talentos da pequena mulher em suas investigações, era porque ela apresentava fatos precisos, corretos e importantes, que estavam quilômetros além do que simples suposições podiam oferecer. Entretanto, em alguns casos estava errada, e em outros não tinha nada a dizer. Como ela chegava a essas informações era uma coisa que há muito tempo ele já tinha desistido de tentar entender.

Geralmente, encontravam-se na casa dela em Høje-Taastrup, onde, junto com o marido, gerenciava uma discreta, mas lucrativa, empresa de consultoria. O marido, que se chamava Stephan Stemme, criava histórias esquisitas para propagandas *on-line*. De vez em quando, Simonsen recebia um *e-mail* com um videoclipe criado por ele. Costumava apagá-los.

Quando procurava aquela mulher, Simonsen sempre levava um objeto que estivesse de alguma forma relacionado ao caso no qual precisava de ajuda. Isso era fundamental. Como um cão policial, ela precisava de algo concreto para usar como ponto de partida, mas nessa investigação criminal ele não tinha nenhum objeto físico para apresentar. O acordo tinha sido que ela simplesmente caminharia pelo local para ver se os espíritos queriam colaborar.

Aconteceu que os espíritos não só queriam ajudar, mas estavam em fila, esperando a vez

de falar.

No momento em que ela pisou no ginásio, abriu os braços e ficou olhando alternativamente para o teto e para o chão, como se estivesse observando a chuva. Seja lá o que viu, contraiu todos os músculos do rosto.

– Um homem foi castrado por seu próprio filho. Há gotas de sangue no chão.

Subitamente, deu um pulo para trás, quase derrubando Simonsen.

– Obrigado. Quem são eles ?

E então aquilo tomou conta dela. Olhava para o lugar desesperada, as mãos pressionadas contra a cabeça, sem palavras, exceto por aquela exclamação inicial, e seus gestos e expressões faciais refletiam uma cena intensa e terrível.

As visões continuaram por mais algum tempo. Às vezes, ela cobria os olhos, às vezes, os ouvidos ; em um determinado momento, uniu as palmas das mãos e pressionou contra o queixo, como se estivesse ouvindo atentamente, ou rezando. Em outra ocasião, desviou o olhar, como se tivesse visto algo muito repugnante.

Então, de repente, parece que as visões se foram e a mulher ficou parada, com um olhar vago. Simonsen estava tenso, mas permaneceu em silêncio, por um tempo que pareceu ser uma eternidade ; ela ficou lá, parada, sem compartilhar o que tinha visto. A primeira reação tinha que partir dela. E foi tão decepcionante quanto surpreendente. Ele sabia que era uma mentira, mas não podia fazer nada quanto a isso. O mundo das trevas não podia ser consultado.

– Infelizmente, não consigo ver mais nada, e gostaria de ir para casa.

O rosto era redondo e pálido, os olhos pequenos pareciam duas contas de vidro, e os lábios finos eram femininos e pareciam pintados. Estava olhando para baixo e a testa estava enrugada, como acontece com muitas pessoas quando têm que tomar uma decisão difícil. Uma expressão realmente séria.

A imagem preenchia dois terços da tela e o apoio para a cabeça, decorado com a bandeira da Dinamarca, ocupava o restante do espaço.

Por alguns momentos, nada aconteceu ; depois, o rosto abriu um sorriso irônico e uma ponta de língua saltou da boca e molhou os lábios vermelhos, avidamente, por duas ou três vezes.

Alguma coisa foi dita e o vídeo congelou na imagem do homem com uma expressão malvada.

Anni Staal – a repórter do *Dagbladet* que Simonsen queria ver banida do país – estava aborrecida. A bandeira e o homem fizeram com que se sentisse suja, embora não soubesse quem era ele, nem sobre o que estava falando. Sem entusiasmo, procurou seus fones de ouvido e concluiu que, como sempre, alguém tinha pegado. Nesse ponto, desistiu. A mensagem que acompanhava o vídeo era anônima. O remetente tinha se identificado apenas como “Chelsea”, o que ela não sabia como interpretar. Mensagens anônimas não representavam novidade nenhuma. Recebia muitas, todo dia, então realmente não deveria desperdiçar seu tempo com apenas uma.

O telefone tocou. Atendeu e sorriu quando reconheceu aquela voz tão familiar. Depois de algum tempo, disse :

– Claro que me lembro de Kasper Planck, e isso vai ser sensacional ; você receberá dois mil dólares se tivermos uma reportagem sobre ele amanhã.

Mencionou um lugar e um horário e acrescentou :

– Tudo bem, podemos falar em dois mil e quinhentos, mas conte-me alguma coisa enquanto está na linha. Arne Pedersen... o braço direito de Konrad Simonsen... dizem que tem dívidas de jogo. Sabe alguma coisa sobre isso ?

Escutou novamente, embora por pouco tempo, depois falou :

– Eu sei, eu sei. Com relação a Kasper Planck, acha que consigo arrancar alguma coisa do Simonsen, ou mesmo do próprio Kasper ?

Enquanto ouvia a resposta, deletou o *e-mail* e leu o seguinte. Recebeu mais duas mensagens antes de encerrar a ligação, com as seguintes palavras :

– Acho que a pequena Lolita-Anita é ideal para essa tarefa. Tem tantos princípios morais que deveria estar estudando para se tornar uma alta assessora do governo, e não uma jornalista, portanto, atende a seus critérios. E, pelo amor de Deus, liga para mim logo.

Desligou o telefone e gritou em direção à minúscula sala de redação :

– Anita !





Não havia nada de fascinante no Instituto de Medicina Legal de Copenhague, mas, com o passar dos anos, muitas vezes Simonsen sentiu uma espécie de alívio ao entrar ali. Talvez fosse o cheiro de desinfetante – forte e presente em todo o ambiente –, que fazia a garganta e as narinas arderem, mas não ocultava os outros odores, também fortes ; ou talvez fosse atraído pela estranha mistura de máquinas supermodernas em contraste com órgãos cinzentos ou esbranquiçados mantidos há tempos dentro de recipientes. O Instituto era um mundo restrito a um pequeno grupo, do qual ele não fazia parte.

Arthur Elvang falou sobre os primeiros resultados da autópsia. Logo, o quadro branco estava cheio de informações, e em pouco tempo estaria limpo de novo, para ser preenchido pela quinta vez. Simonsen olhou de relance para Arne Pedersen e Pauline Berg, sentados a seu lado, concentrados na exposição do professor. Do lado oposto, o diretor de perícia criminal cochilava. Seu nome era Kurt Melsing e era muito respeitado por sua competência. Além disso, todos o consideravam um homem agradável. De vez em quando, concordava com um aceno, ou emitia um pequeno ronco ; aí, acordava, e depois dormia de novo. Não tinha pegado no sono a noite toda e ninguém ali queria perturbar seu descanso.

A apresentação já tinha durado quase uma hora e nada indicava que Arthur Elvang estivesse próximo da conclusão. Infelizmente, as informações que trazia não eram suficientes para um avanço significativo na investigação. A demora na explicação era principalmente por causa do número de vítimas ; era importante saber o que tinha sido descoberto a respeito de cada uma.

O dia e a hora do crime foram definidos : quarta-feira, entre 12h30 e 14 horas. A causa também foi esclarecida : quatro homens morreram por enforcamento e um por estrangulamento ; provavelmente, esse último desmaiou quando a corda foi colocada em seu pescoço. No entanto, não havia nada que pudesse revelar a identidade dos mortos, e também não foi detectada nenhuma característica em comum entre os homens, exceto pela mutilação dos órgãos sexuais. As idades variavam de 45 a aproximadamente 65 anos, e a massa muscular de duas das vítimas indicou que praticavam atividades físicas regulares – possivelmente, trabalho braçal –, o que não era o caso dos outros três.

Arthur Elvang estava trabalhando com um conjunto de nomes provisórios para os homens e Simonsen quis usá-los também. O professor havia estabelecido os nomes quando olhava da entrada principal em direção à parede dos fundos do ginásio. Partindo do princípio de que naquela posição estaria mirando o norte, criou os seguintes nomes : Sr. Nordeste, Sr. Noroeste, Sr. Sudoeste e Sr. Sudeste. O último foi chamado de Sr. Centro.

Quando, finalmente, foi encerrada a palestra, os três policiais tiveram a oportunidade de fazer perguntas detalhadas ; Arne Pedersen foi o primeiro.

– Poderia repetir o que disse sobre o uso de anestésico ?

Simonsen percebeu que o professor repetiu exatamente as mesmas palavras que tinha

usado em sua apresentação ; apenas falou mais lentamente.

– Todos os cinco homens foram parcialmente anestesiados com Stesolid, aproximadamente duas horas antes de morrerem. Stesolid serve como tranquilizante ou sedativo. Dependendo da dosagem, pode causar inconsciência ou sonolência. O medicamento é administrado por meio de injeção intravenosa. Os cinco corpos têm a marca de uma picada no braço direito ou no esquerdo, além de outra marca, que certamente é proveniente de um torniquete. A concentração de Stesolid no sangue indica que receberam doses diferentes, calculadas de acordo com o peso do corpo. As doses foram calculadas e injetadas por um profissional. Isso pode ser deduzido porque todas as cinco injeções atingiram a veia na primeira tentativa. Suponho que foram aplicadas por um médico, uma enfermeira ou outra pessoa da área de saúde.

Pedersen foi o próximo a perguntar :

– Você falou “parcialmente anestesiados” ?

– Sim, a concentração não era demasiadamente forte ; os efeitos seriam limitados. Acredito que o objetivo era fazer com que os homens ficassem menos resistentes. Quero dizer, fáceis de serem manipulados.

– Passivos ?

– Qualquer coisa desse tipo. Lentos e entorpecidos, para ser mais exato.

– Disse que o peso do corpo foi levado em consideração ; acha que os pesaram ?

– Não necessariamente. Uma boa avaliação do peso a partir da altura e da forma física é mais provável.

E então foi a vez de Simonsen. Tinha anotado rapidamente algumas perguntas em seu bloco, e naquele momento descobriu que não conseguia ler nem se lembrar da primeira delas. A pausa inesperada fez com que os outros lhe lançassem olhares curiosos. No silêncio que se seguiu, Kurt Melsing acordou. Alguns segundos depois, Simonsen fez a segunda pergunta da sua lista :

– Com relação à identificação, é possível afirmar que temos arcadas dentárias ao menos parciais ?

– Do Sr. Noroeste, sim, enfatizando que é parcial. Mas combinada à sua idade aproximada, é suficiente para identificá-lo, se pudermos localizar o seu dentista.

– Disse que o Sr. Nordeste recebeu um marca-passo há uns quarenta anos mais ou menos, quando tinha entre vinte e vinte e cinco de idade. Isso pode ser usado como uma pista ?

Arthur Elvand pensou antes de responder.

– Pode ter tido uma febre reumática. Garanto que essa foi uma cirurgia feita aqui mesmo. Suponho que um hospital dinamarquês inseriu um marca-passo em um homem, provavelmente entre os dezenove e os vinte e cinco anos de idade, em qualquer data entre 1961 e 1968. Tomou um anticoagulante, Marevan ou Marcoumar. Vamos verificar isso mais tarde. Deve ter tido o seu NRI – um exame que permite avaliar a coagulação do sangue – medido a cada três meses para controle. Muito provavelmente em um hospital. Isso é um bom ponto de partida para uma identificação. Certamente não houve muitas cirurgias como essa na época.

Pedersen o interrompeu :

– Vai nos ajudar ?

Era uma pergunta lógica, já que o professor seria a pessoa ideal para desempenhar aquela

tarefa, mas, levando em consideração todo o trabalho que ainda estava por ser feito, era totalmente irreal. Em vista da idade de Elvang, que sempre era esquecida, a pergunta não tinha cabimento.

Simonsen reformulou :

– ... a encontrar alguém com quem possamos contar para isso ?

O professor olhou, confuso, para cada um dos dois.

– Parem com esse blá-blá-blá. Quem quer saber o quê ?

Os dois desistiram do assunto.

Era hora de trazer Kurt Melsing para a conversa. Animaram o homem, que logo estava no meio de um monólogo entusiasmado sobre dezenas de tipos diferentes de manchas de sangue. Ao contrário do professor, sua capacidade de expressar-se com clareza era bastante baixa. O discurso era relativamente desarticulado e, exceto pela explicação do que Simonsen tinha notado – o chão do ginásio coberto de pedaços de plástico e tabuletas –, não oferecia nada de útil. A um certo ponto, até Arthur Elvang achou que era demais e o interrompeu :

– Ninguém quer saber das suas manchas de sangue, Kurt. Fale sobre a sua conclusão. É nisso que estamos todos interessados.

Kurt Melsin redirecionou sua fala. De bom grado, pegou um papel e começou a ler, como se tivesse reconhecido sua limitada capacidade de se expressar de improviso.

– Nossas medições de interfaces e ângulos, assim como as manchas de sangue nos cadáveres, mostram que a motosserra foi usada da direita para a esquerda, em um ângulo de aproximadamente sessenta graus do chão. A pessoa que a utilizou estava por volta de um metro acima do corpo que estava cortando. Também é evidente que os homens estavam sobre algum tipo de plataforma alta antes de serem executados. Está claro, ainda, que o jato de sangue foi quase sempre interrompido por uma superfície plana. Se juntarmos essas informações, somos levados a pensar que os criminosos ergueram uma espécie de pódio de aproximadamente um metro e meio acima do solo. Um cenário com cinco alçapões. Nada mais nada menos que uma cerimônia de execução.

– Maldição !

Foi Pedersen que murmurou. Seu tom de voz era baixo, mas falou por todos. Por um momento, não se ouviu nenhum som. Foi como se ângulos, velocidade rotacional, resíduos fecais e arcadas dentárias tivessem recuado para o segundo plano e o impacto gigantesco da morte horrenda de cinco pessoas os tivesse atingido.

Elvang quebrou o silêncio.

– Com certeza, não foi nada agradável. As vítimas foram levadas até o ginásio e para cima do pódio em um estado de sedação mais ou menos avançado. Foram despidos. Não sabemos onde e como. Nus, com as mãos amarradas atrás das costas e as pernas também amarradas, foram colocados separadamente em seus lugares. Havia uma corda no pescoço de cada um. Encontramos vestígios de cola – muito provavelmente cola de fita adesiva forte – nos tornozelos e, em alguns casos, nas axilas. Depois foram enforcados um a um e imediatamente após cada enforcamento, mas antes que o próximo fosse feito, as mãos da vítima foram amputadas. Há também muitos cortes nas faces. As manchas de sangue e os ângulos das feridas fundamentam as nossas conclusões. Quanto à ordem em que as execuções ocorreram, podemos

apenas sugerir uma hipótese bastante provável. Achamos que a primeira foi a do Sr. Sudoeste, em seguida a do Sr. Noroeste, e depois a do Sr. Sudeste. Como já foi mencionado aqui, o Sr. Nordeste foi uma exceção. E o Sr. Centro foi o último. A mutilação dos órgãos genitais só ocorreu depois que o pódio foi desarmado.

Como se houvesse um acordo prévio, todos esperaram para ouvir Konrad Simonsen, que, apesar de pressionado pelo silêncio, levou um tempo para organizar seus pensamentos. Depois, falou calmamente :

– Plástico no chão, jornais para absorver o sangue, depois um pódio montado para a ocasião, e por fim desarmado e levado embora ?

Era uma pergunta ; uma pergunta perspicaz. Pauline Berg falou :

– Isso bate com o fato de o pai do zelador ter sido mestre-carpinteiro...

Simonsen a interrompeu.

– Só um minuto, Pauline. Kurt ?

Kurt Melsing falou tão tranquilamente quanto Konrad Simonsen, mas não havia hesitação em sua resposta.

– Foi o que aconteceu, Simon. Sei que parece loucura, mas aconteceu desse jeito.

– Nenhuma sombra de dúvida ?

– Nenhuma.

O Departamento de Perícia Criminal tinha feito uma reconstituição visual das cenas do crime, em que bonecos do tipo palito representavam as cenas que Arthur Elvang tinha descrito. A sequência durou dois minutos, com alguns *close-ups* para detalhes de interesse particular. O desenho de animação foi feito em três dimensões, e embora não parecesse exatamente natural, retratava uma crueldade tal que prendeu a atenção da audiência e fez com que o ambiente ficasse ainda mais depressivo.

Assistiram duas vezes.

Melsing fez um único comentário.

– Simulamos dois criminosos. Pode ter sido só um, ou, nesse caso, cinco. Não sabemos e não temos como determinar precisamente.

Quando a reunião foi encerrada, Simonsen conversou com Berg sobre a psicóloga Ditte Lubert e, como nenhum progresso havia sido obtido a esse respeito, decidiu pedir à Condessa ou a Pedersen – o que tivesse mais tempo – para fazer uma tentativa.

Depois que os outros dois tinham ido embora, perguntou a Elvang :

– Pode me falar um pouco sobre reconstrução craniofacial ?

O velho senhor sorriu. Seria um prazer. E, sem pensar duas vezes, deu início a uma explicação.

– O método é usado com o objetivo de obter uma identificação. Não é usado na Dinamarca ; aqui, o cumprimento da lei sobre a aplicação de técnicas e métodos científicos na investigação de crimes, juntamente com um sistema de tratamento odontológico eficiente e bem organizado, constituem uma maneira melhor e mais barata de se chegar a uma identidade. Mas é aplicado, algumas vezes, na Inglaterra, por exemplo, e nos Estados Unidos, onde há mais pessoas sem documentação. Nesses lugares, há profissionais experientes que provam que é possível dar forma a uma face, a partir de um crânio não identificado ; a técnica é baseada

em uma combinação de anatomia e estatística. Pouco a pouco, são criados músculos simples, ou grupos de músculos, que são aplicados no crânio com o uso de pequenos pinos feitos sob medida ; são colocados em pontos de referência predeterminados e aparados de acordo com a espessura média do tecido de cada lugar específico. Geralmente a construção facial é feita com argila, e é preferível que o profissional tenha uma veia artística ; é mais ou menos como o trabalho do tradutor. Uma reconstrução exata da face é impossível. Por exemplo, ninguém nunca conseguiu fazer uma cópia fiel das orelhas.

Fez uma pausa, e depois acrescentou, pensativo :

– Claro que, implícito na pergunta, estava o seu interesse em saber se podemos usar o método nesse caso específico, não é ?

– Sim, era essa a minha ideia. Uma identificação é crucial. Há boas possibilidades de conseguirmos identificá-los de outras maneiras, mas os dentes de Sr. Noroeste e o marca-passo do Sr. Nordeste vão demandar muito tempo e, certamente, não apresentam garantia de sucesso. Se for possível conseguir fotografias de rostos que sejam mais ou menos semelhantes aos das vítimas, gostaria que começasse a trabalhar nisso imediatamente. É meu único recurso, pois ainda estou de mãos vazias. Como sabe, dinheiro para isso não é problema.

– Ótimo, porque o método é caro. É inacreditavelmente caro.

Ficou algum tempo olhando para o ar, resmungou alguma coisa ininteligível e disse :

– Venham, vamos até lá.

Melsing e Simonsen o seguiram.

Entraram em um cômodo claro e limpo. As paredes eram cobertas com azulejos brancos e no meio do piso de mosaico havia uma leve saliência, que se inclinava em direção a uma vala nos fundos, de modo a facilitar o escoamento da água quando era lavado. Entre as janelas, estavam duas pias de aço inoxidável ; uma para mãos e outra para órgãos internos. Havia quatro macas, separadas por dois metros uma da outra, e um cadáver sobre cada uma.

Arthur Elvang estudou cuidadosamente o que restava das faces de três dos corpos, enquanto seus dois companheiros permaneciam em silêncio. Quando falou, suas palavras eram, sobretudo, dirigidas a si mesmo.

– Não há necessidade de um profissional. Temos muitas informações aqui e nenhum verme ou larva. Talvez um bom cirurgião plástico. Isso pode ser interessante... formar uma equipe e deixar que uns se utilizem dos conhecimentos dos outros. Talvez um agente funerário, um maquiador de necrotério dos Estados Unidos.

Fez uma pausa e agora sua fala era diretamente para os outros.

– Simplesmente colocamos os corpos em caixões e proibimos a abertura das tampas. Ninguém poderá vê-los.

Simonsen estava ouvindo tudo atentamente e ficou muito entusiasmado com a ideia.

– Tenho o fotógrafo ideal. Ela é um gênio com sua câmera.

Elvang gostou de ouvir isso.

– Ótimo ! Gostaria de tê-la também na equipe.

A decisão estava tomada. A pesquisa noturna de Simonsen na internet, que estava por trás da sua pergunta, tinha rendido bons frutos e ele até sentiu uma ponta de orgulho, embora não tivesse a certeza de que os resultados não seriam os mesmos sem a sua investigação no

computador. Perguntou delicadamente quanto tempo seria necessário para a reconstrução e recebeu – como esperado – uma resposta meio rude do professor sobre como isso ainda não poderia ser determinado. Pela primeira vez, finalmente, naquela terça-feira Simonsen estava bem-humorado. Com pódio ou sem.

Seu bom humor não durou mais que 10 minutos. Despediram-se e, antes que tivesse deixado o prédio, seu telefone tocou. A mensagem da Condessa foi breve e direta, em contraste com a exclamação de Simonsen, que ecoou pelos corredores do Instituto.

– Isso é mentira ! Uma mentira maldita !

Mas não era.

Alpinista avaliou a árvore que ficava na praça em Allerslev, uma pequena cidade provinciana nos arredores de Odense. Era uma faia inglesa e ele calculou que tinha por volta de 100 anos de idade. O diâmetro do tronco era de no mínimo um metro e a copa se espalhava por uma grande área, muito acima dele ; parecia um enorme sino vermelho-púrpura. Alguns galhos tinham sido podados aqui e ali, mas os outros, em geral, cresceram como quisessem.

A árvore não era proporcional à praça – era demasiadamente alta –, mas certamente já estava lá muito antes da maioria das lojas em volta daquele jardim público. Alpinista deslizou o olhar lentamente à sua volta e concluiu, satisfeito, que não havia construções residenciais na área, o que era muito importante, pois, por mais cuidadoso que conseguisse ser, algum ruído seria inevitável.

Friamente, o homem examinou com muita atenção um quiosque de cachorro-quente bem ali perto. Era uma construção malfeita, com materiais de baixa qualidade. Pedacinhos de concreto estavam espalhados pelo chão ; a porta de correr e a janela à direita eram de acrílico barato ; o balcão na janela e as outras três paredes externas eram de compensado pintado de branco. As paredes internas eram feitas de pedaços de madeira de pinho com no máximo cinco centímetros de espessura ; o isolamento térmico também não era grande coisa – uma fina camada de lã mineral, material de muito baixo custo. O telhado era liso e inclinado na direção de uma calha de plástico atrás da construção ; metade dele era de telhas escuras e a outra metade – sob a qual os clientes esperavam de pé – era coberta por painéis ondulados transparentes que deixavam à vista folhas e insetos, provando que precisavam de limpeza com a máxima urgência.

Do banco onde estava sentado, Alpinista podia ver as mãos dos funcionários enquanto trabalhavam e, de vez em quando, via também um rosto, refletido em um painel de aço inoxidável – medíocre ; pele branca, meio amarelada, como um abscesso protuberante ; olhos sem brilho ; repulsivo como um cadáver. Infelizmente, teria que matá-lo antes, ou suas chances de sobreviver seriam muito grandes. Pensou na árvore – desde o momento em que a vira, sabia que seu tamanho tornaria o trabalho mais difícil. Talvez uma complicação desnecessária, mas, por outro lado, seu valor simbólico era maravilhoso. Certamente, os frequentadores regulares do quiosque teriam uma dor de estômago, de fundo nervoso, ao verem o que acontecera. Além disso, achava uma faia tão apropriada... tão maravilhosamente apropriada...

Examinou a árvore novamente, com olhar de especialista, e a derrubou em pensamento. O vendedor de cachorros-quentes tinha outra ocupação – distribuía jornais – e, como seus dias começavam muito cedo, também ia para cama muito cedo. Isso proporcionaria uma oportunidade de ouro : podia trabalhar na árvore a noite toda. Se regulasse a motosserra na velocidade mais lenta possível, o barulho seria reduzido a um mínimo aceitável. É verdade que a velocidade lenta significava um trabalho mais demorado, mas ele tinha tempo.



Ainda como um *expert*, Alpinista planejou cuidadosamente tudo o que faria. A lâmina da motosserra era mais curta que o diâmetro da árvore, portanto teria que cortá-la em etapas – lugares e movimentos diferentes. Precisava de calços de plástico resistente para que a lâmina não ficasse agarrada. Concluiu que a última etapa seria o coração do tronco : 20 segundos com a serra numa velocidade regular e, finalmente, a árvore cairia.

Olhou pela última vez para os galhos lá em cima, depois para o quiosque de cachorro-quente. Então, sorriu e disse uma única palavra :

– Bum !

Poul Troulsen entrou no laboratório de leitura da Escola Langebæk muito animado e a Condessa aproveitou sua chegada como uma boa oportunidade para fazer um intervalo. Estava no meio da segunda leitura da fracassada sessão de interrogatório com a senhora Lubert naquela manhã. Dessa vez, a mulher tinha trazido seu advogado, um rapaz bem-intencionado, competente e, muito provavelmente, estressado, já que era, também, seu cunhado. A Condessa o conhecia bem e tinha a esperança de que, para o bem dele, as irmãs fossem muito diferentes. Ele merecia. Não que ninguém merecesse Ditte Lubert. Apesar das perguntas insistentes de Pauline Berg e da assessoria indireta do advogado, a sessão não tinha chegado a nada ; cada palavra foi analisada, definida, redefinida oito vezes pela psicóloga, até que ninguém mais se lembrava da pergunta original e era impossível obter uma resposta razoável. Depois de quase uma hora nesse lenga-lenga, Berg tinha se dado por vencida.

Troulsen perguntou :

– O que está fazendo ?

– Várias coisas ao mesmo tempo. Estou com seis grupos em diferentes cômodos da escola e dois na vizinhança. No geral, os grupos sabem o que fazer, claro ; o problema é que telefonam o tempo todo para dizer que não têm nada a dizer. Ao mesmo tempo, estou coletando informações sobre Per Clausen. Nosso chefe me liga de meia em meia hora, portanto isso também é algo que está me ocupando muito.

– Onde ele está agora ?

– Nesse exato momento, fazendo compras em uma mercearia local.

Troulsen apontou para o gravador.

– O que é isso ? Nossa amiga Lubert ?

– Sim, boa dedução. Pauline não fez nenhum progresso. Ela é uma pessoa muito difícil.

Ele deu um sorriso irônico.

– Posso ouvir um pouco ?

A Condessa pegou o gravador.

– Está tranquilo, agora que ela já não é mais problema seu, não é ?

Ligou o gravador e aumentou o volume. A voz irônica da psicóloga escolar Ditte Lubert tomou conta do ambiente.

*“Tenho certeza de que tinha trabalho para fazer.”*

*“Disse que estava de férias na semana passada. É isso mesmo ?”*

*“Um de vocês já me perguntou isso. Deveriam organizar melhor as informações.”*

*“Mas é isso mesmo ?”*

*“Se eu estava de férias, ou se disse que estava de férias ?”*

*“Se estava de férias.”*

*“Se eu disse que estava, é porque estava.”*

*“Então estava de férias.”*

*“Isso é mesmo importante ?”*

*“Não sei, Ditte.”*

A Condessa pressionou o botão de pausa e explicou, rapidamente :

– Veio com um advogado. É um homem sensato, que deu o azar de ser casado com a irmã dela.

*“O que fez nas suas férias ?”*

*“Tenho que responder isso ? A polícia realmente precisa saber o que fiz nas férias ?”*

*“Não, não é obrigada a responder nada.”*

*“Ela tem mesmo o direito de me perguntar como gasto meu tempo ?”*

*“Sim, ela tem esse direito. Mas, como eu já disse, não é obrigada a responder.”*

A Condessa adiantou a gravação.

*“... pode ajudar nas investigações se responder a pergunta.”*

A voz do advogado deixou claro que estava cansado.

*“Concordo com ele.”*

A de Pauline Berg mostrou que estava ainda mais cansada.

*“Primeiro, ela tem de definir o que chama de ‘incomum’.”*

Ditte Lubert parecia bastante relaxada.

A Condessa suspirou e desligou o gravador.

– E por aí vai, e vai... Já interroguei muitas pessoas esquisitas, mas esta ganha de todas. Consegue ser pior que o zelador.

– O que acha dela ?

– O que acho ? Acho que Ditte Lubert está querendo se divertir. Mãe solteira, uma vida sem graça, invejosa do sucesso dos colegas, rabugenta e arrogante, mas concordo com você : se deixarmos todas essas coisas ridículas de lado, tem alguma coisa que ela está escondendo. Mas não quero pensar nisso agora. Diga como vão as coisas com você. Encontrou o alegre entregador de pizza ?

Troulsen sentou ao lado dela na mesa, pronto para falar. Quando chegou mais perto, a Condessa fungou umas duas vezes.

– Está com um cheiro horrível !

– Há um motivo para isso. Estive com lixo de pizza até os tornozelos, por uma eternidade. Mas ouça. Quando a pizzaria abriu hoje de manhã, estava lá e tive uma longa conversa com a *pizza-mama* em pessoa. No começo ela não entendeu nada, e quando respondia, era oitenta por cento em italiano. Estou lhe falando, foi muito difícil, mas felizmente o filho apareceu e, depois disso, descobri que a mulher falava dinamarquês razoavelmente bem, mas estava escondendo isso, como uma espécie de mecanismo de defesa, porque percebeu que estava lidando com uma autoridade pública. O filho a acalmou, e depois de algum tempo os dois concordaram que as pizzas tinham sido encomendadas na segunda-feira, por um homem. O pedido estava escrito em um papel.

– Interessante. Então estava certo.

– Sim, suponho que sim. Na próxima vez, vamos tentar conseguir uma descrição desse homem. Hoje isso foi completamente impossível. Depois de fazer as mesmas cinco perguntas de infinitas maneiras diferentes, concluímos que o cliente tinha sido um homem entre 20 e 80

anos de idade, que provavelmente não era um anão nem estava em uma cadeira de rodas, mas que definitivamente era um homem. Naquele ponto da conversa, tive certeza de que ela sofria de alguma demência não diagnosticada. Mas pensando agora, está claro que foi uma avaliação injusta, embora naquelas circunstâncias tenha sido mais do que justificada.

– Mexeu no lixo tentando encontrar o papel do pedido ?

– Claro. Viramos três latas grandes e remexemos tudo. O filho dela ajudou, enquanto ela coordenava a busca. Parece piada ! Finalmente, encontramos, era um pequeno pedaço de papel autoadesivo azul-claro, onde a data da entrega e o número de pizzas estavam elegantemente escritos com uma letra surpreendentemente redonda. Um dom grafológico, mesmo sendo a maior parte da nota composta de números. Todos ficaram felizes, me ofereceram um café e tudo acabou bem. Até o momento em que, acidentalmente, olhei para o balcão e vi vários pedidos pendurados, escritos em... bom... tente adivinhar.

– Uma letra surpreendentemente redonda.

– Na mosca ! Foi só um azar e o filho ficou tão chateado quanto eu. Pedi desculpas pela memória fraca da mãe, mas foi demais para ela. Ficou furiosa, jogou sobre nós os piores desaforos, numa bela mistura de dinamarquês com italiano, e no meio dessa confusão perguntou aos berros por que não íamos falar diretamente com o tal homem. Ficamos lá ouvindo boquiabertos até que o filho se recompôs e pediu uma explicação : afinal, ela conhecia o homem ou não ? Disse que não, que não conhecia ninguém. Ele e o pai eram quem sempre sai e conhece pessoas, enquanto ela tem que ficar lá vendendo pizzas. Só sabe que ele é zelador na escola onde seu filho estudou.

– Mentira !

– Aparentemente, não. Sabe distinguir entre conhecer uma pessoa e saber quem uma pessoa é, o que temos de admitir que é uma coisa sensata. Alegou que foi aí que se enganou, achou que queríamos saber sobre a personalidade do homem.

A Condessa balançou a cabeça, pensativa.

– Só Deus sabe como Per Clausen vai explicar essa encomenda. Teremos uma tarde interessante. Não vai ligar imediatamente para o Simon ? A essa hora, ele já deve ter terminado lá na Medicina Legal.

– Pode fazer isso ? Preciso ir ao banheiro, e também tenho que entregar isso antes que esquite demais. Onde está o rapaz ?

Poul Troulsen orgulhosamente tirou da maleta duas latas de refrigerante.

– Impressionante. Nunca achei que saberia ler uma mensagem de texto.

– Para ser sincero, alguém me ajudou.

– Malte está programando, na sala ao lado. Quer criar um sistema de referências cruzadas para nossos relatórios. Foi ideia dele mesmo. Não o aborreça perguntando detalhes.

Malte Borup recebeu os refrigerantes, agradecido. Enquanto procurava o dinheiro, Troulsen olhou distraidamente para o trabalho, mas logo se concentrou em algo que viu ali.

– Diga-me, o que, exatamente, está fazendo ?

– Um sistema de referências cruzadas. Vai economizar muito tempo para vocês. Busca automática livre para os computadores conectados. Indutiva e assíncrona. Encontrei uma biblioteca do tipo IA *on-line*. Para começar, estou integrando hospitais e telecomunicações. Entre os hospitais, só falta o Herlev. São um osso duro de roer, mas vou tentar de novo à

noite.

O ouvinte não parecia ser do tipo que gosta de informações muito técnicas, então Borup acrescentou, prestativo :

– IA significa inteligência artificial.

Troulsen pôs a mão com força sobre o ombro do rapaz e disse, calmamente :

– Talvez devesse se expressar mais com sentenças, em vez de siglas. Estou com dificuldade para entendê-lo. Diga-me, não sabe que é ilegal invadir os sistemas de computadores alheios ?

– Caramba ! Não somos a polícia ?

O corpo volumoso de Troulsen tão perto dele fez com que ficasse nervoso, e quando o assunto mudou, se sentiu completamente confuso.

– Malte, quem é o primeiro-ministro da Dinamarca ?

Malte pensou profundamente, enquanto seus dedos arranhavam o teclado. A pergunta poderia ser respondida pelo *Google* numa fração de segundo, mas isso provavelmente seria trapaça.

– Não é alguém de Jutlândia ?

– É sempre alguém de Jutlândia. Fale mais.

O rapaz cruzou os dedos e tentou adivinhar :

– De Aarhus ?

Troulsen resolveu adiar a ida ao banheiro. A última coisa que precisava era de uma manchete de primeira página sobre um policial *hacker*. Voltou à Condessa, contou-lhe a situação e ordenou que desse ao protegido uma lição sobre ética e as leis do país. Não que o rapaz parecesse ter objeções a essas coisas, mas tudo indicava que levava a relação entre elas muito menos a sério do que deveria.

– Está certo. Vou falar com ele. Enquanto isso, deveria checar seus conhecimentos de geografia ; ou arranjar um mapa da Dinamarca.

– Que quer dizer com isso ?

– Simon quer que um de nós vá até Tarm e converse com a irmã do zelador e, se me lembro bem, fui uma das pessoas que...

Deixou a fala inacabada no ar e ele se rendeu imediatamente.

– Está bem. Posso usar seu carro ?

O telefone da Condessa tocou, então ela apenas balançou a cabeça afirmativamente. A mensagem foi rápida, mas importante, o que ela confirmou após desligar.

– Per Clausen fugiu.

– Não pode ser. É uma brincadeira.

– Nesse caso, de muito mau gosto.

De repente, ir para Tarm se tornou extremamente atraente.

Agora havia passado 16 dias depois que a enfermeira Helle Smidt Jørgensen medicara os homens na *minivan*. Seis deles foram dias muito desagradáveis e duas noites horríveis com Tio Bernhard a torturando. E estava especialmente tensa hoje. A imprensa tinha ficado muito exaltada com o assassinato em massa, e no hospital só se falava nisso. Era praticamente impossível pensar em qualquer outra coisa e embora seu intervalo para descanso na quarta-feira anterior não tivesse durado mais que 10 minutos, o tempo todo as imagens do episódio não paravam de pipocar em sua mente, tão reais como se fossem cenas de um filme indesejado. Rostos desconhecidos, cheios de medo, olhos suplicantes e mãos tremendo descontroladamente ; e o tinir das algemas quando foram travadas. O desespero dos homens no momento em que ela entrou na *van* com as injeções nas mãos, como se estivesse segurando uma tocha, e os torniquetes em volta do pescoço, como cobras venenosas. Urravam como touros e gemiam como cães, até Alpinista se aproximar com um canivete e ordenar que ficassem quietos.

*“Acalme-se ou perderá um olho, meu querido Palle... que acha disso, Frank ?... Vale para você também, Thor... o mesmo para você...”* era Peter ?

Não tinha certeza quanto aos nomes, só se lembrava perfeitamente da voz sarcástica e assustadoramente sincera do Alpinista.

– É duro não poder falar disso com ninguém. Pior do que imaginei.

A velha senhora sentada no tamborete de banho sorriu sem entender nada e Helle Smidt Jørgensen a acariciou suavemente na cabeça. Isso trouxe um breve vestígio de consciência da realidade naquele olhar perdido, mas logo ela voltou para o próprio mundo.

– Hoje é quinta-feira ? É o dia que minha filha vem me ver.

E demonstrou um prazer inegável ao sentir a água caindo sobre o corpo murcho e enrugado ; Jørgensen a ensaboou devagar. Deixou a água morna cair demoradamente.

– Estava brincando de polícia e ladrão, eu, uma mulher idosa. Então tive que tentar aquilo também.

Olhou para sua paciente e pensou que “idosa” era um conceito relativo.

– Não que eu seja assim tão velha, mas lá estava eu, com um capuz, uma arma e tudo mais. Uma pistola, ou revólver, de verdade... não sei nem mesmo se a arma estava carregada. E, ainda, o saco de algemas.

– Minha filha vem hoje. Hoje é quinta-feira ?

As toalhas ficavam em um compartimento aquecido e estavam em uma temperatura agradável. Enrolou algumas em torno da velha senhora e a enxugou gentilmente.

– Apontei a pistola para Alpinista sem dizer nada. Implorou por misericórdia, enquanto trancava os homens, e nenhum protestou antes que fosse tarde demais. Tenho certeza de que pensaram que era um assalto e que Alpinista, por ser o motorista, também era vítima. Só entenderam o que realmente estava acontecendo quando os cinco foram algemados.

A mulher estremeceu. Jørgensen devia ter alterado o tom de voz.

– Minha filha está chegando. Minha filha está chegando agora.

– Sim, sim.

Abraçou-a e afagou carinhosamente. A mulher se acalmou. Depois disso, a enfermeira deixou as toalhas caírem no chão e, com movimentos circulares, começou a passar creme sobre o corpo da velha senhora, que abriu os olhos e cantarolou bem baixinho. A sessão de creme durou mais que o estritamente necessário.

– Temos de lembrar de escovar seus dentes e assegurar que o que aconteceu na semana passada não se repita.

Com muita habilidade, pegou na dentadura superior da paciente e puxou. Depois, a inferior. Na última vez em que tinha banhado a mulher, esta tinha perdido os dentes e ficado muito aflita. Jørgensen lavou as dentaduras com sabão para as mãos enquanto a mulher enxaguava a boca.

– Minha filha vem me visitar. Hoje é quinta-feira ?

– Hoje é terça-feira. Sua filha vem no fim da semana. Ainda demora.

Fora rude sem querer. A velha senhora reagiu imediatamente.

– Ligue para minha filha. Tem que vir agora. Hoje é quinta-feira ?

– Cala a boca, sua velha senil !

A mulher começou a chorar, de forma a cortar o coração de quem visse a cena.

A enfermeira não se lembrava de ter batido em nenhum paciente antes. Nunca, nunca ; nem mesmo um tapinha leve como o que tinha acabado de dar. Precisava de alguma coisa para acalmá-la ; uma pílula, uma bebida, ou ambos. Estava passando por uma fase muito estressante.

Arne Pedersen e Pauline Berg caminhavam devagar na calçada. Os dois se davam bem e gostavam de conversar a sós quando tinham oportunidade, como nesse dia, embora estivessem muito ocupados. Berg estava mal-humorada, portanto não havia muito que conversar, mas caminhavam juntos assim mesmo. Talvez isso tivesse se tornado um hábito.

Por outro lado, o humor de Pedersen se mostrava ótimo. A reunião na Medicina Legal tinha proporcionado um avanço significativo nas investigações, ou, pelo menos, um novo rumo. Além disso, era um homem alegre, ao contrário da colega, que andava alguns centímetros à sua frente, e mais parecia uma criança repreendida. Sua experiência com mulheres lhe dizia que era melhor não falar nada e deixar o tempo cuidar do humor dela, em vez de tentar interferir. Mais cedo ou mais tarde, voltaria ao normal, era quase sempre assim ; então ficou calado e aproveitou para observar seu traseiro. Não era uma alternativa nada ruim, e Pedersen afrouxou o passo um pouco mais.

Quando chegaram à esquina onde o carro de Berg estava estacionado, encontraram uma notificação de multa no para-brisa e, ainda pior, o policial do Departamento de Trânsito se encontrava um pouco adiante, tomando nota de outra irregularidade. Pedersen decidiu analisar a lista de preços na porta de uma lavanderia, firme na decisão de não se meter no assunto – posição que teve de abandonar quando percebeu que as objeções de Berg estavam rapidamente transformando uma discussão em um verdadeiro bate-boca. Conseguiu, à força, afastá-la do policial e pegar as chaves do carro ; apressadamente, dirigiu para longe dali.

Por algum tempo, ficaram em silêncio. Ela foi a primeira a falar.

– Obrigada.

– Não há de quê. Quer dirigir ?

– Não, está bom assim.

Continuaram mais um tempo em silêncio, depois Pedersen pegou o jornal que estava entre eles. Abriu-o sobre o volante e disse :

– Ouça o que aquela jornalista Staal escreveu sobre Simon.

Berg olhou para ele com desaprovação. Ler e dirigir ao mesmo tempo não parecia uma combinação razoável.

– Gostaria que parasse o carro antes.

Deixou que ela acabasse de falar e leu :

– O investigador chefe Konrad Simonsen significou mais uma peça decorativa que uma contribuição real na entrevista coletiva. Parecia que estava amordaçado. O líder das investigações ficou lá sentado, humilde como um carneirinho...

– Pare com isso, Arne ! Estou me sentindo péssima. É como se tudo tivesse dado errado e eu fosse um fracasso total.

Ele jogou o jornal no banco traseiro, numa atitude de derrota ; depois, pôs a mão sobre a coxa de Berg.



– Não acha que está precisando de um homem ?

– Por que se comporta como um porco, se sei que não é assim ?

Pareceu perturbada. Pedersen tirou a mão e pediu desculpas. Tentou se explicar.

– Sente-se assim porque é tola, Pauline. Simon tirou a psicóloga dos seus cuidados por uma simples razão : você não estava conseguindo lidar bem com ela. Só isso. Está em um caso de homicídio, não se trata de um passeio de fim de semana com suas amigas ; e deve se lembrar de que Troulsen não estava lá. Parece que está muito preocupada consigo mesma, fazendo esse papel de humilhada, ou injustiçada, ou sei lá o quê. Seja o que for, Simon não tem tempo para chilikies infantis de subalternos. Quer dizer, isso se ele soubesse o que está acontecendo, mas não sabe, porque não lê a mente das pessoas. E não se esqueça de que, naquela situação, você estava completamente esgotada e concordou com a decisão dele sem protestar. No entanto, há 10 minutos, tentou transformar a Dinamarca numa república das bananas, procurando usar seu *status* de policial para se livrar de uma multa de estacionamento irregular. Caramba, Pauline, em que tipo de sociedade quer viver ? E agora está se debulhando em lágrimas como se tivesse 13 aninhos de idade e eu fosse seu pai, o que não sou. Enfim, estou mesmo mais atraído por seu corpo que por seu espírito.

Ela não respondeu ; ficou olhando tristemente para o trânsito, enquanto tentava se livrar do mal humor. Teve que admitir que não era o fim do mundo e, depois de alguns quilômetros, já tinha recuperado o autocontrole. Pensou em sugerir que rachassem a multa – o que seria justo –, mas, por outro lado, sabia que Pedersen estava sempre com dificuldades financeiras e decidiu não fazer isso. Sorriu amavelmente, o que exigiu certo esforço. Falou, com voz suave :

– Quer saber o que sonhei na noite passada ?

O investigador notou que Berg havia recobrado o equilíbrio, o que era bom, embora a pergunta fosse um pouco descabida. Costumava ser sincero, mas não ousou dizer que era raríssimo encontrar um homem em plena posse de suas faculdades mentais que estivesse querendo ouvir uma mulher contar seus sonhos – com exceção, claro, dos terapeutas, que afinal eram pagos para isso.

– Sim, lógico, mas daqui a pouco estaremos lá.

– Lembra-se da nossa festa no início do verão ?

Lembrava-se perfeitamente, O Departamento de Homicídios organizava festas junto com o de Narcóticos, mas infelizmente os funcionários da administração e os executivos também participavam. Nunca era muito divertido. Havia chefes demais e subalternos de menos. Da última vez, tinham alugado um espaço muito luxuoso, com o pé-direito alto. Muito alto. O arquiteto tinha agradado a si mesmo, sem se preocupar em aproveitar espaços que poderiam ser úteis, e sem levar em consideração o sistema de aquecimento. Cinco andares foram desmanchados e substituídos por janelas gigantescas de vidro grosso com uma bela vista externa. Também o teto era de vidro e permitia uma visão cada vez mais nítida do céu estrelado, na medida em que a noite ia ficando mais escura.

Infelizmente, precisou ir embora cedo, porque os gêmeos estavam doentes e tinha prometido não chegar em casa muito tarde. Sua vontade era apresentar Berg – naquela época, completamente nova no departamento – para os colegas. Essas nobres intenções tiveram que ceder lugar a deveres familiares. Algum tempo depois, apresentou-a durante uma viagem a

Skanderborg. Na verdade, duas vezes.

– Claro que me lembro.

– No meu sonho, estamos lá e estou dançando com você. Por volta de 11h30, a festa está no auge, somos um casal em meio a muitos, rodopiando para lá e para cá. Todos estão sorrindo felizes, alguns estão cansados, mas nós não. Olhando de fora, parecemos um casal como qualquer outro, mas tenho um plano, um plano que você não conhece. De repente, estamos em frente às escadas. Esse é o plano, ou, para ser mais exata, parte dele. Intencionalmente, passo a passo, nos conduzi até lá. Lembra-se da escada ?

Pedersen se lembrava. Era uma escada alta, em espiral, num canto do salão, e era conectada a uma espécie de ponte que acompanhava a parede até o outro canto. Essa ponte ficava bem perto do teto. Havia uma corrente indicando acesso proibido. Balançou a cabeça e se perguntou onde ela queria chegar com essa conversa.

– Pego sua mão e arrasto você escada acima. No começo, você se mostra resistente. Ainda assim, me segue e a cada volta que damos, ficamos mais e mais distantes dos outros. A música fica mais baixa, podemos conversar sem gritar. Estou usando minha saia vermelha de seda tailandesa... não, espere, não é isso... peguei emprestado um vestido leve e ousado, de veludo vinho que mostra um pouco demais as pernas, mas que fica muito legal quando danço. No meio da escada, tiro os sapatos. Não estou acostumada com saltos altos ; deixo-os de lado.

Ele freou bruscamente em uma faixa de cruzamento para pedestres. Berg não fez nenhum comentário. Apenas continuou :

– Quando chegamos ao topo da escada, caminhamos sobre a ponte ; sólidos blocos de vidro estão presos ao corrimão, e isso é ótimo, porque ali é muito alto. Posso ver todos lá embaixo. A música é romântica e muitos dos nossos companheiros estão acenando para nós. As pessoas estão felizes, com exceção daquela moça baixinha de cabelo vermelho que trabalha na administração. Talvez não esteja satisfeita com a comida, embora não me pareça uma pessoa muito exigente. Já a ajudou algumas vezes, lembra ? Ela não tem muita sorte. Aceno educadamente, mas não me reconhece.

Olhou de relance e viu que ele ainda estava prestando atenção.

– Paramos no final da ponte. Os grandes blocos de vidro estão presos nela, mas não nas paredes, e entre a parede mais próxima e o último bloco há espaço suficiente para cabermos, de pé, nos equilibrando apenas sobre uma barra transversal. Então solto o corrimão por um segundo e deixo meu corpo descer ; fico de pé sobre a barra. É perigoso, são dezoito metros de altura. Você também desce e põe um braço, musculoso e forte, ao redor da minha cintura, enquanto segura firmemente o corrimão com o outro. Está cuidando de mim e sou grata por isso. Estamos, só nós dois, em algum lugar entre o céu e a terra.

Tinha fechado os olhos e encostado a cabeça no apoio do banco, como se estivesse revivendo o sonho.

– Abaixo de nós, luz, música, pessoas conversando, cores ; acima, o maravilhoso céu noturno. Então você me mostra o Cinturão de Órion e explica que Vênus não é uma estrela, apenas parece ser. É tão inteligente, e tão forte... Inclino minha cabeça em direção a você, ponho o cabelo de lado, e você beija minha orelha carinhosamente ; não beija ?

A resposta foi firme e rápida.

– Sim, claro.

– Claro que beija. Bem, lá embaixo mais e mais pessoas vão percebendo que estamos aqui sobre a barra. Alguns estão apontando e outros tentando nos chamar, mas não ouvimos e, depois de algum tempo, perdem o interesse. Jogo um beijo para Troulsen, sentado no mesmo lugar em que o deixei, tomando cerveja. A seu lado está minha bolsa, que prometeu vigiar, pois seria muito embaraçoso se alguém a abrisse. Fico vermelha só de pensar no que está lá dentro ; você sabe o que é, já que tirei os sapatos na escada. Minha calcinha.

Ele confirmou que sabia, mesmo sem que ela pedisse.

– Nesse momento, esfrego meu traseiro na sua virilha. Para frente e para trás, para direita e para esquerda. Você protesta, mas ignoro. Sei que sempre que um homem diz não, está dizendo sim, e sua virilidade prova que estou certa. Gentilmente, aproximo minha mão para ajudar. Afrouxo o cinto, abro o zíper, enquanto minha outra mão alisa suas pernas. Olhando lá de baixo, tudo parece normal. Você atraiu a nova garota do departamento até um canto bem escondido ; todos perceberam isso, mas até que ponto a desviou do bom caminho não podem saber, pois meu corpo está tampando a visão deles. Abaixo suas calças, afasto um pouco minhas pernas, levanto meu vestido e me encosto em você, que geme em meu ouvido palavras doces, e outras que nem existem. Seus braços musculosos apertam com mais força meu corpo contra o seu. Mas isso é só o começo, porque agora é que vem o grande momento.

Sorriu, com malícia, sem abrir os olhos.

– Digo que vou deixar suas calças caírem e você fica num grande dilema. Está segurando o corrimão com a mão direita, a esquerda está em volta do meu corpo, e não possui outra para segurar as calças, evitando assim que caiam e acabem em volta dos tornozelos... em frente a todos os seus superiores e colegas de trabalho, que vão comentar isso o resto da vida, de modo que sua reputação, sua carreira, seu pudor, tudo vá por água abaixo. Então me solta e segura as calças. Abraço seu corpo por trás e me concentro. Estou pensando no que treinei tanto nas aulas de balé. *Flexibilidade, força, postura e controle*, essas são as quatro palavras-chave. Relaxo meu abraço e deixo meu corpo girar lentamente ao seu redor. Chama meu nome, embora estejamos muito próximos, mesmo que nem tanto quanto antes. Agora é tudo ou nada. Meu corpo gira mais e mais depressa. *Flexibilidade, força, postura, controle*. Fico cada vez mais corajosa, centímetro por centímetro, até que finalmente solto meus braços e os levanto em direção às estrelas, em uma posição de triunfo, alternando entre as pontas e as solas dos pés.

Estava falando mais alto.

– *Flexibilidade*, na ponta dos pés, *força*, para baixo de novo, *postura*, para cima, *controle*, para baixo.

De repente, abriu os olhos e a voz saiu diferente.

– Oh, chegamos !

Estavam no estacionamento em frente à Escola Langebæk, onde já tinham chegado há algum tempo.

Pegou a bolsa no chão do carro. Pedersen protestou.

– Não, espere ! O que aconteceu depois ?

– Aconteceu ? Aconteceu onde ?

– Ora, no seu sonho, claro.

– Ah, isso ? Não me lembro exatamente. Acho que virei um anjo e saí voando.  
– Um anjo ?  
– Sim, um anjo. Quando era criança, meu pai costumava me chamar de anjo, e se fazia alguma coisa errada, era um anjo de asas sujas... isso não é poético ? Posso também ter acordado.

Abriu a fivela do cinto de segurança.

– Não fique triste, querido Arne, sonhos não duram para sempre.

Sem enrubescer, pôs as mãos entre as pernas dele e disse :

– Acho que está precisando da sua esposa.

Os dois homens em frente à Condessa pareciam o que na realidade eram : dois patetas envergonhados cujas carreiras estavam por um triz. A favor deles, no entanto, é preciso dizer que não tentaram se passar por mais espertos do que eram, que narraram os fatos a respeito do desaparecimento de Per Clausen com muita precisão e sem preparo anterior, e que não apresentaram desculpas absurdas. Foi um comportamento sensato, pois se tentassem qualquer uma dessas coisas, a Condessa teria acabado com eles. Ela examinou-os da cabeça ao dedinho do pé, como se precisasse dar uma nota para o seu comportamento. Ambos se curvaram sob aquele olhar ameaçador, mas permaneceram em silêncio. Então, deixou que a misericórdia falasse mais alto.

– Se forem rápidos, conseguirão escapar antes que um homem muito grande e furioso chegue ; uma pessoa que não querem encontrar de jeito nenhum.

Para sua surpresa, nem se mexeram. Por alguns segundos, esperou uma pergunta, mas esta nunca veio. Então apontou o dedo indicador para frente e falou :

– Estou vendo em minha bola de cristal dois colegas desesperados porque não se puseram a salvo a tempo.

Isso ajudou.

Simonsen não compartilhava das tendências misericordiosas da Condessa e seu entusiasmo foi bem limitado quando teve de se acomodar para ouvir a história, de segunda mão. Entretanto, na falta de alternativa melhor, sentou-se em uma cadeira, pronto para ouvir.

A Condessa olhou as anotações que tinha feito e relatou as notícias nada agradáveis.

– Por volta de meio-dia, Per Clausen estava fazendo compras em um supermercado local ; encheu seu carrinho com itens do dia a dia e vinho. Após pagar, pôs tudo no carrinho de novo e caminhou em direção à rua principal de Bagsværd. Em outra loja, comprou quatro sanduíches e duas cervejas, que também pôs no carrinho, e num quiosque comprou um maço de cigarros. Em cada lugar que ia, tampava o carrinho com sua capa de chuva para que as outras pessoas não vissem suas compras. A próxima parada foi a loja de ferragens, ainda na rua principal, no número 266 A. A loja fica no andar térreo de um prédio residencial com três andares e oito entradas. A esse ponto, estava sendo vigiado por cinco oficiais a pé e mais alguns dentro de um carro.

Arne Pedersen e Pauline Berg entraram na sala e Simonsen lhes lançou um olhar de reprovação. Convenientemente, baixaram os olhos ; era claro que o chefe estava de péssimo humor e que era melhor não dizerem nada. A Condessa fez um breve resumo do que já tinha contado e continuou.

– Observou algumas prateleiras no fundo da loja e, de repente, entrou em um cômodo ainda mais no fundo e bateu a porta, não sem antes entupir a fechadura com pedaços de um palito de fósforo. A loja tem uma saída que dá para um estacionamento atrás do prédio, mas

que também dá acesso, por meio de uma escada, a um depósito no porão. Antes de descer, Clausen fechou a porta e usou um calço para travá-la. O depósito tem uma saída de emergência que dá para o corredor do porão. Ele caminhou até o fim desse corredor, onde há outro cômodo, usado para guardar bicicletas. E foi ali que tinha colocado um carrinho de criança e uma muda de roupa, uma espécie de traje mulçumano preto que cobre todo o corpo, muito fácil de ser jogado sobre suas roupas de uso diário.

– Merda ! – Simon disse e deu um suspiro.

– Simples, mas eficaz. Com um carrinho de bebê e roupas bastante diferentes, deu a volta no prédio e passou bem no nariz daqueles que o vigiavam. Muitos se lembram bem de tê-lo visto. Depois, subiu calmamente a rua principal e virou na direção da estação de Bagsværd. Ainda com o carrinho, pegou o trem das 12 :39 para Copenhague, mas desceu na estação de Buddinge. Deixou o traje preto e o carrinho dentro de um elevador e foi de táxi até o *shopping*. A partir dali, não sabemos o que aconteceu.

Simonsen deu um tapa na parede :

– Não podia tê-lo liberado ontem ; seu comportamento estava tão estranho que deixá-lo ir embora foi uma irresponsabilidade. E mais irresponsável ainda foi deixá-lo a cargo de um bando de patetas incompetentes.

A Condessa, que ainda temia o pior, observava apreensiva.

Pedersen tentou ajudar.

– Podemos conseguir um mandado de busca e apreensão na casa dele.

O chefe agarrou-se a essa ideia com uma centelha de esperança na voz.

– É verdade. As pizzas e o desaparecimento bastam como justificativa. Cuide disso, Arne. Vá logo !

Mas as palavras da Condessa apagaram toda e qualquer luz.

– Infelizmente, a casa está em chamas. Um caminhão do Corpo de Bombeiros encontra-se lá agora, mas não está conseguindo dominar o fogo. Podem ver da janela, se quiserem.

Ninguém quis. O ambiente estava pesado, sombrio ; Simonsen permanecia calado e parecia transtornado. Novamente, foi Pedersen quem tentou reanimar os outros.

– Pelo menos, podemos divulgar uma ordem de alerta contra ele por suspeita de incêndio culposos.

Berg seguiu seu raciocínio, tentando parecer otimista.

– Com o tipo de cobertura da imprensa que temos recebido, tenho certeza de que conseguiremos pôr sua foto nos jornais.

Pedersen concordou :

– É verdade. Não terá muitas chances, se mantivermos vigilância no aeroporto e nas maiores estações, pois acho que podemos presumir que não voltará mais para casa.

A Condessa ergueu as mãos abertas, bem alto.

– Esperem ! Infelizmente, tem mais uma coisa.

Ficaram todos em silêncio e deixaram que a portadora das más notícias falasse.

– Per Clausen deixou uma mensagem para nós dentro do carrinho de bebê. Ou melhor, para você, Simon.

O envelope era do tipo daqueles que acompanham buquês de flores, e na frente estava escrito apenas “Konrad”. Dentro havia um cartão branco, sem enfeites decorativos. Simonsen

leu em voz alta :

– “Às criancinhas que choram, deem luz e cantigas alegres.” O que significa isso ?

– Não é certeza, mas tenho um mau pressentimento sobre isso.

– E qual é ?

– É parte de uma oração escrita pelo pastor Grundtvig, uma das pessoas mais influentes na história do nosso país. A oração se chama “Suspiros do anoitecer, lágrimas da noite”.

Simonsen pressionou o cartão sobre a mesa como se fosse uma carta de baralho de baixo valor que teve de descartar ante outra mais poderosa e, dessa forma, anunciou o sinal de alarme da Condessa, antes mesmo que ela falasse.

– É uma oração fúnebre. Creio que nunca mais veremos Per Clausen outra vez.

Per Clausen se escondeu debaixo das almofadas, olhou para o teto, sorriu tristemente e deixou o corpo relaxar. Tinha sido um dia muito agradável. Primeiro, tivera de fazer algumas tarefas inesperadas. Não conseguia entender por que Konrad Simonsen levava uma mulher jovem para o interrogatório na véspera, em vez de um colega mais maduro, e queria pagar na mesma moeda. Tinha comprado uma câmara e conseguido, sem muita dificuldade, fotografar o que queria. Em uma biblioteca, imprimira as fotos e enviara, junto com algumas instruções, para o Alpinista. Depois, dedicara o resto do dia para si mesmo.

Pela última vez, visitou o lugar onde passara a infância. Muita coisa estava diferente, mas para quem realmente podia ver, a rua era a mesma de 50 anos antes. O asfalto ainda era liso e plano e o revestimento apenas um pouquinho mais fino que em qualquer outro lugar do mundo, o que explicava por que sempre tinha sido o lugar preferido para qualquer encontro, fosse para um jogo de bolinhas de gude ou para planejar e executar travessuras. Crianças de todas as idades vinham de perto e de longe, e nas claras noites de verão a rua ficava cheia de vida. Um bando de crianças falando e gritando, ganhando e perdendo, rindo e chorando, enquanto discutiam regras ou formavam parcerias temporárias. Os garotos usavam bermudas e meias – xadrez ou listradas – até os joelhos, cabelos bem curtos ; as orelhas estavam sempre sujas e o nariz, eternamente escorrendo. As garotas vestiam saias xadrez escocês com um elástico na cintura que permitia puxá-las para baixo e deixar as calcinhas à mostra.

Clausen se agachou e, pela última vez, passou os dedos sobre aquele chão, como se o estivesse limpando. Ficou alguns minutos tentando ver um gato ; apenas um gatinho vagando por ali, que o ajudasse a reviver o passado. Mas não havia nenhum. Antes, os prédios de apartamentos eram lotados de gatos. Durante o dia ficavam sentados sobre as latas de lixo ou deitados nos degraus tomando sol e esperando pacientemente a Mamãe Gata, que sempre vinha, três vezes por semana, trazendo carinhos e pedaços de peixe. À noite, quebravam o silêncio com uivos de acasalamento ou brigas por território. Quando o homem da carrocinha aparecia, as brincadeiras das crianças eram interrompidas e cada uma sabia o que tinha de fazer. As meninas formavam pequenos grupos e afugentavam os gatos ; os meninos os assustavam com estilingues e coisas desse tipo. Alguns dos mais novos corriam de apartamento em apartamento pedindo ajuda ; os outros tiravam o celuloide do guidom das bicicletas e, com a ajuda de lupas, acendiam fogos fedorentos debaixo do carro do apanhador de animais, que sempre ia embora sem conseguir fazer seu trabalho ; furioso e praguejando, mas sem ao menos um gato na parte traseira do veículo.

A última janela no segundo andar do prédio amarelo era a de sua mãe, que dali gritava “Adeus !”, quando ele ia para a escola de manhã e o chamava à noite, quando era hora de dormir. Na época, costumava se sentar na janela. O vidro estava trincado e só sua mãe sabia por quê. A parte superior da fachada tinha apresentado rachaduras devido às condições climáticas e isso representava um perigo. Para solucionar o problema, fora erguido um



andaime e um grande e alegre pedreiro fora chamado. Cantava lindamente enquanto trabalhava, e as donas de casa o recompensavam com café – algumas, até com cerveja – servido diretamente da janela. Um dia, cantando e aplicando argamassa, o homem viu a mãe de Clausen na janela e fez um comentário atrevido sobre como a mulher mais bonita do prédio merecia uma quantidade extra de argamassa. Enquanto isso, a massa escorregou da parede e caiu sobre a vidraça. Ela o xingou pela bobagem que fez, mas, secretamente, e pelo resto da vida, ficava excitada toda vez que se lembrava daquilo.

Ficou ali por um longo tempo – a mente sintonizada no passado, o olhar fixo na janela da mãe – antes de ir embora.

Agora era o fim da viagem.

Tirou o cinto e amarrou apertado em volta do braço esquerdo, de forma que as veias ficassem altas. Tirou a seringa do bolso interno do paletó e encheu com o conteúdo de duas ampolas. Não havia muita luz, e estava grato por isso. Então, segurou a agulha entre o dedo polegar e o indicador e, calmamente, pressionou o êmbolo, afrouxou o cinto e fechou os olhos.

Percebeu, com um pouco de irritação, que alguém tinha entrado ; ficou surpreso por poder, dali onde estava, debaixo das almofadas, ver a porta. Depois ouviu a voz dela e esqueceu de todo o resto. Estava usando a adorável saia plissada branca que ele tinha comprado quando ela completara 6 anos de idade e que adorava. Estava parada na frente dele, feliz, reluzente, cheia de saúde. Clausen sentiu as lágrimas correrem sobre seu rosto, abriu os braços e correu para abraçá-la. Havia muitos anos não a via e agora ela estava em seus braços novamente. Sua adorável garotinha.

A vida de Alma Clausen foi pesquisada antes da visita à sua casa. Viúva de um fazendeiro, 50 e poucos anos de idade, era considerada uma mulher piedosa. Para Poul Troulsen, todas essas informações fediam a estábulo, molhos grossos, pobreza de espírito, e muito espaço para desenvolvimento intelectual. No entanto, na realidade, as coisas eram diferentes.

Inicialmente, suas expectativas foram correspondidas, no sentido em que Alma Clausen era uma pessoa amável, modesta, de estatura baixa e modo de vestir que ele só conseguiu definir como “sem graça”. Sua casa era simples e difícil de descrever. Papel de parede florido, sinos pendurados em fitas bordadas, prateleiras com enfeites de porcelana da Áustria. Mediocridade total. Só mais tarde, em uma parte embaraçosa da conversa, Troulsen percebeu que a mulher era incrivelmente esperta. Isso aconteceu quando, devagar e em voz alta, perguntou sobre sua vida.

– Achei que tinha recebido o relatório a meu respeito. Não teve oportunidade de ler ?

*Não teve oportunidade de ler* era a forma bem-educada de falar ; *não se preocupou em ler* seria mais apropriado.

– O que a leva a pensar que temos um relatório a seu respeito ?

A resposta veio sem sarcasmo :

– Entre outras coisas, o fato de ter passado uma hora no telefone ontem à noite conversando com o detetive Ringkøbing, que foi encarregado de escrevê-lo.

– Estou tentando obter as informações diretamente da senhora.

Ele próprio percebeu que sua explicação não era nada convincente. A mulher olhou para a pasta dele, depois o olhou nos olhos. O investigador sentiu-se como uma criança mentindo ao dizer que tinha feito o dever de casa.

– Mas o que tem aí *veio* direto de mim. Agora vou buscar alguma coisa para comermos. Pode tomar uma xícara de café enquanto lê.

E assim foi.

Alma Clausen graduara-se em Física Teórica em 1972, pela Universidade de Copenhague. Fora aceita pelo Instituto Niels Bohr, na mesma cidade. Defendeu a tese de doutorado em 1977. No mesmo ano, desistiu da carreira acadêmica e foi viver uma vida de esposa de fazendeiro em Ådum. Ela e o marido celebraram as bodas de prata. Quando ele morreu, vendeu a fazenda e foi morar em Tarm. Lá, atualizou-se sobre as pesquisas em sua disciplina e se tornou orientadora *on-line* nas universidades de Copenhague, Berlim e Estocolmo. Não teve filhos.

Ela o chamou da cozinha, quase no exato momento em que tinha terminado a leitura.

– Venha me ajudar com a salada e vou lhe contar sobre o meu trabalho.

– Não sei se vou conseguir acompanhar.

– Bobagem. Todo mundo entende até certo ponto. Ninguém entende completamente. Por

isso a Física é tão interessante.

Estava certa. Era realmente muito interessante. Troulsen ouviu, fascinado, enquanto picava alguns legumes.

Eram quase 4 horas quando chegou ao ponto central da sua visita : a personalidade de Per Clausen. Naquela hora, já tinha desligado o gravador, que parecia estar irritando Alma. Por sua vez, ela fez o que pôde para responder a todas as perguntas, como se um favor compensasse o outro.

– Conhecia bem seu irmão ?

– É difícil dizer. Não nos vemos muito e, quando isso acontece, quase sempre sou eu que o procuro, quer dizer, exceto pela semana passada. Às vezes nos correspondemos por *e-mail*, às vezes falamos pelo telefone ; normalmente sobre problemas matemáticos.

– Você o ajuda na Matemática ?

– Infelizmente, não. É sempre o contrário. Ele me ajuda. Per é o gênio da família.

– E quando se comunicam, é sempre sobre ciências ?

– Posso dizer que sim. Matemática, principalmente Estatística, mas também discutimos outros assuntos, como religião, por exemplo.

– Religião ? Seu irmão é religioso ?

– Não, nada disso. Eu sou, ele não.

– E relacionamentos ? Conversam sobre isso ?

Ela não respondeu imediatamente ; ficou pensando. Então falou :

– Foi só de uns poucos anos para cá que Per começou a mostrar interesse por espiritualidade, e isso deve ser entendido bem amplamente. Não é cristianismo, quer dizer, mais especificamente, está interessado em questões de fé, moral, ódio, amor, compaixão e julgamento... esse tipo de coisa.

– Isso me parece muito filosófico. Não, não é essa a palavra. Teórico... é o que quero dizer.

– Não diria isso. Per é sempre muito prático. Quer um exemplo ?

– Sim, por favor.

– Na quinta-feira passada, falamos sobre demonização, moralidade pública e humanidade. Per tomou como ponto de partida o grande número de refugiados alemães que a Dinamarca foi obrigada a receber no final da guerra, em 1945 ; principalmente as pessoas que estavam fugindo do Exército Vermelho russo. Depois da liberação, as autoridades se recusaram a oferecer assistência médica para essas pessoas, e nem era porque havia escassez desse tipo de assistência, ou porque ela não era necessária, mas simplesmente porque eram alemães. Tudo isso resultou em muitas mortes, principalmente de crianças que poderiam ter sido salvas.

Ela recitou :

– *Se martelar na consciência nacional a ideia de que existe um “nós” e um “eles”, a maioria da população aceitará tudo passivamente. Principalmente nestes tempos em que não se pode achar um denominador moral absoluto.*

– São palavras do seu irmão ?

– Pelo que me lembro, sim ; acho que é assim mesmo. Com certeza, discordo dele ; tenho de discordar.

– Parece meio fascista.

– Per não é nada fascista. Não acredito que tenha qualquer orientação social ou política, seja qual for, mas se tiver alguma, é, sem dúvida, um completo desprezo por comodidades, riquezas, apegos, convenções sociais e pudores.

– Achamos que é um tanto provocador, se é que esta é a palavra certa. O que pensa disso ?

– É verdade. Per realmente gosta de irritar as pessoas, mas raramente o faz por maldade ; se demonstra ser mais esperto que você, é só para provar que é capaz disso.

– O que ganha em troco ?

– Nada, além de um sorriso malicioso.

Sorriu para si mesma.

– Humm, interessante. Voltando ao assunto dos relacionamentos... conversam sobre isso ?

– Não exatamente.

– Como assim ?

– Quando acontece, sempre concordamos.

– Acho que não entendi. Pode explicar melhor ?

Ela pensou um pouco, antes de responder.

– Como deve saber, houve uma época em que Per bebia muito. Era alcoólatra, não tenho dúvidas. Nunca falamos sobre isso, mas uns dois anos depois, quando começou a ter mais controle sobre o consumo abusivo de álcool, algumas vezes comentamos sobre a vida mais saudável que estava passando a levar.

– Vida mais saudável seria então uma espécie de código.

– Pode chamar assim, mas “pequenos comentários indiretos” define melhor o que quero dizer. Claro que é uma forma boba de se comunicar, pois a gente nunca sabe se as pessoas estão usando a mesma palavra com o mesmo sentido, mas foi assim que aconteceu. E, com certeza, não é com muita frequência que tocamos em assuntos pessoais.

– Quer dizer que não são muito próximos ?

– Acho que ninguém é muito próximo dele. Não sou uma exceção.

– Disse que costumava beber muito. Começou quando sua sobrinha se afogou ?

– Foi. Ficou impetuoso e autodestrutivo ; acho que estava querendo se punir.

– Ele sentia culpa pela morte da filha ?

– Claro, e ainda por cima, estava desesperadamente infeliz.

– Como era o relacionamento deles ?

– Não sei, mas ele a amava muito. Helene era uma criança encantadora.

– Fale sobre ela. Como era ?

– Frágil. Frágil e talentosa. Herdou a inteligência do pai, mas não tinha o mesmo vigor dele. Era muito bonita também. Provavelmente, uma herança da mãe, uma coisa que não existe no nosso lado da família.

Troulsen fez outras perguntas sobre a garota. Durante todo o caminho de Nyborg a Odense, Simonsen e ele tinham discutido a entrevista por telefone e o destino de Helene Clausen fora um dos assuntos que deveriam ser esclarecidos. Mas a tia da menina não trouxe muitas informações importantes ; além do fato de que ela tinha temperamento nervoso, nada de interessante foi revelado.

– Sabe detalhes das circunstâncias que a levaram à morte ?

– Na verdade, não. Ela se afogou, mas isso você já sabe. Era uma noite de verão em 1994, na praia de Bellevue ; estava com amigos da escola. É só o que sei.

– Diz que ele se sentiu culpado. Por quê ?

– Não é fácil explicar. Talvez tenha sentido que não havia cuidado dela como deveria.

– Acha que não cuidou mesmo ?

Dessa vez, ela demorou tanto para responder, que ele achou que não ia ouvir resposta nenhuma. Quando, finalmente, Alma Clausen falou alguma coisa, o que disse não foi proporcional ao tempo que ficou pensando.

– Não sei.

Ele sondou, cautelosamente :

– Gostaria de dizer o que pensa ?

Novamente, uma pausa, tão longa quanto a anterior.

– Penso que Per veio na semana passada para se despedir. Penso que meu irmão pretende se matar. Acredito que Helene estava muito perturbada mentalmente quando voltou da Suécia. E acredito também que ele está envolvido naquele crime horrível que aconteceu na escola onde trabalhava.

Em sua cadeira, Troulsen se sentiu tomado de espanto.

– Isso foi forte.

– Sim, eu sei, mas não vai adiantar me perguntar mais nada. Não tenho nada de concreto para você e o que acabei de dizer é baseado em sentimentos vagos ; posso estar completamente errada.

Mais uma vez, estava certa. Ele continuou a sondar e perguntar por quase duas horas mais, antes de desistir, quando então ela – apesar dos protestos hesitantes de Troulsen – o conduziu ao quarto de hóspedes.

Konrad Simonsen e Kasper Planck estavam jogando xadrez.

De tempos em tempos, discutiam o caso ; outras vezes, os comentários de um ou de outro apenas ficavam suspensos no ar, sem resposta. Uma das vantagens do jogo de xadrez é que, durante uma partida não é necessário ficar preso a convenções sociais. Como adversários, os dois homens formavam uma combinação muito boa ; talvez porque seus pontos fortes fossem diferentes.

Os pontos fortes de Planck eram a tática e as associações, enquanto Simonsen era melhor em teoria e estratégias, e, embora estivesse exausto depois do dia demasiadamente longo que tivera – como de costume –, foi quem começou jogando melhor. Naquela noite, especialmente, gostaria de ter cancelado o jogo, mas sempre que estava com seu ex-chefe era este que exercia o controle. Tentou sugerir que apenas discutissem o caso, mas suas insinuações foram sumariamente ignoradas e o velho senhor foi buscar o tabuleiro e as peças e, claro, o conhaque. A tradição seria cumprida ; que se danasse o assassinato em massa.

Simonsen se concentrou em seu adversário. Planck era um senhor idoso imponente, com um corpo esbelto e forte, e cabelos grisalhos, que se espalhavam em cachos ao redor do rosto bronzeado. Os olhos verde-claros miravam o tabuleiro atentamente.

Como chefe, tinha sido severo, um líder da velha guarda. Ao mesmo tempo, era respeitado e – nos últimos anos – quase adorado. Mas não foram suas habilidades de liderança nem seu grande sucesso na resolução de casos complicados que o fizeram se transformar em uma lenda viva. Esse *status* se devia, principalmente, à sua habilidade no relacionamento com a imprensa, que, por sua vez, retribuía transformando-o em uma espécie de ícone. Seu método revolucionário consistia em tratar jornalistas como se fossem pessoas comuns. Uma arte que ele não fora, necessariamente, capaz de transmitir ao sucessor.

Planck moveu um peão no centro do tabuleiro, sem muita reflexão.

– Qual foi a verdadeira razão que o levou a me envolver nesse assassinato em massa, Simon ?

– Já ajudou em outros casos depois que se aposentou. Não há novidade nenhuma nisso.

– Conversa fiada. Nunca pediu auxílio assim, no começo de uma investigação. Oficialmente, então, nem uma única vez.

– Elvang achou que seria uma boa ideia.

– Nem uma coisa nem outra. Fale a verdade.

Uma resposta mais honesta seria que Planck tinha exatamente os atributos de que Simonsen precisava urgentemente nesse caso, tão diferente de todos os outros. Repetidas vezes, seu antecessor tinha demonstrado uma intuição inacreditável durante uma investigação. Conseguia coletar e interpretar informações, muito pequenas e simples, de uma forma diferente e, frequentemente, mais precisa que os outros ; se sexto sentido existe realmente, sem dúvida ele tinha. Mas, no fundo mesmo, essa habilidade era provavelmente fruto do fato de que a sua

mente sempre deixava em aberto uma ou mais possibilidades paralelas, ao contrário do método sistemático que caracterizava o trabalho tradicional da polícia.

Movimentaram mais alguns peões, e então Simonsen falou :

– Quando tiraram os corpos do ginásio esportivo, foi como voltar lá atrás, nos primeiros meses após sua aposentadoria, e ...

Fez uma pausa, e essa pausa foi ficando longa demais. Planck comentou, irônico :

– Não se apresse, a noite é uma criança.

– Gostaria de ter alguma convicção, algo esclarecedor, se me entende. Por exemplo, a certeza de que vou encontrar os criminosos, não importa como. Mas, na maior parte do tempo, tenho me sentido só, e hoje as coisas descambaram... para não dizer o pior.

– Sei.

Simonsen pensou que há muito tempo não trabalhavam juntos. Agora se lembrava, de novo – seu antigo chefe nunca tinha sido especialmente caloroso. Nem ele próprio, em situações como essa. Mesmo assim, precisava muito de um suporte. Perguntou, com a voz um pouco trêmula :

– O que falei foi ridículo ?

– Sim, extremamente ridículo.

– Caramba, homem ! Quem nesse mundo constrói um pódio para executar cinco pessoas ? Em uma escola, ainda por cima ?

Planck balançou a cabeça lentamente.

– É o que vamos descobrir.

O uso do plural aqueceu o coração de Simonsen. Era o que estava ansioso para conseguir. Tomou um gole de conhaque, o que também o aqueceu. Depois, concentrou-se no jogo novamente.

No meio da partida, quando estavam praticamente empatados, Planck falou, em um tom casual :

– Conheci alguém interessante hoje. Uma mulher.

– Que bom. Quem é ?

– Acho que vai gostar mais de saber o que ela é...

– E o que ela é ?

– Uma repórter do *Dagbeladet* ; ficou aqui umas três horas hoje à tarde. Se tivermos sorte, você e eu provavelmente estaremos na primeira página amanhã.

Simonsen deixou cair a peça que tinha acabado de ganhar e teve de se levantar para pegá-la. Isso abafou sua reação imediata, mas não foi possível controlar a irritação.

– Gostaria que falasse comigo antes de conversar com a imprensa.

– Nem sonharia em fazer isso.

– Eu sei, mas deveria. Diga, quem é ela e por que é interessante ?

– Anita Dahlgren, estagiária de jornalismo, sob a supervisão de... vamos lá, adivinhe.

– Oh, não ! Não vai dizer o que estou pensando.

– Talvez sirva de consolo saber que ela gosta tão pouco de Anni Staal quanto você. Talvez até menos.

– Impossível. Mas o que ela queria ?

– A chefe sabe que você me chamou. Quer fazer uma matéria sobre isso.

Simonsen suspirou. Não era difícil imaginar que ponto de vista esse artigo ia privilegiar, mas até aí tudo bem. O pior era que o seu departamento, sabia bem, estava vulnerável. Falou, com amargura :

– Definitivamente, essa Staal tem informantes.

– É, e está sempre tentando arrumar outros.

– Como assim ?

– Anita disse que ela estava preparando uma proposta para aquele jovem, Pedersen, sobre um bônus em dinheiro, isento de impostos, em troca de um furo de reportagem de vez em quando.

– Está falando de Arne Pedersen ?

– Sim. Arne Pedersen. Dizem que está sempre precisando de uma renda extra.

Simonsen balançou a cabeça.

– Não vai conseguir nada com ele.

– Talvez sim, talvez não.

– Está enganado. Arne não é desse tipo. Sobre o que mais conversaram, você e a moça ?

– Tudo que puder imaginar. Ela gostou de vir aqui.

– Por que acha isso ?

– Ficou óbvio.

Simonsen não pareceu convencido. Planck fez uma longa e dramática pausa antes de continuar.

– E porque ela me disse isso. Na verdade, vai voltar para me ver dentro de alguns dias.

Abriu um sorriso largo ; seu adversário resmungou.

– Guarde isso para você, seu velho patife vaidoso.

O jogo estava no final. Simonsen estava perdendo por pouco. Mas foi melhorando sua posição, reduziu sua desvantagem, recuperou a liderança e recusou a sugestão de uma nova partida depois que aquela terminasse.

Por algum tempo, Planck deixou o xadrez de lado.

– Tenho lido, visto figuras, falado com Arthur Elvang, e estou começando a ter certeza de uma coisa. As pessoas que estão por trás dessas execuções são *cães à caça de divulgação*, como eram chamadas no meu tempo. Hoje chamam de *compulsivos por autoexposição*, mas é tudo a mesma coisa : querem ser notícia. É quente e frio ; razão e emoção.

– Então, sua aprendiz de repórter é uma agente, mestre Holmes ?

– Foi ela que me procurou, e não o contrário. Assim, na melhor das hipóteses, só estou tirando vantagem de um pouco de boa sorte, e você deveria fazer isso também.

– O que quer dizer ?

– Talvez pudéssemos convencer Pedersen a não levar seus princípios tão a sério.

Simonsen respondeu, um pouco indeciso :

– A princípio, parece uma péssima ideia.

– Discordo.

Não era má ideia.

– Vou pensar melhor. Ia dizer alguma coisa ?

– Disse que querem ser notícia. E não está percebendo o óbvio, Simon.



Planck ficou em silêncio e Simonsen pensou sobre o que tinha ouvido. Detestava a mania de Planck de fazer mistério.

– Posso ajudar você, falando do que a notícia pode ser feita ?

Simon escondeu sua irritação.

– De palavras.

– E palavras são importantes. Não há uma palavra na qual tropeçou ? Porque deveria haver. Foi usada na coletiva à imprensa hoje e ninguém reagiu a ela. Duas vezes até, e a *media* está usando-a frequentemente. Acho que é exatamente o que nossos homens horrendos querem, portanto essa palavra é uma chave. Esqueça as identidades, o transporte, a plataforma ; vai descobrir tudo isso mais cedo ou mais tarde. Pense sobre essa palavra. Eu a usei muitas vezes esta noite, e não ouvi nenhuma objeção da sua parte. E foi há pouco tempo.

Os olhos de Planck estavam brilhando. Simonsen sentia-se confuso ; não sabia o que dizer e não conseguia pensar em nada. Seu adversário atacou como uma cobra : um movimento, e o jogo estava perdido. Conformou-se com seu destino e desistiu.

– Diabos, fale qual é a palavra.

– Descubra você mesmo. Vocês, jovens, acham que podem conseguir as coisas de graça nesse mundo. Quer jogar de novo ?

– Não, obrigado. Disse que é uma palavra ; está falando de “execução” ?

– Bom trabalho, Simon ! Um pouco lento, mas bom. Embora tenha lhe custado um jogo de xadrez.

A oficina de carpintaria da escola Langebæk definitivamente não era um lugar romântico, e Pauline Berg examinou com olhar crítico as filas de mesas e bancos. Bem lá no fundo do cômodo, havia uma serra de fita. Balançou a cabeça, com determinação, e afastou Pedersen com as mãos, mas isso só serviu como uma pausa. Logo os dedos dele estavam passeando, teimosos, sobre ela. Pelo jeito, dava para ver que aquela história contada no carro estava pairando dentro da cabeça dele. “Ajoelhou, agora tinha que rezar”, foi o que Berg pensou, antes de desistir de impedi-lo.

– Pelo menos, vamos até aquela sala de aula cheia de almofadas lá em cima.

A sugestão foi aceita.

Andaram pelo pátio de mãos dadas. Lá fora, o vento estava uivando no entardecer de fim de outono ; tiveram até que falar mais alto para ouvirem um ao outro. Pedersen perguntou :

– Como estava a casa ?

Pauline Berg balançou a cabeça, irritada. “Que pergunta é essa agora ? Não podia ter escolhido um assunto mais romântico, mais adequado para a situação ?” Pensou na casa. A cena do fogo tinha sido deprimente. Só sobraram as paredes externas. O telhado tinha desmoronado e as vigas, negras, estavam lá, jogadas, parecendo um jogo pega-varetas tridimensional. Um cheiro fétido de fuligem e muita fumaça pairavam como uma nuvem grande sobre o lugar, e ela tinha tossido muito. Respondeu, meio mal-humorada :

– Horrível, não suportei ficar lá. Ainda estavam acabando de apagar o fogo ; vi algumas paredes desmoronando, com um estrondo que parecia um tiro de pistola. Foi muito desagradável.

– O que os peritos em incêndios disseram ?

– Que foi incêndio culposos e que não havia ninguém dentro da casa. Falaram que ele jogou gasolina em todos os cômodos, pôs uma lata em cima de uma trempe do fogão e acendeu o fogo. Acha que vamos encontrá-lo ?

– Não sei. Em todo caso, temos muita gente trabalhando nisso. Falei com a Condessa. Está no QG, coordenando a investigação, e, até amanhã, Clausen é prioridade máxima para todas as viaturas. Até o cemitério onde sua filha está enterrada está sendo vigiado, assim como a praia onde ela se afogou. Também avisamos a imprensa, divulgamos fotos e tudo mais ; mas como já disse, realmente não sei.

– Onde está Simon ?

– Com Kasper Planck.

– Ele ligou ?

– Sim, falei com ele antes de você chegar.

– Contou alguma coisa interessante ?

Pedersen fez uma pausa. A conversa tinha girado em torno de Anni Staal, do *Folkets Formiddag*, e tinha sido complicada. Também envolvia assuntos pessoais de Simonsen, mas

ele foi diplomaticamente evasivo.

Essa resposta foi, de alguma forma, enigmática.

– Mandou lembranças de Kasper Planck. Diga, ficou três horas na casa ?

– Não. Felizmente, só quinze minutos. Mas acho que temos uma testemunha. Dois garotinhos estavam nos arredores da escola na quarta-feira. Estavam juntando aquelas tampinhas de metal das latas de cerveja e refrigerante ; não sei como se chamam. Um dos garotos está no jardim de infância da escola. Infelizmente, parece que tem um problema mental, então não conseguimos nenhuma informação com ele. Mas o amigo, que também é primo, é bem normal. Tem cinco anos e mora em Roskilde. Vou falar com ele hoje à noite.

– Parece mais promissor que o meu dia. Simon está me mandando para a Suécia.

– A filha de Per Clausen ?

– Sim, e concordo que é razoável dar mais atenção a isso, mas não entendo por que não posso resolver tudo por telefone. Este é um dos pontos fracos de Simon ; ele nos manda viajar, quando não é estritamente necessário. Se quer saber, é o que penso.

Berg apertou sua mão.

– Descobriu alguma coisa sobre a plataforma ?

– A escola tinha uma disponível para apresentações e coisas desse tipo. Algo que podia ser montado e desmontado. Mas já sabíamos disso há algum tempo.

– Então, o que estava fazendo ?

– Matando o tempo. Isto é, até agora.

– Tempo ocioso faz parte do trabalho. Quantas vezes já ouvi você dizer isso ?

– Claro que sim. Mas essa escola é uma pedra no meu sapato. Se Per Clausen colocou os alçapões no pódio *in loco*, não deixou vestígios. Estou feliz de não termos mais de ir ao QG a partir de amanhã, porque hoje foi uma provação. Quatro horas no ginásio esportivo, na casa do zelador, na oficina de carpintaria, onde esperam que eu descubra o que uma pessoa ou outra pode ter deixado passar despercebido.

– E conseguiu ?

– Consegui o quê ?

– Descobrir alguma coisa ?

– Absolutamente nada.

Assim que chegaram na sala de aula, Pedersen começou a se despir metodicamente, colocando cada peça de roupa cuidadosamente dobrada sobre uma carteira. Dobrou até as meias. Pauline Berg se jogou sobre as almofadas.

– Não vai tirar a roupa ?

– Isso significa que vamos pular as preliminares ?

Pareceu mais chateada do que irônica ; depois, tirou a camisa.

– Ai ! O que é isso ?

Alguma coisa tinha espetado seu cotovelo e, na hora, achou que era um inseto. Então afastou a almofada e encontrou – pela segunda vez em um período de 24 horas – Per Clausen.

Era mais de uma hora da manhã quando os técnicos acabaram o trabalho e o corpo de Per Clausen pôde ser removido.

Simonsen tinha mandado Arne Pedersen e Pauline Berg para casa assim que chegou. Não havia razão para permanecerem lá e queria que fossem. Além disso, Pedersen estava visivelmente abalado com a descoberta dos dois, o que, surpreendentemente, não se aplicava a Berg. O chefe nem pensou no fato de que ele mesmo não era necessário ali e que ajudaria mais nas investigações se dormisse algumas horas. Em vez disso, sentou-se em uma cadeira longe o suficiente para que nenhum dos técnicos se sentisse obrigado a mandar que saísse dali. E então esperou pacientemente o corpo ficar pronto para ser removido. De vez em quando, inclinava a cabeça e cochilava por alguns minutos. Sobre a mesa em frente a ele havia um recibo de uma câmera Canon SX100, a única coisa interessante que encontrara na carteira do homem morto. Tinha sido comprada no mesmo dia – ou, mais precisamente, na véspera – em uma loja de artigos de fotografia no centro de Copenhague. Onde estava a câmera, ele não sabia ; assim como não sabia em que ela tinha sido usada para fotografar. A única coisa que sabia com certeza era que Per Clausen não tinha guardado o recibo por acaso. Queria que fosse encontrado.

A uma certa altura, devia ter cochilado de novo, porque se assustou quando um membro da equipe, uma mulher, tocou seu ombro delicadamente e disse :

– Podemos ir ? Devo chamar o pessoal da ambulância ?

Levou alguns segundos para se recompor e depois falou :

– Não, quero dar uma olhada nele.

– Mas estão todos cansados. Querem ir para casa.

Simon levantou-se e a interrompeu :

– Fez uma pergunta e recebeu a resposta. Agora é a minha vez, mas não vai demorar mais que dez minutos.

– Tudo bem, é justo. Vai sair quando acabar ?

A pergunta era ridícula. Simonsen engoliu uma resposta sarcástica que questionava se ela realmente achava que ele queria passar a noite lá e disse, apenas :

– Sim, claro.

A mulher saiu e fechou a porta. Ele arrastou a cadeira para perto do corpo de Per Clausen. Sentou-se e observou o homem morto por um bom tempo, como se isso pudesse ajudá-lo a desvendar seus mistérios. Os olhos e a boca estavam abertos, de maneira que os dentes podres e os olhos parados sorriam grotescamente para ele – um último sorriso de desprezo, vindo lá do outro lado.

Enquanto estava lá sentado, falou :

– É um homem estranho, Per Clausen. Faz tudo que podia ser simples ficar o mais difícil e complicado possível. Podia ter se matado ontem de manhã, na paz e tranquilidade do seu lar,

mas isso era muito fácil para um homem do seu calibre. Queria me mostrar a que veio, não foi ? Pizzas, incêndio, o interrogatório absurdo, o desaparecimento planejado, e agora, aqui, seu suicídio em uma sala cheia de almofadas. E nem sei se estou me lembrando de tudo.

Inclinou-se e fechou os olhos do homem.

*Assassinato : cinco pedófilos executados na Dinamarca.*

O título da mensagem de *e-mail* ia direto ao assunto e o conteúdo era uma mistura horrorosa de fatos e ficção ; para começar, o governo dinamarquês estaria escondendo – com o intuito de proteger o fato de que o país exportava pornografia infantil – que os cinco homens assassinados em Copenhague eram pedófilos. Juntava-se a isso a permissão, e até mesmo apoio, que a Dinamarca dava a associações de pedófilos e *sites* desse tipo na internet ; e, como se não bastasse, a frequente má-vontade em colaborar com a polícia de outros países membros da União Europeia. E tinha ainda mais : as consequências para abuso sexual de crianças eram ridiculamente insignificantes e praticamente se tornavam uma aprovação oficial desse comportamento. A seguir, dois exemplos concretos eram mencionados e analisados. Como conclusão, o destinatário da mensagem era convocado a encaminhá-la a outras pessoas e escrever uma carta de protesto para a Embaixada da Dinamarca em Washington D. C.

Meio milhão de cartas foram enviadas para vários endereços de correios nos Estados Unidos na terça-feira à noite. A escolha dos endereços tinha sido feita por Per Clausen, e seus argumentos não deram margem para nenhuma objeção. Era um dia de primavera, em maio, e o grupo estava se divertindo sob o sol, tomando vinho branco no terraço da casa de Erik Mørk, enquanto planejavam a campanha por *e-mail*. Per Clausen falou :

– Os Estados Unidos são o centro das teorias de conspiração e têm, acima de tudo, a longa tradição de serem um terreno muito fértil para teorias bizarras. O disco voador que caiu em Roswell, no estado do Novo México, o questionável pouso na Lua... para não falar do serviço de inteligência do país, que, como todo mundo sabe, está constantemente difamando presidentes, estrelas do cinema e músicos famosos... isso quando não estão produzindo LSD em grande quantidade. Podemos ter a certeza de que centenas de mentes pervertidas ou grupos excêntricos vão encaminhar a mensagem, do ponto de vista deles, naturalmente, como uma verdade incontestável, que só pode gerar dúvidas em idiotas completos.

Alpinista, Erik Mørk, Stig Åge Thorsen e Helle Smith Jørgensen acenaram com a cabeça, compreensivos. Nenhum dos outros apresentou qualquer reação. Mesmo assim, Per Clausen continuou a expor suas ideias.

– Todos os dinamarqueses estão de olho nos Estados Unidos. Podem até não admitir isso, mas o que acontece lá define a agenda da nossa mídia e por mais deturpados que sejam os boatos, vai haver mais do que 50 mil unidades de lixo eletrônico nas caixas postais dinamarquesas. Se a mensagem é verdade ou mentira, no nosso caso, um pouco de cada, não faz diferença nenhuma. Se tiver uma discussão sobre o assunto nos Estados Unidos, ela vai chegar aqui.

Foi Stig Åge quem finalizou o monólogo de Per Clausen. Falou, relutante :

– Sabe como é, Per, tudo bem mandar *e-mails* para os EUA, mas... hum... vi um programa sobre o pouso na Lua que dizem ter feito e...

Per Clausen sorriu. Erik Mørk levantou os braços e assumiu a palavra.

– Nós já entendemos. Quantos endereços de *e-mail* acha que devo conseguir ?

– Meio milhão. É um país grande.

O primeiro alvo da campanha veio a ser Baltimore, onde um analista de sistemas insatisfeito se apropriou da mensagem sem pensar duas vezes. Por acaso, o homem tinha sido demitido depois de nove anos trabalhando para uma empresa gigante de comunicação na Suécia, a Ericsson. O motivo foi redução do número de funcionários, mas ele achou isso extremamente injusto e considerou a demissão como uma ofensa pessoal. Ao mesmo tempo, não era muito bom em Geografia e achava que a Dinamarca era uma grande província da Suécia. Para ele, era óbvio que o *e-mail* dizia a verdade. A falta de princípios morais em Estocolmo era famosa e a ideia de que nas províncias as coisas eram ainda piores não o surpreendeu. Como vingança por sua demissão, e como uma espécie de gesto nobre, encaminhou a mensagem para todos os 60 mil funcionários da empresa. Além disso, criou sua própria versão, abreviada, e enviou via SMS para 250 mil clientes da operadora Vodafone em Londres, sabendo que não poderia ser demitido novamente.

Muitos e-mails foram apagados ou “aprisionados” por filtros *anti-spam*, mas alguns chegaram intactos aos seus destinatários. Foi o caso do empresário e magnata da madeira de Knoxville, no Tennessee.

O milionário era um homem de 93 anos de idade que, ainda criança, e junto com seus pais, tinha emigrado da Dinamarca, onde nunca mais voltara. Mas se lembrava bem do velho país, com seus campos dourados de trigo balançando ao vento, ou as pequenas fazendas bucólicas, onde os arbustos de malva-rosa batiam nas janelas arredondadas enquanto o sol se punha e as pessoas acendiam tocos de velas ou, simplesmente, punham suas toucas de dormir e se arrastavam para a cama, exaustas depois de um dia de batalha contra ervas daninhas. Quando o velho emigrante dinamarquês leu o *e-mail*, foi tomado por uma raiva cega – coisa que acontecia com frequência, e que não tinha se abrandado com o passar dos anos.

Havia se dado bem nos Estados Unidos ; muito bem mesmo. Era o único proprietário de 80 revendedoras de madeira espalhadas por todo o estado. Um império comercial que ele tinha construído e administrado com dedicação e trabalho duro em toda a sua vida adulta. Alguns anos antes, havia sido forçado a se afastar dos negócios do dia a dia e passado a dirigir as muitas empresas como presidente, o que significava que se metia em tudo e fazia a vida dos gerentes se tornar um inferno, pois eram obrigados a agir de acordo com os caprichos do chefe. Mesmo depois de completar 90 anos.

O corpo frágil do velho homem tremia de ódio pelo fato de estarem acusando sua terra nativa de demonstrar uma condescendência liberal desprezível com molestadores de crianças. Ordenou que dois importantes assessores deixassem tudo de lado e redigissem, coordenados pessoalmente por ele, uma resposta à altura do *e-mail* ofensivo. Os executivos escreveram um memorando declarando que na Dinamarca as pessoas eram severamente punidas por qualquer tipo de conduta ilegal ou perversão. Os raros praticantes de delitos sexuais que escapavam do castigo podiam esperar anos de trabalho pesado nas pedreiras, porque era assim que o velho homem achava que as coisas funcionavam. Seus dois colaboradores sabiam muito bem que isso era, na melhor das hipóteses, um tipo de pensamento otimista e esperançoso, e, na pior

hipótese, um tipo de demência, mas ambos tinham família para sustentar e nenhum deles queria perder o emprego por causa do sistema judiciário de um país europeu de pouca importância. E, àquela altura, já estavam acostumados com quase tudo.

O documento foi afixado nos quadros de avisos de 60 madeiras, onde ninguém o leu, exceto os funcionários, que se divertiram bastante com o mais recente capricho do velho excêntrico. Assim, o boato, mais uma vez, não foi espalhado. Mas em uma das lojas estava uma cliente que tinha ido buscar uma chave. Como comandava o programa de rádio mais popular de Chattanooga, uma cidade no mesmo estado, estava sempre em busca de histórias surpreendentes, com reviravoltas inesperadas. Perguntou a dois empregados por que estavam rindo. Foi, assim, a caminho do oeste que a campanha ganhou força e, em uma de suas inúmeras aparições, a mensagem de *e-mail* virou um desenho. Um desenho com muito mais impacto que as palavras cuidadosamente escolhidas por Per Clausen e Erik Mørk.

Duas agências de notícias razoavelmente sérias em Madison e Indianápolis publicaram a história sobre o enforcamento de cinco pedófilos dinamarqueses e sugeriram que a polícia federal estaria escondendo a verdade do público. Ambas mencionaram a internet como fonte da informação, o que era outra forma de dizer que ninguém poderia atestar a veracidade da informação, mas muito poucas pessoas tomaram conhecimento disso. Um homem de meia-idade em Tucson, no Arizona, ouviu a notícia da boca de uma vizinha, que estava, nitidamente, adorando divulgá-la. Execuções sumárias, seguidas de mutilação eram, na sua opinião, o tipo de tratamento certo para aqueles tipos de animais com quem o governo certamente tinha o que aprender.

A conversa rápida, cada um de um lado da cerca, encheu-o de energia e inspiração. Ganhava a vida como artista, e havia se especializado em desenhos de crianças chorando. Estava satisfeito. Muitos dos seus rostinhos tristes enfeitavam as paredes das casas do centro-oeste e a demanda por essas figuras ficava cada vez maior. Talvez não fosse um grande artista ; os desenhos variavam muito pouco e seu talento era insignificante. Mas poucas pessoas podiam, como ele, capturar o desamparo desesperado nos olhos de garotinhos esquecidos por Deus, mas não pelo padre. Pontadas frias e penetrantes de dor e pequenas contrações incontroláveis apareciam em seu rosto, pescoço e abdômen, o que era normal enquanto desenhava. Fez uma oração fervorosa antes de ir para o estúdio e começar a trabalhar. Oito anos na Escola Católica de Misericórdia de Cleveland tinham deixado nele um medo de Deus, na alma, e um medo do mundo, no corpo.



Na quarta-feira, a investigação começou a apresentar progressos. A manhã tinha sido lenta e com poucos resultados, mas a tarde foi produtiva. Konrad Simonsen estava pronto para a avaliação oficial do dia de trabalho, a ser realizada em seu gabinete no QG da polícia, em Copenhague. Como ele próprio não tinha nada para relatar, passou a palavra a Poul Troulsen.

O programa de cruzamento de dados criado por Malte Borup valeu a pena. Na medida em que as informações eram introduzidas, algumas coincidências iam se revelando. Depois disso, cabia às mentes humanas determinar quais dessas pistas eram interessantes e deviam ser seguidas criteriosamente. A maioria dos resultados não tinha muito valor : dois professores que tinham estado em Oslo naquele outono, um vizinho que tinha o mesmo nome do vice-diretor da escola, e outras coisas desse tipo. Mas uma fatura da madeireira de Bagsværd estava conectada ao depoimento de uma professora da escola que informara sobre o uso que o zelador fazia do equipamento da oficina de carpintaria durante a noite.

A visita de Troulsen ao estabelecimento tinha rendido bons resultados. Ele relatou :

– No início de março, Per Clausen comprou a quantidade de madeira necessária para construir os alçapões no pódio lá no ginásio esportivo. Foi uma transação particular, mas a nota saiu em nome da escola. Possivelmente para obtenção de desconto, o que, a princípio, não é incomum ou expressamente proibido, mas a compra fala por si mesma.

Mostrou um recibo verde, de forma que todos pudessem ver, depois leu em voz alta :

– Parafusos especiais, dobradiças, ferrolhos, ganchos, cordas de aço, máquina de lavar superfícies, nada menos que três rolos de plástico. Evidentemente, isso nos dá uma ideia do mínimo de tempo usado para planejar as mortes. Além disso, comprova decisivamente a hipótese dos peritos de uma cena em que...

Simonsen interrompeu.

– Excelente trabalho, Poul, mas vamos deixar as outras reflexões para depois. Infelizmente, não tenho tempo agora ; pessoas do departamento financeiro estão me aguardando.

– Achei que não ia ter que fazer considerações financeiras nesse caso.

– Não fazer considerações financeiras não significa enlouquecer.

– Como ?

Simonsen sorriu com os cantos da boca.

– Não sei, mas tenho certeza de que os três homens que me convocaram sabem o que fazem. Arne, sua vez.

Arne Pedersen tinha ido a Malmö, na Suécia. Sua tarefa era investigar a vida de Helene Clausen de 1987 a 1993. A viagem tinha sido desnecessária, já que o comissário da polícia sueca – contatado por telefone a pedido de Simonsen – poderia facilmente ter resolvido isso por conta própria. A polícia da Suécia foi extremamente eficiente e deu prioridade máxima ao assunto ; ninguém lá pensou em envolver Pedersen, simplesmente porque não era preciso.

Assim sendo, o investigador passou três agradáveis horas no castelo Malmöhus, onde ficava o museu da cidade. De volta à delegacia de Kirseberg, recebeu dois relatórios : um em sueco e um em inglês. Cinco páginas cuidadosamente escritas constituíam um extraordinário exemplo da eficaz colaboração nórdica, caso alguém duvidasse disso.

A apresentação foi direto ao ponto.

– Tudo indica que Helene Clausen foi molestada sexualmente por seu padrasto enquanto morava na Suécia. Nem sua mãe nem o padrasto estão preparados para falar sobre o assunto, mas várias fontes independentes confirmaram o fato. Há também a informação de que, depois que Helene Clausen cresceu, o padrasto fez outras vítimas. Foi citado em dois casos de abuso sexual de menores em 1992. Esses casos nunca foram levados a cabo, por falta de provas.

Bateu de leve com a mão sobre os relatórios.

– Estes documentos também trazem um relato explícito de uma psicóloga que achou não ser mais necessário manter o sigilo profissional. Foi ela, inclusive, que recomendou que Helene Clausen voltasse para a Dinamarca.

A Condessa aproveitou a pausa para fazer uma pergunta.

– E a própria Helene Clausen ? Não se abriu com ninguém ?

– Parece que não, pelo menos, não diretamente com a psicóloga. Ao que tudo indica, bloqueou as lembranças e tentou apagá-las, o que é bastante comum. Por outro lado, não sabemos o que aconteceu durante os anos que ela passou na Dinamarca.

Simonsen os apressou novamente.

– É uma coisa que precisamos descobrir. Ponham dois policiais para trabalhar nisso. Mais alguma coisa, Arne ?

De fato, havia outra coisa. Os colegas suecos haviam lhe perguntado, duas vezes, se a polícia dinamarquesa estava escondendo a orientação sexual das vítimas, fosse lá o que isso queria dizer. Tinha negado, mas ficara evidente que não acreditaram. Gostaria de discutir isso, se Simonsen tivesse tempo para assuntos de menor importância, mas estava claro que não era esse o caso. Então, apenas balançou a cabeça, mas deixou claro que achava aquilo estranho.

A viagem de Berg a Roskilde também tinha sido estranha, mas proveitosa. O garoto que estava brincando com o primo na escola Langebæk na quarta-feira anterior se revelou uma criancinha doce e esperta, com cabelos dourados, orelhas proeminentes, sardas e um interessante jeito direto e franco de lidar com adultos. Com o auxílio da mãe do menino, ela conseguiu, com uma rapidez surpreendente, que ele se lembrasse daquele dia das férias de outono, quando, em companhia do colega, juntava aros de metal das tampas de latinhas. Para estimular ainda mais a memória do garoto, os três encenaram a atividade na sala de estar e essa tática teve o efeito esperado. De repente, ele se lembrou de que a uma certa altura tinha sido expulso dali por um homem parecido com o pai do Buller. Buller era outro coleguinha. Berg sobressaltou-se ao ouvir isso. A mãe, ao perceber que essa informação podia ser significativa, fez o que pôde para ajudá-lo a elaborar a descrição, voltando atrás, passo a passo. Mas nesse ponto as coisas se complicaram, porque, embora as características do pai de Buller tenham sido analisadas minuciosamente, não havia especificamente nenhuma em comum com o homem desconhecido que estava na escola.

Naquele momento, o telefone tocou e a mãe saiu da sala. O menino explicou furtivamente que o desconhecido o fazia lembrar-se do pai de Buller porque era motorista de ônibus ; ele

tinha reconhecido o uniforme. Essa informação era crucial e desencadeava outras perguntas que, no entanto, Berg preferiu esperar pela mãe, antes de fazê-las. Mas quando a mãe retornou, pediu fria e bruscamente que a moça se retirasse ; sem nenhuma explicação ou comentário. Assim, de um minuto para outro, ela se viu do lado de fora da porta, que foi fechada com força e muito barulho.

Simonsen perguntou :

- Isso foi mesmo inesperado e muito estranho. Tem ideia do motivo ?
- Não, nenhuma. Fui expulsa. O que devia ter feito ?
- Exatamente o que fez : sair. Não podia fazer diferente. Isso acontece. Não se pode ser um herói o tempo todo.

Berg enrubescceu. Pedersen olhou para o teto. Simonsen continuou, naturalmente :

- Isso me fez lembrar de que Per Clausen suicidou-se com uma solução de potássio. O patologista ligou. Cancelei as análises técnicas adicionais, pois seriam um desperdício de tempo e dinheiro. Deve ter dezenas de pessoas que...

A Condessa o impediu de prosseguir. Ninguém, além dela, interrompia o chefe.

- Simon, quer ouvir meu relato ? Tem a ver com a *van*.

- Claro, claro. Já terminei mesmo.

Mais cedo naquele dia, tinha acontecido um milagre : a psicóloga da escola, Ditte Lubert, tinha – sob muita pressão – baixado a guarda e, finalmente, colaborado com as autoridades. A Condessa falou :

- A prefeitura de Gladsaxe decidiu fazer sua própria investigação, através de uma análise cuidadosa dos registros relacionados à escola Langebæk nos últimos 10 anos. Um funcionário detectou três ligações telefônicas para Pretória, na África do Sul, e ligou para a operadora com o objetivo de descobrir se houve alguma ligação similar nos últimos dias, o que, de fato, foi confirmado. Então, ele me informou.

Troulsen previu o resto da história, furioso com a psicóloga.

- Quer dizer que a resistência dela era por causa de um simples abuso de ligações telefônicas ?

- Exato. Liguei para o número e caiu na secretária eletrônica, dizendo que Ingrid Lubert não podia falar no momento. Entrei em contato com o cunhado, para contar das ligações. Sabem quem é, o advogado. Foi muito colaborativo. Disse que a esposa tinha outra irmã, que trabalhava para a Agência Dinamarquesa de Desenvolvimento Internacional, a Danida, na África do Sul. Também prometeu que teria outra conversa com Ditte Lubert, mas aí parece que houve um problema na linha.

Gesticulou como se estivesse falando ao telefone e não conseguisse ouvir direito o que estava sendo dito. Depois, deu um rápido sorriso.

- Quando tentei retomar a conversa, ele quis ter certeza de que havia me entendido bem, isto é, que eu havia dito que esse tipo de uso do telefone sem autorização poderia ter influências negativas na posição da cunhada na escola, caso ela não colaborasse irrestritamente com a polícia. Concordei plenamente e, vinte minutos depois, ela chegou. Sem o advogado.

Troulsen fez outro comentário :

– Muito interessante.

– Como se fosse uma consulta médica. Estava bem carrancuda, mas admitiu humildemente que tinha ligado para a irmã na quarta-feira passada. Para economizar dinheiro, tinha caminhado até a escola e, não querendo levantar suspeitas, usou o telefone da sala da fonoaudióloga. A chamada durou das 13h21 às 13h54 horas, o que sabemos pela conta de telefone. Disse que ao voltar para casa viu uma *van* branca saindo da escola pelo portão dos fundos. Falou que eram aproximadamente 2 horas da tarde e que, infelizmente, isso era tudo o que tinha visto. Por mais que eu a tenha pressionado, isso foi só o que consegui arrancar dela. Dessa vez, não houve resistência ; realmente, não tinha mais nada para contar.

Pedersen perguntou :

– Mas ela tem certeza de que era, de fato, uma *minivan* ?

– Certeza absoluta. Infelizmente, isso restringe pouco as possibilidades. A menor de todas transporta oito pessoas, número que varia até chegar na maior, que leva vinte. Um *expert* em veículos vai visitá-la amanhã, mas duvido que isso ajude.

Simonsen assumiu a palavra.

– Pelo menos agora sabemos que as vítimas foram levadas até a escola. Quem são, por que foram assassinadas e por que ainda não deram falta desses homens não temos ideia por enquanto. Já fizemos várias investigações, mas nada nos levou a essas informações. A melhor hipótese é a de que todos pensam que eles estão de férias e sua falta só será sentida mais para frente. Condessa, pode organizar uma pesquisa porta a porta sobre essa *minivan* ? O ideal é que seja ainda esta noite. Sinto muito.

A condessa agradeceu, e Berg se ofereceu para ajudar. Sentia que estava devendo alguma coisa.

Simonsen se levantou e caminhou até o meio do gabinete. Todos o seguiram com os olhos, enquanto balançava levemente de um lado para outro, tentando organizar seus pensamentos. Depois, respirou fundo e assumiu o papel de Kasper Planck como aquele que formula perguntas aos colegas, embora detestasse fazer isso.

– Qual é a diferença entre execução e assassinato ?

Ninguém demonstrou intenção de responder, já que a pergunta parecia retórica.

– Uma execução é legal e um assassinato é ilegal. O Estado tem o direito de matar seus cidadãos. Os cidadãos não têm esse direito em relação uns aos outros. A ação em si é bastante similar, mas para quem a executa existe uma grande diferença. Para a vítima, o resultado é o mesmo, independentemente de ter sua garganta cortada por um agente de execução ou ser estrangulado por um vizinho. Mas sob o ponto de vista judicial e sociológico, há uma enorme diferença. Aquele que executa está mantendo a ordem social. Aquele que assassina a está violando. Ordem é uma palavra-chave nesse contexto.

Continuou com uma longa e detalhada explicação, talvez porque era um homem que se preocupava com palavras e relações apropriadas. Quando finalmente terminou, nenhum dos seus ouvintes tinha qualquer dúvida a respeito do valor das execuções como fator inerente à manutenção da ordem social. A Condessa resumiu, gentilmente :

– A cerimônia da execução a distingue do assassinato em massa. Mas...

Hesitou, e Simonsen retomou a palavra.

– Nem mas, nem meio mas. É a diferença que interessa. Vou aproveitar essa oportunidade para lembrá-los de que não se deve usar a palavra execução nesse caso que estamos investigando. E agora vamos para nossa grande questão : por que a mutilação ? Não se encaixa em nenhum padrão. É contraditória com tudo que falei aqui ; portanto, ou estou enganado em relação às palavras e à legitimidade, ou, do contrário, esse ato era tão impreterivelmente necessário que os criminosos tiveram que aceitá-lo como um efeito colateral desagradável.

A Condessa intrometeu-se.

– Identificação ?

– Sim, essa parece a explicação mais óbvia, mas aqueles que estão por trás disso devem saber que vamos identificar as vítimas mais cedo ou mais tarde, por mais que tenham mutilado os corpos.

Dessa vez, foi Pedersen quem interrompeu.

– Ganharam tempo com isso.

– É, pode ser. De qualquer modo, isso suscita algumas perguntas interessantes. Se estiver certo, por que os criminosos precisam de tempo ? E, assim mesmo, faz algum sentido destruir o rosto dos homens e despi-los, mas por que tirar as mãos ? Isso só seria necessário se as impressões digitais estivessem registradas, isto é, se tiveram alguma passagem pela polícia. E os órgãos genitais, que não têm nada a ver com a identificação ? Pensem bem sobre isso, discutam entre si em seu tempo livre e me contem, se acharem que descobriram uma resposta ou, o que tem a mesma importância, se encontrarem boas perguntas.

Antes de encerrar sua fala, Simonsen caminhou em direção à porta. A intenção era sair assim que acabasse o pequeno discurso. Mas o tiro saiu pela culatra. Malte Borup estava de pé do lado de fora, segurando um papel. Já se achava lá há algum tempo, sem ousar interromper a reunião. O tempo de espera aumentou um pouco mais, pois Pedersen se aproximou e acenou para que o rapaz fosse embora. Simonsen falou, bruscamente :

– Pode esperar, Arne ?

A pergunta foi ignorada, e isto serviu como resposta :

– Ela me ligou há mais ou menos uma hora. Exatamente como previu.

– Quem ligou ?

– Anni Staal, do Dagbladet.

– E o que disse ?

– Bem, demorou um pouco. Estava bastante cautelosa e, naturalmente, entrei no jogo... é, foi meio teatral...

Simonsen interrompeu.

– E como acabou ?

– Falei que vou passar para ela qualquer novidade que aparecer, e ela... como vou dizer... vai me compensar pelo meu esforço. Droga, Simon ! Isso parece uma série de TV de péssima categoria, não tem absolutamente nada a ver com você. E o que é que vou fazer com...

Simonsen interrompeu novamente. Dessa vez com as mãos erguidas à sua frente, em defensiva.

- Essa última parte... não sei nada sobre isso.
- Ok, ok, já entendi. Foi ideia do Planck, não foi ?
- Em sua maior parte, sim.
- É ilógico, quase amadorístico.
- Ele tem um pressentimento de que isso vai ser útil.
- Ilógico. Ousaria dizer : idiota.

Por fim, Simonsen explicou. Falou calmamente, escolhendo as palavras :

– Você está certo, mas trabalhei com Kasper Planck por mais de 20 anos e posso lhe dar, aqui e agora, pelo menos dois exemplos de ocasiões em que seus pressentimentos ilógicos, e talvez até tolos, salvaram a vida de uma pessoa. Para não falar das muitas vezes em que esses pressentimentos ilógicos e tolos resolveram um caso difícil. Naturalmente, você pode se afastar das investigações, se...

Foi a vez de Pedersen interromper. Encerrou a conversa de uma forma conciliatória.

– Não, está tudo bem. Só queria que você soubesse.

Pedersen se retirou. Malte Borup era o próximo da fila e se apressou para falar com o chefe assim que viu que o caminho estava livre.

Simonsen desdobrou o papel que o rapaz lhe entregou, examinou minuciosamente, e depois perguntou :

– O que devo fazer com isso ?

– Está em todos os lugares, e está se espalhando agora, enquanto conversamos. *Blogs*, fóruns de discussão, *sites*, inclusive os mais importantes. O canal Fox de televisão está dando prioridade a isso, e a MTV está fazendo o mesmo. É como um supervírus, mas as pessoas levam para casa por vontade própria e ajudam a espalhar, e já se pode até comprar camisetas ...

Parou de falar quando viu a expressão no rosto do chefe. Acrescentou, apenas :

– Quer dizer, talvez.

Simonsen ouviu tudo, esforçando-se para ser paciente. Impaciência era um problema que enfrentava sempre que estava envolvido em um caso importante, mas, ao contrário do resto da equipe, esse jovem não tinha entendido isso. Achava que estava dando um alerta urgentíssimo. No entanto, Simonsen não tinha detalhes suficientes para que pudesse determinar o grau de urgência. Olhou o papel novamente.

Era um desenho muito simples, com poucas linhas pretas. O artista tinha sido implacável ; criara uma atmosfera escura e sombria. Provavelmente, a perspectiva era do ponto de vista de uma das últimas vítimas, segundos antes da porta do alçapão se abrir. Quem olhava o desenho via, por assim dizer, com os olhos da vítima. Logo à frente, e ao lado, podia-se ver a parte de trás da cabeça dos companheiros que já tinham sido executados. Algumas barras desenhadas à direita indicavam que o evento estava acontecendo em um ginásio esportivo, mas o que mais chamava a atenção eram os espectadores. No topo, havia um juiz, sentado em um trono, um senhor velho e antiquado, meio deus, meio palhaço ; ao lado, um livro grande e uma balança de pratos. Abaixo dele, muitas crianças, de todas as idades, sentadas no chão, olhando tristes para os condenados ; estavam ali como se fossem dúzias de pequenas alternativas. Olhando o desenho, quase se podia sentir a corda apertando em volta do próprio pescoço. O título era

“Tarde demais”.

Simonsen sentiu um calafrio.

– Embora muitos de vocês me conheçam bem, há eventos significativos na minha vida que nem imaginam, e que, infelizmente, continuam a me assombrar. Nunca vou conseguir me livrar deles, mesmo que viva 100 anos.

Erik Mørk estava nervoso. Suas palavras eram trêmulas e demonstravam alguma insegurança. Apesar da voz baixa, tinha recebido atenção total dos seus ouvintes desde que começara a falar. A maioria era formada por empregados de pequenas empresas, alguns eram seus amigos pessoais, e os outros eram estranhos que Per Clausen havia reunido. De onde e como, ele não sabia, mas estava certo de que todos eram cem por cento leais. E foi no longo olhar de um desses desconhecidos que encontrou forças para continuar – uma garota de beleza rara, com cachos louros e encorajadores olhos azuis. Levantou o tom de voz e se lançou no que tinha de falar.

– Quando tinha cinco anos de idade, meu pai morreu e meu padrasto se mudou para minha casa. Daquele dia em diante, até eu ir para o orfanato, com 10 anos, era estuprado três, quatro, cinco vezes por semana. Primavera, verão, outono e inverno ; começo, meio e fim de semana ; ano após ano após ano. O abuso sexual se tornou parte tão integrante da minha infância que acreditei, por muito tempo, que as coisas eram assim mesmo, que todas as crianças passavam por aquilo. Simplesmente era uma coisa sobre a qual não se fala, assim como não se fala sobre cagar. A gente faz, mas raramente menciona. Quando fiquei adulto, descobri que estava certo e errado. Certo, porque realmente é algo que não se comenta ; e errado, por pensar que estuprar crianças é normal. É um fato bem mais comum do que as pessoas imaginam, ou melhor, dedicam algum tempo para imaginar, mas normal não é, de jeito nenhum.

Evitava clichês como “tabu” e “sentimento de culpa”. Fazia associações simples e muito fáceis de entender. Falar em psicologia seria um erro.

– Aos 10 anos de idade, tentei matar minha mãe, o que não tinha lógica, já que, na minha cabeça, minha infância tinha sido normal. O motivo pelo qual meu alvo não foi meu padrasto é outra questão ; era *ele* que me atormentava, não ela. Na verdade, ela até me avisava quando ele estava a caminho : aumentava o volume da televisão. Tentei esmagar seu crânio com uma panela de ferro fundido que joguei da janela do meu quarto quando ela estava no quintal estendendo a roupa lavada. Morávamos no terceiro andar e errei a mira por alguns metros, mas a intenção não deixou dúvidas e acabei indo para um orfanato chamado Kejsersstræde. No meu primeiro dia lá, tomei uma surra. Todos recebiam essas boas-vindas. Quando me arrastei para a cama naquela noite, preto e azul, como uma ferida gigante, me sentia a criança mais feliz do mundo.

Olhou para a audiência. A atmosfera estava tensa. Ninguém bebia, ou comia, ou olhava para os outros. Todos o ouviam atentamente, sem se mover, com a respiração suspensa. Podia sentir lágrimas pressionando o fundo dos olhos ; não por causa da sua infância, mas porque todos estavam lhe dando atenção e respeito ; solidariedade. A voz estava firme quando falou



de novo.

– Muita gente além de mim sofreu abuso sexual, e talvez eu pertença ao grupo dos mais sortudos, por mais que tenha sido machucado. Um exemplo mais trágico é o da minha irmãzinha. Ela ocupou o meu lugar quando fui para o orfanato, mas infelizmente era mais frágil do que eu e nunca superou aquilo. Uma manhã, sentou-se na linha de trem, com um pano na cabeça. Estava completando 22 anos de idade. O maquinista do trem recebeu aposentadoria compulsória ; morreu três anos depois. O mal causa metástase.

Arrependeu-se desse último comentário, assim que as palavras saíram de sua boca. Era técnico demais e a imagem era forçada demais. Na cabeça, tinha soado bem. Mas continuou, um pouco irritado :

– Sempre me perguntei em que estava pensando quando ouviu o ruído agudo e alto do trem, os freios no seu máximo. Meu padrasto ? Nada ? Ela mesma ? Eu ? Nunca vou ter uma resposta, mas continuo perguntando, e no dia que ela morreu prometi que quando pudesse iria escrever seu obituário. Não para contar a vida... é muito banal e seria esquecida em pouco tempo, mas para fazer uma série de perguntas. Hoje tenho condições financeiras para isso e pretendo usá-las. O momento é este. Os cinco homens executados em Bagsværd eram todos pedófilos ativos, cada um com numerosos abusos nas consciências. Como sabem, os boatos já vêm se espalhando há algum tempo e minha fonte no Departamento de Homicídios disse que a polícia vai confirmá-los nos próximos dias ; a informação ainda não está liberada. Com certeza, depois disso o abuso sexual de crianças vai ser o assunto dominante na mídia. Minhas perguntas logo vão se destacar, mostrar outra verdade, apresentar outra perspectiva.

Ligou o projetor para evitar muito foco nos cinco homens mortos e, naturalmente, todos olharam para a tela.

– Este anúncio estava em todos os jornais hoje de manhã, os grandes e os pequenos.

Deu a todos um minuto, enquanto liam, perplexos ; depois, falou :

– É claro que não é um número oficial, mas muitos pesquisadores acreditam que houve abuso sexual na infância de um a dois por cento da população, o que quer dizer que por volta de cinco mil crianças entre 5 e 10 anos de idade estão sendo atacadas neste momento. Pessoalmente, fui estuprado umas oitocentas vezes quando criança, mas talvez eu tenha sido uma infeliz exceção entre os coitados. Estimo uma média de duzentos abusos por criança nessa faixa etária. Cada um de vocês pode tentar fazer os cálculos por conta própria, mas vou poupá-los do trabalho. Minha estimativa é de que, a cada único dia, aproximadamente quinhentas crianças são estupradas na Dinamarca. Se estiver certo, digam-me : qual é o maior problema da nossa sociedade ? As creches ? Escolas ? Rodovias ? Ou as quinhentas crianças que vão ser estupradas amanhã ?

Fez uma pausa. As estatísticas criaram um distanciamento, como é típico de estatísticas, e o silêncio absoluto de antes já não existia mais. Era hora de falar de coisas práticas.

– Como o anúncio diz, quero que as pessoas façam sua própria avaliação e peço a ajuda de vocês para isso, mas precisam decidir se querem ou não colaborar. Até os que são meus colegas de trabalho podem não querer. Podem tirar uma licença nas próximas três semanas, com salário integral garantido e sem contar como férias, ou podem ficar e me ajudar. Se sentirem que não dá para se envolver nisso, prefiro que fiquem de fora. Agora, gostaria que se levantassem. Circulem pela sala e conversem uns com os outros, pensem, e depois me digam

que decisão cada um tomou.

Desligou o projetor.

– Vou terminar contando para vocês que um dia conheci um homem muito sábio ; infelizmente, já morreu. Me perguntou se eu acreditava que o mundo podia ser modificado por uma porção de pessoas lutando por uma nova ordem, mas ele mesmo me deu a resposta, tão simples e tão verdadeira : o mundo sempre mudou dessa maneira.

Erik Mørk esperou ansiosamente as reações iniciais. Na noite anterior, tinha previsto uma série de comportamentos diferentes, mas nenhum correspondeu à realidade. A mulher que estava bem na sua frente parecia estar falando por muitos deles. Julgara-a como muito analítica, impassível. Mas estava errado.

– Não preciso de mais tempo. Apenas diga o que devo fazer.

A noite estava fria e Alpinista sentia-se congelar na praça em Allerslev.

Às vezes, punha os braços ao redor do corpo, mas isso não adiantava muito. Por causa do seu trabalho, estava acostumado a ficar ao ar livre e tinha anos de experiência em se vestir de acordo com o clima. Apesar disso, tinha subestimado o frio da noite e seu corpo forte não tinha muita gordura para protegê-lo contra o vento norte gelado que varria a praça com uma intensidade cada vez maior.

Uma rajada de vento – um pouco mais forte do que o esperado – fez com que olhasse para a copa da árvore sob a qual se encontrava. Os galhos mais altos estavam iluminados, tanto pelos postes quanto pela Lua muito clara. A árvore já estava pronta para ser derrubada e não podia tomar muito vento. Apertou os olhos e concluiu que não havia perigo imediato de ela cair por si mesma. Em pouco tempo, sua vítima estaria saindo para trabalhar. Já tinha passado mais de meia hora desde que as pilhas de jornais da manhã tinham sido atiradas, sem nenhum cuidado, em frente ao quiosque de cachorro-quente. Encolheu-se novamente, levantou-se e foi se esconder atrás do tronco.

De repente, viu um homem caminhando trôpego pela praça, com uma garrafa na mão. Vinha exatamente em sua direção. Alpinista recuou mais um pouco, para ficar na sombra e, logo depois, tinha urina esguichando ao seu lado. O homem resmungou, mas foi impossível entender o que disse. Alpinista tampou o rosto para não ser visto, caso fosse descoberto ali. Depois falou para si mesmo : “Dessa vez, não, Allan, ninguém é tão sortudo”. As palavras eram para o vendedor de cachorros-quentes.

Naquele momento, uma luz se acendeu no quiosque. Prendeu a respiração até ouvir o homem do outro lado da árvore caminhando novamente. Deu uma espiada, um pouco relutante, e acompanhou o bêbado com o olhar até ele dobrar uma esquina. Então pegou um galho grosso de faia e atravessou a praça em direção ao quiosque de cachorro-quente.

O vendedor estava inclinado sobre as pilhas de jornais e não percebeu que tinha uma visita. Foi a voz – aquela voz tão conhecida, que ele jamais confundiria – que o fez olhar para cima, com um sobressalto.

– Bom dia, Allan. Dê lembranças ao seu irmão.

Com o sólido pedaço de madeira, bateu com muita força na cabeça do homem. O corpo despencou sobre o chão e a cabeça caiu sobre uma pilha de jornais. O sangue que saía do seu nariz escorria sobre as últimas notícias da véspera. Alpinista deu um passo à esquerda e pôs toda a sua força no próximo golpe. Era muito hábil com o machado e não teve nenhum problema ao bater no pescoço da sua vítima com o pedaço de pau. Dez segundos depois, estava de volta à árvore, onde, sem se importar com o barulho, ligou a serra.

Ouviu-se um estrondo ensurdecador. A onda de som retumbou rua abaixo, ricocheteando nos muros, fazendo a terra tremer e acordando a cidade.

Alpinista sorriu e ficou algum tempo apreciando seu trabalho manual, antes de desaparecer

na escuridão.

Na praça, em Allerslev, onde Alpinista havia derrubado a árvore umas cinco horas antes, uma fotógrafa da polícia apanhou um jornal ; um anúncio tinha chamado sua atenção. O vento forte quase carregou os papéis, mas a moça segurou com firmeza. Leu, com nojo, mas sem conseguir tirar os olhos das perguntas. Um técnico em emergências médicas, como são chamados na Dinamarca aqueles que oferecem assistência em emergências, chegou atrás dela e pôs a mão em seu ombro.

– Acho melhor se afastar, mocinha.

As palavras a irritaram ; virou-se, indignada, mas descobriu que conhecia o homem, que deu um sorriso largo.

– Vai me desculpar, mas quando vi que era você, não pude me segurar. E, realmente, está muito perto. Esse tipo de árvore tem muita força e tensões imprevisíveis. Já ouviu falar de árvores derrubadas pelo vento ? Um galho pesado pode esmagar você como se fosse um passarinho, e isso seria horrível. Uma morte é mais que suficiente.

Fez um movimento com a cabeça em direção ao tronco e ela acompanhou com os olhos. A árvore gigantesca ocupava quase a praça toda. Cinco homens estavam trabalhando em torno dela, atentos e cuidadosos, com pequenas motosserras, tentando limpar a área do quiosque de cachorro-quente, que se encontrava totalmente esmagada. A fotógrafa se distanciou e deixou o vento levar o jornal. O lugar estava coberto com jornais, e um a mais ou a menos não ia fazer nenhuma diferença. O técnico caminhou junto.

– Parece cansada.

– E estou. Trabalhei a noite toda e deveria estar na cama. Quanto tempo acha que vai demorar até eu poder começar meu serviço ?

– No máximo, 10 minutos. Onde trabalhou durante a noite ?

– No Instituto Médico Legal, em Copenhague. É muito difícil, bastante mórbido, mas superinteressante. Faço parte de uma equipe de especialistas em cirurgia facial, artistas e *experts* em computação. Alguns de outros países. Estamos todos sob a direção de um único, adorável e autoritário, velho senhor que, infelizmente, não acha que dormir é importante. Só consegui chegar em Odense às 10 horas, e logo me chamaram aqui.

– Está se referindo aos pedófilos de Bagsværd ?

– Sim. Quer dizer, não tenho certeza se eram pedófilos. É difícil saber, quando as pessoas estão mortas.

Um perito da polícia chamou-a e apontou para uma garrafa de cerveja cheia até a metade, encostada no tronco, perto das raízes. Ela olhou interrogativamente para o técnico em emergências médicas, e só caminhou em direção à garrafa quando ele indicou, com um movimento da cabeça, que era seguro. Preparou sua câmera. A marca da cerveja era *Elephant*. Agachou-se em frente a ela e sentiu um fedor azedo de urina. Deu um *zoom* na lente e começou a trabalhar, sem deixar que o cheiro tirasse sua concentração. Só depois que terminou é que

franziu o nariz, inclinou a cabeça e respirou fundo. Nesse momento, foi chamada em outro lugar.

O mesmo perito que tinha apontado a garrafa a levou até o cadáver. O homem tinha sido derrubado e estava deitado de bruços sobre o chão, a cabeça virada para ela. Tinha sido atingido por um galho grosso, que entrou na base da espinha dorsal e saiu na barriga, como se uma flecha tivesse sido lançada em um ato furioso de vingança. Logo no primeiro olhar, ela teve um sobressalto, que passou despercebido pelo colega. Ele pôs um braço reconfortante sobre seus ombros, mas ela o afastou e olhou espantada para o homem morto, sem acreditar no que estava vendo. Não teve a menor dúvida. Havia fotografado aquele rosto mais cedo naquela mesma noite.

O anúncio ocupava meia página do jornal. Era muito colorido e tinha custado caro. Na parte de cima, havia a fotografia de um garoto de 8 anos de idade. O grau de definição da imagem e os longos cabelos louros do garoto, que tampavam as orelhas, indicavam que a foto havia sido feita na década de 1970, ou na de 1980. Fora isso, nada tinha de especial. Sorria para a câmera e não era difícil imaginar que estava ansioso para ficar livre daquilo e poder sair para jogar futebol.

Na parte inferior, havia outro retrato : um homem de boa aparência, aos 30 e poucos anos. Olhava diretamente para o leitor. Apesar do sorriso, sua expressão era séria, decidida, firme, e zangada. Comparando as duas fotos, dava para ver que não tinham nada em comum.

A fonte usada no texto entre as duas figuras era a mesma de uma máquina de datilografia antiga, que enfatizava a mensagem chocante e direta. Quatro parágrafos curtos escritos na primeira pessoa declaravam que o garoto havia sofrido abuso sexual. Que aqueles que deveriam ter sido seus protetores falharam e que o homem sempre tivera vergonha e mantivera segredo sobre a história da sua infância. Até o presente. O último parágrafo era uma série de perguntas : Quantas crianças estão crescendo desse jeito ? Quantas crianças serão estupradas na Dinamarca esta noite ? 10 ? 100 ? 500 ? Mil ? Qual é a sua estimativa ? Ou você não se importa ?

Na escola do condado de Roskildevej, a turma 3 Y, do ensino médio, leu o anúncio. Uma aluna tinha levado uma fotocópia e mostrado a todos, um por um, como um preparativo para uma coisa que queria falar. Depois, ficou de pé ao lado da mesa do professor, e esperou pacientemente que este fosse sentar-se em uma cadeira no canto da sala. Era uma das alunas preferidas dele e não foram necessários muitos sorrisos encantadores para convencê-lo a lhe ceder os 10 minutos iniciais da aula. Além de inteligente, era uma garota muito atraente, e ele a olhava de cima a baixo, disfarçadamente, de uma maneira que demonstrava mais do que interesse pedagógico.

Quando todos já tinham lido o anúncio, ela falou calmamente sobre a sua infância. Sem ódio ou autopiedade. Conquistou a atenção de todos ; a turma 3 Y nunca tinha ficado tão quieta e silenciosa. Cada palavra pairava no ar, cada frase era perfeitamente elaborada, e ela sensibilizava cada um como ninguém jamais tinha conseguido antes, com uma história que era capaz de arrancar lágrimas de uma pedra. Um problema dela. Um problema deles. Um problema de todos. Cada um sentiu isso... pela primeira vez na vida.

O que ninguém imaginava era que a garota tinha passado um longo tempo preparando seu discurso. Sabia que um dia a notícia ia aparecer, e que, quando isso acontecesse, teria que estar pronta para contar a própria história. Muitas, muitas vezes tinha ficado em frente ao espelho, ensaiando, até que tudo ficasse perfeito : o tom de voz, as palavras escolhidas, o nó na garganta, o rubor espontâneo – até o cacho de cabelo que, em um certo momento, caiu sobre um olho. Por dentro, sentia apenas uma vaidade profunda por ter cumprido sua tarefa de,

digamos, acender o fogo. Mesmo sabendo que aquilo era só o começo, e que uma cena ainda mais importante estava por vir.

Falou por 10 minutos. Terminou com uma lágrima brilhando no canto do olho, e suplicando aos colegas que a ajudassem a divulgar sua história. Exatamente como fizera o homem do anúncio, só que ela não tinha dinheiro para pagar aparições na mídia. Segundos depois, seu pedido tinha sido atendido, pois cada dedo indicador estava martelando – como varetas de tambor – teclas de telefones celulares, pondo a história em circulação. Dois colegas que eram muito bons em assuntos práticos trocaram palavras rapidamente e concordaram sobre o que deveria ser feito. O passeio no *shopping* foi cancelado ; as calças da Diesel podiam esperar. Sem alvoroço, algum dinheiro foi empilhado sobre a mesa, como uma forma de falar pelos menos favorecidos.

E a centelha que a garota trouxe realmente virou fogo. E, como fogo no palheiro, a confissão se espalhou entre os alunos do ensino médio na Dinamarca.



Konrad Simonsen estava observando a casa de Helmer Hammer. Era uma bela casa de campo, muito bem conservada, com painéis de mogno altos e fachada decorada com muito bom gosto. Os pisos eram brancos, lisos e brilhantes. Ficou espiando o lado de fora, pela janela, até que avistou um praticante de *jogging*, do seu tamanho, correndo ao redor do lago, o que lhe trouxe um peso na consciência. Afastou-se da janela e examinou as figuras na parede oposta. Eram quatro litografias originais dos elefantes do importante autor e artista dinamarquês, Hans Scherfig. Eram admiráveis e combinavam muito bem com a decoração do ambiente.

– Sabe, é claro, que era comunista, não sabe ?

Virou-se, surpreso. Uma garota de aproximadamente 16 anos de idade estava atrás dele. Tinha cabelos pretos emaranhados, uma argola no nariz, esmalte vermelho cintilante descascado nas unhas. Os *jeans* estavam gastos e uma das mangas da suéter estava desfiada. Os tênis eram diferentes um do outro e muito velhos. Um não tinha cadarço, o outro tinha, mas estava desamarrado. Seus olhos irradiavam inteligência.

– Papai tem todos os livros do Scherfig, até mesmo os anuários de *Land and Folk*. Colecionava, quando estava em seu “período vermelho”.

Simonsen realmente não sabia o que dizer ; decidiu-se por um sorriso amável.

– Ele está com você ?

– Está em uma ligação, parece que é algo importante. É assim o tempo todo ; sempre muito importante e extremamente irritante. Você é o que tem de encontrar quem matou os cinco homens em Bagsværd ?

– Sou. Eu e muitas outras pessoas.

– Espero que não os encontre.

Disse isso sem nenhum tom agressivo ; apenas uma opinião que, naturalmente, deveria ser respeitada. Simonsen teve de reconhecer que estava impressionado com a autoconfiança da garota.

– Por que isso ?

– Porque os cinco homens eram molestadores de crianças, lógico.

O investigador tinha negado esse boato pelo menos 10 vezes nas últimas 24 horas. Tinha até chegado a ponto de enviar uma nota à imprensa que, pelo que deu para perceber, fora ignorada. Os homens mortos ainda nem tinham sido identificados, portanto suas predileções sexuais não podiam sair da esfera das especulações, embora o que ele tinha descoberto recentemente revelasse, surpreendentemente, que havia verdade naqueles boatos. No entanto, não suportaria começar o dia no mesmo ponto em que tinha parado na véspera e, definitivamente, não antes do café da manhã. Assim, resolveu não corrigi-la. Mesmo porque era pouco provável que ela deixaria suas opiniões serem modificadas facilmente. Por que ela faria isso, se ninguém mais tinha feito ? Simonsen escolheu outra linha de argumentação e a

encarou diretamente no olho.

– Na última vez que consultei os livros da lei, não vi nada sobre o direito de matar pedófilos.

A moça retornou o olhar direto sem vacilar. A voz era amigável, embora tivesse uma pontinha de ironia, como se estivesse explicando alguma coisa a um querido – mas não muito inteligente – irmão mais novo.

– Se está procurando saber sobre direitos, os livros da lei não são um bom começo.

Insultado, ele desviou o olhar. Foi salvo pelo pai da garota, que finalmente tinha saído do telefone.

– E se não pegar a mochila e sair agora, pode começar a procurar emprego de jornaleira para garantir suas despesas.

O *show* de irritação de Helmer Hammer foi totalmente desnecessário. Era claramente orgulhoso da filha, e ninguém podia culpá-lo por isso.

– Está bem, papai querido.

Deu-lhe um beijinho na orelha e partiu. Ou quase. Já na porta, virou-se para eles e seu sorriso poderia derreter uma pedra de gelo. As últimas palavras eram para Simonsen.

– Papai sempre fala bem de você ; ele te adora, apenas não demonstra. Esta é uma de suas fraquezas. Você é bem-vindo aqui.

O cadarço se arrastou sobre o piso, atrás dela, enquanto saía.

O café da manhã foi excelente, ao contrário da conversa desanimadora que se seguiu. Simonsen tinha boas e más notícias. Começou pelas positivas.

– Hoje vou receber imagens da aparência de pelo menos duas das vítimas, e são boas o suficiente para serem publicadas na mídia. É quase certo que isso vai levar à identificação.

– Parece bom. Achei que podia ligar para o professor ontem, mas... é...

O chefe de polícia hesitou.

– Disse que sou uma ilusão. E que simplesmente ainda não tinha me conscientizado disso.

– É meio esquisito mesmo, à vezes.

– E como !

– Deveria vir comigo um dia. Sou bom em lidar com o velho excêntrico.

Não era verdade. Ninguém era bom em lidar com Arthur Elvang, muito menos Simonsen. Apenas estava mais acostumado às situações embaraçosas e, portanto, mais preparado que as outras pessoas.

Hammer acenou a cabeça e mudou o assunto.

– Na minha linha de trabalho, não existe pecado ou vergonha. Ou você faz o que tem de ser feito ou não faz nada. Deveria definir a agenda, tranquilizar a população, garantir tempo suficiente para você trabalhar em paz, e não fiz nada disso direito. Se é que fiz alguma coisa.

Ficou em silêncio alguns segundos, depois continuou :

– Se há uma coisa que políticos odeiam é não ter nem ideia de como responder a perguntas importantes. Entendo isso perfeitamente.

Simonsen interrompeu.

– Não é nenhum mágico. Como pode ter a obrigação de controlar todas as declarações possíveis e impossíveis ? Principalmente quando quase todas são falsas e outras são totalmente ridículas ?

Hammer ouviu as palavras de apoio de Simonsen e prosseguiu, no mesmo tom derrotista.

– O ministro das Relações Exteriores está falando de um verdadeiro bombardeio de *e-mails* para nossas embaixadas, todos afirmando que as autoridades dinamarquesas estão ocultando o fato de que os cinco homens assassinados eram pedófilos. A mídia está se divertindo com especulações absurdas sobre isso. E, para piorar, ainda temos todos esses protestos e campanhas, principalmente em escolas de ensino médio e de educação de adultos, contra o que estão chamando de atitude de não intervenção da nossa sociedade com relação ao abuso sexual de crianças, que vem aumentando cada vez mais. A essa altura dos acontecimentos ! E não acaba aí. Além de tudo, parece que o ministro da Justiça se escondeu – o que ainda não decidi se é bom ou ruim.

Simonsen foi direto ao ponto. Firme, apesar de um pouco deselegante.

– Sinto muito, mas vai piorar.

– Não está falando sério.

– Infelizmente, estou.

Explicou que Elvang tinha feito contato na noite anterior e – entre risos – contado que o Sr. Centro tinha sido assassinado duas vezes. As características faciais do vendedor de cachorros-quentes em Fyn e as de uma das vítimas encontradas no ginásio eram tão semelhantes, que não podia ser mera coincidência. Preferiu não mencionar o humor negro do velho senhor.

Hammer pareceu arrasado.

– Outro assassinato ?

– Tudo indica, acho. O professor não erra quase nunca, mas vamos ter uma confirmação hoje ainda. Ligo para você, claro.

– Tem mais coisa aí. Estou vendo.

– Tem. O nome do vendedor era Allan Ditlevsen e tinha 49 anos. Havia sido condenado duas vezes por crimes sexuais. Uma por má conduta com um garoto de 12 anos de idade ; a outra, por abuso de uma menina de 8 anos, que era aparentemente emprestada pelo pai, quando não era ele próprio que a violentava.

– O pedófilo padrão.

– É... se podemos chamar assim. E talvez possamos, porque agora há outro evento para confirmar isso. Uma mulher de Århus procurou a polícia local ontem e disse que o marido, Jens Allan Karlsen, tinha sido assassinado em Bagsværd. Pelo menos, foi o que falou. O homem deveria estar de férias na Tailândia, mas não telefonou para casa, como era esperado. A família nos cedeu uma foto dele e a orelha é muito similar à do Sr. Sudoeste. Os peritos não têm dúvidas, mas temos uma amostra do DNA do irmão dele e mais tarde saberemos a resposta.

– E Jens Allan Karlsen era pedófilo.

– Jens Allan gostava de sexo com crianças. Palavras exatas da esposa, que estava proibida de se envolver nisso. Agora está morto e ela decidiu que era melhor procurar a polícia, pois poderia ser útil. É totalmente verossímil. Eu mesmo falei com ela ao telefone.

Evitou qualquer menção ao tempo que Helene Clausen morou na Suécia. Especulações seriam praticamente inúteis.

– Então, o que está me dizendo é que os boatos são verdadeiros.

Simonsen pensou um pouco antes de responder. Havia tantas ressalvas e tantos fatores ainda desconhecidos..., mas resolveu passar por cima de tudo e foi claro quando finalmente falou :

– Sim.

Pela expressão que apareceu em seu rosto, era evidente que a resposta tinha pesado horivelmente sobre Hammer.

– Tem um cigarro ?

– Não.

– Está mentindo.

– Estou, mas não pode fumar.

Sorriram um para o outro. A provocação tinha permitido que relaxassem um pouco, como uma estiada no meio da tempestade. A voz de Hammer estava um pouco mais suave quando falou de novo.

– Se está certo, vai parecer uma concessão. Como se estivéssemos sendo pressionados a revelar a verdade. Isso é muito preocupante. Principalmente para você.

– Para mim ? – Simonsen estava sinceramente surpreso.

– Conheceu minha filha. É uma garota bem normal, mas faz tudo que pode para não ser. Ouviu o que ela pensa sobre a investigação. Imagine essa atitude se alastrando por todos os lados. É o que ela e seus colegas estão, atualmente, trabalhando dia e noite para que aconteça.

– Ninguém, em suas perfeitas faculdades mentais, acredita que podemos abolir o abuso sexual de crianças simplesmente matando todos os pedófilos.

– Não, nada tão drástico. Estou falando de uma aceitação pública oculta do que já aconteceu. Como acha que isso afetaria seu trabalho ?

– Com certeza, seria devastador.

– Será. Acha que é tudo planejado ?

Simonsen percebeu que estava começando a suar. Não por causa da conversa, mas porque seu termostato interno às vezes funcionava mal, especialmente nos últimos meses. Afrouxou a gravata e passou um guardanapo na testa. Isso aliviou um pouco. Depois perguntou :

– Planejado ?

– É... planejado, maquinado, tramado. Sabe o que quero dizer.

– Quem faria isso ?

– Não sei, mas se os *e-mails* que estão circulando dizem a verdade, não podem ser ignorados, tratados como calúnias. Alguém deve estar envolvido nisso desde o começo. Tenho certeza de que já pensou nisso.

Tinha pensado. E rejeitado a ideia. Especulações eram perda de tempo. Precisava de alguma coisa concreta. Até aquela noite, tinha tido muito tempo, mas o assassinato da véspera e a imagem alarmante que o chefe de polícia descrevera – uma população hostil – mudaram as coisas. E isso realmente o atingiu.

Simonsen pôs a mão no bolso e tirou um maço de cigarros.

A igreja estava maravilhosa sob o sol de outono. As pedras, de tão brancas, obscureciam a vista, e o quartzo nas pilastras brilhava como milhares de gotas de água.

Erik Mørk levantou a mão para se proteger do sol enquanto observava a construção. A parte transversal da igreja – que, junto com a nave, formava uma cruz – e a própria nave eram notoriamente de estilo românico, com janelas arredondadas, trabalhos ornamentais em pedras, e acabamentos ricamente detalhados. A torre, o pátio interno e a sacristia – todos anexos criados em estilo gótico e acrescentados umas duas centenas de anos mais tarde – eram de granito e tijolo. O muro da igreja provavelmente datava da Idade Média e o relógio da torre, de ferro batido e pintado de preto, era do século XVIII.

Mørk não era exatamente interessado em arquitetura. Apenas tinha chegado suficientemente cedo para observar a vizinhança e uma possível atividade policial. Feito isso, e com facilidade, foi até a biblioteca, que, convenientemente, ficava ao lado da igreja. Lá, leu o que pôde sobre a paróquia, a congregação e a história da igreja, o que pareceu para ele uma maneira apropriada de passar o tempo.

Nesse momento, estava sentado sob o abrigo de um ponto de ônibus, a uma distância confortável das autoridades, e em um ponto estratégico. Tinha sido o mais perto que ousara chegar. Alpinista estava sentado ao lado, mal-humorado porque queria participar da cerimônia na igreja. Mørk tinha puxado o companheiro para baixo do abrigo, quando o avistara ; ficara com medo da sua reação, mas nenhum dos dois estava em situação favorável a discussões. Ambos haviam desobedecido à ordem de Per Clausen sobre não aparecerem no seu funeral.

Alpinista se levantou ; ainda tinha dificuldade para se conformar com o local onde estavam.

– É um jeito estranho de se despedir : apenas olhando de fora da igreja. Tem certeza de que há fotografos da polícia por aqui ?

– Tenho. E também muitos fotógrafos dos jornais, tão perigosos quanto os outros. Não deveríamos nem estar aqui. Nenhum de nós, menos ainda ambos. Este lugar está bom. Não vamos nos aproximar mais. Seria loucura.

Embora contra a sua vontade, Alpinista aceitou.

– Tudo bem, mas não tenho que gostar disso.

Sentou-se novamente e acrescentou, rindo por entre os dentes :

– Per enlouqueceria se nos visse. Jamais teríamos coragem de desobedecê-lo, se estivesse vivo.

Falou como um menino malcriado, saboreando o próprio atrevimento.

Mørk sentiu uma pontada de irritação. Secretamente, queria Alpinista o mais longe possível, até mesmo fora do país. Tinha feito o que era necessário – ótimo –, mas agora era inútil, além de representar um risco ambulante à segurança.

– Está certo. O prestígio dele caiu muito por aqui desde que morreu.

O sarcasmo foi desperdiçado.

– Por que está dizendo isso ? É óbvio.

Mørk se arrependeu de suas palavras e, sem nenhum entusiasmo, deu uma explicação. Não se sentia confortável com Alpinista e preferia estar a sós. A situação tinha aproximado os dois, mas eram muito, muito diferentes. No entanto, não podia, de forma alguma, iniciar uma desavença. Além de tudo, havia uma coisa que Mørk queria saber, agora que tinha a oportunidade.

Depois de alguma conversa fiada inofensiva, perguntou :

– Li nos jornais que você não mutilou apenas as mãos e os rostos. Decepeu os genitais também. É verdade ?

– É.

– Não estava no acordo. Por que fez isso ?

– Na hora, pareceu uma boa ideia.

Mørk teve que se controlar para não ser irônico mais uma vez.

– Talvez possa explicar melhor.

– Foram só alguns nacos.

– Alguns nacos ? Com a motosserra ?

– Isso.

– De todos eles ?

– Certamente.

– Por que razão ?

– A verdade é que perdi o controle sobre a serra. Depois que comecei, foi difícil parar, e aí quis mostrar para o Frank o que aconteceria com ele depois que morresse. Se é que me entende...

Não era exatamente a verdade. Tinha feito a última mutilação muito depois de ter desmontado o andaime e levado para a *van* ; e antes de limpar o chão.

Mørk aceitou a explicação sem mais questionamentos. Era mesmo o que tinha imaginado e, afinal de contas, o que estava feito estava feito. Não tinha mais jeito. Do ponto de vista de *marketing*, era, sem dúvida, incrivelmente lamentável – tipo de coisa difícil de vender –, mas não havia nada mais a fazer agora. Então, simplesmente acenou com a cabeça, e Alpinista continuou :

– Queria demais esfolar a virilha antes que ele morresse.

– Mas não fez isso, certo ?

– Não, por mais estranho que pareça.

– Fico feliz de ouvir.

Não tinham mais o que dizer. Alpinista não perguntou sobre as campanhas, e Mørk preferiu não saber mais detalhes dos assassinatos.

As pessoas chegavam à igreja em um fluxo constante ; sozinhas ou em pequenos grupos. Muitas eram jovens. Algumas deixavam coroas de flores e saíam. Outras punham as coroas nos degraus da entrada da igreja. E havia, também, aquelas que acendiam velas trazidas de casa. Ainda faltava algum tempo para que a cerimônia começasse.

Mørk tentou preencher o tempo.

– Há 400 anos, queimaram pessoas aqui.

Alpinista nada disse. Apenas ficou olhando – com os olhos semicerrados por causa do sol – para a árvore ao lado da igreja. Era uma castanheira, e alguns frutos ainda se encontravam nos galhos mais altos, esperando a hora de caírem sobre a terra.

Mørk prosseguiu.

– Pegaram os filhos do fazendeiro durante a noite e os levaram ao encontro anual das bruxas com o diabo, à meia-noite. Depois da tortura, as confissões confirmaram a culpa. Mas o sacerdote apelou e pediu que fossem enforcados em vez de serem queimados vivos na fogueira. Isso quase lhe custou o hábito e a vida, pois todas as pessoas presentes ficaram furiosas. E foram queimados. Em frente a essa mesma igreja, no ano de 1613. É estimulante pensar nisso.

Alpinista levantou a cabeça e ficou atento.

– É um homem esquisito, Erik. E as pobres mulheres ?

– Sim, sim, claro. Mas não estou pensando nas mulheres. Estou pensando em como todos se uniram numa mesma luta contra o mal. Do que é capaz medo e raiva em massa...

A conversa morreu ali, pois Alpinista não disse nada. Em pouco tempo, os sinos da igreja começaram a badalar e os convidados entraram. Eram muitos e Mørk comentou :

– Duvido que qualquer um dos nossos cinco tenham um funeral bacana como este.

– Seis.

– Seis ? O que quer dizer com isso ?

– Agora são seis. O grupo cresceu.

Mørk levou alguns segundos para entender, mas quando isso finalmente aconteceu, levantou-se em um pulo e gritou, sem se lembrar da descrição. Um casal de retardatários que caminhava apressado olhou assustado em sua direção.

– Enlouqueceu de vez ? Você está completamente doente da cabeça.

Alpinista não se abalou.

– Calma ! Existe uma explicação bastante razoável para isso. Ia procurar você para contar pessoalmente, se não tivéssemos nos encontrado aqui. É por isso que fiquei. Vim por um impulso, já que, de qualquer forma, estava nessa área.

Mørk não estava ouvindo.

– Não pode sair por aí matando as pessoas.

Alpinista sorriu e falou, tranquilamente :

– Allan Ditlevsen, o cara do cachorro-quente, adoeceu com pedras na vesícula na noite anterior ao nosso evento. Frank, o irmão mais velho de Allan, arranjou um substituto, mas quando soube que o irmão mais novo ia para o inferno, e não para o céu, e que a polícia queria... bem, pode imaginar o resto por conta própria.

Mørk recuperou o autocontrole, acenou com a cabeça, e Alpinista lhe contou sobre o ex-vendedor de cachorros-quentes de Allerslev. Depois perguntou :

– E Allan Ditlevsen nunca suspeitou de nada ?

– Não sei sobre isso, mas todo mundo sabe que ele não era um dos mais inteligentes, e também não era de ficar fora do caminho da polícia. Liguei para ele no hospital e perguntei a respeito da sua saúde. Falei sobre o verão, drinques, crianças, e disse que o irmão estava

mandando lembranças, pois infelizmente não podia vir ao telefone ; e essa última parte era verdade.

- Por que não nos contou ?
- Temia que Per cancelasse tudo.
- Hum. Pelo menos, está sendo honesto.
- E ainda derrubei uma árvore sobre ele. Acredite, foi a coroa de flores mais apropriada que podia ter tido.
- Não pode me dar uma resposta real ?
- É verdade. Foi meu jeito de lutar contra as forças do mal.



O criminoso estava perdido. As três mulheres suburbanas tinham provas suficientes para garantir que a justiça seria feita. Ele tinha mentido ao fazer o juramento de Hipócrates por ocasião da sua formatura em medicina e não merecia nenhuma misericórdia, independentemente de que sexo era.

Pauline devorou o final do romance médico. A pessoa mais jovem da equipe policial tinha saído secretamente para passar o intervalo de almoço no seu café predileto, na estação Hovedbanegården. Como todos do grupo, tinha um refúgio secreto onde podia, de vez em quando, se distrair das mortes, dos assassinatos, e dos mais brutais aspectos da natureza humana. Ou, pelo menos, era o que achava.

A Condessa aproximou-se da mesa e limpou a garganta umas três vezes sem ser notada. Então, pôs a mão sobre a revista.

– Olá ! Terra chamando Pauline ! Em que mundo foi parar ?

Finalmente, Berg olhou para cima e ruborizou-se de orelha a orelha, sentindo-se flagrada como um gordo se empanturrando secretamente de doces. Fechou a revista imediatamente e colocou dentro da bolsa. Mas foi como se a Condessa não tivesse notado nem sua escolha de leitura nem a cor das suas bochechas.

– Vai a Middelford, minha querida.

– Sozinha ?

– Não, comigo. Identificamos dois dos homens. O Sr. Centro não existe mais. Foi substituído por Frank Ditlevsen, 52 anos, um analista de sistemas de Middelford. O Sr. Sudoeste é o aposentado Jens Allan Karlsen, de Trøjborg, em Århus. Tinha 63 anos de idade. Arne está encarregado dele. Na verdade, Jens Allan Karlsen foi identificado duas vezes. Apenas cinco minutos depois de recebermos os resultados do teste de DNA, telefonaram do hospital Skejby, onde seu coração era examinado quatro vezes ao ano, exatamente como Elvang havia previsto.

– Cinco minutos tarde demais foram suficientes para a informação se tornar inútil.

– É verdade. A propósito, foi você que chamou Allan Ditlevsen de senhor Extra no quadro de avisos ? Se foi, prepare-se para uma lição de Simon sobre respeito.

– Não, foi...

Berg se interrompeu no meio da frase.

– Não fui eu.

– Melhor para você.

O pecador, no caso, era Arne Pedersen. Berg estava lá quando ele escrevera... e, pior, tinha rido daquilo. Rapidamente, mudou o assunto.

– Frank Ditlevsen era irmão do vendedor de cachorros-quentes ?

– Era. Frank era o irmão mais velho, o que estava no ginásio esportivo. Allan era o caçula, o do quiosque de cachorro-quente.

– A árvore o matou ?

– Não exatamente. Os peritos têm certeza de que foi morto por um galho, minutos antes de a árvore cair sobre ele. Mas isso é um pequeno detalhe. O fato é que alguém foi longe a ponto de derrubar aquela árvore, e que a derrubada em si foi feita por um profissional. Mas não foi para acabar de matar o homem, pois já estava morto.

– Por quê, então ?

– Não sei.

– O que Simon acha ?

– Acha que deve acabar logo esse café para podermos ir embora. Os irmãos moram... ou melhor, moravam, no mesmo endereço em Middelford. Estão todos trabalhando como loucos para colher mais informações e vão nos manter informadas o tempo todo.

– Boas notícias. Finalmente conseguimos nosso grande avanço.

– Parece que sim. E tem mais. Já temos duas fotografias, do Sr. Noroeste e do Sr. Nordeste, respectivamente. Serão mostradas pela mídia a partir de hoje à noite, a não ser que já tenhamos identificado os homens até lá. De uma forma menos agressiva.

– O que quer dizer ?

– São palavras de Simon. Ver uma figura daquelas escancarada na sua frente numa tela de TV, sem nenhum aviso anterior, será terrível, se for um parente, mas não temos escolha. Se houver um matador louco solto por aí pegando molestadores de crianças, o tempo é um fator essencial.

As palavras ecoavam nos ouvidos de Berg. Havia pessoas que ela tinha interesse especial em proteger.

– Sim... entendo o que quer dizer.

A Condessa percebeu o tom hesitante e falou, com veemência :

– Suponho que concorda plenamente comigo ; senão, é melhor ficar em casa... requerer uma transferência, enquanto é tempo.

Formalmente, não tinha autoridade para isso, mas ambas sabiam muito bem que havia poder por trás dessas palavras. Berg imediatamente corrigiu sua atitude.

– É claro que concordo com você ; cem por cento.

A Condessa aceitou a resposta e sorriu.

Berg retribuiu o sorriso e disse :

– Então, estamos a caminho da ilha de Fyn ?

A tarefa não representava uma surpresa para ela. Estava claro que assim que ocorressem identificações, teriam que ir à luta e garantir o pão de cada dia, independentemente do lugar. Na véspera, já havia percebido o rumo que as coisas estavam tomando e pedido a uma vizinha para cuidar do gato.

– Sim, estamos, e, como falei, não há tempo a perder. Vamos passar na sua casa para pegar algumas roupas. Suponho que já preparou uma mala.

– Já. Arne disse que muito provavelmente teríamos que viajar em breve ; não sei como ele concluiu isso.

– Foi uma dedução inteligente. Mas talvez você esteja decepcionada por estar indo comigo, e não com ele.

A voz era cordial, mas havia uma aparente ponta de seriedade na fala da Condessa. Berg percebeu isso e decidiu responder honestamente.

– Não, não estou. As coisas entre nós... Não sei se isso tem futuro. De qualquer jeito, é uma situação complicada.

– Se você está dizendo.

– Você sabe, ele está em uma situação confortável. Com os filhos e tudo mais.

– Vai ter de perguntar para ele. Se podem dormir juntos, devem poder conversar um pouco também.

– Mas estou perguntando para você.

– Quer minha opinião honesta ?

Berg acenou a cabeça.

– Arne jamais deixaria as crianças, e esse caso não é exceção. Não deve tentar convencê-lo a fazer isso ; o resultado não seria bom. Mas agora temos que ir, estou com pressa.

Berg, que conhecia bem a total indiferença da Condessa pelas multas por estacionamento proibido, não se deixou intimidar por essas palavras. Em vez disso, terminou calmamente o seu café. Tinha acabado de confirmar algo que, na verdade, sempre soubera e, embora a colega não tivesse exatamente medido suas palavras, ainda assim sentiu-se aliviada. Mudou o assunto :

– Como sabia onde eu estava ? E por que não ligou ?

– Liguei, sim. Quatro vezes, sem resposta. Ou a campainha do seu celular está muito baixa, ou ele está desligado. Simon disse que era bem provável que estivesse aqui, lendo revistas femininas.

As bochechas de Pauline ficaram vermelhas de novo.

– Como ele sabia disso ?

A Condessa sorriu, sem muita simpatia.

– Sei lá.

Depois acrescentou, em um tom mais amigável :

– A rede de contatos de Simon dentro da corporação é extensa e você resolveu se esconder em uma das áreas mais patrulhadas da Dinamarca, portanto acho que foi vista. Provavelmente por algum colega do sexo masculino. Eles sempre prestam atenção em você. Vem aqui com frequência ?

Berg entendeu a ironia e ignorou a pergunta.

– É, alguém deve ter tagarelado. Isso é detestavelmente típico dos homens.

A Condessa assentiu com a cabeça.

– Concordo plenamente. Mas agora vamos. No caminho, vou lhe contar uma pequena e graciosa história sobre como um prefeito mandou um psicólogo para o psicólogo.

Anni Staal estava sentada em sua mesa no *Dagbladet* esperando pacientemente sua estagiária ficar pronta. Anita Dahlgren estava mexendo em seus papéis, sem pressa, bastante ciente de que esse ritmo extremamente lento irritava a chefe.

O relacionamento entre as duas tinha ido de mal a pior nos últimos dias e ficara claro para ambas que não se suportavam. No entanto, apesar de relutantes, tinham que reconhecer o alto nível de competência profissional uma da outra.

Anni Staal estava no centro das atenções o tempo todo desde a segunda-feira em que os assassinatos de Bagsværd foram descobertos. Sua matéria ocupara uma grande parte do jornal e tudo indicava que isso ia se repetir por algum tempo. Mesmo com tanto estresse, estava adorando o trabalho. Como um rato no esgoto, pensou Dahlgren, que, contra a vontade, tinha de admitir para si mesma que podia aprender muito com a mentora que fora nomeada para ela. Com exceção do cinismo absoluto da mulher, e da enervante falta de qualquer objetivo exceto progredir pessoalmente, sua chefe era uma jornalista espetacular.

Por outro lado, Staal reconhecia as qualidades da estudante. Era muito inteligente, trabalhadora, intuitiva e, acima de tudo, apresentava abordagens brilhantemente criativas. Tudo isso fazia dela uma estagiária muito útil. O fato de que, no plano pessoal, a moça parecia muito ingênua para enfrentar o mundo real não era tão importante. Era possível conviver com seu jeito rude e extremamente didático. A jornalista era paciente e, além disso, conhecia gente bem mais difícil.

O fato é que o trabalho das duas juntas estava indo muito bem.

Anita Dahlgren era muito ágil e as palavras de Anni Staal sobre se esforçar mais e ser mais rápida estavam entaladas na sua garganta.

– Você pediu um relatório a respeito da reação das escolas de ensino médio no país. Em geral, durante o dia todo, muitas escolas de educação de adultos e de ensino médio estão suspendendo as aulas regulares para se lançarem em vários estudos que, de uma forma ou de outra, estão ligados ao abuso sexual de crianças. É difícil fazer uma estimativa, mas minha conclusão pessoal é que aproximadamente um terço, ou até mesmo a metade, das escolas de ensino médio do país foram afetadas. O fenômeno é predominante em Copenhague e nas cidades maiores. Provavelmente, as atividades vão continuar e até mesmo se intensificar na segunda-feira. Acho que vão incluir as classes mais adiantadas das escolas de ensino fundamental. Já há casos isolados.

– O que querem? E quem está por trás disso?

– A última pergunta é fácil de responder. Não há ninguém por trás disso. É um movimento espontâneo e se espalha de uma instituição para outra, mas não há dúvidas de que tudo começou a partir do anúncio de ontem sobre o abuso.

Anita acenou a cabeça positivamente.

– Assim como os boatos sobre o assassinato em massa. Mas o que os estudantes estão

fazendo varia. Em alguns lugares, estão investigando o número de crianças molestadas por dia, como o anúncio sugeriu que fosse feito. Há lugares em que as crianças estão contando, umas às outras, os seus próprios abusos. E em outros lugares, a pedofilia é o assunto do dia. As formas de divulgação também são variadas : *blogs*, pôsteres, papéis afixados no quadro de avisos da comunidade que ficam nos supermercados locais, e muitas outras, como panfletos, eventos, cartas a editores de jornais e revistas, só para mencionar algumas. Estão demonstrando muita criatividade.

– Maldição ! Devem ter um objetivo.

– Se têm, está muito vago. Pode-se dizer que o propósito é chamar a atenção pública para o abuso de crianças, ou seja, pressionar a sociedade a tomar medidas mais drásticas contra isso. Alguma coisa assim. Mas sou eu que estou dizendo ; dependendo da pessoa a quem pergunto, recebo respostas variadas.

– Somos todos contra o abuso de crianças até aí nenhuma novidade. Portanto, se há uma mensagem, estão ensinando o padre-nosso ao vigário.

Anita remexeu em mais alguns papéis. Dessa vez, sem a vagareza desnecessária. Tinha escrito coisas que poderiam fazer parte de um artigo, caso pedissem que fizesse. Leu em voz alta :

– Muitos jovens estudantes do ensino médio declaram que agora encontraram uma causa em comum. Num mundo onde são doutrinados diariamente sobre as demandas inflexíveis da globalização, para que desenvolvam uma inteligência competitiva e competente, e onde o diabo pega os medíocres, é fácil entender que uma mensagem totalmente clara contra o abuso sexual seja um presente dos deuses. Também querem atingir o Ministério da Educação. A oposição ao mundo adulto, que por anos tem tolerado a prática de abuso de crianças, é óbvia e exalta um sentimento de união, todos com o mesmo nobre propósito, mesmo quando o verdadeiro motivo vai ficando para trás.

Anni balançou a cabeça, pensativa. Depois falou :

– “Jovens estudantes do ensino médio” é redundante. Troque “exalta” por “gera” e tire “nobre” ; corte também a última frase. Além disso, diminua o comprimento dos períodos, pelo amor de Deus. Suponho que também tenha algumas histórias contadas do ponto de vista pessoal para acrescentar.

– Tenho. Entre elas, uma sobre duas irmãs que frequentam a escola Virum. Quer ouvir ?

– Sim.

Enquanto a história era lida, Anni aproveitou para examinar sua correspondência. Normalmente, Anita não aceitaria esse tratamento humilhante, mas sabia, por experiência própria, que a chefe pertencia àquele restrito grupo de pessoas que conseguem fazer várias coisas ao mesmo tempo, e fazem todas muito bem. Infelizmente, ela ainda não possuía essa capacidade. Continuou sua leitura como se nada mais estivesse acontecendo. Foi só quando olhou para sua ouvinte que descobriu que não estava sendo escutada. Anni estava com o olhar fixo na tela do computador, e tinha no rosto uma expressão de incredulidade.

– Diga, está pelo menos um pouquinho interessada no que estou falando ?

Anni olhou para sua estagiária por alguns segundos e pareceu um pouco distraída quando respondeu. Mas, pelo menos, foi honesta.

– Não, na verdade não estou. Tem fone de ouvido ?

Anita sorriu, com uma doçura exagerada.

– Quer dizer *fones* de ouvido ?

– Sim, foi o que quis dizer. Pode me emprestar um par ?

A reação diante da sua pergunta – nem um resmungo – significava que havia alguma coisa muito especial no computador, o que ficou confirmado pela próxima frase de Anni.

– Vá à merda !

Essas palavras foram ditas ao vento, sem um destinatário específico. Anita se aproximou para dar uma espiada, mas não foi possível. Anni podia até estar muito concentrada em seus próprios assuntos, mas não estava completamente alheia ao mundo a seu redor. Imediatamente, virou a tela do computador e, dessa vez, resmungou.

As horas que se seguiram foram agitadas, mas produtivas também. Anni telefonou para sua nova fonte dentro da polícia, consciente de que ele ficaria furioso. Apenas dois dias antes, ela tinha jurado solenemente que o contato seria sempre dele para ela, e nunca o contrário. Essa era uma regra nitidamente importante para ele. Agora, estava infringindo a norma na primeira oportunidade, o que lhe custaria – e pretendia pagar – uma das somas mais altas que já havia entregado a um informante.

Oficialmente, o *Dagbladet* não pagava por informações, mas quase todos os jornalistas faziam exceções de vez em quando. Sempre por meio de discretas notas de alto valor. Um tipo de suborno encoberto mais tarde nos balanços da contabilidade. Mas dessa vez ela havia passado dos limites aceitáveis e fora forçada a retirar o dinheiro da conta bancária pessoal. Uma medida temporária, esperava, a não ser que fosse um trote. Era um empreendimento arriscado e, ao contrário do seu informante, não gostava de apostar dinheiro.

Anni Staal e Arne Pedersen se encontraram nos arcos perto da prefeitura. O envelope dele era marrom, o dela, branco ; fizeram a troca. Mas só ela agradeceu. Pedersen pôs o dinheiro no bolso interno do casaco e disse :

– São três fotografias. Duas vão ser divulgadas esta noite. Está pagando por algo que terá de graça dentro de algumas horas.

Havia dito a mesma coisa ao telefone, depois que ela tinha conseguido convencê-lo, pela quantia. A jornalista acreditou que, com aquela informação, ele estava demonstrando honestidade. Não queria enganá-la.

– Sim, entendo perfeitamente. Lembre-se de ligar se conseguir mais nomes. Está incluído no preço.

– Vou ligar, mas você não. Nunca mais.

Pedersen se virou e foi embora, antes que ela pudesse dizer alguma coisa.

Quando retornou à redação do jornal, o Departamento de Tecnologia da Informação tinha recuperado o *e-mail* de terça-feira, que tinha ido para a lixeira ; exatamente como ela tinha ordenado. Tudo que precisava fazer era revê-lo ; o entusiasmo disparou o batimento do seu coração, que atingiu um ritmo até perigoso. Entretanto, logo baixou novamente. Não havia dúvidas de que os três homens do *e-mail* mais recente eram os mesmos das fotos do envelope e um deles era idêntico ao rosto do *e-mail* mais antigo. Tinha assistido ao vídeo de terça-

feira, com som, o que causara um ataque espontâneo :

– Não tenho nem um pouquinho de pena de você. Teve o que merecia... não que se possa dizer isso em voz alta.

O editor de Artes e Cultura, que sentava ao lado, levantou os olhos e perguntou, gentilmente :

– Por que está falando isso, Anni ?

Anni desligou o computador e foi direto à sala do chefe de redação, esperando ter a sorte de encontrá-lo disponível. Não estava. Foi prontamente barrada pela secretária, que vigiava com muito zelo o acesso a seu amo e senhor, e que apontou para uma porta fechada no final da antessala.

– Quando ele estará livre ?

– Pode demorar. É assunto financeiro.

– Ouça, querida, entre lá e diga a ele que tem uma reunião comigo na sala Locale Viggo às 18 horas ; depois, localize o diretor e seu novo artista das fraudes jurídicas...

– Advogado sênior.

– Como quiser. Assegure-se de que participarão do encontro também. Junto com isso, providencie um computador com caixas de som e conectado à internet. Ah ! E sanduíches, cerveja e água, é lógico.

– Tem ideia do que está me pedindo ? Devo dizer que a reunião é sobre o quê ?

– Não diga nada. Apenas certifique-se do comparecimento de todos, independentemente de qualquer outro plano que possam ter. Sei que pode fazer isso, se quiser.

– E por que eu deveria querer ?

– Pense bem, sei muito bem que, se o motivo da reunião não for excepcionalmente importante, posso até ganhar umas palmadas.

A secretária olhou séria por cima dos óculos com armação de ouro. Sentia-se mais confortável quando as coisas aconteciam de maneira organizada e previsível, mas isso era totalmente utópico. No entanto, lutava duramente, dia após dia, para garantir um mínimo de ordem na agenda do patrão. A sugestão totalmente inesperada de Anni Staal não se encaixava de jeito nenhum nesse contexto.

– Não serão só umas palmadas ; será uma surra, Anni.

– Sei disso. Apenas certifique-se do comparecimento deles.

A secretária assentiu com a cabeça, sem nenhum entusiasmo. Depois acrescentou, em um tom nada amável :

– Você mesma cuida da comida. Não trabalho nesse setor. E já existe tecnologia para isso ; não lê os *e-mails* internos ?

Anni Staal saiu sorrindo satisfeita. Nem por um segundo tinha pensado que a secretária cuidaria das providências práticas, mas sabia, por experiência, que pedidos complicados tinham mais resultado se a pessoa pudesse recusar alguma parte deles.

Konrad Simonsen estava em sua mesa tentando organizar e ler as pilhas de relatórios acumulados nos últimos dias. A tarefa era praticamente impossível, mas fazia o melhor que podia, passando os olhos sobre os papéis e torcendo para que alguém tivesse mais habilidade para enxergar os detalhes. Após algumas horas de trabalho intenso, seus olhos começaram a lacrimejar. Isso dificultou ainda mais o serviço e fez com que se sentisse velho. Aproximou o abajur e tentou continuar mais um pouco, agora sem os óculos. Nenhuma das duas coisas ajudou. Então pegou uma caixa de lenços de papel no fundo da gaveta da mesa e continuou a ler, enxugando as lágrimas em intervalos regulares e praguejando contra a incapacidade dos colegas de se expressarem sucintamente. Dessa forma, conseguiu se livrar de mais cinco pastas, e tinha acabado de pegar a sexta, quando ouviu uma batida na porta. Arne Pedersen entrou na sala, antes mesmo que Simonsen tivesse tempo de levantar o rosto.

– Está ocupado, Simon ?

– Sim, como pode ver.

Deixou a mão cair pesadamente sobre uma pilha de relatórios, chamando atenção para a pilha errada, isto é, aquela que já tinha lido, mas que no momento estava mais alta que a pilha que ainda não tinha examinado.

Arne Pedersen balançou a cabeça, indiferente, e perguntou :

– Por que está chorando ?

– Meus olhos não são mais como antes. Diga, lenços de papel têm data de validade ? Estes não estão muito absorventes.

Juntou os lenços usados que estavam embolados e espalhados pela mesa e jogou na cesta de lixo.

Pedersen respondeu :

– Podem ser de boa ou má qualidade, mas acho que não têm uma data depois da qual não podem ser vendidos, se é o que está perguntando. Talvez devesse pensar em óculos mais fortes. Vá a um oftalmologista e faça uma avaliação.

– Obrigado pelo conselho. O que quer ? É importante ?

– Não, nada especial. Tenho alguma coisa sobre aquele *e-mail* a respeito do abuso de criança, aquele que pediu que verificasse, mas posso lhe enviar minhas anotações.

– Não, obrigado, me poupe de mais anotações. Sente-se e fale. Vai ser uma boa oportunidade para fazer um intervalo.

Pedersen sentou-se e o chefe se levantou para esticar as pernas. Parou perto da janela por alguns segundos e olhou para a cidade lá embaixo. O sol estava baixando no céu e havia um vento forte. Voltou para o seu lugar e treinou os olhos sobre o subordinado, com uma expressão severa.

– Já que está aqui, precisamos ter uma conversa. Sobre uma coisa que espero que não aconteça nunca mais.



O tom de voz falava mais que as palavras, e indicava que Simonsen estava cumprindo o papel de chefe. Pedersen se ajeitou na cadeira.

– De agora em diante, deve manter suas escapadelas amorosas distantes do trabalho e, principalmente, das minhas cenas de crimes, o que pode ser entendido, no momento, como o prédio inteiro da escola.

– Mas...

– E pode parar com esse ar de ofendido. Tenho coisas bem melhores e mais importantes a fazer do que gastar meu tempo convencendo Kurt Melsing a... digamos, deixar de fazer investigações técnicas detalhadas sobre a morte de Per Clausen.

Levantou a mão aberta na sua frente, como um sinal de “pare”, enquanto prosseguia.

– E não quero saber se aquilo era ou não necessário. O que realmente desejo, entretanto, é nunca mais passar por essa situação. Estamos entendidos ?

Os frágeis argumentos de defesa de Pedersen caíram por terra.

– Estamos. Não vai acontecer mais.

Ficaram sentados em silêncio, até que Simonsen disse :

– Então, e o *e-mail* ? O que descobriu ?

– O servidor é alemão. A localização física é Hamburgo e pode, provavelmente, adivinhar quem acessou. Ou melhor, quem se cadastrou para a hospedagem de um *site*.

– Per Clausen ?

– Claro. Tem conta há um ano e pagou por ela *on-line* com o cartão de crédito. Os endereços de *e-mail* americanos foram carregados lá durante o inverno, em várias etapas, a partir do computador da biblioteca da escola Langebæk, o que significa Per Clausen de novo. O interessante é a maneira como o envio dos *e-mails* teve início. Foi através de um telefone celular, que foi rastreado até uma estação transmissora em Rødovre. Os *nerds* da tecnologia da informação estão escrevendo um relatório neste momento. Vai chegar às suas mãos até segunda-feira, no máximo.

– Disse telefone celular. Qual era o número ?

– O *chip* foi vendido num posto de gasolina ; ainda não sabemos qual, mas estamos trabalhando nisso. Os endereços de *e-mail* foram comprados de um ou mais *sites*. Havia por volta de 520 mil, então isso não deve ter sido nada barato. Tem uns caras trabalhando nisso também.

– Certo, Arne. Estou pensando aqui que o envio dos *e-mails* está ligado ao crime por intermédio de Per Clausen, o que é do nosso interesse, mas também é algo que acabaríamos deduzindo. Clausen também foi a Rødovre para... Epa !... Não, claro que não foi. E por bons motivos. Sabia que estava ficando velho e cansado demais para esse trabalho.

Pedersen sorriu com os cantos da boca e concluiu :

– Portanto, Rødovre é um lugar que devemos manter em mente ; pode aparecer em outro contexto.

– Exatamente ; até agora, estamos na mesma linha de raciocínio. Mais alguma coisa ? Algo sobre as identificações ?

– Absolutamente nada. Ninguém está sentindo falta dos cinco, pelo menos até agora. Jens Allan Karlsen, de Århus, está para receber uma visita. Além disso, a Condessa e Pauline estão

em Middelford. As imagens de Elvang foram liberadas, de modo que as três vítimas restantes serão identificadas dentro de pouco tempo, mesmo se tivermos que lidar com o usual.

– E qual é o usual ?

– Bem, temos que presumir que receberemos um monte de informações falsas. Não ficaria surpreso se amanhã tivermos que passar quase o dia todo separando o joio do trigo. Tem muita gente que não quer ver esse crime desvendado.

– Aos poucos, essa parte está ficando clara para mim. Deixe algumas pessoas prontas para checar os nomes. Não temos muito mais o que fazer. Descobriu por que Anni Staal tinha tanta urgência em conseguir as fotos poucas horas antes de todo mundo ?

– Não, mas talvez eu possa perguntar hoje à noite. Prometi ligar assim que confirmarmos alguma identificação.

– Pergunte. E o funeral de Clausen ?

– Como sabe, foi todo fotografado. Mas tinha muita gente e não sabemos quem é a maioria dessas pessoas. Sem uma base comparativa, não temos como prosseguir com isso. Mandeï interromper o trabalho de identificação dos participantes.

– Por quê ?

– Requer recursos demais em relação ao retorno esperado. E porque podemos esperar que a maior parte deles não queira colaborar. Mas mandei um *e-mail* para você ontem dizendo isso.

– Hum. Estou um pouco atrasado com meus *e-mails*. Mas a explicação parece razoável. Mais alguma coisa ?

– Não, nada significativo.

A conversa foi encerrada e Pedersen deveria se levantar para sair, mas não fez isso. Ao contrário, acomodou-se melhor na cadeira, preparando-se para dizer palavras que nunca foram faladas.

Quando o silêncio ficou embaraçoso, Simon disse :

– Então ? O que é ? Vamos logo com isso, Arne. Meu tempo é precioso, e o seu também.

– É... sei disso... é só que... sempre achei desagradável ser repreendido por você.

– Este é o maldito ponto : tem que ser desagradável. Mas já passou. O que quer falar ? Espero que não deseje que eu sinta pena de você.

– Não, claro que não. Nada disso. Estava pensando sobre Pauline... quer dizer, é culpa minha... quer dizer, fui eu que a levei à sala de aula onde encontramos Clausen e...

Ficou sem palavras de novo.

– E o quê ?

Finalmente falou.

– E gostaria que não sentisse necessidade de falar com ela sobre isso. Ou seja, gostaria que o fato de ter falado comigo fosse suficiente.

Simonsen nem tinha pensado em falar com Berg sobre o assunto. Agora estava de cara fechada e olhava para as mãos cruzadas sobre a mesa, balançando a cabeça, pensativo. Como um pai severo, mas, também, misericordioso, que nesse caso deveria colocar o perdão acima do castigo. Manteve aquela expressão intacta, até olhar para Pedersen e abrir um sorriso largo.

– Em primeiro lugar, gastei um bom tempo na vida e muita paciência para disciplinar você

e, independentemente do tipo de tratamento necessário aqui, isso é uma continuação da minha tarefa. Não me interessa quem está com quem, exceto pelo fato de que tem ordens para tratar Pauline decentemente, porque gosto dela. Em contraste com alguns dos outros, você a seduziu.

A atmosfera ficou mais leve, o chefe tinha ido embora. A conversa entre dois homens podia recomeçar. Pedersen falou, aliviado :

– Sei que não é legal, Simon. Tem minha família, minhas crianças e tudo mais. Mas acho que estou meio apaixonado por ela. É como se tivesse ganhado um presente que não merecia.

– É... Acho que ganhou muitos pacotes antes do natal, pelo que me lembro...

Simonsen nunca terminou a frase. De repente, foi tomado pela lembrança de que havia recebido um presente há pouco tempo. Um livro sobre xadrez, um livro pelo qual nunca agradecera. Bateu a mão com força na mesa, irritado, e ficou assustadoramente vermelho.

Pedersen perguntou, curioso.

– O que foi ? Fale, por favor.

Mas Simonsen não atendeu esse pedido. Apontou para a porta e disse apenas :

– Não, de forma alguma. É assunto particular. Vamos, cai fora !

A mulher perto da escada explicou, com uma fúria mal contida :

– A porta não tranca. Como podem ver, o mecanismo não está funcionando. Ele me pediu para tomar conta do lugar enquanto estivesse fora, como se alguém fosse subir até o sexto andar para roubar. Mas eu disse sim ; disse, para ser uma boa vizinha, e estou feliz por isso. Subi as escadas duas vezes para dar uma espiada e ter certeza de que estava tudo bem, mas na segunda vez escutei barulhos. Entrei e era a televisão ; ele tinha se esquecido de desligar o vídeo. Entrem e vejam o que o amigo de vocês andou fazendo, aquele animal.

Um dedo rígido apontou para a porta. Um dos homens protestou, desanimado.

– Não o conhecemos tão bem assim, não podemos simplesmente entrar.

– Vejam o filme primeiro e vão entender o que estou dizendo. Angelina !

Uma rajada de vento atingiu a escada. A porta atrás da mulher se abriu. Em silêncio, sem olhar para a direita ou para a esquerda, uma garota de cabelos negros que balançavam ao vento passou suavemente pelos homens e abriu a porta do apartamento vizinho. Firmemente, sem nenhuma palavra, virou-se e entrou, com uma dignidade singular, levando a mãe consigo. A brisa passou e os gêmeos ficaram olhando para a porta, que foi trancada. Havia uma pequena placa : “Ea Colt Jessen”. Era a prima deles. A prima – às vezes muito insistente e permanentemente exigente – que tinha ligado e pedido que viessem. Entraram no apartamento sem dizer palavra.

A mulher estava certa. Toda a hesitação anterior desapareceu quando assistiram ao vídeo. Estavam sentados pesadamente no sofá e esperavam apreensivos.

– Será que Angelina ficou com medo de nós ? Não cumprimentou, nem falou nada...

Estavam acostumados com o fato de as pessoas ficarem nervosas na sua presença. Ambos eram enormes, com traços fortes e grosseiros. Além disso, os dois tinham uma pálpebra caída – característica de nascença – que tornava a sua aparência medonha. E ainda havia as roupas de couro, no estilo motociclista – uma escolha prática e quente para um tosquiador de ovelhas a caminho do trabalho – que pareciam assustadoras para uma garotinha de 4 anos de idade.

– Não sei. Não pareceu.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo.

– Para o inferno com isso. Não aguento mais.

O vídeo estava no modo “pausa”, mas a imagem congelada era suficientemente desagradável.

Um dos irmãos se levantou e puxou a toalha da mesa em frente ao sofá, derrubando um vaso, que caiu e se despedaçou no chão. O homem jogou o pano sobre a tela da TV. Havia dois pôsteres na moldura, pendurados na parede atrás deles. Num, estava escrito *Welcome to Disneyland*, em letras grandes e malfeitas, acima de um Mickey Mouse sorridente ; provavelmente, uma lembrança de viagem. O outro era a reprodução do retrato de Friedrich Nietzsche feito por Edvard Munch ; sobre a figura, lia-se, em preto, o famoso pronunciamento

do filósofo : *Deus está morto*. O homem que estava de pé pegou uma cadeira violentamente e a quebrou sobre um dos pôsteres. Os estilhaços do vidro da moldura se espalharam e um pedaço grande caiu na sua frente ; o pôster permanecia intacto. Pegou o pedaço de vidro e, com uma ponta cortante, fez com que restasse apenas meio rato e a sem sentido meia palavra : *-neyland*. Então, foi em direção ao outro pôster. O irmão foi ao banheiro.

O dono do apartamento não era pequeno e estava em ótimas condições de saúde, mas não teve a menor chance. Os irmãos eram realmente muito fortes. Sem se deixarem persuadir pelos protestos desesperados, pegaram a cabeça do homem e, com força, o puseram em frente ao vídeo. A capa do filme estava caída no chão. Nela, estava escrito que era sobre o Cerco de Leningrado – propaganda enganosa, a não ser que se levasse em conta apenas a introdução. Suas roupas foram retiradas, seus cabelos vermelhos foram agarrados, com o objetivo de garantir que olhasse longamente as crianças nuas.

– O que é isso ? Responda, seu depravado nojento !

O infeliz tinha o pescoço apertado por um pulso muito forte e impiedoso. Tentou responder da melhor maneira possível, mas não foi nada convincente.

– Isso não é meu. Peguei emprestado com um tira amigo. Nunca vi antes. Porra, vocês me *conhecem*.

O que disse por último foi lamentável. Nenhum dos dois irmãos queria ser lembrado de que conhecia aquele homem.

– Um tira. Desde quando a polícia começou a fornecer pornografia infantil ?

O desprezo era total e insuperável.

– Gosta de criancinhas ? Então temos alguma coisa em comum. Também gosto, mas não do mesmo jeito que você.

Um soco extremamente forte e brutal atingiu o homem na área dos rins e ele urrou de dor. Era um golpe para atingir os genitais, mas tinha errado o alvo. O que veio a seguir foi mais preciso. O vizinho do andar de baixo chamou a polícia.

A reunião na sala Locale Viggo, no *Dagbladet*, foi adiada para mais tarde três vezes. O chefe de redação era um homem ocupado e Anni Staal, irritada, não teve outra opção a não ser aceitar a demora e torcer para que o novo agendamento desse certo. Já era tarde quando finalmente o encontro aconteceu.

Junto com Anni Staal, na sala de reuniões, estavam o chefe de redação e o advogado sênior. Um projetor mostrava o conteúdo de um computador numa tela na parede do fundo da sala. No canto inferior direito da tela, o relógio indicava 22h41. Havia uma bandeja de sanduíches, já começando a ressecar, entre os três participantes, mas nenhum se sentiu tentado a experimentar algum. O chefe de redação usou o isqueiro para abrir uma cerveja ; fez um ruído seco e breve. Anni fez um gesto de aprovação, ele abriu outra e entregou para ela.

Então entrou na sala, apressado, um homem de 60 e poucos anos. Era o diretor editorial e executivo do jornal. Jogou o casaco sobre uma cadeira e sentou-se. Cumprimentou os outros, um por um, enquanto pegava uma cerveja. Ao contrário dos colegas, pegou um copo de plástico, examinou contra a luz, e cuidadosamente o encheu. Depois começou a falar.

– Desculpem o atraso, mas não foi fácil chegar aqui. Anni, acho bom isso ser extremamente importante. Não me lembro da última vez que participei de uma reunião sem saber o assunto e, principalmente, a essa hora da noite.

Anni Staal não perdeu tempo.

– Pode julgar por si mesmo. Hoje à tarde recebi um *e-mail* anônimo, cujo remetente se identificava como Chelsea. Não sei se isso se refere ao nome de mulher, à cidade, ou ao time de futebol. Tinha um vídeo anexado ao *e-mail*. O vídeo todo demora mais ou menos 10 minutos e é formado de pequenos segmentos emendados ; não é preciso ser um *expert* para perceber isso. No início da semana, tinha recebido outro *e-mail* da tal pessoa que se intitula Chelsea, também com um vídeo anexado ; infelizmente, na hora não achei que era tão importante. Vamos ver esse vídeo primeiro ; também não é demorado.

Ninguém se manifestou e Anni ligou o aparelho.

Um rosto com olhar atento e boca muito vermelha tomou conta da tela. Anni Staal disse :

– Isso foi feito dentro de um veículo, provavelmente uma *van*, e acho que ele não sabia que estava sendo filmado.

Uma voz monótona saiu das caixas de som.

“*Bem, o que vai ser ? Tem alguma coisa que atrai o cavalheiro ?*”

A expressão do homem permaneceu inalterada por alguns segundos, depois ficou tranquila. Molhou os lábios e respondeu, ansioso :

“*Acho que vou ficar com esta coisinha saborosa aqui, o número três.*”

O vídeo parou ali, mas as palavras ficaram suspensas no ar e se dispersaram lentamente.

O copo de plástico (do diretor) foi destruído. Ele o espremeu até ser rasgado, destruído. A cerveja espirrou no seu braço e numa perna da calça. O homem quebrou a tensão por todos os

presentes, com um rompante :

– Jesus Cristo ! Que merda !

O advogado pegou guardanapos, mas, com um gesto, foi impedido de se aproximar. O rompante não tinha sido por causa da cerveja derramada, e o diretor não pensou em secar a roupa. Apenas mudou de cadeira. Ninguém nunca tinha ouvido uma blasfêmia saída da sua boca. O diretor perguntou a Anni, docilmente :

– Sabe o que ele está vendo ?

– Não, mas não é muito difícil deduzir.

– Um cardápio de crianças – o diretor murmurou.

Apontou para a tela, onde a imagem do rosto do homem ainda estava congelada.

– Some com isso, Anni. Não consigo suportar.

– Então está na hora de ver o que aconteceu com ele.

O projetor mostrou o rosto do homem de novo. Desta vez, a câmera não estava fixa e a qualidade da imagem, geralmente sem foco, era bem baixa. De tempos em tempos, um objeto branco, sem contornos definidos, cobria a tela. Houve um momento em que a câmera apontou para baixo e foi possível ver que o homem estava nu e, aparentemente, tinha as mãos amarradas nas costas. Havia manchas de sangue na bochecha e no ombro ; em torno do pescoço, uma corda azul, muito resistente. Ele falou, relutante, mas com clareza absoluta e muita intensidade :

*“Nenhuma criança poderá ser submetida a qualquer interferência arbitrária ou ilegal em sua privacidade, família, ou comunicação, nem a...”*

Anni congelou a imagem no rosto do homem e distribuiu três pequenas pilhas de papéis. Na primeira página, estava a mesma figura da tela do projetor.

– Seu nome é Thor Gran e morava em Århus. A foto que entreguei a vocês é da polícia. Consegui esta tarde e meu informante deu o nome dele. Foi feita depois que já estava morto ; alguns especialistas restauraram as características faciais. Thor Gran é um dos cinco homens assassinados na escola Langebæk, em Bagsværd ; o filme que vimos é um registro da sua execução. Também mostra três outras execuções.

A reação do chefe de redação foi confusa, quase ininteligível. Era difícil saber se estava irritado ou entusiasmado.

– Está totalmente louca ? Pelo amor de Deus, isso é... isso é...

O diretor o interrompeu, bruscamente.

– Fique quieto e escute o que ela tem a dizer.

Anni prosseguiu :

– Isso que temos aqui é exclusivo. Nenhum dos nossos colegas da mídia, já pesquisei, recebeu nada parecido. Nem mesmo a polícia.

Ligou o vídeo novamente, e o homem continuou o discurso.

*“... nem a ataques ilegais à sua honra e reputação...”*

O ângulo da filmagem mudou repentinamente. Estava claro que houvera um corte.

*“A criança tem direito à proteção da lei contra esse tipo de interferência ou ataque.”*

O diretor perguntou a Anni :

– Está falando sobre o quê ?

A jornalista pausou o vídeo e explicou.

– Está declarando trechos da convenção da ONU sobre os direitos da criança. Acho que está lendo um papel segurado por quem está filmando. De vez em quando, ele aparece em frente à câmera, mas não nesta parte aqui. A propósito, essa informação me custou uma fortuna.

O diretor não vacilou nem um segundo.

– Terá o dinheiro. Continue.

*“A criança tem o direito de ser protegida contra todas as formas de violência física ou mental, danos ou abuso, abandono, descuido, maus-tratos.”*

O queixo do homem tremia, como se ele estivesse sentindo muito frio ; lágrimas corriam dos olhos. Houve outro corte.

*“... ou exploração, incluindo abuso sexual, sob os cuidados dos pais, tutores legais ou qualquer outra pessoa que possua a guarda da criança.”*

OuvIU-se um clique, o rosto desapareceu da tela e foi substituído pela corda azul. A câmera baixou. Com uma expressão de espanto, Thor Gran balançava para frente e para trás, a imagem entrando e saindo do foco. Anni Staal desligou o vídeo e falou :

– Tem mais três. Vão ver.



O *pub* estava muito cheio, e o ar se mostrava denso, pesado. As pessoas tomavam cerveja, mas ninguém estava bêbado a ponto de criar tumulto. A fumaça de cigarro se movia como cobras azuis brincando sob o teto baixo, e era engolida pelo holofote sobre a mulher que cantava e tocava violão no palco. Sua voz era forte, áspera, tão vibrante que chegava facilmente ao fundo do bar e podia ser ouvida por toda a plateia. A maior parte das pessoas escutava atentamente, e até o *barman*, atrás do balcão cheio de brilho, mostrava interesse. A mulher cantava “The Crying Game” – do filme *Traídos pelo desejo* –, numa interpretação dramática, que combinava bem com sua voz e que era feita com muito sentimento e um apropriado toque de angústia.

Pauline Berg esfregou os olhos irritados pela fumaça. Deu um gole na cerveja e olhou para a Condessa, sentada a seu lado, concentrada na música. Era a primeira vez que trabalhavam juntas em um caso tão importante e naquele dia a Condessa havia revelado algumas características pessoais que Pauline nunca tinha visto antes. Descobriria, por exemplo, que a colega podia ser muito autoritária quando necessário. Como acontecera naquela tarde, na residência dos dois irmãos na periferia de Middelford.

A casa era imponente e tinha dois andares, porão, sótão ; também havia um terraço e um barracão. Allan Ditlevsen morava no andar de cima e seu irmão, no de baixo. Sete policiais estavam revistando o lugar. Sob o comando da Condessa, as duas fizeram um rápido *tour* pela área para ter as primeiras impressões ; primeiro em cima, depois embaixo. Terminaram o circuito na cozinha de Frank Ditlevsen, onde o líder dos policiais esperava por elas. Era um homem carrancudo e tinha 50 e poucos anos de idade. A Condessa começou a conversa, olhando principalmente para Pauline Berg :

– Dois lares bem cuidados, com alto padrão de qualidade e investimento generoso de recursos financeiros – o suficiente para satisfazer todos os pequenos caprichos. Talvez mais decorativos do que confortáveis, mas isso é o meu gosto.

– Concordo. Tudo aqui é bonito e caro. Nada é velho. Quer dizer, nada de relíquias de família. Sabe do que estou falando, móveis de mogno, cristaleiras, móveis tradicionais, esse tipo de coisa.

A Condessa sorriu. Pauline Berg apreciou o elogio não verbal e tentou mais um ato bem-sucedido, fazendo uma primeira pergunta ao líder da operação :

– Frank Ditlevsen era consultor e tinha uma boa renda. Mas e quanto a Allan Ditlevsen ? Quanto ganha um vendedor de cachorros-quentes em Middelford ?

– Middelford não, Allerslev, a seis quilômetros de Odense ; e fazia também uma rota de entrega de jornais lá. De acordo com as declarações de imposto de renda deles, no ano passado Allan Ditlevsen ganhou 250 mil coroas e Frank Ditlevsen, meio milhão. Um especialista em gerenciamento de informações, com cursos e companhias trazendo o dinheiro. Os caras de Fredericia, no sul, estão preparando um relatório que vocês poderão ler assim

que estiver pronto.

As duas mulheres trocaram olhares. Nitidamente, o líder da operação não era um mestre da oratória e sua mensagem também não era muito interessante. Mesmo assim, parecia satisfeito.

A Condessa assumiu a palavra.

– Tem sete homens sob seu comando. Não é suficiente. Há outros a caminho ?

– Oito. Um foi buscar o filho na escola, mas volta assim que a esposa chegar em casa. Mas meus homens realmente gostariam de ir para casa ; para o fim de semana e coisas afins. Alguns deles também estão dizendo que este caso... bem, apenas querem ir para casa. Vocês compreendem.

– Frank Ditlevsen possuía esta casa e seu irmão mais novo morava com ele. Não dividiam as despesas, já conferimos as contas. Sua correspondência está na mesa da cozinha, provavelmente colocada pelo outro. Copenhague disse que deveríamos procurar folhetos anunciando pacotes de viagens, ou recibos, transferências bancárias, mas não há nada parecido com nenhuma dessas coisas. E o passaporte de Frank Ditlevsen está desaparecido. Por enquanto.

O policial respirou fundo, depois falou, da mesma forma confusa.

– Allan Ditlevsen foi preso duas vezes, uma delas por abuso sexual grave de um menor de idade. Estamos verificando se o irmão também é pervertido, isso é importante. Fotos ilegais e coisas assim. Os irmãos... ambos tinham muitos e muitos vídeos, fitas e disquetes, que foram distribuídos entre os integrantes da minha equipe. Só os que tinham tempo, mas tenho uma lista de quem levou o quê, então posso controlar tudo. De acordo com as capas, há filmes de ação e filmes de guerra, mas ninguém sabe o que realmente está lá. É o que vamos descobrir.

A Condessa guardou o telefone celular no bolso interno e, a partir daí, a conversa ficou um pouco mais coerente.

– Também estamos investigando o computador. Allan Ditlevsen não tem. Estamos sendo tão cuidadosos quanto é possível, e um especialista vai chegar logo. Mas, pelo que vimos, não tem nada de ilegal naquele computador. Só cartas e coisas assim. Nenhuma imagem. Interroguei a ex-esposa de Frank Ditlevsen sobre sua pedofilia, mas não consegui nada, porque ela não quer colaborar de forma nenhuma. E ninguém sabe da filha.

Nesse ponto, encerrou a conversa ; a Condessa agradeceu friamente e saiu, deixando Berg com ele, em um silêncio inquietante.

Por volta de 20 minutos depois, oito homens estavam, de pé ou sentados, na sala de estar de Frank Ditlevsen olhando o traseiro da Condessa. O clima estava tenso e as duas mulheres da capital não conseguiriam muitos votos se aquilo fosse um concurso de popularidade. Mas não era e, apesar daquilo, cada uma reagiu às más vibrações de um modo completamente diferente. Berg sorria, como se estivesse pedindo desculpas, e desejava estar muito, muito longe dali.

A Condessa apenas trabalhava. Estava ajoelhada no chão com uma chave de fenda na mão ; a seu lado, o computador de Frank Ditlevsen, desmontado. Havia uma bagunça de fios embolados pendurados na prateleira de livros. O computador tinha sido conectado a um aparelho de vídeo e um gravador de CD's ; uma TV *widescreen* reinava no meio da sala. Com pequenos golpes laterais, ela desprende a parte externa, abriu a máquina e, com uma pequena

lanterna, examinou minuciosamente o conteúdo eletrônico. Seu telefone celular tocou e, por cima do ombro, ela o entregou para o líder da operação sem nenhuma palavra. Ele atendeu a chamada e saiu da sala.

Quando voltou, a Condessa se levantou e deu as ordens ; falou alto e claramente.

– Um inspetor detetive, de Århus, vai chegar aqui dentro de uma hora e assumir o comando. Ninguém deve fazer nada antes disso. Outros vinte e cinco policiais adicionais também estão a caminho ; vêm de vários lugares em Glostrup e Århus. Vão se juntar a nós assim que puderem.

Um policial jovem protestou. Estava muito bem acomodado num sofá, com uma caneca de café na mão, e tinha um ar agressivo.

– A senhora quer dizer que devemos ficar por aqui, olhando para o ar, durante uma hora ?

A Condessa olhou ferozmente em sua direção, mas o líder que seria deposto em breve foi mais rápido. Talvez nunca fosse um grande orador e talvez seus métodos de investigação não fossem os melhores do mundo, mas sabia proteger seus subalternos. Sussurrou alguma coisa inaudível e o policial se levantou e se desculpou, como se realmente estivesse arrependido. A Condessa generosamente deixou o assunto morrer. Balançou uns componentes eletrônicos no ar e falou :

– O grande é um disco rígido, o pequeno é chamado de disco de recuperação. Alguém aqui achou qualquer coisa parecida enquanto estava revistando a casa ?

Os homens olharam e negaram com um aceno.

– Então já sabem o que estão procurando. Há um disco rígido em algum lugar desta casa. Encontrem esse disco quando voltarem ao trabalho.

– Me desculpe, mas como sabe disso ?

Era o policial jovem de novo ; desta vez, estava de pé.

– Poeira... ou melhor, falta de poeira. Frank Ditlevsen trocava o disco rígido com frequência. É a maneira melhor e mais simples de manter a privacidade em um computador.

Olhou ao redor, em busca de mais perguntas, mas não houve nenhuma.

– Vou sair agora, mas volto à noite, portanto nos veremos novamente. E estou me referindo a todos vocês.

Saiu rapidamente, mas em grande estilo. Os homens começaram a resmungar uns com os outros, nitidamente irritados com o jeito autoritário da Condessa. Berg sorriu humildemente e saiu atrás dela.

As duas mulheres usaram as próximas horas para procurar a filha de Frank Ditlevsen, o que, no final das contas, as levou até o *pub* onde estavam agora. A essa altura, tornara-se claro para Condessa e para Berg que colegas agressivos eram o menor problema que tinham. Trabalhar com policiais que só faziam o menor esforço possível era uma coisa, mas uma comunidade inteira que se recusava a colaborar era outra completamente diferente.

Muitas pessoas bateram palmas quando a cantora acabou a canção. Durante os aplausos, um homem subiu no palco e lhe entregou um bilhete. Ela leu, pediu desculpas no microfone e desceu agilmente, enquanto uma música suave e indefinível vinha de caixas de som ocultas.

A Condessa e Berg elogiaram a cantora quando esta se sentou na mesa delas. A moça

agradeceu, timidamente. O *barman* trouxe um copo de suco e ela deu um gole, enquanto a Condessa começava sua série de perguntas :

– Você é filha de Frank Ditlevsen ?

– Sou.

A voz sensual que cantava agora estava áspera, seca.

– Meu nome é Nathalie e esta é Pauline. Somos da polícia. Quer ver nossos distintivos ?

– Não, não é preciso.

– Sabe o que aconteceu ?

– Se sei que meu pai e meu tio estão mortos ? Sim, estou sabendo. Aliás, o país inteiro está.

– Foram assassinados.

– É o que vocês dizem.

A cantora tentou parecer indiferente, mas a voz estava trêmula. Foi a vez de Pauline.

– Sua mãe disse que você estava de férias. Por que ela fez isso ?

– Não tenho ideia.

– Mentiu.

– Não sou responsável por minha mãe. Vai ter de falar com ela sobre isso.

Berg pensou consigo mesma que tinha de concordar. Mas era muito difícil arrancar uma única palavra da boca da mãe da moça, e as poucas que tinham saído eram claramente mentirosas. Como a afirmativa de que a filha estava em “Londres, ou Birmingham, ou era Liverpool” ? Não tinha nem se preocupado em ser coerente em suas invenções.

A Condessa mudou o assunto.

– Não está triste com a morte do seu pai ?

Era realmente uma pergunta.

– Não o via muito.

– Por quê ?

– Era assim, e pronto.

– Quantos anos você tinha quando seus pais se separaram ?

– 9.

– 9 anos de idade. Deve ter sido um choque e tanto.

Pequenas gotas de suor apareceram no lábio superior e na testa da moça. No palco, ela era atraente ; assim, de perto, era quase feia ; e estava prestes a perder o autocontrole ; mesmo levando em conta o fato de que as perguntas não eram sem propósito, apenas eram duras.

– Não sei. Podem me deixar em paz ? Não sei de nada. Não via meu pai, nem meu tio, ok ?

Berg não estava insensível.

– Mataram seu pai e seu tio. Não podemos deixá-la em paz.

– Não matei ninguém.

Estava com dificuldade para falar.

A Condessa balançou a cabeça e, por um momento, pensou em esperar até a manhã seguinte ; o local era o pior possível para uma conversa íntima. Mas logo afastou essa ideia. Tinham estado em Allerslev antes de ir ao *pub* e o quiosque de cachorro-quente destruído era um argumento contra qualquer possibilidade de dar tempo extra a alguém. Quem quer que tivesse feito ou participado daquela violência poderia atacar de novo, e a qualquer hora.

– Sei disso, mas tenho que fazer esta pergunta : seu pai abusou de você quando era criança ?

Foi a gota d'água. A investigadora teve como resposta um grito de desespero.

– Por que está fazendo isso comigo ?

Todas as pessoas olharam para elas, e a solidariedade demonstrada não era com a polícia. A moça chorava, discretamente. Um homem forte e musculoso que estava em uma mesa próxima se levantou. Aproximou-se, pôs a mão no ombro dela, em um gesto de proteção, e falou suavemente :

– Talvez fosse melhor ir embora.

A Condessa tirou o distintivo da bolsa, pôs bem na frente do nariz dele e perguntou :

– Isso é uma ameaça ?

O homem permaneceu calmo.

– Não, não é uma ameaça. Não sou estúpido o suficiente para enfrentar a polícia, mas talvez fosse melhor irem embora. Ela não quer falar ; se ficarem aqui, não vão conseguir nada. E, de qualquer forma, já têm a resposta que queriam. Caramba, vejam como ela está ! Não podem chegar a uma conclusão por conta própria ?

As duas se olharam. Depois, ficaram de pé. A Condessa pegou um cartão e pôs sobre a mesa. Com o queixo, apontou para a cantora.

– Caso ela mude de ideia, ou se alguém mais quiser colaborar.

O fortão ainda continuou calmo.

– Não acho provável. Não toleramos molestadores de crianças nesta cidade.

Todos bateram palmas quando as duas se dirigiram para a saída.

Em Kregme, na Zelândia, norte da Dinamarca, perto do lago Arresø, Stig Åge Thorsen estava seguindo o carro da polícia com os olhos – como se estivesse rastejando lentamente sobre a estrada de terra – e sorriu quando a viatura parou perto do fogo. Usou o tempo que ainda lhe restava para, mais uma vez, repassar as instruções.

*Evite respostas longas, só fale quando fizerem perguntas diretas. Se tiver alguma dúvida, não diga nada. Também não fale nada se ficar confuso ; e ignore qualquer tipo de ameaça. O silêncio é o seu amigo, estas linhas são a sua mensagem.*

Podia praticamente ouvir as palavras de Per Clausen, e seu sorriso ficou mais largo. Não estava tenso, o que, de certa forma, o surpreendeu. Caminhou até o pátio para cumprimentar o policial e o motorista. Um pálido sol da tarde saiu de trás de nuvens carregadas. Estava frio e ele tremia.

A viatura deslizou na entrada da fazenda. Thorsen acenou para o motorista e ficou olhando enquanto ele estacionava o carro – paralelo à casa, perto do muro de pedra, como se ângulos que não fossem de 90 graus e linhas que não fossem retas representassem um insulto. Ficou aborrecido quando viu que conhecia o policial ; era um antigo colega de sala na escola. Ou estava em outra classe, no mesmo ano ? Não se lembrava bem, mas preferia que fosse um desconhecido ; seria mais fácil. O homem saiu do carro e se aproximou. Estava de uniforme.

– Olá, Stig Åge !

– Como vai ?

– Gostaria de falar com você sobre aquela fogueira perto da mata. Recebemos uma reclamação.

Como não era uma pergunta, Thorsen ficou em silêncio. Quando percebeu que não receberia uma resposta, o policial olhou para ele, confuso, e, automaticamente, recuou um pouco, antes de falar de novo.

– O que está queimando lá ?

– Um estranho chegou e me ofereceu vinte mil para fazer uma fogueira em minha propriedade. Queria queimar sua *minivan*. Cavei o buraco e me certifiquei de que havia um bom suprimento de oxigênio. Levei combustível, sacos de carvão, madeira e querosene. Depois viajei de férias. Quando voltei, cuidei do fogo duas vezes por dia. Era esse o trato.

Disse isso em voz alta e clara, sem tentar esconder que tinha preparado com antecedência.

O policial deu outro passo para trás e o encarou, incrédulo. A palavra “*minivan*” remetia a alguma coisa e estava se esforçando – aparentemente em vão – para lembrar o que era, enquanto coçava a parte posterior da cabeça como se quisesse arrancar um pedaço. Finalmente falou :

– Em que andou se envolvendo, Stig Åge ? É a *minivan* que estão procurando em Bagsværd ?

– Um estranho chegou...

A fala foi recitada, exatamente como antes.

– Vamos à delegacia.

– Estou preso ?

– Não. Achei que iria voluntariamente.

– De jeito nenhum.

O policial se coçou com tanta força que pareceu que tinha pulgas no corpo.

– Pode repetir aquilo sobre a fogueira ?

Como antes, repetiu o texto, palavra por palavra. O homem entrou no carro, enquanto Stig Åge Thorsen esperava pacientemente. Pela janela, pôde ver que o policial estava falando. Algum tempo depois, a janela do carro foi abaixada.

– Stig Åge, você está preso. Hoje é sábado, dia 28 de outubro, e são catorze horas e cinquenta e três minutos. Por favor, seja gentil e entre no carro.

Coçou a cabeça de novo, e acrescentou :

– Na frente, ao lado do motorista.

Stig Åge Thorsen obedeceu, sem dizer nada.

A Condessa estava acordada às 5h15 da manhã de sábado, quando a funcionária da noite ligou e avisou, sem nenhuma cerimônia, que a polícia estava na recepção com um envelope para ela. A hora do dia era, obviamente, um pequeno ato de vingança de todos que ela tinha obrigado a trabalhar muitas horas extras na véspera ; e nem podia culpá-los por isso. Portanto, não reclamou quando desceu cambaleando e recebeu o envelope das mãos do policial de motocicleta. Desistiu de perguntar o motivo de a entrega estar endereçada a ela, enquanto Berg podia dormir.

O relatório era enorme e extremamente detalhado, quase 60 páginas sobre os irmãos Ditlevsen. Isso significava que teria muito trabalho separando o joio do trigo. Então, tomou um banho para se livrar do sono e comeu dois pacotinhos de amendoim para enganar a fome. Depois, sentou-se para ler.

Após algumas horas, estava no carro ; seu dia tinha começado muito cedo e estava bastante atribulado. Berg, no banco do passageiro, folheava o relatório. A Condessa dirigia e a provocou.

– É um bom trabalho, não acha ? Já está acabando de ler ?

– Acabando ? Ficou doida ? É impossível assimilar isso tudo em 15 minutos.

– Oh, não acho que é assim tão difícil. É só se concentrar no mais importante e deixar o resto de lado.

Berg acenou a cabeça e, frustrada, começou a ler os papéis. A Condessa veio em seu auxílio.

– Quer ajuda ?

– Consegue se lembrar de tudo ?

– Claro que não. Só os pontos mais importantes.

– Como pode ? Não entendo.

– Tive sossego para me concentrar nisso antes de você descer para o café da manhã. Com o tempo, vai entender tudo.

– Quer dizer, se eu complementar minha leitura de revistas na biblioteca com isso ?

A Condessa deu de ombros, meio incerta do rumo que a conversa estava tomando. A confissão da colega não fazia parte dos seus planos. Assim mesmo, não mencionou as três horas que passara estudando o relatório e se adiantou :

– Não lhe faria mal, mas tudo bem, vamos lá. Frank Ditlevsen nasceu em 1952, em um vilarejo de Ullerløse, em Odsherred, e Allan Ditlevsen nasceu três anos depois. Não tiveram outros irmãos. A mãe abandonou a família no verão de 1956. Emigrou para começar uma nova vida em Leeds, na Inglaterra, onde tinha uma amiga de infância. Talvez estivesse fugindo do pai dos garotos, mas isso não está claro.

Berg confirmou as informações. Estava acompanhando, nos papéis, o relato da Condessa, e se sentia um pouco incompetente, diante da capacidade da colega.



– A vida na casa era disciplinada. O pai, Palle Ditlevsen, se sustentava com... digamos... pequenos serviços manuais ; algum trabalho clandestino aqui, uma coisinha ali, colheitas sazonais, sempre serviços temporários. Consertava bicicletas, às vezes vendia – bicicletas roubadas. Tem duas passagens pela polícia, mas nenhuma sentença de prisão ou multa, portanto tudo deve ter sido resolvido amigavelmente. Os filhos eram deixados de lado e o pai ocasionalmente bebia demais. O governo fiscalizou a família e viu que não estava nada bem ; o arquivo é violento, tem cinco relatórios. O primeiro data de 1962 e o último, de 1967. A guarda dos garotos deveria ser tirada dele, mas as necessidades das crianças eram menos importantes que as daqueles que pagavam os impostos corretamente. O governo foi muito lento, e os meninos cresceram naquela situação.

A Condessa deu algum tempo para sua passageira confirmar os detalhes. Berg virou a página e leu, desta vez com atenção. Quando terminou, disse :

– Está tudo correto, continue.

– Frank Ditlevsen conseguiu um estágio, e em 1971 se tornou impressor litográfico profissional. Teve o mesmo patrão até 1986, quando este teve de fechar as portas, pois a nova tecnologia estava devastando o setor. Frank tinha se casado 10 anos antes. A noiva era uma faxineira de Rørvig. O único bebê que tiveram nasceu no final do mesmo ano. Era a nossa cantora de ontem. Allan Ditlevsen seguiu os passos do pai, se podemos falar assim, exceto pelo fato de que não bebia. As autoridades fiscais têm fichas sobre ele, de 1971 a 1993, nada menos que 46 empregos diferentes. Infelizmente, estão na lista cargos como “auxiliar de ensino” e “assistente de creche”.

– Formidável ! É exatamente isso, quase palavra por palavra. Você é impressionante.

– O pai faleceu em 1985. O mesmo ano em que Frank Ditlevsen se tornou um instrutor independente e se graduou em línguas, em pouquíssimo tempo, ou seja, o tempo necessário para falsificar suas credenciais educacionais. Criou uma empresa de consultoria pequena, mas sólida, com clientes fixos em grandes companhias na região de Copenhague. Ninguém questionou sua experiência profissional.

– Certo. Pelo que estou vendo aqui, só agora, durante a investigação, é que isso apareceu.

– Sim, os clientes não duvidaram dele ; ao contrário, estavam satisfeitos. Parece que o homem era bom de serviço. Mas agora vamos voltar ao relatório. Em 1994, Frank Ditlevsen comprou uma casa em Middelford ; e se divorciou dois anos depois. A ex-esposa e a filha se mudaram. Depois de sair da cadeia, Allan Ditlevsen ganhou mais estabilidade em sua vida profissional vendendo cachorros-quentes e entregando jornais em Allerslev. Nos últimos anos, não há muito que contar. Quem conheceu os irmãos diz que levavam uma vida tranquila. Ainda não conseguimos localizar nenhum amigo íntimo. Pode ser que não tivessem.

Inesperadamente, a Condessa pisou no freio, e por pouco uma raposa não escapou com vida. Desapareceu rapidamente, dentro de um matagal. Berg finalmente entendeu.

– Quando recebeu este relatório ?

– Às 5 horas da manhã de hoje. Estou com ele há mais de três horas, por isso não precisa se sentir inferior.

– É admirável, mesmo sabendo que teve tempo para estudá-lo. Quero dizer, você se lembra de todas as datas.

- Talvez não. Não dá para você checar tudo, não é mesmo ?
- Por que não me ligou ?
- Acordar você ? Por que deveria ? Mas ouça, estamos chegando.
- Ok, fale !
- Se não levarmos em conta as duas prisões de Allan e a infeliz predileção de Frank por trambiques, parece que os irmãos tinham uma verdadeira história de sucesso social. A infância não foi promissora, mas aos poucos conseguiram uma situação financeira sólida e um trabalho estável. O problema é que as finanças deles não são coerentes. Três contadores experientes compararam o conteúdo da casa e os extratos bancários dos dois irmãos com a renda familiar. Pelas leis fiscais dinamarquesas, as contas fariam mais sentido se ambos tivessem rendas adicionais, que o governo desconhecia. Mas são apenas suposições. Não temos nenhuma evidência concreta.

As hipóteses sobre a participação dos Ditlevsen no mercado negro foram amplamente confirmadas durante a tarde, quando foram encontradas na casa quase 160 mil coroas em espécie. O dinheiro foi descoberto por um policial, que, orgulhosamente, entregou as notas para Pauline Berg.

- Estava guardado em quatro caixas de peixe congelado, escondidas bem no fundo do *freezer*. O peixe não combinava com o resto das coisas que estavam lá, pois todas podiam ir direto ao forno. Estava bem no fundo das caixas, e por cima havia uma camada de peixes. As tampas foram coladas novamente. Escolheram as caixas de peixe porque a largura delas é praticamente igual ao comprimento das notas.

Pauline Berg não tinha certeza se o policial esperava elogios. Tinha o dobro da sua idade, e isso ia soar esquisito. Olhou, em vão, para a Condessa.

- Foi esperto, muito esperto.
- Sentiu-se ridícula, mas o rosto do homem se iluminou quando ouviu isso.
- Esta descoberta combinou com o fato de que a maior parte dos vídeos tem pornografia infantil ; faz o caso ficar óbvio.
- Sim, completamente óbvio.
- Se quer saber, acho que os irmãos tiveram o que mereciam.

Mas Berg não queria saber. Ficou contando o dinheiro, até o policial sair. As notas estavam geladas.

O próximo avanço na investigação ocorreu na mesma tarde e, como quis o destino, as duas mulheres de Copenhague foram responsáveis por este também ; uma grande injustiça com o resto da equipe, que trabalhava arduamente. Mas o majestoso detetive do céu deixou claro que desta vez não estava com vontade de recompensar trabalhos tradicionais de investigação.

A maior parte do crédito teve de ser atribuída à Condessa, já que a descoberta se deveu a uma série de conclusões excelentes que fez. Não havia praticamente nenhuma dúvida de que os irmãos vendiam pornografia infantil. A quantidade de dinheiro em espécie encontrada no *freezer*, os vídeos deles, o equipamento eletrônico de Frank Ditlevsen, as prisões de Allan, tudo apontava nessa direção, e o canal de distribuição mais provável era a internet. Entretanto,

um rápido, porém hábil, exame nas transações feitas por Frank Ditlevsen na internet eliminou a possibilidade de distribuição eletrônica de material ilegal. Era bem provável que os irmãos usassem um método mais tradicional de vendas ; mais lento, porém mais seguro. Tendo isso em mente, o quiosque de cachorro-quente pareceu um bom disfarce.

A Condessa nomeou quatro policiais para cuidar desse assunto, e eles imediatamente foram para Allerslev, onde os restos do quiosque tinham sido armazenados em contêineres. Pensando nos peixes, a investigadora pediu que procurassem as coisas que ficavam guardadas no *freezer* comercial. Encontraram e abriram dois sacos de plástico grosso. A Condessa ficou satisfeita e animou os homens com uma pequena conversa estimulante. Depois saiu de perto do péssimo cheiro. O resultado final tinha sido excelente : quase 30 CD-ROMs imundos e fedorentos.

Já a contribuição de Pauline Berg para a investigação se deveu a uma coceira, e foi absolutamente acidental. Quando a Condessa foi para Allerslev, Berg se sentiu inútil. Sabia que precisava descobrir alguma coisa, mas não imaginava como. Na ausência de uma ideia mais brilhante, andou pelo jardim, sem encontrar nada, a não ser uma coceira persistente num lugar do pé, dentro da bota. Tentou aliviar a situação chutando a si mesma com o calcanhar, sem nenhum resultado, a não ser o fato de que a irritação piorou, a ponto de ficar intolerável. Quando estava subindo as escadas em direção à entrada principal da casa, parou e abriu o zíper da bota com uma das mãos, enquanto se apoiava na caixa de correio – presa na parede do lado esquerdo da porta – com a outra. Era uma posição esquisita, mas era melhor do que sentar sobre a pedra molhada dos degraus. Depois de ter se coçado bastante, Berg percebeu que havia algo errado com a parte de baixo da caixa ; tinha sido feita de modo que as laterais fossem alguns centímetros mais compridas que o fundo. Abaixou-se e examinou bem. Um suporte tinha sido colado em cada ponta para, convenientemente, esconder duas unidades de disco rígido.

O sábado foi um dia frustrante para Konrad Simonsen e sua investigação. A profecia pessimista de Arne Pedersen sobre uma inundação de falsas informações como reação à publicação, por Arthur Elvang, das fotografias póstumas das vítimas do assassinato em massa em Bagsværd se confirmou de forma lamentável.

Já na sexta-feira à noite as chamadas telefônicas começaram a chover sobre as delegacias de polícia em todo o país, principalmente no QG de Copenhague. A maioria delas era de pessoas que tentavam impressionar os oficiais com todos os tipos de absurdos sobre as vítimas do assassinato. Muitas eram fáceis de ser descartadas, mas nem todas ; assim, o trabalho de identificação dos mortos continuou, com exceção do Sr. Noroeste, que foi realmente confirmado como Thor Gran, um arquiteto de 54 anos de idade, residente em Århus. Dois estudantes de arquitetura haviam entrado na delegacia de polícia de Lyngby, levando um periódico – *O Arquiteto* –, de abril de 1999, com um artigo (sobre construções importantes e técnicas de restauração) escrito por Thor Gran. Até um leigo poderia estabelecer uma conexão entre a foto na publicação e a reconstituição facial que Arthur Elvang colocara na mídia. Com a identificação do Sr. Noroeste, tudo que faltava eram os nomes do Sr. Nordeste e do Sr. Sudeste. Simonsen tinha ido para casa certo de que os dois seriam identificados no dia seguinte. Um otimismo que podia ser justificado pelo fato de que ele não sabia que os dois estudantes de arquitetura tinham sido descartados três vezes, e que somente sua determinação e perseverança tinham assegurado os resultados da investigação.

Simonsen só retornou ao trabalho às 11 horas da manhã de sábado, pois tinha usado as horas anteriores para resolver uma série de assuntos pessoais que vinha adiando por causa da investigação. Assim que chegou no escritório, munido de uma xícara de café e alguns *croissants*, sentou-se à mesa e começou o dia com um telefonema para sua filha. Tinha combinado ir ao cinema com Anna Mia naquela noite e, antes de iniciar o dia de trabalho, queria saber onde e quando deveriam se encontrar. Mas o telefone estava mudo. O investigador apertou algumas teclas várias vezes, sem nenhum resultado. Tirou o celular do bolso. Estava desligado, porque tinha recebido várias ligações das mais diversas pessoas durante a noite – pessoas que, aparentemente, não queriam nada além de acordá-lo – e tinha se esquecido de ligá-lo novamente de manhã.

Ligou o aparelho, e imediatamente recebeu uma chamada. Uma jovem mulher, ou uma menina, falou, com uma risadinha, que havia reconhecido o irmão entre as fotos publicadas. Simonsen ouviu gritos e risadas por trás da voz. Finalizou a ligação sem responder, e imediatamente o telefone tocou de novo. Desta vez, era um homem que afirmava ter visto uma das vítimas em um jogo de futebol no estádio Brøndby. Desligou novamente, e foi à sala de Arne Pedersen, onde um bilhete na porta o levou à de Poul Troulsen.

A sala de Poul Troulsen era, sem dúvida, a melhor do Departamento de Homicídios. Durante uma longa carreira, e com um gosto apurado para coisas de qualidade, ele tinha

conseguido obter móveis que faziam seu escritório parecer mais uma sala de visitas do que um local de trabalho. A principal característica do lugar era uma TV enorme, muito moderna, que tinha sido comprada originalmente para ser uma tela de informação digital no refeitório, mas que, por descuido burocrático, tinha acabado em seu escritório. Era um fato que agradava a todos, pois ninguém estava particularmente interessado em ter suas refeições interrompidas por mensagens sem importância de policiais superiores. Em vez disso, tinham agora um lugar para se reunirem sempre que havia um evento esportivo de importância nacional. E, ainda por cima, um lugar aconchegante.

Quando Simonsen entrou na sala, Troulsen estava deitado no sofá assistindo a um desenho animado. Arne Pedersen estava recostado em uma poltrona analisando uma cartela de apostas. Nenhum dos dois pareceu ter pressa de interromper suas atividades quando o chefe chegou. Simonsen falou :

– Afinal de contas, o que está acontecendo aqui ?

Troulsen desligou a televisão e disse :

– Nada, só estou espantado com o tanto que os desenhos animados pioraram desde minha infância ; isso é uma grande vergonha.

Pedersen pôs seu papel de lado e explicou :

– Metade da população deste país teve a péssima ideia de ligar para a polícia. Nossas linhas deram pane. Não podemos fazer nem receber ligações.

Simonsen ficou confuso.

– Por que isso ?

– Bem, nossa sociedade moderna é vulnerável assim mesmo. Metade da população pode ser exagero, claro, não precisa passar de duas mil pessoas para ultrapassar nossa capacidade. E estou falando do país inteiro, e não só daqui, do QG. Acabamos de ver nas notícias da TV um *expert* em telecomunicações ; e é lógico que isso fará com que ainda mais pessoas telefonem.

– Está me dizendo que as linhas não funcionam em outras delegacias de polícia também ?

– Mais ou menos. Não é igual em todo lugar, mas ninguém sabe exatamente o que está acontecendo.

– E as autoridades ? Foram informadas ?

Troulsen sentou-se no sofá e comentou, irônico :

– Sim, mandamos cartas.

Simonsen lhe lançou um olhar desaprovador.

Pedersen falou :

– O chefe da Polícia Federal está em uma conferência em Londres. Seu vice está em uma comemoração de bodas de ouro em Falster.

– Então ninguém está tentando acabar com essa loucura ?

– Acho que não. Foi só na última meia hora que as coisas pioraram realmente. Há uns 45 minutos, os telefones ainda funcionavam, mas a espera para completar uma ligação era enorme. Fomos lá na estação...

Troulsen interrompeu :

– Central de Atendimento. Lembre-se de que agora se chama Central de Atendimento. Era estação nos velhos tempos, lá na Idade da Pedra, quando tudo funcionava bem.

Simonsen o repreendeu, impaciente :

– Pare com isso, Poul. Se não tem nada construtivo para acrescentar, deve ir para casa. Continue, Arne.

– Certo ; mas, infelizmente, não há muito mais a ser dito. Exceto, talvez, o fato de que um ou mais dos nossos colegas deve ter posto lenha na fogueira quando os números dos nossos celulares particulares e das linhas diretas dos escritórios foram postados na internet ; mas já deve saber disso. Você e eu estamos na lista. Poul, a Condessa e Pauline ficaram de fora. Quer ver uma das páginas onde nossos números estão publicados ?

Simonsen balançou a cabeça. Troulsen entrou na conversa, desta vez com uma contribuição positiva.

– Saí e comprei 12 *chips* de telefone celular. Estão na sala de Arne. Simplesmente coloquem um no aparelho de vocês e escrevam o novo número no quadro.

– Boa ideia, mas isso vai ter de esperar. Disseram alguma coisa na Central de Atendimento ? É uma boa ideia ir até lá ?

– De modo nenhum. Estão para lá e para cá como baratas tontas e só usam termos técnicos. A verdade é que estão como nós, totalmente impotentes. Só vai melhorar quando as pessoas pararem de ligar.

– E quando vai ser isso ?

Troulsen deu de ombros. Simonsen olhou para Pedersen, que abriu os braços e balançou a cabeça, demonstrando que também não tinha uma resposta.

– Então temos apenas que esperar ?

Era uma pergunta retórica. Nenhum dos dois homens respondeu, mas ambos evitaram o seu olhar. Simonsen ficou parado, em silêncio, depois saiu ; de repente, sem falar mais nada.

Só voltou uma hora depois. A atmosfera na sala não tinha mudado muito desde a hora em que saíra. Troulsen estava folheando alguns relatórios, desinteressado, e Pedersen tinha voltado para sua cartela de apostas. Simonsen conseguiu atrair a atenção deles com estas palavras :

– O problema está praticamente resolvido. Podemos contar com comunicações normais dentro de uma ou duas horas. Vamos usar esse tempo para planejar como agir na coleta de informações a respeito do Sr. Nordeste e do Sr. Sudeste, quando as ligações sérias voltarem a acontecer. Provavelmente, precisaremos de mais um dia para ter isso resolvido. Também quero saber até onde já chegamos em relação a Thor Gran. E, finalmente, mas não menos importante, podem colocar seus *chips* de volta em seus aparelhos.

Pedersen perguntou, com um pouco de espanto :

– O que aconteceu ? Por que o problema acabou ?

– Ainda não acabou totalmente, mas já diminuiu bem. Podemos trabalhar agora ?

Troulsen ignorou a pergunta e ligou a televisão. Sintonizou no canal de notícias, onde o rosto de Simonsen, mais jovem, cobria metade da tela. Uma voz feminina, meio sibilante, perguntou :

– Mas isso não deprecia a polícia de forma que o público pense em fazer esse tipo de coisa ?

Os muitos ruídos da ligação telefônica escondiam apenas parcialmente a profunda irritação de Simonsen.

– Não entende o que estou dizendo ? Não estou nem um pouco preocupado com a forma como valorizam ou não a polícia. O que vai fazer se for atacada a caminho de casa ?

– Sou eu quem faz as perguntas.

– Não, não é. Você é quem sofre um assalto. É o seu filho que desaparece. É o seu carro que fica destruído por um motorista bêbado. E aí, o que faz ?

A hesitação foi dois segundos mais longa do que deveria. Dois segundos suficientes para Simonsen desligar o telefone e, assim, encerrar a entrevista.

No domingo, o mundo desabou.

Os cinco homens condenados encaravam o leitor da primeira página do *Dagbladet*. Todos apareciam em seus últimos segundos de vida, exceto um, que já estava morto. A corda grossa de *nylon* azul estava em todas as imagens. O medo emanava dos seus olhos e vendeu o maior número de cópias do jornal de toda a história. Não se podia ver um mínimo de solidariedade na equipe editorial. A manchete nitidamente tomava partido contra as vítimas, e dizia, apenas : Dia do Julgamento. O jornal trazia um suplemento de oito páginas, uma fotomontagem que mostrava sequências do filme que Anni Staal tinha recebido, quase quadro a quadro, de forma que nenhum dos detalhes macabros escapava do público leitor.

Anni e o diretor editorial estavam parados em frente à entrada principal do seu local de trabalho, esperando. Eram 9 horas e a rua estava deserta, nebulosa e cinzenta na fria manhã. A jornalista tentou, pela terceira vez :

– Tem certeza de que não quer que eu participe ?

Seu patrão abriu a boca em um largo bocejo. A noite tinha sido longa e estava cansado.

– Sim, Anni. Tenho certeza. Você deve aparecer e depois sair. Não podem pensar que está se escondendo. Não quero correr o risco de ordenarem uma busca por você ou o que quer que possam inventar. Conte-me sobre a atmosfera.

– Atmosfera ?

– Na sala da redação, entre as pessoas, ao redor. Ouvi dizer que reina um silêncio total e absoluto.

Anni ignorou o comentário.

– Dizem tantas coisas... Mas os *links* no nosso *site* estão estourando, ou o que for que *links* fazem. Já houve mais de 100 mil acessos, e isso é só o começo. Todos os funcionários do Departamento de Tecnologia da Informação foram convocados. Já conseguiram aumentar a capacidade do nosso servidor, com o objetivo de diminuir o tempo gasto para baixar o vídeo.

O diretor não estava interessado em tecnologia.

– Excelente, excelente. Mas o que as pessoas estão pensando ? Quero dizer, depois que assistem aos vídeos. Estão apoiando nossa manchete ? Foi uma boa ideia ?

– O clipe da *minivan*, com aquele homem chamado Thor Gran, endurece qualquer coração. Sabe qual, aquele em que ele escolhe aquela “coisinha saborosa”...

– Psiu ! Não quero ouvir isso de novo. Nunca mais.

– Então... é como os outros. Quase todo mundo reage assim.

O diretor ordenou, rispidamente :

– Vamos mudar de assunto.

Anni ignorou a ordem.

– Thor Gran se apossou de palavras boas e as emporcalhou. Agora você não consegue ouvi-las. Não suporta nem pensar nelas.



– Virou psicóloga, foi ?  
– Não, mas estive conversando com alguém que é.  
– Ok, pode ser que esteja certa. Isso ainda me faz mal.  
– Mas também é algo revelador. A reação inicial de solidariedade das pessoas desaparece rápida e totalmente. Na próxima vez que vêm as imagens da execução, é com o coração endurecido e uma aceitação silenciosa, ou, até mesmo, uma espécie de aprovação. Tenho recebido alguns *e-mails*.

– É... a liberdade de expressão existe para ser cumprida, e não há nenhuma lei sobre ser obrigado a reprovar um assassinato.

– E sou capaz de jurar que pouca gente vai reprovar. Ao contrário. Mas é claro que são os mais indignados que escrevem. Acredito que a maioria das pessoas não está aos prantos pelas vítimas. E tenho certeza de que muita gente, gente como você, tem uma frase lá no fundo quando formam suas opiniões ; uma frase que não querem dizer, e que gostariam muito de esquecer.

O diretor deu um sorriso amarelo. Consultou o relógio e sentiu saudade de sua cama. Olhou a rua, de ponta a ponta, em vão ; não viu nenhum movimento. Ficaram em silêncio por algum tempo, depois ele reiniciou a conversa :

– Então, manter a notícia em segredo foi uma boa ideia ?

Anni hesitou, antes de responder.

– Acho que sim. Tomamos todas as precauções. As vendas do jornal à noite na região de Copenhague foram suspensas e pessoas de confiança tomaram conta dos exemplares que foram levados nos trens noturnos para as diversas regiões do país. Nenhum funcionário pôde levar o jornal para casa ; assim, garantimos que o choque atingisse o país inteiro mais ou menos na mesma hora. Teve medo de censura ?

– Medo, exatamente, não. Mas acho que não está sendo muito clara, Anni. As notícias vazaram, apesar dos nossos esforços ?

– Realmente, não sei. A polícia, pelo menos, parece que não sabia de nada. Vários policiais na periferia estavam evidentemente intrigados com o fato de que toda vez que acontece alguma coisa importante relacionada com o assassinato dos molestadores de crianças, o Estado parece estar totalmente por fora. Simonsen, o investigador chefe, não parece saber de nada disso. E, certamente, o ministro da Justiça não foi advertido. Ouvi no noticiário do rádio que ele foi duramente criticado no palácio parlamentar Christiansborg, entre vários repórteres que berravam. Estava falando absurdos.

– Pobre homem, primeiro é deixado de fora, depois é massacrado.

– Políticos são sempre muito criticados e o sangue dos ministros é o predileto da imprensa. As histórias trazem prestígio pessoal e, de tempos em tempos, aumento de salário, também. Ouviu alguma coisa ?

– Não ; sou totalmente surdo para escritores gananciosos. Por que hesitou antes de responder se manteve segredo ?

– Nenhum motivo especial. Apenas acho que esse encontro foi muito fácil de arranjar. Não se deve menosprezar Helmer Hammer. Tem amigos poderosos. Muito poderosos.

– Não estou entendendo aonde quer chegar.

– Talvez a lugar nenhum, mas não podemos esquecer o fato de que existem... digamos... diferentes linhas de pensamento. Vimos isso nos últimos dias, e de vez em quando surgem polêmicas sobre assuntos delicados. Por exemplo, tem havido uma discussão sobre tornar a indústria do turismo financeiramente responsável por qualquer viagem de férias em que turistas se aproximem demais de crianças locais.

– A indústria do turismo ? Tenha dó !

– Ou os bancos, com relação a transações na internet que envolvam pornografia infantil. Essa também é uma ideia que vem circulando e ganhando popularidade. Mas olhe, seus convidados estão chegando.

Anni Staal apontou para um táxi que estava dobrando a esquina. Teve de cutucá-lo para que olhasse.

Helmer Hammer também teve de cutucar o homem ao seu lado, Poul Troulsen, que também recebeu uma cotovelada por seu comentário sobre um comitê de recepção de qualidade duvidosa. Depois disso, Hammer se inclinou e viu, pela janela do táxi, que seu colega estava certo. Isso, se duas pessoas podem realmente formar um comitê. Esfregou os olhos e suprimiu um bocejo. O domingo tinha só começado e já estava de pé havia mais de cinco horas.

O telefone havia tocado às 4 horas da manhã e uma voz que era conhecida – mas que pertencia a quem não deveria ligar para a casa dele de jeito nenhum – fez com que despertasse completa e imediatamente. A mulher que havia ligado tinha mais de um nome. Um deles era usado no seu trabalho altamente qualificado na área de finanças e o outro em atividades mais sociais. Hammer era uma das raras pessoas que conheciam os dois. Sabia também que, se alguém tivesse uma pequena fortuna e os contatos certos, poderia contratá-la por dia de trabalho e concluir que ela valia cada centavo pago. Ouviu em silêncio e rezou às mais importantes autoridades para que houvesse uma boa explicação para um telefonema totalmente contra qualquer princípio ético nos negócios. Sua reza foi atendida. A mulher tinha uma cópia do *Dagbladet* para ele. Ela morava em uma cobertura próxima e se encontraram no meio do caminho. Ele recebeu o jornal e um beijo na bochecha. Era esperta demais para mencionar que Hammer agora lhe devia um grande favor.

A ordem do dia para as próximas três horas era o controle dos danos, e não servia de consolo o fato de ele ter arruinado o sono de várias outras pessoas. Com um telefonema atrás de outro, gradualmente começou a ter algum entendimento da situação.

Quando se encontrou com Troulsen no táxi, já estava, portanto, com um humor razoável, e foi capaz de lidar com a bronca que levou do detetive.

– Posso também falar isso diretamente. Se está planejando matar Simon, vá para o inferno, não me importo com o poder que você tem. Mas não conte comigo, nem por um segundo.

Para falar isto de forma amena, pode-se dizer que o homem não levava a menor fé nas autoridades. Helmer Hammer respondeu, calmamente :

– Não é nada disso. É o contrário ; expliquei pelo telefone.

– Odeio a mim mesmo por fazer isso escondido dele. Por que esse segredo todo ?

– Seu chefe é brilhante para investigações, mas um fracasso para lidar com a imprensa. A última coisa de que preciso agora é tê-lo à solta no *Dagbladet*. E este trabalho pode ser feito

em um nível menos sofisticado, quer dizer, com você.

Poul Troulsen sentiu que aquilo era verdade e relaxou um pouco.

– O que Simon está fazendo agora ? Onde está ele ?

– Na cama, dormindo, coisa que merece e de que precisa muito.

Troulsen concordou, com um aceno. Era difícil não gostar dele.

– Como conseguiu isso ?

– Tive sorte.

Ficaram algum tempo em silêncio. Depois Troulsen perguntou :

– Por que eu ? Também odeio aqueles canalhas imundos.

– Porque você os odeia, mas não morde. Porque conhece seu lugar e segura a língua em uma reunião. E porque aquela que chamam de Condessa está em Odense.

Troulsen forçou um sorriso. Passaram por mais algumas ruas e, desta vez, foi Helmer Hammer que quebrou o silêncio.

– Em que está pensando ?

– Que honestidade às vezes pode ser abusiva. Você é sempre direto assim ?

Não foi preciso responder. Começou o noticiário no rádio do carro e ambos prestaram atenção. O foco era em uma entrevista com o ministro da Justiça, em que nem mesmo suas declarações mais caprichadas e fluentes esconderam o fato de que não sabia de absolutamente nada. Troulsen comentou :

– Que tolo !

Hammer foi mais compreensivo.

– É um sobrevivente. Talvez o mais persistente de todos.

O táxi chegou ao local de destino. Troulsen falou, provocativo :

– É, serei amaldiçoado... um comitê de boas-vindas dos abutres dos tabloides.

Hammer lhe deu uma cotovelada. Sem nenhum resultado, pois ele continuou.

– Vou espremer as tetas dessa puta estúpida.

– Não, não vai. E vai manter a boca fechada. Diplomacia não é mesmo para gente do seu tipo.

O táxi parou. Hammer acrescentou :

– E sabe bem disso. Homens maiores que você pagaram caro por suas palavras.

Então, pôs no rosto uma expressão charmosa e saiu do carro.

Os dois homens foram conduzidos à mesma sala onde Anni Staal havia apresentado os vídeos na sexta-feira à noite. A advogada chefe do *Dagbladet*, uma mulher de 30 e poucos anos, estava sentada, esperando, ao lado de uma mesa generosamente farta. Levantou, apresentou-se e apertou as mãos deles. Sentou-se novamente, na expectativa. Troulsen imediatamente sentiu uma espécie de afinidade com ela. Estava claro que a mulher também tinha um papel secundário ali. Hammer e o diretor conversaram enquanto se serviam de refrescos. As mulheres só quiseram um copo de suco. Troulsen tomou uma xícara de café puro. Depois de três pãezinhos e um *croissant*, o diretor finalmente começou a reunião.

– Já que foram vocês que quiseram esse encontro, acho que seria mais apropriado dizerem em que podemos ajudá-los.

Helmer respondeu, com inesperada veemência.

– Vamos deixar as gentilezas de lado. Não acham que nos devem uma explicação ?

Em seguida, Troulsen falou, esquecendo-se de que deveria manter a boca fechada.

– Esse é um nítido caso de ocultação de evidência criminal, e vocês...

Não prosseguiu. Helmer Hammer o impediu, com um gesto, que ele imediatamente obedeceu, para sua própria surpresa. A frase ficou suspensa no ar, mas o diretor a captou e lançou um olhar convidativo para a acompanhante.

– Talvez devêssemos, antes de qualquer coisa, discutir essa questão da evidência. Faria isso ?

Era tudo que a advogada queria. Nos 10 minutos que se seguiram, usou longos termos legais. Ninguém prestou atenção. A mulher finalizou o discurso, triunfante :

– E, de qualquer maneira, enviamos as sequências de vídeo, acompanhadas de uma carta, para a delegacia de polícia de Store Kongensgade no sábado à noite. Receberam o material por volta das 2 horas. Na carta, está claro que os vídeos podem ser importantes na investigação policial sobre os assassinatos dos pedófilos e, para seu conhecimento, não somos obrigados a mostrá-los a vocês.

– Possuem uma cópia dessa carta ?

Mais depressa do que alguém pudesse dizer qualquer coisa, ela tirou duas cópias da pasta e entregou aos convidados. Poul Troulsen e Helmer Hammer agradeceram. O diretor, orgulhosamente, serviu uma xícara de café e, amavelmente, ofereceu a garrafa para a advogada, que recusou com um movimento da cabeça. Os convidados leram a carta. Era longa, rebuscada e desnecessariamente complicada. O que dava para ser explicado em oito linhas ocupava três páginas e meia, e só no meio da página 2 o leitor podia ter uma ideia razoável do que a carta realmente tratava. Helmer Hammer terminou primeiro.

– Sim, com isso podiam ter certeza de que a carta iria para a parte inferior da pilha de documentos recebidos. Nem mesmo a imprimiram no papel timbrado do jornal.

A advogada se desculpou, friamente.

– Foi uma distração. Já era tarde. Mas pode ver que cumprimos a lei ao pé da letra.

Helmer Hammer respondeu para ela, mas olhando para o diretor.

– Talvez tenham seguido, talvez não. Até agora seis pessoas foram assassinadas e não temos nenhuma garantia de que isso não vai continuar. Se, mais tarde, for possível alegar que esse... podemos chamar de *atraso* ?... custou a vida de uma pessoa, prometo que suas ações serão julgadas em um Tribunal de Justiça e que vai ser um caso muito longo e lento.

O diretor não parecia ser do tipo de homem que queria um caso muito longo e lento em suas mãos. Encolheu-se, constrangido, ao contrário da advogada, que mostrou, em um sorriso animado, seus dentes clareados artificialmente.

O próximo passo coube a Helmer Hammer, que tirou um pedaço de papel do bolso do paletó e entregou ao diretor. Poul Troulsen viu que era uma nota escrita à mão, não muito longa, mas não conseguiu ler o conteúdo. O homem leu, ficou pálido e permaneceu em silêncio por alguns instantes. Depois perguntou :

– O que quer ?

Helmer Hammer pegou o papel de volta e falou – calmo, mas direto :

– Uma gravação das conversas que Anni Staal tem com os leitores às 12 horas, assim como acesso aos dados de contato das pessoas que tiverem informações relevantes sobre as

vítimas. Além disso, gostaria de ter a cooperação plena e absoluta de Anni Staal com Poul Troulsen nas próximas horas.

O rosto do diretor ficou tão branco que os outros pensaram que ia desmaiar. A voz também saiu alterada.

– Isso está completamente fora de cogitação. Não revelamos os nomes dos nossos...

Parou de falar quando Helmer Hammer tirou do bolso o telefone celular e começou a digitar, e olhou amedrontado para a advogada.

– Muito obrigado. Ajudou bastante.

A mulher precisou de alguns segundos para entender que era um pedido para se retirar. Quando a ficha finalmente caiu, levantou-se rapidamente, juntou seus papéis e saiu da sala com um ar mal-humorado e sem se despedir. Os homens ficaram em silêncio.

Assim que a porta bateu, Helmer Hammer também se levantou.

– Acho que também vou embora. Fiquem e combinem os detalhes práticos. Tenho certeza de que vão encontrar uma boa solução. Poul, pode me ligar daqui a meia hora, quando tiverem chegado a um acordo ?

Sua arrogância sarcástica surtiu efeito. O diretor nunca havia sido tratado como alguém que cuidava de meros detalhes práticos. Entretanto, na ausência de qualquer alternativa, teve de se render.

A contribuição de Konrad Simonsen para os eventos de domingo de manhã foi zero. Ele dormiu. Devido ao ritmo de trabalho da semana anterior, ninguém podia censurá-lo por isso, principalmente levando-se em conta a sua idade. E foi o que pensou a filha, Anna Mia, quando entrou no quarto do pai e desligou o despertador – estava programado para as 6 horas da manhã. A lua brilhava no céu do lado de fora da janela e a luz estava refletida sobre o rosto do pai. A moça ficou sentada por muito tempo na beirada da cama olhando para ele. A respiração dele era alarmante ; estava pesada e difícil. Às vezes, lhe faltava ar. Isso a preocupou e ela prometeu para si mesma que cuidaria melhor do diabetes do pai ; e o convenceria a parar de fumar. Depois de algum tempo, Simonsen caiu em um sono mais tranquilo. Anna Mia afagou sua bochecha suavemente e alisou o travesseiro antes de sair.

Passava das 10 horas quando o grogue e confuso inspetor chefe entrou na sala de jantar, onde a filha e o ex-chefe estavam pacientemente esperando por ele para tomar o café da manhã. O velho senhor e a jovem mulher tinham combinado previamente quem faria o quê e Anna Mia começou, antes mesmo que o pai tivesse realmente aberto os olhos.

– Muita coisa aconteceu nesta manhã, mas nos unimos contra você e o deixamos dormir. Isso quer dizer : Kasper e aquele Hammer.

Entregou-lhe uma xícara de café e acendeu o seu cigarro ; essa última ação nunca havia acontecido antes. Simonsen tragou avidamente, enquanto Kasper Planck assumia a palavra.

– Todas as vítimas foram identificadas, com cem por cento de certeza. Teve até uma coletiva à imprensa, mas primeiro leia isto.

Anna Mia pôs o *Dagbladet* na frente dele. Estava sentada sobre o jornal. Simonsen ficou olhando, estarecido. Deram-lhe algum tempo para ler, sabendo qual seria a primeira pergunta, e sabendo que ainda não estava totalmente acordado.

– Por que eu não sabia nada disso ?

Kasper Planck explicou tudo para ele, sem medir as palavras.

– Esteve em uma quarentena temporária. Provavelmente, faria uma tolice... resumindo, foi deixado de lado, ignorado.

– Estou começando a entender. Continuem.

– Helmer Hammer me ligou de manhã, ou melhor, ainda era noite, e concordamos que era melhor, para todos, se você se concentrasse em descansar. Vai ter um dia longo. Então liguei para Anna Mia e, por sorte, ela estava aqui. Sei que foram ao cinema ontem à noite. Espero que tenham gostado do filme.

Foi Anna Mia que respondeu.

– Era ótimo. Eu chorei e papai dormiu.

Simonsen resmungou e se levantou.

– Quero ver esses vídeos.

– Não seria melhor comer alguma coisa antes, papai ? Compramos pãezinhos com

sementes de papoula para você.

Mas ele não quis.

Quando voltou à mesa, não falou nada sobre o que tinha visto, mas a gravidade do conteúdo dos vídeos estava estampada em seu rosto. Comeram, enquanto Kasper Planck contava, de novo e com todos os detalhes, tudo que tinha acontecido naquela manhã. Simonsen escutava sem interromper, e a filha e o ex-chefe perceberam, com alívio, que ele sorriu ao saber que Anna Mia havia desligado o despertador. Não esperavam por essa reação. Depois, quando perceberam que Simonsen estava assoviando durante o banho, concordaram que tinham sido bem-sucedidos e brindaram com café. Anna Mia tirou as coisas da mesa e Kasper Planck assistiu aos vídeos mais uma vez. Não seria muito útil na arrumação.

A filha se despediu assim que Simonsen apareceu, já vestido e arrumado. Os dois homens ganharam um beijo e Kasper Planck insistiu em dar à moça um *voucher* de táxi que tinha pegado no Departamento Financeiro do QG, porque, em sua opinião, as viaturas não eram mais tão eficientes quanto antigamente.

Deixados a sós, sentaram-se à mesa novamente.

– Reagiu muito bem a tudo isso, Simon.

Simonsen falou imediatamente. Olhou para fora da janela, para cima, tão longe quanto o olho podia enxergar. Nuvens escuras estavam invadindo o céu azul ; a chuva chegaria em breve. Pensou que, pela primeira vez, depois de muito tempo, sentia-se ansioso para trabalhar. Ter dormido fora bom. Depois, concentrou-se no visitante.

– Gosto de Helmer Hammer, mas vocês dois não me deram, por assim dizer, muitas chances. Pelo que vejo, estão com muitas horas de vantagem sobre mim.

– É, acho que sim. Mas chega disso. O que pensa sobre os vídeos ?

– Penso muitas coisas, mas a primeira delas é que nunca deveriam ter sido divulgados. São, em todos os sentidos, repulsivos.

– Esse é um adjetivo que já vi algumas vezes, até agora. Assim como outros parecidos : “detestáveis”, “perversos”, “abomináveis”, “asquerosos”, “sórdidos” ; só para citar alguns.

– Viu onde ?

– Em comentários de leitores. Já são centenas.

– Muita gente não liga para assassinatos, e sabe disso. Aonde quer chegar ?

– Os insultos não são dirigidos aos assassinatos, mas quase que exclusivamente a Thor Gran, por sua... escolha da terceira criança. Até Anna Mia teve essa reação.

Simonsen balançou a cabeça, sentindo-se confuso, incapaz. Como chefe da investigação, não podia ser responsável pela reação do público ; e o que poderia fazer contra um distorcido ponto de vista coletivo, a não ser ter esperanças de que ele se corrigisse por si mesmo ? Ou, então, poderia, simplesmente, voltar ao trabalho. Disse :

– É... isso é horrível de se ouvir.

Kasper Planck deixou o assunto morrer e falou, otimista :

– Bem, agora, finalmente, temos algo concreto com que trabalhar, portanto vamos ao QG. Minha sincera opinião é que até agora você tem feito uma investigação formidável ; mas é nos próximos dias que terá de mostrar o que realmente planeja.

– Não pretendo mostrar nada ; e agora, depois que fiquei fora de tudo a manhã inteira, meia hora a mais ou a menos não vai fazer muita diferença. Pode gastar esse pouco tempo me

dizendo por que fica bebendo cerveja no quiosque da rua principal de Bagsværd. Não se pode exatamente dizer que é muito comunicativo, e nas poucas vezes em que tive tempo para ligar a você, me pareceu meio bêbado. Mas, provavelmente, você não queria passar tantas horas lá, a não ser que tivesse algo por trás disso, suponho. Faz tempo que quero perguntar isso, e acho que este é o momento mais adequado.

Planck acenou, respeitosamente.

– Está ficando cada vez melhor ! Mas não trouxe minhas anotações, e minha memória já não é mais a mesma.

– E você fica cada vez pior. Pode guardar essas asneiras para as crianças. Comece logo a falar. Não estou esperando que desvende esse crime sozinho.

O velho senhor apertou os olhos bem fechados e sorriu com os cantos da boca. Depois começou a emitir sons esquisitos. Só após algum tempo, Simon entendeu que estava cantarolando. Não era uma experiência agradável.

– Pare com isso ! É horrível. Qual é o problema ?

– Isto é “A mulher de vermelho”, de Chris de Burgh. Achei que entendia um pouco de música.

– Também tenho ouvidos. Não pode se expressar como um ser humano comum ? Fale sobre a tal mulher de vermelho, se for importante, mas pelo menos use palavras, por favor.

Planck começou a falar, em um tom monótono.

– O quiosque é na rua principal de Bagsværd, e o nome do proprietário é Farshad Baktîshû. Eu o chamo de Farshad. Tem no mínimo 60 anos de idade e nasceu em Shiraz, no Irã. É doutor em Astrofísica e deu aulas na Universidade de Teerã até fugir do regime do aiatolá Khomeini, em 1984. Depois de uns dois anos, concluiu que a Dinamarca não precisava dos seus conhecimentos. Casou-se em 1988 com uma mulher que também era refugiada do Irã. Farshad é um homem amável e inteligente, que nos últimos 20 anos tem usado seus dotes intelectuais para encontrar maneiras de passar por cima da lei fiscal, para que os cidadãos de Gladsaxe possam continuar a comprar água gasosa com desconto, e assim sustenta a família. Tem três filhos e uma filha, e é o que existe de mais parecido com amigo de Per Clausen que pudemos encontrar.

Fez uma pausa para pensar. Simonsen aguardou em silêncio.

– O zelador e o dono do quiosque ficam amigos. Entre outras coisas, compartilham o interesse pela Matemática. Per Clausen visita a loja uma ou duas vezes por semana, e por fim já se senta no cômodo de trás para conversar com o amigo ; principalmente à noite, quando não há quase nenhum cliente, mas, ainda assim, a loja fica aberta até meia-noite. Clausen bebe muito, mas fica sóbrio quase o ano passado inteiro ; Farshad não bebe. A amizade deles data de uns sete anos. A maior parte das conversas dos dois não nos interessa em nada, mas nem todas. Por exemplo, discutem sobre vingança algumas vezes. Vingança pelo suicídio da filha e pelo homem que abusou dela. Essa é a principal preocupação de Per Clausen, mas Farshad também foi muito atingido. Duas irmãs e um irmão caíram nas garras da guarda revolucionária islâmica... destinos terríveis, mas vou pular os detalhes deprimentes. Os dois amigos choram juntos, acendem velas para os queridos que partiram, pelo aniversário das mortes ; às vezes, o proprietário fecha a loja.



Simonsen pensou em interrompê-lo. A narrativa tinha ficado bem mais do que um pouco desarticulada, mas, de repente, Planck mudou o rumo, por conta própria.

– Mas na primavera passada as conversas sobre Helene Clausen e a família de Farshad acabam. Per Clausen evita falar sobre isso e muda de assunto sempre que o assunto aparece. Farshad não entende o motivo, mas é uma pessoa sensível, sempre uma boa pessoa, e respeita as decisões do amigo. Ao mesmo tempo, acontece uma mudança surpreendente no comportamento de Per Clausen, que reduz o consumo de bebidas alcoólicas significativamente. Fica quase sempre sóbrio por um tempo, depois volta a beber, mas bem menos que antes. A transformação é súbita e, de acordo com Farshad, é resultado de um evento em fevereiro ou março do ano passado.

– A mulher de vermelho ?

– Boa dedução, Simon. Ela tinha que aparecer em algum lugar. E aparece. Literalmente. Na loja, por volta das 10 horas da noite, quando Per Clausen está deitado, indisposto, no cômodo de trás. Farshad se lembra dele extraordinariamente embriagado. Até mesmo incoerente. Quando isso acontece, tem permissão para dormir em uma cama estreita até Farshad conseguir convencê-lo a ir embora, na hora de fechar o estabelecimento. A mulher tem 30 e poucos anos, é rica e bonita, de acordo com Farshad, e também é educada, sensata e amável. Ela acorda Per Clausen e o leva em seu carro, sem nenhum protesto. O carro é um Porsche cinza-prata e ela está usando um conjunto vermelho muito atraente. Ela entrega um cartão a Farshad, com seu nome, endereço e número de telefone, e diz que ele pode ligar sempre que o zelador estiver daquele jeito. Infelizmente, o cartão sumiu. Per Clausen nunca fala dela, mas ela vem buscá-lo novamente, também no Porsche. Dessa vez, ele não está bêbado, e parece que o encontro foi combinado com antecedência. Além disso, Farroukh Bakhtîshû, um dos filhos de Farshad, o viu no carro com ela em outra ocasião, mas, por azar, não sabe determinar quando.

Planck prolongou a última frase, como se estivesse na dúvida se tinha contado todos os detalhes. Tudo indicava que sim.

– É isso, a grosso modo. Queria assegurar que é importante, mas não posso. Farshad é um cara cooperativo, um tipo de pessoa que fica feliz de ajudar a polícia, mas só traz fatos. Não está interessado em fazer especulações sobre a suspeita de envolvimento do seu falecido amigo nos assassinatos.

Simonsen refletiu. Depois falou :

– Parece ser uma pessoa interessante. Queremos falar com ela. Continue a visitar Farshad, se acha que pode conseguir mais informações. Peça alguém para descobrir quantos Porsches cinza-prata existem na cidade e se é possível encontrá-la dessa forma. Ponha alguns homens na vizinhança e na escola para perguntar sobre o carro e a mulher.

– Já fiz essa última parte, sem resultados. Mas não negaria outro encontro com Farshad, embora ache que não há mais nada de novo. Podemos ir juntos ao QG, para que eu possa ter uma visão global de até onde já chegamos. Depois, vou até Bagsværd.

– Isso é exatamente o que podemos fazer.

Simonsen falou, e ficou de pé, sentindo-se descansado e cheio de energia.

A Condessa tinha pegado um escritório emprestado na delegacia de Odense.

Alguém bateu na porta e ela mandou que entrasse. Um homem inusitadamente grande, de 30 e poucos anos, foi conduzido e colocado à sua frente. Uma de suas pálpebras era caída, o que lhe dava uma aparência inquietante ; um toque meio cômico. O policial saiu e ela deixou o homem suando, em silêncio, antes de começar o interrogatório.

– Meu nome é Nathalie Von Rosen e fui mandada aqui pelo Departamento de Homicídios, em Copenhague. Está bastante encrencado, e isso serve para o seu irmão também.

O lábio superior do homem tremia e sua resposta veio hesitante.

– Estou aqui pensando, e tenho certeza de que preciso de um advogado.

– Claro, entendo, certamente vai precisar de um. Acabo de chegar do hospital, onde ouvi o depoimento... se é que se pode dar esse nome ao que ele fez para ser compreendido... da sua vítima. Sabe como é difícil falar com a mandíbula quebrada.

– Foi um acidente.

– É, pode chamar assim. Um acidente sério. Um pulso quebrado, duas costelas quebradas, um nariz quebrado, a mandíbula quebrada que já mencionei, socos e chutes no corpo todo ; e tenho certeza de que estou me esquecendo de pelo menos a metade do estrago. E depois tem o outro acidente, aquele que transformou o apartamento em um depósito de lixo.

O grandão estava lutando contra as lágrimas ; o advogado foi esquecido.

– Não sabíamos que o vídeo não era dele.

– Se fosse, seria perfeitamente correto acabar com o homem ?

– Não suportamos gente desse tipo.

– Isso parece ser moda nos dias de hoje, mas aos olhos da lei, não faz diferença quem era o dono do vídeo. O que pode fazer diferença é o fato de que seu amigo espancado não quer registrar queixa. Alega que compreende vocês, e devo dizer que deve ser uma pessoa com uma tolerância rara.

Uma centelha de esperança se acendeu nos olhos do homem.

– Não quer registrar queixa ?

– Não, não quer. Está esperando que possam chegar a um acordo sobre uma restituição justa pelos danos que causaram ao apartamento dele, mas não se anime muito. Suas preces não vão ajudá-lo, porque, se ele não registrar queixa, eu vou fazer isso. Quer dizer, oficialmente, haverá um promotor público, mas, na prática, ele estará obedecendo às minhas ordens. E devo, também, acrescentar que vocês dois serão considerados uma causa perdida. Estamos falando de um ato de violência extrema, que foi premeditado e aconteceu na casa da própria vítima, o que vai contar como extremamente incriminador. Acredito que pegarão uns seis anos de cadeia, mas isso vai depender do juiz. Talvez tenham sorte e saiam com cinco.

A previsão foi extremamente exagerada. A Condessa imaginou que ele não conhecia nada da lei, e estava certa. A fala sobre seis anos o atingiu como uma tonelada de tijolos sobre sua

cabeça. Suplicante e confuso, ele disse, afastando-se em direção da porta :

– Por que quer nos ver presos ? Sabe que foi um acidente. Sabe que não somos bandidos.

Ela se levantou e andou atrás dele, satisfeita com o rumo que as coisas estavam tomando.

– Por que quero registrar queixa ? O que eu deveria era lhe dar agora uma lição sobre justiça e prudência, esse tipo de coisa. Mas, verdade seja dita, é porque estou mal-humorada.

– Porque está mal-humorada ?

– Ouviu bem. Quando fico de mau humor, fico muito chata. Se *eu* não estou bem, não quero que os outros estejam. Pode parecer mesquinha, mas a vida é assim, e é terrivelmente injusto que eu tenha de ficar mal-humorada, não acha ?

– Sim, claro, mas... mas...

– Você nem sequer perguntou *por que* estou com esse mau humor.

– Oh, não, peço desculpas. Por que está assim ?

– É gentileza sua perguntar isso, e vou dizer o motivo. Ontem interroguei uma mulher que foi sexualmente abusada pelo próprio pai quando ela ainda era uma criança. Foi uma tarefa nojenta, mas alguém tinha de fazer isso, e me escolheram. Além disso, estou com esse humor horrível por causa dos jornais. Odeio o que escrevem. E, por último, mas não menos importante, estou com um péssimo humor porque não posso ir para casa e descansar, já que estou presa a um caso complicado com o qual luto dia e noite. Não está com pena de mim ?

– Claro ! Tenho pena de você.

O grandão parecia mais alguém que tinha pena de si mesmo. A Condessa sentou-se na cadeira e continuou.

– Hoje de manhã, achei que tinha tido uma boa ideia que ia me fazer feliz de novo. É o seguinte : fiquei sabendo sobre um... cavalheiro, digamos assim. É de Fredericia e, ao contrário daquele seu pobre amigo, as preferências sexuais dele são claramente dirigidas às pessoas de pouca idade ; bem mais jovens. Se quiser, não há dúvidas de que ele pode me ajudar, dizendo coisas que, de outra forma, me tomariam muito tempo para descobrir. Então, pedi algumas informações sobre esse homem : nome, fotografias, etc.

Pôs a mão sobre um dossiê que estava na mesa entre eles.

– Na verdade, estava planejando ir ao complexo esportivo do município de Gudme para ver se conseguia encontrá-lo. Tem um torneio de luta livre para jovens, e ele pretende estar na plateia. Mas desisti. O problema é que o que quer que seja que eu pergunte, e embora esteja interessado em colaborar comigo, sei que ele não vai me ajudar nem um pouco. Vai se fechar como uma ostra e simplesmente esperar que eu desista e vá embora. O que quero é que tenha um ataque de inspiração ; que de repente perceba que deve cumprir seu dever como cidadão e me dar informações do seu... ambiente. Isso me faria feliz.

Seu ouvinte era, de alguma forma, lento na compreensão.

– Isso a faria feliz ?

– Sim, pode apostar que faria. Só de pensar que existe alguém que pode convencê-lo a se encontrar comigo, já fico com um humor decididamente melhor.

– Então, quer que nós...

Ela o interrompeu bruscamente.

– Não tenho nada a ver com os detalhes de quem vai falar com quem. Mas, como disse, ficaria feliz se ele, ileso e em paz, fosse persuadido a ter uma pequena conversa comigo. Por

favor, preste bastante atenção a essa parte : *ilesa e em paz*.

– *Ilesa e em paz*. Com certeza. Entendi bem : dócil como um carneirinho. Não vamos bater em ninguém. Nunca mais, nunca mais mesmo.

– Isso parece bastante sensato. Caramba ! Veja só que horas já são. Realmente, não tenho tempo para ficar aqui conversando com você. Espere até ver o *Dagbladet*, e vai entender contra o que estou lutando. Hoje à noite, as mulheres do GOG vão jogar com o Randers, com a vantagem de estarem em casa. É um jogo que não posso perder, já que estou em Odense. Primeiro, handebol, e, depois do jogo, uma xícara de café na lanchonete. Por volta de 10h15.

A Condessa se levantou.

– Vou perguntar se o oficial da guarda está pronto para soltá-lo. Durante nossa conversa, percebi que quero pensar melhor antes de registrar a queixa. Veja, lembre-se de não ler o que está nessa pasta depois que eu sair.

Trancou a porta por trás e resmungou :

– Canalha sortudo !

A delegacia de polícia de Copenhague era um prédio imponente, monumental. Visto de fora, parecia ameaçador, com suas paredes cinza – de gesso áspero e argamassa, sujas, sem ornamentos –, se não houvesse, na entrada, duas celas com barras de ferro sólido ladeando as colunas, símbolos marcantes e grosseiros, mas enfeitados com grandes estrelas matutinas douradas. O resto do prédio era em linhas retas, com muitas janelas ; todas iguais e abrindo para dentro, para não interferirem na fachada.

Kasper Planck determinou o ritmo dos passos, o que fez com que Simonsen andasse mais devagar e pudesse apreciar a arquitetura. Sempre gostara do estilo sóbrio do QG, que a seus olhos era harmonioso e atraentemente discreto. O interior, entretanto, lhe parecia confuso e nada funcional – um mosteiro espanhol com imitações de ornamentos artísticos originais e iluminação *art déco* nos banheiros ; o famoso pátio interior redondo, com muitas colunas duplas, falsamente antigas ; e a redundante série de balaústres no terceiro andar, que ele considerava muito feia. O pátio redondo tinha a infeliz característica de criar entradas curvas, de diferentes comprimentos, tornando quase impossível a orientação dos que iam lá pela primeira vez.

Simonsen se movia no seu local de trabalho com facilidade ; no caminho, perdeu de vista Planck, que havia se encontrado com um antigo colega. Logo estava no Departamento de Investigações Criminais, onde bateu na porta de Arne Pedersen e foi entrando, sem esperar uma resposta.

Pedersen estava de pé no fundo da sala. Falava ao telefone, mas interrompeu a conversa quando o chefe chegou. Simonsen jogou o casaco sobre um cabideiro no canto e ordenou :

- Ponha-me a par dos últimos acontecimentos, Arne.
  - Temos identificação segura das cinco vítimas, e estão chegando outras informações.
- Pedersen apontou para os quadros de avisos e acrescentou, com um sorriso infantil.
- E você ? Ouvi dizer que está bem descansado.

Simonsen ignorou o comentário e se virou. Havia um grande pedaço de papel no quadro do meio, preso com tachinhas em cada ponta, e levemente torto, o que fez questão de comentar. Depois, deu um passo para trás e se concentrou no conteúdo.

**Thor Gran Palle Huldgård**

(Sr. Noroeste) (Sr. Nordeste)

Solteiro Viúvo

Arquiteto Gerente de escritório

54 anos 63 anos

Århus Århus

**Frank Ditlevsen**

(Sr. Centro)  
Divorciado  
Consultor  
52 anos  
Middelford

**Jens Allan Karlsen Peder Jacobsen**

(Sr. Sudoeste) (Sr. Sudeste)  
Casado Divorciado  
Aposentado Fabricante de calçados  
69 anos 44 anos  
Århus Vejle

Acima de cada nome havia uma foto do falecido. Em dois casos era possível perceber claramente a expressão de pânico nos rostos, enquanto os outros três estavam normais ; sorrisos típicos de retratos. Pedersen comentou :

– Elvang e sua equipe trabalharam arduamente por dias para recriar os rostos deles, e depois recebemos tudo em uma questão de horas.

– É assim mesmo. E não se esqueça de que descobrimos três dos nomes por conta própria.

– E só tínhamos certeza de um.

– Sim, é verdade, mas isso não vem ao caso agora. Mais alguma coisa ?

– Muitas coisas. Informações novas estão chegando constantemente. Temos uns 10 policiais para cada vítima, com exceção de Frank Ditlevsen, claro. Cada equipe tem um representante aqui no QG e o comandante da polícia é o coordenador, mas sintam-se à vontade para reorganizar tudo como achar melhor.

– Não, parece bom assim. Algum registro anterior de pedofilia ou outros tipos de abuso sexual de crianças ? Quero isso confirmado hoje. Ou descartado, se possível. Sobre todos eles.

– Peder Jacobsen foi acusado, mas depois arquivaram o caso, e isso foi há 12 anos. Quanto aos outros, ainda não temos nada, mas vamos conseguir até o fim do dia. Todas as equipes estão concentradas nisso.

Simonsen pegou uma caneta e fez uma marca vermelha ao lado de Frank Ditlevsen.

– Com relação a Jens Allan Karlsen, a esposa nos contou sobre seu *hobby*, ou seja, dormir com crianças.

Simonsen ia fazer outra marca, depois desistiu.

– Não é suficiente. Quero mais da esposa. O mesmo serve para Peder Jacobsen. Casos arquivados não são suficientes.

– Ok, tenho certeza de que vem mais. E eu ? Devo ir a Århus ?

– Não, na verdade quero que a Condessa volte de Middelford ; amanhã, no mais tardar. Pauline pode ficar onde está, se quiser. Quer dizer, se a Condessa concordar. Você vai cuidar disso. Descobrimos se as vítimas tinham planos de férias ? E, se tinham, confirmamos aonde iriam ?

– Sabemos que iam sair de férias. Sabemos que iam para o exterior e sabemos que a viagem ia durar três semanas e que é mais provável que planejassem ir à Tailândia, mas não encontramos nenhum folheto turístico ou coisa desse tipo nas casas deles. Estamos supondo que as férias tiveram início na *minivan*, na quarta-feira, mais cedo, partindo de algum lugar em Århus ; estamos deduzindo que iam para o Aeroporto Internacional de Kastrup. Mas, pelo menos até onde sei, não há reservas de voo que não foram usadas.

– Suposições e deduções ; temos feito isso por quase uma semana. E a Ponte do Grande Belt ? Estou supondo que convocou uma equipe para investigar o que têm desde a quarta-feira de manhã.

– Sim, naturalmente. Dois caras experientes de Korsør, mas... bem, tem alguma...

Estava procurando palavras, o que não era normal ele fazer em um contexto de trabalho.

– Talvez devesse começar por outro ponto. Viu a pesquisa de opinião no *site* do *Dagbladet* ?

Simonsen fez o que pôde para esconder sua irritação. Sabia que tinha necessitado terrivelmente de algumas horas de sono, e que o fato de não estar completamente atualizado, com os mínimos detalhes, era uma consequência inevitável. Disse, amargamente :

– Estive dormindo, você sabe. E dormir atrapalha a minha leitura.

Pedersen percebeu o sarcasmo.

– O jornal pergunta às pessoas se gostariam de ajudar a polícia na investigação dos assassinatos dos pedófilos, estão chamando assim. Ou seja, como se tivessem informações valiosas para nós. Como resultado, 64 por cento delas disseram que não colaborariam.

Aumentou o volume da voz.

– Malditos 64 por cento, Simon. É ultrajante. E, ainda no *site*, há um *link* para um palestrante da escola de direito que apresenta estratégias para nos negarem informações. O mais simples e eficiente é não se lembrar de nada, por mais possuidora de danos cerebrais, mente fraca, ou desonestidade que a pessoa possa parecer.

– E o que esse desejo evidente de voltar às leis da selva tem a ver com a Ponte do Grande Belt ?

– Sim, certo. Todos os registros de tráfego sobre a ponte no período de tempo em que estamos interessados sumiram ou foram apagados por engano. E também há a questão de todos os funcionários da ponte terem sofrido um lapso de memória coletivo. Ninguém parece se lembrar de absolutamente nada.

Simonsen refletiu sobre isso, aborrecido, e então mudou o rumo do seu pensamento. A extensão desse fenômeno não estava clara e, portanto, não fazia sentido especular mais profundamente.

– Cuidaremos disso na hora certa. Troulsen disse que Anni Staal recebeu dois vídeos curtos da *minivan* que não estão na internet. Fale sobre isso.

– Está correto. Não chamaria exatamente de vídeos ; são sequências de fotos. Cada imagem dura menos de um segundo e foi feita de dentro do veículo, pela janela. Os peritos disseram que são autênticas, sem nenhuma manipulação ou coisa parecida. A primeira mostra o fundo do ginásio esportivo, mas não sabemos onde a outra foi feita. Dá para ver um campo vazio e um pedaço de floresta no fundo.

– Só Deus sabe o que isso quer dizer. Seria uma espécie de mensagem ?  
– Pensei sobre isso, mas não tenho ainda opinião a esse respeito. E também não tenho um minuto livre para tentar entender. Estão chovendo relatórios. As pilhas de papéis sobre o caso crescem loucamente e ninguém tem tempo nem para dar uma rápida olhada. Leio alguma coisa esporadicamente, no máximo.

– É melhor do que não ter informações.  
– Acredito que sim.  
– Você cuida da *minivan*, Arne. A partida de Århus, a hora e o local exatos, o tipo e o registro do veículo, o local onde foi feito o outro vídeo, etc. Vou me responsabilizar pelo trabalho em Jylland.

– Está certo !

Os dois se viraram.

Planck tinha entrado sorrateiramente. Segurava um telefone celular.

– Deve ser o homem mais difícil de encontrar na Dinamarca no momento, Simon. Criaram uma forma especial de acesso a você, em que é preciso digitar três números diferentes antes que pelo menos se possa ouvir sua voz.

– É para separar os tolos dos idiotas. Senão, não faria mais nada a não ser falar ao telefone. Já está suficientemente ruim como está.

– Bem, este homem não é um tolo, nem um idiota, e foi dispensado nove vezes.

Simonsen balançou os braços, em um gesto teatral.

– Queria que respeitasse as regras. Ele terá apenas um minuto. Diga-lhe isso.

Planck falou ao telefone.

– O investigador chefe vai atendê-lo agora. Converse com ele.

Estendeu o braço. Simonsen pegou o telefone, resmungou seu nome e ouviu. Um minuto virou cinco. De vez em quando, fazia uma pergunta curta. Pedersen tentava, sem nenhum sucesso, decodificar a conversa, já que estava óbvio que era importante. No entanto, ficou na suposição.

Simonsen pôs o telefone celular sobre uma mesa, sem desligá-lo.

– Acredito que o destino final da nossa *minivan* foi descoberto. Leve-o com você, Arne. Vão a Frederiksvæk. E prepare-se, tem muito trabalho pela frente.



As ordens de Simonsen para que todo e qualquer registro criminal das vítimas – especificamente acusações de abuso de crianças – fosse descoberto e confirmado se propagaram aos quatro ventos pela nação e, apesar das objeções de vários oficiais quanto a trabalhar no fim de semana, a polícia não encontrou obstáculos e conseguiu bons resultados.

Quando voltou do *Dagbladet*, Troulsen sabia muitas coisas sobre as vítimas. Assim que sentiu que tinha provas suficientes para estabelecer a orientação sexual direcionada a crianças, foi falar com o chefe. Simonsen aguardava em seu escritório, onde o pôster das vítimas, roubado da sala de Pedersen, estava pendurado em uma parede. A marca vermelha seguinte foi para Jens Allan Karlsen, de Århus, o Sr. Sudoeste. Troulsen explicou :

– Sacos de vídeos no porão, muitos disquetes com as impressões digitais de Allan Ditlevsen, o vendedor de cachorros-quentes de Middelford. Também era ativo no KidsOnTheLine.dk. Pelo menos quatro encontros com jovens amigos virtuais e, infelizmente, encontros muito reais. Além disso, foi expulso do grupo de escoteiros dinamarqueses. Quer essa história ?

Simonsen negou com a cabeça.

Foi mais difícil comprovar que Peder Jacobsen – Sr. Sudeste – molestava crianças. Era um assunto delicado, por natureza, e nenhum dos amigos do homem pôde ou quis colocar nele esse rótulo. Em sua vida pessoal, não havia nada que indicasse atração sexual por crianças. A polícia trabalhou com afinco, sem resultados, mas finalmente o assunto foi resolvido numa pequena lanchonete em Brabrand. Um menino de 14 anos e um homem de 40 e poucos estavam sentados em uma mesa perto da janela. Dois policiais à paisana se aproximaram e um deles pôs o distintivo bem debaixo do nariz do homem.

– Some daqui.

O outro policial pegou o casaco do homem e jogou sobre ele. Depois acrescentou :

– Agora !

Foi embora sem protestar, e os dois oficiais se sentaram.

– Quando foi a última vez que comeu, Tommy ?

– Acho que foi ontem.

– O que quer ?

– Um cheeseburger seria bom.

– Vamos comprar dois para você quando formos embora.

O policial sentado ao lado do garoto tirou uma fotografia do bolso. Estava enrolada em forma de canudo, e teve de alisá-la contra a borda da mesa algumas vezes, antes que ficasse plana.

– Conhece este homem ?

O garoto olhou a foto.

– É um dos homens assassinados, não é ? Vi no jornal. É verdade o que dizem ?

– Sim, é verdade. Conhece ?

– Poucos anos atrás. Estou muito velho agora. Ele preferia os mais jovens. Tentem falar com Jørgen ou Kasper. Talvez a ordinária da Sophie.

– Perverso ? Violento ?

– Não, não mesmo. Direto. Dentro, fora, está feito.

Os policiais acenaram um para o outro. Era o suficiente. O mais velho olhou tristemente para o garoto. O filho tinha a mesma idade. Jogava *video games*, era goleiro do time de futebol, e enrubescia se alguém perguntasse sobre garotas.

– Tem onde dormir esta noite ?

– Não, mas dou um jeito.

– E se eu levasse você para a casa da sua mãe ? Tenho certeza de que ela gostaria de vê-lo. Pelo menos por alguns dias.

O garoto considerou a proposta, desacostumado com gentilezas sem segundas intenções.

– Não, obrigado, mas foi bom ter perguntado.

Não se explicou. Os dois policiais se levantaram e, na saída, um deles comprou dois *cheeseburgers* e um copo de suco. Por volta de 10 minutos depois, Simonsen fez uma marca vermelha ao lado de Peder Jacobsen.

Palle Huldgård – Sr. Nordeste – também gostava de garotos. Uma policial foi responsável por esse avanço nas investigações. O homem que ela consultou era um psicólogo de uma clínica particular. Como a maioria das pessoas, estava livre aos domingos. Consultá-lo tinha sido ideia dela, e, na hora, tinha parecido uma boa iniciativa, embora pouco convencional. Agora não estava mais tão certa disso. O psicólogo estava desconfiado e lacônico, como se tivesse adivinhado o que ela queria. A oficial pôs as cartas na mesa :

– Faço parte da equipe que investiga Palle Huldgård. Foi assassinado há 10 dias na escola Langebæk, em Bagsværd, e sabemos que as duas filhas dele eram pacientes suas. Os nomes são Pia e Eva Huldgård.

Encarou os olhos dele, sem detectar qualquer outro tipo de reação, a não ser uma leve irritação. Deixou de lado o tom amigável e ficou mais ríspida :

– Há 20 policiais investigando todos os detalhes da vida de Palle Huldgård. Temos que descobrir se era um molestador de crianças, e várias testemunhas nos contaram que abusava das filhas quando eram pequenas ; incesto grave, e por muitos anos. Também falaram sobre você.

– Incesto grave... é, pode chamar assim, mas nunca ouvi falar de um que não fosse grave. Continue.

– Não há mais nada a dizer. Já sabe o que quero. Ou confirma os abusos, considerando tudo que sabe, ou vamos procurar as filhas.

Não mencionou que as duas tinham desaparecido completamente, e que este era o motivo real da sua visita. Estava fazendo da necessidade uma virtude.

– Obviamente, isso é uma coisa que elas e eu evitaríamos, pelo menos até onde sei. Posso imaginar o quanto essa conversa seria desagradável.

Continuou a tentar convencê-lo.

– Isso vai ficar entre nós. Seu nome não vai aparecer em lugar nenhum.

O homem pensou por um bom tempo ; ela aguardou.

– Se não infringir minhas normas éticas, vai ser pior para elas. É isso ?

– Sim, infelizmente.

– Então, tem a confirmação de que precisa. Por favor, retire-se.

E foi o que ela fez. Mas feliz de sair com o resultado que queria.

Em Copenhague, Palle Huldgård recebeu a marca vermelha.

No final da tarde, as coisas estavam mais claras. Troulsen resumiu :

– Tive várias confirmações duplas, e algumas triplas, quer dizer, de fontes diferentes, independentes. Estão chegando o tempo todo. Quer ouvir mais ?

– Definitivamente, não. E Thor Gran ?

Thor Gran era o Sr. Noroeste e o único ainda sem a marca vermelha.

– Com exceção do vídeo sórdido na *minivan*, ele parece fora do padrão dos outros. Havia em sua casa um bom número de fotografias, sendo que muitas mostravam crianças nuas, mas com um enfoque artístico, sem qualquer caráter sexual que, pela lei, assim como pela ética, poderia ser considerado como pornografia.

– Claro que não podemos usá-las para nada. Algo mais ?

– Tirava férias curtas quatro ou cinco vezes por ano. As viagens duravam por volta de uma semana e ele ia a lugares onde crianças podiam muito bem ser uma grande atração. É provável que se controlasse em casa e se esbaldasse no exterior. Mas isso é só uma suposição. O fato é que passamos um pente fino em toda a sua vida e não encontramos nada de concreto.

Pauline Berg e a Condessa estavam comendo alguma coisa em Middelford, quando Simonsen ligou. A Condessa saiu do restaurante enquanto conversava ao telefone. Berg ficou com sua refeição, mas não estava gostando da comida, e preferiu arriscar a ter um pouco de fome mais tarde do que fazer força para engolir.

A Condessa voltou logo. Pôs um tíquete na frente da colega, antes de se sentar novamente.

– Vai a um jogo de handebol, querida, e, infelizmente, vou a Århus. Há problemas com uma das vítimas. Ou seja, para determinar se era ou não um molestador de crianças. Não sei se minha presença pode ajudar, mas Simon está obsessivo ; quer esclarecer isso hoje ainda.

– Está dizendo que vou ter de assumir o seu compromisso ? Não pode adiar isso ?

– Por que deveríamos ? Você consegue lidar com ele, tenho certeza. E quando tiver tempo vou lhe contar como esse encontro aconteceu. Foi meio especial.

– Está bem, eu vou. Mas podemos terminar nossa conversa sobre os vídeos ?

A Condessa olhou para o ar por alguns segundos e depois falou, devagar :

– A resposta para sua pergunta é que assistir a um dos vídeos é absolutamente importante para você. Já faz algum tempo desde a última vez que tinha visto coisa parecida e... foi bom ter visto isso agora. Ajuda a pôr as coisas em perspectiva, entende ? Podemos passar na casa e levar um vídeo e um aparelho portátil para o hotel. Mas estou avisando : não é nem um pouco agradável ; na verdade, é bem pior do que se pode imaginar.

Berg acenou a cabeça solenemente. Depois mudou o assunto.

– E o handebol ? Tenho mesmo que assistir ao jogo ? Não posso apenas usar o tíquete para

subir ao café ? Não me interesso por esportes.

– Se pode ver pornografia infantil para desenvolver suas habilidades profissionais, também pode suportar um jogo de handebol.

E assim foi.

Três horas depois, a Condessa desejava fervorosamente estar assistindo ao jogo de handebol. Enquanto Pauline Berg fazia isso – com o tíquete que na verdade era dela –, a investigadora estava sentada em Århus com um colega da polícia local, irritada com uma testemunha, “um fóssil político”, que certamente tinha mais de 90 anos e que, conforme tinha sido informada, podia contar histórias desprezíveis sobre Thor Gran, quando era mais jovem.

A mulher era comunista havia mais de 75 anos. “Stalin Sally” e “Sally Russa”, como era chamada no passado, eram apelidos dos quais se orgulhava. Tinha ainda mais orgulho do fato de uma vez ter ouvido Beria falar. Sua voz era fina, mas clara :

– Lavrentiy Beria, em pessoa. Foi em Tbilisi, em 1937, numa conferência especial do partido. Sentei na segunda fila e ouvi o famoso homem falar ; revelou como um ninho de serpentes e suas atividades traiçoeiras se espalharam sobre toda a Transcaucásia e até mesmo no Comitê Central para a Armênia. Aquele belo homem definitivamente atraía a atenção das pessoas. Todos estavam gritando na rua e pedindo justiça contra os criminosos fascistas e os dissidentes de Trotsky ; então, deram cabo deles, se me entende.

Atravessou a mão enrugada em frente ao pescoço.

A Condessa acenou positivamente e perguntou, pela – no mínimo – quinta vez :

– Mas e Thor Gran ? Prometeu nos falar sobre Thor Gran. É por isso que estamos aqui.

– Estou chegando lá, mas essas coisas andam juntas. Depois que contar o resto, tenho algumas coisas interessantes para dizer sobre ele, coisas que acredito serem úteis para vocês.

Depois prosseguiu no mesmo assunto irrelevante. Um pouco mais tarde, quando acabou de elogiar Beria, falou de Kollontai. A excepcional Alexandra Kollontai, a líder revolucionária que encontrara, em pessoa, em Estocolmo durante a guerra. Em seguida, veio Richard Jensen. O homem, em pessoa, que denunciara o presidente do partido como um desertor, muito antes de ele dar sinais de que realmente era.

Após uma hora de conversa fiada e revisão dos momentos mais importantes do comunismo no mundo, o policial local desistiu. Antes de sair, resmungou que tinha se encontrado, no escritório da seguradora de saúde, com Vivi Bak, a famosa atriz Vivi Bak, em pessoa. E tinha também defecado no mesmo banheiro que o Príncipe Joachim, exatamente o mesmo. E foi embora.

A Condessa ficou. Planejava usar o esnobismo comunista da mulher para fazer com que falasse de Thor Gran. Surpreendentemente, a investigadora tinha uma carta na manga. Mesmo que, para isso, tivesse que alterar um pouco a verdade. Falou, em voz alta :

– Meu avô conheceu Dimitrov.

A mulher interrompeu o monólogo e olhou para ela, incrédula.

– Dimitrov em pessoa ? O líder da Organização Comunista Internacional, a Comintern ?

– O próprio. O Georgi Mikhaylov Dimitrov.

A Condessa tinha ouvido esse nome *ad nauseam*. O apartamento abaixo do dela era habitado por refugiados da Bulgária, um casal mais velho que gostava de dar doces e

limonada para meninas pequenas, e de contar histórias de outra parte do mundo, em um dinamarquês engraçado e cheio de sotaque. Amaldiçoavam Georgi Mikhaylov Dimitrov com tanta frequência que esse nome ficou na memória, mesmo 40 anos mais tarde.

A mulher ficou entusiasmada.

– Bem, então comece a falar.

– Não assim, tão depressa. Uma coisa em troca de outra coisa. Você tem que falar primeiro. Sobre Thor Gran, e apenas sobre Thor Gran, se algum dia realmente o conheceu. Quando terminar, conto tudo sobre o presidente do comitê.

– O presidente da Comintern. Era presidente da Comintern.

– Sim, claro. Todo mundo sabe disso.

Finalmente, a mulher começou a contar sua história.

– Bem, eu era uma costureira habilidosa e, nos anos 1960, trabalhei para o pai de Thor Gran, o fabricante de calçados e especulador financeiro. Eu era a chefe das costureiras, e devia ter mais de 100 ; portanto, era alguma coisa importante. Moravam perto da fábrica e vimos o filho crescer. Uma criança má e arrogante, que tinha dificuldade em manter os dedos para si mesmo. Mas isso não foi aqui ou ali. Sabíamos como lidar com um malandrinho como aquele. Foi pior para as filhinhas do jardineiro. É esse tipo de coisa que quer ouvir, não é ?

A Condessa confirmou. Não tinha certeza se a mulher estava inventando aquilo ou se queria se certificar de que a história estava correspondendo às expectativas.

– Isso aconteceu por um período de tempo, até que foi literalmente pego com a calça arriada, e aí foi uma tremenda confusão. O jardineiro, que era muito ligado às filhas, ameaçou ir à polícia, mas o velho pai o convenceu a não fazer isso, em troca de um acordo financeiro. O que estava feito estava feito, e as garotas ficariam melhores com uma pequena soma de dinheiro, mesmo o pervertido não sendo colocado atrás das barras. Fiz as negociações como representante do jardineiro. Está acompanhando ?

– Completamente. Por favor, continue.

– O dono da fábrica era um capitalista repulsivo, claro, mas era honesto o suficiente para pagar bem ; 80 mil coroas para cada criança e mais vinte mil para a família se mudar para Bornholm. Era muito dinheiro na época, mas as garotas nunca se recuperaram completamente do trauma, portanto não sei quanto isso realmente ajudou. Depois de um bom castigo paterno, o filho foi enviado para um internato na Inglaterra. Essa punição fazia parte do acordo, mas era também o caminho mais fácil.

A Condessa não estava nada impressionada. Em parte, porque havia mais de 40 anos que o incidente tinha acontecido, e, também, porque a credibilidade da mulher idosa estava em uma vila da Rússia, ou melhor, da União Soviética, e não seria possível confirmar a história com outras fontes. Ao mesmo tempo, percebeu que a velha estava escondendo alguma coisa. Arriscou :

– Mas você espalhou a história no partido. E quando Thor Gran voltou da Inglaterra...

Deixou a frase no ar. A mulher respondeu, de bom grado.

– Sim, fez alguns favores ocasionais para nós. É verdade.

– E quando o partido se dissolveu, continuou a fazer favores para você ?

A mulher não se conteve, e falou, brava :

– O partido está vivo. O partido sempre estará vivo. E, de qualquer forma, ele tinha dinheiro suficiente. Possuía um estúdio inteiro.

– Quanto ?

Demorou um pouco a responder.

– Variava ; às vezes, algumas centenas, ou coisa parecida, quando estava aqui.

A Condessa escondeu o espanto.

– Ele visitava você ?

A mulher apontou para um vaso numa estante de madeira atrás deles.

– Pegue aquilo.

A Condessa buscou o vaso. Era de um material barato, com um desenho, em estilo grego, de três dançarinas. Balançou o objeto e ouviram um ruído metálico.

– E o que as suas três deusas estão guardando ?

A velha mulher bufou :

– Deusas ! Acha que me importo com deusas ? Vire isso de cabeça para baixo.

Ela obedeceu e uma chave caiu no chão.

– E agora ?

– Debaixo da cama. A arca grande de madeira com um trinco. Eu mesma não consigo tirá-la dali.

A Condessa seguiu as instruções e, ansiosamente, abriu a caixa. Bem por cima, havia uma brochura, feita de forma amadorística, anunciando um pacote de férias de três semanas em Chiang Mai, na Tailândia. Duas das páginas traziam fotografias de crianças asiáticas.

As imagens estavam numeradas.

A Condessa olhou mais demoradamente para o garoto à direita, no topo da página. Era difícil parar de olhar para ele, embora não tivesse nada de especial em relação aos outros. Um sorriso normal de um menino de dentes brancos e todas as outras características bastante infantis.

A mulher virou as costas.

– Não tenho culpa se ele manteve seus hábitos devassos. Fale sobre Dimitrov. Como seu avô o conheceu ?

– Posso começar contando sobre o tratamento recebido pelos detentos em uma prisão na Bulgária em 1946. Ouvi coisas sobre isso, e mais tarde conversaremos a esse respeito, mas primeiro preciso ligar para alguém.

A anfitriã resmungou, a Condessa telefonou, e Simonsen pôde fazer sua última marca vermelha.

Pauline Berg estava assistindo ao primeiro jogo de handebol de sua vida. Tinha chegado a tempo de observar, com curiosidade, o lugar se enchendo gradualmente de torcedores locais. Podia ouvir conversas sobre esportes, ao seu redor, mas também falavam sobre os vídeos do dia. Trechos de conversas se misturavam : *esses tipos não merecem misericórdia ; tiveram o que mereciam ; finalmente uma solução para isso ; é fantástico ver essas pessoas penduradas ; deviam esmagar suas bolas em seguida.*

Sentia-se fora do lugar. Não pertencia a essa audiência agressiva. Era muito diferente do mundo do balé e da dança. As roupas, em si, eram assustadoras. Na fila atrás dela havia três mulheres com pintura de guerra no rosto e extravagantes camisetas e lenços do time, tudo em cores berrantes ; pareciam mais deusas da vingança do que fãs de esportes. O homem sentado do seu lado esquerdo tinha uma barriga razoavelmente grande e usava um macacão descorado. De vez em quando, batia o programa – enrolado em forma de canudo – contra a perna, de uma maneira detestável, alternando de uma para outra, aparentemente só pelo barulho que isso fazia. O assento à direita tinha permanecido vazio, mas no último minuto alguém chegou – um homem muito magro, que veio abrindo espaço elegantemente entre as pessoas até sentar-se do seu lado. Cumprimentou-a com um sorriso amarelo e balbuciou alguma coisa. Pauline Berg acenou levemente e deu um sorriso curto.

O juiz iniciou o jogo e ela tentou acompanhar. Era difícil, porque tudo acontecia muito depressa. A certa altura, a audiência explodiu simultaneamente ; todos deram um berro sincronizado. Alarmada, a moça encolheu-se no assento, enquanto o homem à esquerda aproveitou a comoção geral para pôr a mão sobre seu ombro. A voz do comentarista retumbou nos alto-falantes. O vizinho magrelo não participou da manifestação, e ela achou que talvez estivesse preocupado com alguma coisa séria.

Mas, aos poucos, ela foi se envolvendo na atmosfera e entendendo as regras básicas do jogo – com a ajuda, claro, das reações perspicazes dos torcedores, que interpretavam rapidamente o que ocorria na quadra. Logo, estava apreciando as explosões emocionadas e os atraentes movimentos sincronizados da multidão ; eram como folhas de uma árvore ao vento. Cuidadosamente, tentou acompanhar as palmas, levantar-se no momento de um gol e gritar quando via que era apropriado.

No intervalo, as pessoas se restabeleciam, descansavam as vozes, preparavam-se para o resto do jogo. Compravam pipocas, maçãs, bananas, chocolates ; músicas antigas saíam dos alto-falantes. Pauline Berg sorriu para o vizinho da esquerda e ele bateu o programa na perna, como um retorno amigável.

Estava preparada quando ouviu o apito indicando o início do segundo tempo. Todos estavam animados e agitados, e ela não estava diferente. O jogo ficou ainda mais emocionante quando o time local finalmente empatou e a multidão explodiu em brados de triunfo ; voaram pipocas para todo lado. Ela gritou e pulou. Uma maçã veio voando em sua direção,

desenhando um arco no ar ; não foi jogada, apenas perdida. O vizinho da direita pegou a fruta, em uma reação impressionantemente rápida. Molhou os lábios e tomou posse da maçã. Mas esse ato egoísta e a falta de comprometimento dele a provocaram ; cutucou-o rudemente e gritou :

– Hoje vamos vencer !

O movimento da multidão deve ter abafado essas palavras, pois ele não entendeu o comentário e, prestativamente, lhe ofereceu a maçã. A moça pegou o presente e, com indiferença, jogou na bolsa, numa tentativa de ficar livre da gentileza do magrelo.

Os times estavam empatados, criando uma tensão torturante, enquanto o tempo passava ; parecia que o placar ficaria daquele jeito até o fim do jogo, mas finalmente veio o momento decisivo. Cinco jogadores estavam na defesa, mas a bola entrou na rede do adversário. Foi como se houvesse uma mola tensionada dentro dela, e essa mola tivesse se libertado subitamente. Deu um grande salto no ar, gritando de alegria, depois se jogou nos braços do outro vizinho, deu tapinhas em suas bochechas redondas e recebeu um beijo feliz e babado no pescoço. Como se tudo isso não fosse suficiente, Pauline Berg ficou de pé sobre a cadeira e se inclinou para trás, com os braços abertos, num gesto de vitória, certa de que alguém iria segurá-la.

Depois do jogo, dirigiu-se ao café. Era estranho voltar ao clima de trabalho, e teve de se concentrar para afastar do coração o sentimento de êxtase. Só conseguiu realmente quando pôs os olhos sobre o homem que estava sentado no fundo do recinto ; fácil de reconhecer. Um cavalheiro bonito, de 40 e tantos anos, bem cuidado, cabelos aparados, vestido elegantemente. Berg não apertou sua mão – isso não seria profissional –, mas fez um curto aceno com a cabeça, antes de se sentar.

Começou com um teste, para ver se era um blefe.

– Obrigada por ter vindo. Allan Ditelvsen vendia vídeos no quiosque de cachorro-quente ?

Teve que esperar algum tempo pela resposta. Ele olhou fixamente para o pescoço de Pauline, que teve de lutar contra um forte sentimento de aversão.

– Não perca tempo com seus joguinhos. Só estou aqui por causa dos seus métodos tipo Gestapo e vejo que, ainda por cima, é cristã. *In hoc signo vinces*, por esse sinal conquistarás.

Apontou para o colar dela, que tinha se soltado durante a entusiasmada comemoração da vitória e estava pendurado na gola. Havia um “X” e um “P”, belamente combinados, um sobre o outro.

Ela tinha ganhado a bijuteria de um namorado grego, alguns anos antes. Por coincidência, as letras eram as iniciais deles.

– E ainda é incapaz de admitir outras “maneiras de amor”.

Ela imediatamente jogou o colar dentro da bolsa.

– Pare com essas asneiras ; estão me dando náuseas.

– Estou vendo que o verniz de requinte e cultura é superficial.

– Se quer saber, é mesmo. Vocês desrespeitam e estupram crianças num dia, e no outro vêm falar de valores culturais e proteção da lei ; às vezes, acho que a sociedade não deveria dar a mínima importância à liberdade de expressão e aos direitos humanos.

– É um bom começo para esta conversa.

O encontro tinha se desviado completamente do verdadeiro objetivo. Berg voltou ao ponto



em questão.

– Apenas responda à minha pergunta e acabamos logo com isso.

O homem pareceu concordar.

– Sim, Allan vendia vídeos.

Não disse mais nada. Mesmo depois que Berg ficou esperando.

– É melhor abrir logo a boca. Não estou disposta a arrancar palavra por palavra de você. Ou fala, ou paramos por aqui.

O homem explicou, a contragosto.

– Allan vendia vídeos em seu quiosque e tinha muitos clientes, especialmente de Jylland. Era muito cauteloso e só fazia negócios com conhecidos ; sempre em dinheiro vivo. Cobrava caro, mas os vídeos eram de alta qualidade. Os clientes eram obrigados a comprar três vezes por ano, ou seriam excluídos ; porém, a maioria fazia compras mensais. Estava nesse tipo de negócio havia muito tempo. No começo, vendia cassetes ; não eram muito bons. Acho que mudou de fornecedores há um ou dois anos. O material vinha da Alemanha, e os irmãos editavam.

– Frank Ditlevsen estava envolvido nisso ?

– Estava. Allan nunca fez nada sem o irmão, e tinha muito medo dele. Frank era o cérebro. Allan era muito burro para gerenciar esse tipo de empreendimento sozinho.

Berg pegou um exemplar do *Dagbladet* e pôs na frente dele. Deu um breve sorriso quando viu que o homem se encolheu.

– Quantos deles conhecia ?

– Todos.

– Tinham a mesma preferência por crianças que você ?

– Sim.

– Estavam iniciando uma viagem ?

– Três semanas na Tailândia. Frank organizou tudo. Era incrivelmente barato, menos de 10 mil coroas, incluindo acomodação em hotel de luxo, refeições e excursões.

– Como encontrou os participantes ?

– Não sei. Provavelmente no balcão de cachorro-quente, mas era tudo muito secreto. E isso serve para tudo que os dois irmãos faziam.

– Não foi convidado ?

– Não consegui tirar folga.

– E Allan Ditlevsen ? Também não conseguiu folga ?

– Ficou doente, com pedras na vesícula ; provavelmente, Frank arrumou um substituto. Não sei como, mas deve ter sido difícil.

– Frank organizou tudo sozinho ?

– Acho que não, mas não tenho certeza.

– Fale o que pensa.

– Bem, um dos garotos velhos de Frank trazia os filmes da Alemanha, e tenho a impressão de que ele também estava envolvido na viagem, mas nunca o vi. Frank o mantinha em sigilo e Allan era proibido de falar qualquer coisa a esse respeito. Sou uma das poucas pessoas que sabiam da existência dele.

– “Garoto velho” ; o que isso significa ?  
– Um daqueles lá de onde os irmãos moravam. Sei que é na Zelândia, mas não me lembro do local exato.

Berg se encheu de alegria e orgulho. Até então, as informações que estava obtendo eram as mais expressivas no caso. Continuou a questioná-lo, mas o homem não tinha mais nada a dizer.

– Está bem. Só mais uma coisa e depois pode ir embora. Queria saber por que nenhum de vocês teve a iniciativa de nos ajudar voluntariamente, depois que souberam que seis dos... dos seus foram mortos. Sabem que estamos tentando encontrar o assassino.

O homem deu um sorriso triste.

– Encontrar nosso assassino ? É muito ingênua.

Levantou-se e saiu às pressas.

Quando voltou para o hotel, Berg tomou um longo banho de espuma. A noite tinha sido incrível ; tanto o jogo quanto o interrogatório, e estava ansiosa para que a Condessa voltasse. *Garoto velho* ; duas palavras que poderiam significar um grande avanço na investigação.

Depois do banho, sentou-se na cama, nua, e, calmamente, passou creme em todo o corpo. Depois, olhou para o *laptop* e decidiu que era uma boa hora para gastar uns 10 minutos com informações desagradáveis. Mas estava completamente despreparada para ver o vídeo, e pagou por isso ; era muito pior do que podia imaginar. Berg ficou olhando, estarrecida.

O menino era jovem, muito jovem, jovem demais. Ninguém podia ser tão mau. Ela deu um grito bem alto, sozinha no quarto. Queria parar o filme, não conseguia, estava olhando direto para o inferno. Chorou. Primeiro, um choro silencioso, depois um pranto solto, descontrolado. Abaixou a tela do computador com os pés e cobriu o rosto com as mãos, mas as imagens permaneceram na sua cabeça. Começou a balançar o corpo para frente e para trás, como se tivesse um problema mental. O brinco ficou embaraçado no cabelo molhado, e ela começou a lutar para soltá-lo, tentando, na verdade, se concentrar em alguma coisa diferente. Não obteve sucesso.

Então, de repente, seu pensamento se voltou para o homem no café, e foi invadida por uma raiva insana. *Alta qualidade* ; fora assim que o porco se referira àquilo. *Alta qualidade*. Enxugou os olhos, primeiro com o braço, depois com um lenço de papel que tirou da bolsa, onde também estava a maçã do jogo. Comeu a fruta inteira, com sementes e tudo mais, enquanto a raiva lentamente se transformava em um ódio ardente. O telefone tocou e o mostrador indicou que era a Condessa. Ela se levantou. O brinco ainda estava embaraçado em seus cachos ; ela o soltou e jogou no chão. Tufos de cabelo foram junto.

A sacarose da fruta chegou ao cérebro e Berg começou a pensar claramente outra vez ; muito claramente. Encarou seu problema de frente. Na sexta-feira anterior, tinha sido ameaçada pela Condessa e tinha concordado, tinha obedecido. Tinha se deixado levar. Talvez porque invejasse o talento da colega e, para dizer toda a verdade, a casa de campo também. Esta, de fato, era um paraíso fiscal, uma maneira de ficar ainda mais rica, mas isso era outra história. Todos esses pensamentos tomaram conta da sua cabeça e ela resolveu se dar um tempo.

– Espere um pouco, a bateria está quase acabando. Vou pegar o carregador.

Cultivar relações é como lidar com casamentos – se as desavenças ficam muito frequentes, é melhor separar e procurar outro parceiro de cama. O fato era que, ao contrário da Condessa, ela aceitava os assassinatos. Vítimas de incesto odeiam seus pais, a sociedade persegue pedófilos. Isso é natural, é como deve ser. Ela tinha trabalhado arduamente o domingo inteiro e o misericordioso Deus do céu a havia recompensado com o estupro de uma criança. Sua crença na compaixão alheia foi embora, destruída pelo olhar perdido de uma criança de 5 anos de idade. E uma verdade mais primitiva estava batendo na porta : o direito do cidadão comum, a vontade do povo, a velha e boa vingança.

Estava pronta. Primeiro ouviu : a Condessa estaria de volta em uma hora. As coisas tinham sido lentas. Depois veio a resposta, que saiu sem qualquer hesitação :

– Acho que vou para a cama. Vejo você amanhã. O cara do jogo de handebol era um impostor. Não sabia nada.

Desligaram. Berg sorriu e, subitamente, se sentiu constrangida com sua nudez.

Os dois homens andavam sobre o campo, que estava cheio de folhas de outono e impróprio para caminhadas. As botas de borracha de Stig Åge Thorsen ficaram cheias de lama e os sapatos de Erik Mørk estavam destruídos. Sua calça também estava molhada até o joelho. Mas só podia culpar a si mesmo, pois, apesar da chuva fina e do céu escuro, havia insistido em ficar ao ar livre. Thorsen, o homem do campo, tinha acompanhado o colega e permitido, sem objeções, que ele determinasse o trajeto.

– Como foi na Grécia ? Fez uma boa viagem ?

Stig Åge Thorsen demorou a responder.

– Quero esquecer aquilo. Tinha uma mulher, mas... ah, não deu certo. Conte como está indo a campanha. Prefiro falar sobre isso.

Mørk acenou positivamente, feliz de não ouvir mais nada sobre a tal mulher.

– Estamos muito ocupados. Temos recebido apoio de todos os cantos do país. Por telefone, e-mail, fax, mensagens de texto, e até pessoalmente, às vezes. Tem acontecido tanta coisa... mas a melhor de todas é que montamos um banco de dados de pedófilos. Foi feito com a ajuda de sentenças judiciais, registros da população e, também, uma lista de clientes que Alpinista pegou em Middelford. Per Clausen deve ter começado esse trabalho há muito tempo, com a colaboração secreta de um arquivista profissional. *Propensos a reincidência e portadores de compulsão sexual* é o nome do relatório. Não é exatamente um *best-seller*, mas o resultado é excelente. Além disso, criamos um *site* fantástico, em tempo recorde. Não acontece muita coisa na mídia ou no palácio do governo sem que eu fique sabendo uns cinco minutos depois. E hoje à noite tenho um encontro com um produtor de televisão. É um cineasta famoso, mas prometi não mencionar seu nome. Per Clausen o colocou em contato com uma garota absolutamente incrível. É uma das nossas e está sendo treinada para uma entrevista.

– Isso é ótimo, mas qual é a opinião da população em geral ? É o que eu gostaria de saber.

– Bem, os vídeos do *Dagbladet* divulgados hoje de manhã têm sido um sucesso tático, e o que mais se destaca é, sem dúvida, aquele onde Thor Gran deixa clara a sua orientação sexual... sabe do que estou falando, não sabe ?

– Sim, claro. Mas não me lembre disso.

– É chocante e devo confessar que gritei quando vi pela primeira vez. A expressão dele, quando fala no número três, fica gravada na cabeça das pessoas, e tipos tranquilos, que normalmente não apoiam violência, de repente ficam... como vou dizer ?... diferentes. Por um lado, matar é errado, claro, mas... você está entendendo. É como terroristas e tortura.

– Não sei se estou, mas também não sei se me importo com isso. Quantas pessoas se cadastraram no site ?

– Quase oito mil, no momento, mas com certeza chegaremos a 12 mil hoje ainda. A generosidade das pessoas é impressionante. Muitas estão dispostas a fazer coisas que podem lhes custar o próprio emprego. Outras querem doar dinheiro. Entre outras coisas, tive uma

reunião com alguns cavalheiros que representam três organizações religiosas americanas. Politicamente, tendem bem mais para a direita, mas têm muitos recursos e querem nos dar apoio financeiro, de preferência anonimamente ; então, em um futuro próximo, vamos fazer com que paguem uma série de anúncios de página inteira nos jornais.

– E os que apenas se cadastram ?

– São divididos em três categorias. Na primeira, que abrange a maioria, estão os que vão participar de atividades organizadas em sedes locais. Os da categoria dois devem nos ajudar diretamente. Por exemplo, no momento temos dois advogados preparando uma comparação entre as sentenças judiciais para pedofilia na Dinamarca e em outros países. O trabalho deles vai aparecer no *site* amanhã e o relatório será enviado para todos os nossos associados. O problema é que logo não vai ser possível aceitarmos mais gente. Por fim, temos a terceira categoria : aqueles que têm um... digamos... um temperamento mais combativo. Há poucos desse tipo e o trabalho com eles é discreto. E interno. Nem todos os meus colegas sabem da existência desta categoria. Entendeu ?

Stig Åge Thorsen fez que sim com a cabeça, embora parecesse complicado para ele. Disse, tentando ter uma visão mais global da situação :

– Então estamos no controle da guerra, se posso dizer assim. É isso mesmo ?

– Sem dúvida, temos um apoio enorme, mas dizer que só nós determinamos o que aparece na mídia seria um grande exagero. Também tem havido reações desfavoráveis. Veja isso.

Erik Mørk tirou um bóton do bolso. Era retangular, com letras pretas sobre fundo amarelo. Estava escrito : “5, 6... 7, 10, 20 !”.

– Um grupo de estudantes fez isso. Quer dizer, primeiro cinco pedófilos foram mortos, depois seis... mais tarde sete, dez e vinte. Mas é radical demais e afasta muita gente. Também estão fazendo grafites com esse *slogan*, mas em geral as pessoas não gostam. Infelizmente, não estamos conseguindo acabar com isso. Há também pessoas usando camisetas com uma estampa de... vamos lá, adivinhe.

– Per Clausen.

– Exatamente. Viu alguma ?

– Vi. Depois que publicou na internet o artigo sobre a minha prisão, fazem peregrinações até aqui. Trazem todos os tipos de materiais inflamáveis e jogam na fogueira da *minivan*, quase como um ritual. Normalmente, trazem gasolina, mas há outras coisas também. Ontem trouxeram magnésio ; ficou tudo iluminado, como se houvesse centenas de estrelas cadentes. Fui lá hoje de manhã e tinha uma dúzia de pessoas ; uma delas estava usando a camiseta com a estampa de Per Clausen. Não estava de casaco, então deu para ver perfeitamente. A polícia tem tido muitos problemas com o fogo. Primeiro, puseram um cordão de isolamento em volta, mas logo foi cortado ; então, passaram a tarde inteira montando uma daquelas cercas móveis, mas ontem alguém a removeu. Provavelmente há guardas de plantão lá agora.

Haviam chegado ao final do campo, onde um muro de pedra e uma mata com um emaranhado de castanheiras e arbustos espessos estavam entre eles e uma colina que descia em direção à água. Ambos representavam obstáculos para prosseguirem naquela direção. Lá embaixo, a floresta se estendia com todo o esplendor colorido do outono, enquanto o lago permanecia calmo e cinzento por causa da chuva. Mørk subiu no muro e apreciou a paisagem :

– Deve ser muito bom morar aqui.

Pulou para o outro lado do muro e deu alguns passos em direção à colina. O homem do campo conseguiu detê-lo. Era um terreno intransponível.

– Melhor que na cadeia, claro. Mas não deve andar aí, a não ser que queira que eu busque o trator para tirar você da lama.

Erik Mørk voltou e Stig Åge Thorsen o levou por uma trilha que seguia perto do muro.

Mørk perguntou :

– E então ? Como foi o interrogatório ? É sua vez de falar.

– Fiquei preso quase um dia inteiro, mas pouca coisa aconteceu nas primeiras horas. De vez em quando, faziam perguntas, sempre uma pessoa diferente, mas não conseguiram me pegar.

– E nem podiam. Por fazer uma fogueira dentro da sua propriedade ?

– Essa deve ter sido a conclusão a que chegaram. Por outro lado... não tive dúvidas de que queriam me manter por lá. E fiquei quase todas as vinte e quatro horas a que tinham direito, antes de serem obrigados a chamar uma autoridade. Bem no final, apareceu um policial de Copenhague chamado Arne Pedersen. Foi muito cordial, mas, ao mesmo tempo, senti que é mais perigoso que os outros. Seu maior interesse a respeito do que eu tinha feito era o dinheiro. O dinheiro que declarei ter recebido do estranho.

– O que respondeu ?

– Que tinha doado para Sanlaap, aquela ONG feminista, o que, em parte, é verdade. Não se aprofundou mais no assunto, mas, como sabe, fui convocado para outra rodada de conversas em Copenhague amanhã.

– Sim, sei e vou me assegurar de que haja repórteres por lá. Sei que não vai ser difícil, mas deve manter silêncio, embora esteja livre para mencionar sua entrevista comigo na quinta-feira.

– Prestem atenção em WeHateThem.dk na quinta-feira à noite, se quiserem saber mais.

Stig Åge Thorsen deu um sorriso largo. Mørk não. O assunto era muito sério.

– Sim, algo parecido. Também vamos divulgar, claro. Por toda parte. Mais alguma coisa ?

– Não, acho que não. Bom, na verdade, recebi uma carta de Helle, uma carta de verdade. Escreveu que não está muito bem. Sabe como tem problemas com pensamentos sobre o tio. Então, ontem à noite fui até Hillerød e liguei para ela de um telefone público. Eu não sabia o que dizer. Pareceu bastante bêbada e extremamente infeliz, mas me pediu que mandasse lembranças para você ; e para Alpinista também, claro, se o visse, mas espero que isso não aconteça.

Mørk afirmou, imediatamente.

– Não vai acontecer. Logo estará a caminho da Alemanha. Provavelmente daqui a dois dias ; no mais tardar, até o fim de semana.

– Por que não foi ainda ? Não me sinto nem um pouco confortável com ele por aqui, depois do que fez com o quiosque de cachorro-quente. Pelo acordo, deveria partir assim que a coisa estivesse feita.

– E vai. Infelizmente, acha que é invencível, só porque muitas pessoas estão nos apoiando, mas preciso dizer que também não o estou pressionando. Ele pode ser uma boa carta na manga. De certa forma, é meu último trunfo com a mídia ; e até mais importante que você, se

entende o que estou querendo dizer.

Caminharam algum tempo sem conversar. O vento varreu o topo das árvores sobre suas cabeças e gotas de chuva caíram dos galhos. Mørk cruzou os braços sobre o peito para se aquecer e Stig Åge Thorsen perguntou :

– E então ?

– Vamos promover a sua imagem nos próximos dias e depois fazer a sua entrevista *on-line* na quinta-feira. Vou apresentar você hoje à tarde, e em seguida convidaremos todos para uma manifestação na sexta-feira.

– E se me prenderem ?

– Não vão fazer isso. Não têm provas suficientes.

– E depois ? E nossas requisições ?

– Vão se tornar públicas logo após a entrevista.

– Ainda não estão no *site* ?

– Não, até agora só tem lá algumas ideias sobre combate ao abuso infantil. Ninguém pode discordar disso. No final das contas, vira tudo política e, nesse aspecto, podemos contar com gente influente e poderosa, com exceção do fato de que nosso populista ministro da Justiça tem muita aprovação popular. O governo está quieto, ganhando tempo, desejando que as coisas voltem ao normal em poucas semanas. E é claro que seremos encontrados. São eles que precisamos atingir, mas, acredite, não estão perdendo o sono por causa de alguns poucos dias de greve em uma escola. Isso não é suficiente para fazê-los agir.

– Então vão ficar indiferentes à manifestação e, também, à minha entrevista.

– Com certeza. Mas a situação está a nosso favor. O problema é só o populismo do ministro. Infelizmente, isso vai influenciar negativamente a opinião pública. É inevitável. Vamos ter que criar a ilusão de que a opinião pública não mudou e acho que, até certo ponto, isso é possível. Pelo menos, por alguns dias, o que já é suficiente. É, sobretudo, uma questão de estratégia.

Stig Åge Thorsen parou e pôs a mão sobre o ombro do colega.

– Sei que você e Per Clausen discutiram tudo detalhadamente, mas algumas vezes se esquece de falar com os outros. Está agindo como se eu soubesse qual é o próximo passo, mas não sei. Para ser completamente honesto, nem sempre compreendo o que diz.

Mørk o desarmou com um gesto, e se desculpou :

– Sinto muito, devia mesmo ter falado mais. O próximo passo foi dado hoje de manhã. O banco de dados de pedófilos foi distribuído para os membros da nossa categoria três.

A expressão no rosto de Stig Åge Thorsen mostrou que ele ainda não estava entendendo. Mørk teve de ir direto ao ponto :

– Violência.

Os acessos ao banco de dados de Erik Mørk inundaram o país e trouxeram muita infelicidade.

Jylland se destacou muito, já que a lista de clientes dos irmãos Ditlevsen era bastante significativa. Portanto, muitas pessoas estavam reunidas em frente a um prédio em Kvaglund, Esbjerg. Todos estavam de pé, com as cabeças inclinadas ; observavam um homem lá em cima, sentado na janela do quinto andar. Segurava a vidraça com uma das mãos, e chorava. De vez em quando, olhava para baixo, com uma expressão de terror. Uma mulher de meia-idade, cujo casaco de pele de raposa-azul deixava claro que não morava nas redondezas, gritou :

– Pule, sua besta ! Vai, acabe logo com isso ! Não temos o dia inteiro por sua conta !

Um homem mais jovem – sobre uma bicicleta motorizada, e um pouco distante das outras pessoas – acrescentou :

– Isso mesmo, vai, pule ! Acabe com isso, babaca !

A janela de uma cozinha do prédio foi aberta e uma mulher, muito agitada, de cabelo pintado de vermelho e com um avental xadrez, se inclinou para fora e olhou para cima. A mulher do casaco explicou, sem pensar duas vezes :

– É um molestador de crianças. Molestou duas criancinhas em Nakskov há dezoito anos. É terrível saber que nossas crianças convivem com alguém como ele.

– *Nossas* crianças, você quer dizer. Não creio que você tenha crianças aqui.

A mulher do casaco não respondeu, mas um companheiro falou por ela. Sua fala era hesitante, insegura.

– Tenho quatro crianças, bem perto da porta dele.

A mulher fez um gesto obsceno para as pessoas na rua e fechou a janela bruscamente. A gritaria continuou. Logo depois, chegou uma viatura da polícia com dois oficiais : um homem e uma mulher. Depois de abrirem caminho no meio da multidão, desapareceram dentro do prédio. No quinto andar, a porta do apartamento estava coberta de pichações, como : *bosta animal, estuprador de crianças, merda perversa*. Acima dessas palavras, havia alguma coisa escrita em árabe, que certamente não era nenhuma mensagem gentil. O policial abriu a porta com um chute bem direcionado e extraordinariamente forte. A oficial entrou e parou a poucos passos do suicida em potencial. Logo depois, veio o seu colega. O homem na janela estava nitidamente desesperado.

– Se der mais um passo, eu pulo !

A policial pegou uma cadeira e sentou-se, calmamente. Gritos vindos da rua formavam um coro ritmado : “Pula ! Pula ! Pula !” Os gritos batiam nas paredes do prédio e ecoavam, como o som de um baixo destorcido.

– Vamos ficar onde estamos. Só queremos conversar com você.

O homem não reagiu.

– Não vale a pena. Tudo pode melhorar.



O policial falava devagar e convincentemente, mas suas palavras eram abafadas pelos gritos na rua, e sua colega ordenou que fosse lá embaixo e desse um fim naquilo. O homem na janela olhou, suplicante, como se ela pudesse eliminar o mal da face da Terra, mas estava seriamente enganado. Assim que ficaram a sós, ela mudou radicalmente de atitude. Quando criança, tinha sido a *bonequinha* de seu pai, até o dia em que ele morreu de tanto beber. *Boneca, bonequinha* – os últimos dias tinham aberto um compartimento dentro dela. Levantou-se e caminhou na direção dele.

– Pule ou saia daí. Para mim, não faz a menor diferença.

O homem olhou para ela, incrédulo, por um longo segundo, antes de soltar a mão. Gritos de contentamento da multidão acompanharam a queda.

O dono da loja em Arnborg, ao sul de Herning, não estava contente ; na verdade, estava preocupado. Três dos seus clientes regulares tinham entrado em seu estabelecimento sem cumprimentá-lo. Cada um ficou parado, em silêncio e muito sério, sem segurar uma cesta para as compras. Um estava perto da seção de doces e geleias, outro, perto dos vinhos, e o terceiro, perto do balcão. O silêncio foi quebrado pelo barulho de vidro sendo despedaçado quando um pote de geleia bateu com força no chão de pedra da loja.

– Epa ! Como sou desastrado !

O dono da loja tentou tranquilizá-lo.

– Tudo bem, Karsten, essas coisas acontecem.

– É que... epa... aconteceu de novo. E de novo... e de novo... e veja isso...

Um estrondo acompanhou cada um dos comentários.

– O que está fazendo ? Pode, por favor, sair da minha loja ?

O homem que se encontrava perto da seção de vinhos tinha, cuidadosamente, selecionado duas garrafas.

– Esses dois parecem bons. Acho que vou tomá-los hoje à noite. Oh, não, agora estou sendo desastrado também ! Que trapalhada !

O cliente mal-humorado que estava no balcão inclinou-se para frente e pôs a mão no ombro do dono da loja. O proprietário era um sujeito grande, mas o homem no balcão era maior.

– Aquele cara alto de Sørvad trabalha aqui, não trabalha ?

– Não, não trabalha mais aqui. É por isso que estão quebrando meus produtos ? Foi despedido hoje de manhã. Eu não sabia que era... ah, sabem do que estou falando.

A informação trouxe um sorriso no rosto dos três homens e um deles tirou a carteira do bolso.

– Isso muda tudo. Ouvimos falar que você o manteria, apesar do comportamento sórdido. Acho que lhe devemos cinco potes de geleia, duas garrafas de vinho tinto, e vou querer 20 garrafas daquela cerveja ali. E vamos tomar umas geladas na mesa lá de trás.

O dono da loja se acalmou quando viu o dinheiro e ouviu o homem falar da cerveja.

– Sim, por que não ?

Gritou para a cozinha :

– Magda, pode me ajudar com um rodo, um pano e um balde com água ?

Depois falou com os homens.

– Caramba ! Podiam ter perguntado antes. Vocês me conhecem bem.

Os três balançaram a cabeça envergonhados, pois o que o proprietário havia dito estava certo : eles o conheciam bem.

– A mulher de vermelho é, definitivamente, um elemento importante na vida de Per Clausen. A diferença de idade e *status* social já mostra que havia alguma coisa especial no relacionamento dos dois. O problema é que não temos nem ideia de onde procurá-la. O modelo do carro, as roupas vermelhas, e dois encontros em certo lugar – tudo isso há dois anos – é muito pouco para nos levar a algum avanço.

Simonsen resmungou, impaciente, mas isso não afetou Poul Troulsen, que continuou com sua exposição.

– De acordo com Kasper Planck, o dono do quiosque, Farshad Bakhtîshû, e seus filhos agora se lembram de que a mulher de vermelho mancava um pouco.

– Que diferença isso faz ?

– Poderia não fazer nenhuma, mas tem mais. E desta vez, tem a ver com o cartão que tinha o nome e o endereço dela. Um dos filhos se lembrou de um detalhe inusitado. O endereço que a mulher entregou era o nome de uma rua e, portanto, terminava em “vej”. Isso é comum demais para ser útil, mas a coisa interessante é que o ponto acima do “j” era um coração.

– E daí ?

– Cresci em Jægersborg e sei que no condado de Gentofte há um detalhe diferenciador nos nomes das ruas. Sempre que terminam em “vej”, o ponto acima do “j” é um pequeno coração vermelho. Todos os outros “j” ou “i” têm o ponto normal. Todo mundo sabe disso, mas, na verdade, só em Gentofte o coração é aceito legalmente. Alguns o acham tão bonito e atraente que usam, quando escrevem seus endereços. Minha mãe, por exemplo, sempre desenhava corações sobre o “j”, quando enviava um cartão-postal. A isso se pode somar o fato de que a mulher de vermelho é, muito provavelmente, uma mulher rica, o que se encaixa muito bem com o perfil daquele condado.

– Ok. Concordo ; parece razoável supor que nossa mulher misteriosa é de Gentofte. Continue.

– Per Clausen tinha duas conexões com Gentofte em sua vida. Uma foi sua infância e a outra, a educação escolar da filha. A idade da mulher mostra que a conexão entre os dois se deu por intermédio da filha.

– Faz sentido, mas está elaborando uma hipótese com base em outra hipótese.

Poul Troulsen ignorou a objeção.

– Depois que retornou da Suécia em janeiro de 1993, Helene Clausen se matriculou na escola Tranehøj, em Gentofte. No ano seguinte, estudou no Auregaard Gymnasium, que fica bem ao lado. O fato de ter sido admitida em uma escola no condado de Gentofte, quando morava em Gladsaxe, gera questionamentos imediatamente. Não é uma coisa muito comum.

Simonsen interrompeu.

– Conheço a história tanto quanto você.

Troulsen lhe lançou um olhar cético. Já havia centenas de relatórios nos arquivos do caso

e só na véspera ele tinha feito essas conexões. Simonsen percebeu seu descrédito e falou, rápida e rudemente :

– Fomos desatentos, é verdade, mas depois de alguns dias, a viagem de Arne à Suécia revelou essas conexões. Quando Helene Clausen voltou para a Dinamarca, recusou terapia. O pai fez o que era a segunda melhor opção. Tinha um colega cuja esposa trabalhava com crianças traumatizadas em Copenhague, além de ser a psicóloga da escola Tranehøj. Per Clausen a procurou e ela prometeu ajudar. Conversou com uma amiga sobre flexibilidade entre condados, com relação à educação escolar da garota. Na época, a amiga era casada com o prefeito de Gentofte. Infelizmente, Helene Clausen nunca recebeu assistência psicológica. Isso pode ter custado a vida de oito pessoas. E, a partir de agora, pare de duvidar de mim quando digo que sei.

– Peço desculpas. Apenas imaginei que o volume de papéis...

– Vamos em frente, Poul ! Por onde quer começar ? Temos uma equipe na escola e outra no Gymnasium ; e têm feito um bom trabalho. O que pode acrescentar à investigação ?

– Talvez nada, mas a tarefa deles era basicamente esclarecer se Helene Clausen tinha sido abusada sexualmente durante o tempo que passou na Suécia, além de elucidar as circunstâncias da sua morte. O que não pesquisaram foi se havia alguma ligação entre Per Clausen e colegas da filha.

Simonsen acenou positivamente.

– Tem razão.

– Exatamente. E o trabalho que já foi feito me dá um ponto de partida excelente. Nos relatórios, está claro que as garotas da sala 1A, classe de 1993, no Auregaard Gymnasium tinham uma espécie de líder. Hoje ela possui uma agência de trabalhos temporários em Hellerup. Marquei um encontro.

Simonsen cruzou as mãos e olhou para o teto. Depois, falou, com segurança :

– Está indo longe demais. Comece por uma nova pesquisa sobre Porsches na cor cinza, agora que podemos limitar a busca a Gentofte. E deixe seu telefone celular ligado. Boa sorte.

A investigação ganhou um longo artigo no *Nyhedsjournalen*, o que foi positivo. Já a reunião preparatória de segunda-feira, entre o Departamento de Homicídios e a emissora de TV, foi quase um fracasso. Simonsen, Arne Pedersen, a Condessa e Pauline Berg representavam a polícia. A emissora de TV mandou um produtor e uma assistente de produção. O encontro aconteceu no QG da polícia em Copenhague, e todos estavam cansados e irritadiços.

Primeiro, o produtor fez uma introdução desnecessariamente prolixa e parcialmente incoerente, em que enfatizava para os investigadores a importância de mensagens curtas e claras. Depois disso, não falou quase nada. Parecia alguém que acabara de passar um fim de semana inteiro bebendo ; o hálito fedia a cerveja velha. Os dois assentos a seu lado estavam vazios. A assistente só se ocupava com o teclado do *laptop* ; escrevia sem parar, o que deixava todos perturbados, embora ninguém reclamasse.

Três cenas foram reconstruídas para o programa, cada uma com cerca de um minuto de duração. A primeira mostrava o transporte das vítimas, a segunda, os assassinatos, e a terceira, a mais curta e mais forjada, exibia a *minivan* no trajeto entre a escola e o campo em Kregme, Arresø. Faltava narração. Todos os cliques eram animados por computador, com bonecos como atores, o que diminuía o realismo das cenas, mas tinha a grande vantagem de permitir que estas fossem facilmente modificadas. Depois de cada uma, a polícia teria a oportunidade de fazer comentários e pedir a testemunhas que se apresentassem. O problema era : que comentários ? Testemunhas de quê ?

Simonsen pegou o controle remoto e apontou para a televisão. Ainda estavam na primeira cena.

– Devemos assistir de novo ?

Os outros três protestaram, em uma rara demonstração de acordo unânime. O produtor pareceu aliviado, a assistente continuou digitando. Todos pensavam sobre o que dizer. Arne Pedersen expôs sua opinião :

– Acho que devemos dar prioridade à mulher. O filme não mostra que está aplicando injeções ou medindo as doses de Stesolid de acordo com o peso corporal das vítimas. Sua formação profissional também não aparece. Médica, enfermeira, auxiliar de enfermagem, parteira, veterinária, estudante de medicina... Precisamos esclarecer isso.

Não era nada de novo, apenas uma reformulação do que já havia dito 20 vezes. “Ou coisa parecida”, a Condessa pensou ; depois falou :

– Ainda acho que a *minivan* é a melhor pista. Só seis testemunhas adultas se apresentaram. Deve haver mais, e talvez possamos conseguir saber o ano de fabricação, ou até mesmo a placa ; quero dizer que o veículo tem que ter vindo de algum lugar. Tem que ter sido comprado, vendido, registrado, essas coisas. A alternativa é esperar que os técnicos tragam alguma coisa de Kregme, e por enquanto só recebemos uma ordem judicial provisória. Até

parece sabotagem.

Pauline Berg repetiu mecanicamente o que a Condessa tinha acabado de falar, mas usou um número bem maior de palavras, como se estivesse disposta a presentear homens inocentes com uma dor de cabeça. Ou foi o que Arne pensou, enquanto se preparava para retomar sua argumentação.

Simonsen perguntou a Pedersen :

– Como vão as coisas em relação à *minivan* ? Quando vamos ter um relatório pericial ?

Pedersen apresentou uma resposta pessimista.

– Temos tido problemas para manter as pessoas afastadas. Estão jogando todo tipo de lixo no fosso, para que a fogueira continue queimando, mas estamos perto de conseguir um controle sobre isso. O problema é que os técnicos querem que o fogo apague por si, para não correrem o risco de destruir alguma prova importante. O mais cedo que isso pode acontecer é daqui a três dias, quando devem poder dizer se vão ter o que dizer, se é que isso faz sentido. Pode demorar semanas, e até meses, para conseguirmos alguma coisa útil, e nem isso é certo. Podemos supor que, pelo número de dias, a temperatura dentro do fosso esteja acima de mil graus.

Simonsen balançou a cabeça, como se quisesse afastar as más notícias. Suava e suas pernas doíam. Estava oscilando entre o ponto de vista da Condessa e o de Pedersen. Por fim, tentou chegar a um acordo.

– Vamos mencionar a *minivan* e pedir testemunhas, mas devemos nos concentrar na mulher.

Todos ficaram satisfeitos. Por um momento, a assistente abandonou o teclado e se envolveu no debate. Era a primeira vez que falava e sua voz atraiu a atenção de todos.

– Mantenham as mensagens simples.

Pauline Berg olhou bem para o pescoço branco da mulher e quis estrangulá-lo. Simonsen enxugou a testa com o lenço, o produtor bocejou sem disfarçar e Pedersen deu início a mais uma nova versão da sua teoria.

O trabalho prosseguiu em ritmo lento. Depois de muito tempo, chegaram a um acordo sobre a mensagem que acompanharia o primeiro vídeo. A mensagem simples. Simonsen finalmente tinha aceitado a opinião de Pedersen e dariam destaque à mulher com o anestésico. Tinha sido vista entrando na *minivan* quando esta parara nas imediações de uma pequena lanchonete na estrada entre Slagelse e Ringsted. Mais tarde, a testemunha tinha revogado a declaração, mas ninguém acreditou ou deu importância. A sequência seguinte foi mostrada quatro vezes, foram feitas pequenas correções e, então, abordaram a questão de qual deveria ser a mensagem.

O produtor saiu e ficou desaparecido por muito tempo ; os policiais começaram a ficar nervosos, achando que tinha se perdido nos corredores do prédio. Mas o homem voltou, com o rosto vermelho. Segurava uma cerveja que ninguém sabia onde havia conseguido e que começou a beber tranquilamente. O álcool lhe deu forças para continuar o debate ; uma vantagem sobre os outros. Com exceção do mau cheiro e do jeito arrogante, era um líder formidável.

Todos concordaram que o título deveria ser : “O homem com a câmera de vídeo”. Esse foi o ponto mais longe a que conseguiriam chegar, e sabiam disso. Simonsen falou :

– Também conhecido como amigo secreto de Frank Ditlevsen ? Também conhecido como o assassino e derrubador de árvores de Allerslev ? Também conhecido como o estranho mencionado por Stig Åge Thorsen ? Também conhecido como o motorista da *minivan* e o algoz de Bagsværd ?

Era uma pergunta. A Condessa permaneceu firme em sua convicção e respondeu, imediatamente :

– Sim.

Pedersen, de novo, bancou o advogado do diabo.

– Talvez, apenas talvez. Tudo isso é incerto demais para ser colocado. Corremos o risco de mudar o rumo da investigação e obstruí-la. Apenas hipóteses e suposições ; isso é muito pouco.

Simonsen acenou com a cabeça, pensativo. Pedersen continuou :

– Principalmente em relação ao estranho de Stig Åge Thorsen, que nem sabemos se existe mesmo... pode ser um homem, ou cinco, ou 10 mulheres. Só para sermos mais moderados, podemos dizer que aquele caipira não é uma das testemunhas mais confiáveis, e suas explicações não são muito claras, em vários aspectos. Provavelmente, ele vai virar outro furo de reportagem da mídia. Nem mesmo sabemos se os restos da *minivan* estão de fato naquele fosso.

A Condessa se opôs.

– Os técnicos estabeleceram uma ligação entre o último clipe e a paisagem que pode ser vista em sua propriedade.

Pedersen rebateu :

– Uma ligação preliminar, e mesmo se for verdade, não significa necessariamente que a *minivan* esteja lá.

Simonsen entrou na conversa :

– Vamos voltar ao começo, isto é, o amigo secreto de Frank Ditlevsen. Pauline, faça um resumo para nós.

Berg preferia que ele tivesse pedido à Condessa. Ter ocultado o que sabia sobre o amigo secreto de Frank Ditlevsen ser um dos seus assim chamados “garotos velhos” ficou parado na garganta. Teria que recapitular o que vivera na véspera. Ajeitou-se na cadeira. O produtor olhou luxuriosamente para os seios dela ; a assistente prosseguia com os toques curtos e rápidos no teclado.

– O que sabemos é sobre dois irmãos, dos quais só um tem inteligência. Um homem de 30 e poucos anos foi visto visitando-os algumas vezes no ano passado. Os vizinhos disseram que ele tinha a chave. Mas a descrição é incompleta : cabelos claros, altura superior à média, magro, corpo proporcional ; chegava sempre a pé ou de carro com Frank Ditlevsen.

De repente, Simonsen interrompeu.

– Quero um resumo do assassinato de Allan Ditlevsen. Fale sobre a derrubada da árvore.

Sua voz estava excepcionalmente ríspida e Berg olhou para ele, espantada. Nenhum dos outros dois disse nada, mas ela podia ver pelas expressões que tinham ficado tão confusos quanto ela. Cumpriu a ordem do chefe. Qualquer outra coisa seria inconcebível quando ele agia dessa forma. Por sorte, ela sabia muito sobre a derrubada da árvore, e quase tudo de cor.

– O criminoso derrubou a árvore com oito golpes entre 4 horas e 4h50 da madrugada de quarta para quinta-feira da semana passada, e ela finalmente caiu às 5h38. Pouco antes disso, Allan Ditlevsen tinha morrido devido a um traumatismo provocado por pancada com um galho grosso de faia. O quiosque de cachorro-quente foi esmagado pela árvore. Imediatamente depois, o assassino juntou suas coisas e desapareceu pela porta da frente do prédio de número 18 na Verd Torvet. Ali, foi até o porão e saiu pela porta dos fundos, na Garvergade. Vestígios de serragem foram encontrados nesse trajeto, mas a partir dali não sabemos onde se meteu. O máximo que encontramos foi uma série de quatro pegadas na escada do número 18. Na verdade, o prédio não tem moradores ; está pronto para ser demolido.

A Condessa se levantou subitamente e saiu, enquanto Berg continuava sua história. Ia falando, sem precisar consultar o relatório da perícia. A Condessa voltou logo, com Malte Borup, desorientado, atrás dela. Simonsen interrompeu Berg, tão bruscamente como quando ordenara que começasse a falar, e se dirigiu ao produtor :

– Sua assistente trabalha muito. Diga, o que ela tanto escreve ?

A expressão de surpresa no rosto, um pouco inchado, do produtor jogou por terra qualquer suspeita de conspiração, pelo menos naquele momento.

– Também já pensei nisso. Por que está escrevendo tanto, Marie ?

O movimento no teclado parou e Marie imediatamente levou a mão ao *mouse*. A Condessa segurou seu pulso a poucos centímetros dele. Borup pegou o computador.

Pedersen foi o primeiro a comentar sobre o que viram.

– Maldição !

A reunião foi adiada para a manhã seguinte e o produtor prometeu voltar com um novo assistente. A não ser que fosse excelente ator, tinha ética profissional e não poderia ter envolvido sua assistente nessas atividades subversivas. Não tinha nenhuma ideia sobre quem ela estaria informando *on-line*.

O sentimento que reinava entre a equipe de investigação era de tristeza. E nem era tanto por causa do prejuízo real que a assistente pudesse ter causado. Claro que o fato de ter suas conversas circulando na internet era desagradável, mas podiam lidar com isso. O que os estava arrasando era a primeira evidência, ao vivo e a cores, de que parte da população em geral estava contra a polícia. Se algum deles ainda duvidava disso até então, perdeu as esperanças.

Simonsen tentou animar sua equipe.

– O prejuízo é pequeno. A situação está sempre mudando, e se a mídia tiver acesso a essas informações, não será tão terrível assim. Portanto, vamos esquecer isso e continuar o trabalho.

Surpreendentemente, foi Malte Borup quem falou :

– Não acredito que a mídia se interesse mais por isso do que por qualquer uma das muitas páginas contra a polícia que estão constantemente aparecendo na rede. Alguns *sites* são bem amplos.

Os outros olharam para ele, perplexos. Pauline perguntou, em nome de todos :

– Páginas contra a polícia ? O que quer dizer isso ?

– Está dizendo que não sabem disso ?

A pergunta escapou e ele se arrependeu assim que acabou de fazê-la. Pediu desculpas,



enrubescido.

– Perdão, não quis falar isso. Claro que estão acompanhando tudo. Com todas as coisas que estão...

Simonsen veio em seu auxílio.

– Não, Malte, receio que não estejamos acompanhando nada disso, e talvez devêssemos. Pode fazer um breve resumo para nós ?

– Certo. Há *sites* como o Pillory.dk e o SeksSyvSyttten.com e, claro, o que pôs o anúncio no jornal sobre ter sido... violentado quando criança. É, sem sombra de dúvida, o maior ; o endereço é WeHateThem.dk.

Calou-se. A oratória não era seu ponto forte. Foi a vez de Berg colaborar.

– O que fazem, Malte ? Pode falar sobre isso ?

– Bom, as pessoas podem juntar-se a eles como “adeptos”. O que querem é que aqueles que são... malvados com crianças sejam realmente punidos.

Seu rosto ficou muito vermelho e ele parou de falar. Berg teve um forte desejo de segurar a mão dele. Depois de uma pausa curta, começou a falar de novo, por conta própria.

– Isto é, punidos de verdade, como nos Estados Unidos, onde é impossível escapar sem castigo.

A Condessa perguntou.

– O que mais eles fazem, Malte ?

– Infelizmente, não sei.

Pedersen apareceu no vão da porta. Estava carregando uma pilha de papéis e irradiava urgência.

– O que estão fazendo é certificar-se de que pessoas indefesas sejam brutalmente atacadas ou mortas ; 23 casos, em todo o país. De Gedser a Skagen, e não é figura de linguagem... é isso mesmo, literalmente.

Jogou os papéis sobre a mesa e os outros se inclinaram para ler. Depois disso, ninguém disse nada, a não ser Borup.

– Posso tirar essas páginas da internet, se...

Berg pôs o dedo sobre a boca do rapaz e ele ficou mais vermelho do que nunca. O telefone celular de Simonsen tocou. Atendeu bruscamente e ouviu. Quando desligou, estavam todos ansiosos para que não fosse outra má notícia. Dessa vez, as esperanças se tornaram realidade.

– Troulsen achou a mulher de vermelho e parece uma descoberta promissora. Ambos estão vindo para cá.

A proprietária da agência de trabalhos temporários era uma mulher simpática. Poul Troulsen já sabia a sua idade ; tinha 20 e poucos anos. Entretanto, estava errado em todas as outras expectativas que tinha a seu respeito. A imagem de uma profissional segura e elegante foi destruída por uma pessoa jovial e roliça, que não fazia gastos desnecessários com a aparência ou o interior do seu estabelecimento. Ela o levou a uma sala de reuniões, que mais parecia um abrigo para moradores de rua. Sem perguntar nada, entregou-lhe um copo de plástico com café morno. Troulsen pegou a copo e agradeceu, educadamente. O café estava horrível.

– Como sabe, estou aqui para falar sobre Helene Clausen e o Auregaard Gymnasium. Ouvi dizer que você era uma das garotas que estavam mais envolvidas no que acontecia na escola.

– É verdade. Mas devo confessar que eu era uma filha da mãe. Nos reencontros anuais da turma, ainda há garotas que me odeiam, e têm seus motivos ; compreendo isso. Não era uma pessoa especialmente agradável, mas está certo quando diz que era bem informada.

– E ficou um ano na mesma turma de Helene Clausen ?

– Sim, até ela se afogar. Mas tenho de fazer um esforço para me lembrar da sua aparência. Sei que fiquei com o pé atrás na primeira vez que a vi. Era bonita e inteligente, e achei que seria uma provável rival.

Balançou a cabeça.

– Infelizmente, eu era assim. Mas me preocupei à toa. Helene não era muito sociável e, depois que percebi isso, não prestei mais muita atenção nela. Lembro-me perfeitamente da sua morte, claro. Fizemos muitos protestos, mas depois nos esquecemos dela rapidamente.

– Tenho uma fotografia, se achar que pode ajudar.

– Não, prefiro não ver. De qualquer jeito, não éramos muito ligadas. Para falar a verdade, Helen não era ligada a quase ninguém da turma.

Troulsen concordou que essa observação confirmava totalmente o que havia lido nos relatórios.

– Não é a primeira pessoa a falar isso.

– É, era muito fechada em si mesma. Por isso, quase liguei para cancelar esse encontro. Achei que não tinha nada para dizer.

Ele escutou com atenção.

– Mas não ligou.

– Não, porque no final das contas achei que podia ajudar. Pelo menos um pouquinho. Naquele tempo, eu escrevia um diário e, quando você ligou, achei que ele podia conter alguma informação útil. Não foi agradável reler aquilo e, na verdade, não tinha muita coisa lá sobre Helene. Quase nada. Mas, de repente, lembrei-me de uma ocasião em que eu e ela estávamos num carro. Não me recordo aonde estávamos indo, nem se tinha mais alguém da turma conosco. Ela insistiu para que puséssemos o cinto de segurança. Não sei se perguntei por quê,

mas lembro-me de que contou sobre uma amiga que tinha sofrido um acidente de carro. Um acidente horrível. Achei importante destacar que ela usou a palavra “amiga”. Porém, infelizmente, isso é tudo que tenho para dizer.

Troulsen estava tranquilo.

– Agradeço muito. Pode vir a ser uma informação importante.

– Está se referindo aos assassinatos na escola Langebæk ?

– Exatamente.

– Não sei se quero que desvende esse crime.

– Não seria a única pessoa a não querer. Pelo menos, é honesta.

Troulsen se levantou. Ela permaneceu sentada.

– Acho complicado. Por um lado, um crime foi cometido, mas por outro... ora, é difícil.

– Não penso assim, mas obrigado pelo tempo que gastou comigo, e obrigado pela ajuda.

A moça o levou à porta.

Assobiando alegremente, Troulsen dirigiu seu carro até a velha escola de Helene Clausen. Os relatórios não mencionavam uma amiga da escola fundamental ; isso podia ajudar.

Tranehøb School era uma instituição no estilo tradicional – um prédio de quatro andares, com dois prolongamentos laterais e um *playground* pavimentado, sinos, bebedouros para crianças sedentas. Não foi difícil encontrar a secretaria da escola ; na recepção, havia uma mulher de 40 e muitos anos. Estava com fones de ouvido e digitava alguma coisa no computador. Troulsen teve de limpar a garganta algumas vezes para atrair a atenção dela.

– Peço desculpas, não vi você. Está aqui há muito tempo ? Como posso ajudá-lo ?

– Não, acabei de chegar. É a secretária da escola ?

– A própria e a única.

Ele mostrou o distintivo.

– Poul Troulsen, do Departamento de Homicídios.

Ela pôs os fones de ouvido sobre a mesa, onde ficaram fazendo ruídos abafados.

– Ops, isso parece sério.

– Nem tanto. Estou em busca de informações sobre uma antiga aluna.

– Qual é o nome ?

– Bem, esse é o problema. Há quanto tempo trabalha aqui ?

– Mais do que gosto de lembrar. Serão 25 anos daqui a alguns meses.

– Perfeito. Estava no ensino fundamental em 1992/1993, e era uma menina.

– Temos muitas nessa categoria. Espero que tenha mais informações.

Sorriu amavelmente e Troulsen retornou o sorriso.

– Tenho. Sofreu um acidente de carro. E parece que foi sério.

Estava pronto para continuar, para falar sobre a amizade com Helene Clausen, mas a mulher fechou os olhos e levantou um dedo no ar. Ele esperou.

Logo depois, a expressão da secretária mudou.

– Emilie. O nome dela era Emilie. É verdade, foi um acidente horrível. As duas garotas ficaram feridas. Aconteceu perto de Helsingør, e foi culpa da própria Emilie. Estava acima da velocidade permitida e tinha bebido. Mas, no fim, as duas se recuperaram.

Troulsen franziu as sobrancelhas. Havia algo errado. Alunos daquela idade não tinham

licença para dirigir. Mas a secretária explicou, antes que ele dissesse alguma coisa.

– Essa era a irmã mais velha. Tinha alguns anos a mais que a outra, e é dela que me recordo bem. Não consigo me lembrar de nada sobre a mais novinha, só que estava no acidente, e que ele aconteceu logo depois que ela saiu da escola.

– Sobrenome ?

A secretária balançou a cabeça.

– Não, mas sei que se tornou uma médica, se isso puder ajudar. É estranho, posso ver a fisionomia perfeitamente, mas a imagem da pequeninha sumiu completamente. Precisamos ir ao porão.

– Porão ?

– Isso mesmo. Se vier comigo, tenho certeza de que encontraremos o sobrenome e tudo mais que tivermos a respeito da ex-aluna. É lá que guardo os anuários. Sei que não é exatamente o Arquivo Nacional, mas não é raro eu ajudar a rastrear alunos do passado. Sabe como é, para reencontros anuais e coisas desse tipo.

Uma voz profunda, forte, os interrompeu.

– O que está acontecendo aqui ?

O diretor estava na porta da sala dele ; tinha ombros largos e era imponente. Troulsen olhou para ele. A barriga enorme esticava o elástico dos suspensórios a ponto de quase arrebentarem. O rosto era gordo e austero. Tinha um par de óculos com armação de metal sobre a careca.

– Sou da polícia e estou tentando conseguir informações sobre uma...

O diretor o interrompeu.

– Ouvi isso. Para que quer essas informações ?

– Para quê ? Para desvendar um crime.

– Que tipo de crime ?

Poul Troulsen respondeu, um pouco irritado.

– Não faz diferença.

– Acho que sei que tipo de crime é esse. Vi você na internet.

– E ?

– Tem mandado ?

– Mandado ? Por que cargas d'água precisaria de um mandado ?

– Nossos arquivos não estão abertos ao acesso público.

Com a mão pesada, empurrou a secretária – que tinha acabado de se levantar – de volta para a cadeira.

– Sei que não concorda com isso, mas tem de aceitar que quem dá as ordens por aqui sou eu. E não fornecemos informações pessoais dos nossos alunos sem que haja uma razão legal.

A expressão no rosto da secretária ficou dura, ela afastou a mão do diretor e lançou um olhar suplicante para Troulsen. Infelizmente, o policial não podia fazer nada.

– Devo entender que está se recusando a colaborar com o meu trabalho ?

– Seu trabalho não é da minha conta. Estou me recusando a lhe dar acesso aos nossos arquivos pessoais, a não ser que possua um mandado de busca ou uma permissão por escrito assinada por um dos meus superiores na administração desta escola. Com exceção disso, não

tenho nada para discutir com você.

– Seus arquivos pessoais... Isso é um absurdo. Só preciso de um nome.

– Como já disse, não tenho mais nada para discutir com você.

– Então acho que vou ter de ir à prefeitura e conversar com o seu chefe.

Se Troulsen achou que o homem poderia se sentir intimidado, estava redondamente enganado.

– É uma excelente ideia. Pode falar com o superintendente, o responsável pela infância e por assuntos culturais, o administrador do condado, ou o prefeito. Você escolhe.

O homem pareceu preocupantemente seguro do resultado, sem se importar com qual das autoridades Troulsen conversasse.

– Muito obrigado. Espero poder falar com você de novo em breve.

– Eu não, mas quem pode saber ?

Troulsen pegou no bolso seu cartão de visitas e entregou para a secretária, sem dizer nada. Não era necessário. Ela pegou o cartão, na frente do diretor, e ambos viram como os dedos do homem se contorceram para evitar que impedissem o gesto.

– Tente qualquer coisa e ponho você na cadeia. Por obstrução da justiça ou por obesidade, na hora eu decido.

A ameaça funcionou. Embora bastante frustrado, o diretor se controlou.

– O superintendente, o responsável pela infância e por assuntos culturais, o administrador do condado, ou o prefeito.

Troulsen recitou a lista hierárquica que o diretor havia lhe dado. A recepcionista da prefeitura de Gentofte não pareceu confusa com tantas opções. Digitou alguma coisa e depois consultou a tela do computador.

– Talvez tenha que ser o responsável pela infância e por assuntos culturais. Devo dizer que é a respeito de quê ?

Pôs ênfase na palavra “talvez”. Ele mostrou o distintivo, que ela examinou, desconfiada, e por um tempo longo demais, antes de concluir que era autêntico. Depois, entregou a Troulsen um cartãozinho com o número de uma sala e apontou para a direita com uma unha comprida e roxa. Ele saiu sem agradecer.

O homem era pequeno ; parecia frágil e lento. Seu aperto de mão era mole e pegajoso como uma bola de massa de biscoito. Mostrou um assento a Troulsen, que teve de esperar pacientemente enquanto ele empilhava papéis que estavam espalhados. Finalmente, sentou-se com os cotovelos sobre a mesa, as mãos cruzadas e a cabeça repousando sobre as pontas dos dedos. Parecia pronto e receptivo. O policial expôs, direta e objetivamente, o assunto em questão. O homem à sua frente acenava com a cabeça, pensativo, durante a explicação, como se as conexões fossem complicadas e só poucos pudessem realmente entendê-las. A seguir, continuou acenando enquanto comentava sobre o assunto em um fluxo contínuo de coisas sem nenhum sentido.

O telefone de Troulsen tocou no meio desse discurso e, principalmente para irritar o homem, o policial atendeu. Foi bom ter feito isso, pois era exatamente a mulher que estava procurando. A secretária da escola tinha checado o arquivo secretamente. A mulher confirmou a visita ao quiosque e poderia se encontrar com ele dentro de uma hora. Era perfeito.

Escreveu o nome e o número do telefone dela e desligou.

A interrupção durou menos de um minuto, mas mudou tudo. De repente, o investigador estava ali sem necessidade. Falou para si mesmo que deveria ir embora, que estava velho demais para suportar aquilo, que não precisava de mais aborrecimento ; no entanto, ficou.

O homem à sua frente aguardou o fim da ligação. Depois que recebeu novamente a atenção de Troulsen, continuou com a mesma atitude :

– Como falei, não sou advogado e, portanto, é possível que haja alguns aspectos nesse caso que não levei em conta, e...

O policial o impediu de continuar.

– Então a sua conclusão é que não pretende me ajudar.

O tom era ríspido, sarcástico. Uma vez mais, seu superego o repreendeu e mandou que fosse embora, o que foi tão útil quanto usar um curativo para tratar uma dor de cabeça.

– Definitivamente, essa não é a minha conclusão, oficial Troulsen. Está colocando o carro na frente dos bois. O assunto será cuidadosamente analisado.

– E quando acha que chegará a uma conclusão ?

– Acredito que seremos relativamente rápidos. É muito importante que a escola do condado de Gentofte colabore com as outras entidades públicas, inclusive a polícia.

– O que quer dizer com “relativamente rápidos” ?

– Prefiro não me comprometer com um prazo definido.

Deu um sorriso, e Troulsen percebeu que o homem estava se divertindo. Então, levantou-se.

– Aposto que, quando menino, era um daqueles que fugia do pátio da escola sempre que via uma briga.

– O que disse ?

– Falei que garanto que cagava de medo de brigas. Já sofreu alguma brutalidade policial ?

A simples alusão à violência física acabou com toda a segurança do homem, que murchou com um balão furado. Cruzou os braços sobre o peito e disparou, num tom bem diferente do que o usado até então :

– Está me ameaçando ?

– Não faz diferença se estou ou não ; e se quiser que nada aconteça a seu nariz, é melhor ficar quieto.

O homem obedeceu. Gotas de suor brotaram na sua testa e escorreram sobre o, até então, intacto nariz. O olhar de Troulsen caiu sobre uma tesoura em cima da mesa e, por uma fração de segundo, o policial pensou em cortar um tufo do seu cabelo e fazê-lo engolir. Depois, recuperou o bom senso e se limitou a dar um tapinha leve na parte de trás da cabeça dele.

– Antes de sair, posso lhe informar como registrar uma queixa na polícia. Preencha a papelada na delegacia mais próxima, e aí... pronto ! Dentro de alguns anos receberá um indeferimento.

Enquanto falava, caminhou lentamente até a porta. Acenou um adeus, sorrindo, aliviado por ter sido capaz de controlar, até certo ponto, seu temperamento.

O episódio na prefeitura de Gentofte não prejudicou o senso de humor de Poul Troulsen. Estava bastante satisfeito com os avanços do dia, até então, e tudo que queria no momento era que a mulher de vermelho fosse prestativa ; e pelo tom da conversa ao telefone, achou que seria. É lógico que também esperava que ela tivesse informações que possibilitariam progressos na investigação. De preferência, um grande passo adiante. Estava bastante otimista.

Emilie Mosberg Floyd era uma mulher atraente. Tinha 30 e poucos anos de idade, seu corpo era proporcional e esbelto, o rosto bonito e cheio de vida. As roupas eram caras, mas mal escolhidas. Usava uma saia de cetim brilhante vermelha – com nuances laranja –, uma blusa de algodão e mangas curtas, da mesma cor, e uma jaqueta curta de lã, que alternava laranja e roxo, formando figuras de tulipas, num padrão bastante estilizado. Os sapatos pretos seriam apropriados se estivesse pretendendo fazer uma longa caminhada.

Cumprimentou o policial na porta da sua casa de tijolos grandes e à vista, e o acompanhou à cozinha para uma xícara de café. As gentilezas introdutórias foram rápidas. Ela foi a primeira a mudar o assunto.

– Quer saber sobre Helene e Per Clausen. Peço que me desculpe por ir direto ao assunto, tão bruscamente, mas só tenho meia hora ; depois preciso ir para o trabalho.

Deu um sorriso encantador. Os dentes eram alinhados e os atentos olhos verdes eram penetrantes. Suas palavras tinham um charme instigante.

– Quero. Conheceu os dois ?

– Sim, mas conheci Per melhor. Meu relacionamento com Helene era secundário. Era mais amiga da minha irmã mais nova. Estavam na mesma turma na escola, mas isso você já sabe.

A resposta foi um pouco surpreendente, mas pareceu promissora. Definitivamente, Troulsen estava mais interessado no pai do que na filha. Estava cheio de expectativas, mas se forçou a proceder metodicamente.

– Talvez pudesse me falar um pouco de você mesma antes.

Ela acenou positivamente.

– Acho razoável. Nasci e fui criada aqui em Gentofte. Em 1992, entrei na universidade e iniciei a Escola de Medicina. No ano seguinte minha irmã mais nova e eu tivemos um acidente grave com o carro do meu pai. Estava meio bêbada e dormi ao volante. Foi durante as férias de verão. Ficamos muito feridas e nossa recuperação levou quase um ano. Mas o dano psicológico foi o pior. Quando reassumi meus estudos, ainda não estava totalmente curada. Tinha dificuldade de concentração e ataques de choro frequentes. Uma vez fui visitada por um psiquiatra chamado Jeremy Floyd, que era o médico chefe da Clínica de Sexologia do Hospital Nacional. Embora meu problema não fosse na sua área de especialização, ele tinha prometido a um dos meus professores que me dedicaria 15 minutos do seu tempo, principalmente para tentar me convencer a buscar ajuda profissional. Quatro meses depois, estávamos casados, e minha vida era diferente. Tive e criei nossos dois filhos, e estudei ao

mesmo tempo. Durante alguns anos, se não estava dormindo, estava trabalhando. Em 2001, me formei e fui contratada pelo Hospital Nacional, onde estou fazendo residência em cardiologia. Jeremy morreu em um acidente no ano passado. Sua outra grande paixão, além da família, era o alpinismo, e foi o que o matou. Morreu no Aconcágua.

Olhou para Troulsen, que acenou com a cabeça. Ele havia imaginado que o Aconcágua era uma montanha, mas não quis interrompê-la para perguntar. Ela continuou, mas não disse muitas outras coisas.

– Nos últimos anos tenho ficado sozinha com as crianças, que, por acaso, exatamente agora, estão num acampamento.

Depois de informar sobre o paradeiro dos filhos, encerrou a narrativa. Sua expressão ficou tensa, quando olhou para o relógio, mas Troulsen ignorou isso. Disse apenas :

– Helene e Per Clausen ?

Emilie bebeu o resto de café e encheu a xícara novamente. Começou a falar, em um ritmo um pouco mais rápido.

– Como disse, Helene Clausen era amiga da minha irmã. O nome da minha irmã é Katya, Katya Mosberg, e mora na Áustria. Seu companheiro é um norueguês que trabalha com relações exteriores. Helene foi sua colega de turma na escola em 1993. Estava voltando da Suécia, onde tinha vivido alguns anos com a mãe e o padrasto. Era tímida e introvertida, mas Katya e ela se davam bem e passavam um bom tempo juntas. Entre outras coisas, estudavam juntas e uma ajudava a outra. Quero dizer, Helene era muito talentosa em Matemática, Física e Química, todas as ciências exatas. Por outro lado, tinha dificuldades em dinamarquês, talvez devido aos muitos anos na Suécia. Katya era exatamente o contrário : boa em dinamarquês, e fraca em Matemática. Infelizmente, o gene da falta de talento para Matemática é de família, e posso dizer que essa é a razão pela qual conheci Per. Quando Katya e Helene eram colegas, eu estava no quinto ano de Medicina e minha pior disciplina era, sem dúvida, Estatística. Todos os outros alunos suavam com Anatomia, ou qualquer outra matéria mais tradicional do curso, mas era a Estatística que ameaçava encurtar minha carreira, antes mesmo de ela ter começado. Eu simplesmente não entendia nada, e até hoje começo a passar mal se alguém menciona análise de regressão ou nível de significância.

Sorriu, como se quisesse pedir perdão por sua falta de habilidades estatísticas.

Troulsen pensou que se algum dia tivesse problemas no coração, não se preocuparia em saber se o médico era bom no cálculo de probabilidades. Novamente, ela olhou o relógio, desta vez sem tentar disfarçar, e ele viu que teriam de encerrar a conversa brevemente.

– Katya falou com Per sobre mim. Sempre foi intrometida, querendo resolver tudo para as outras pessoas, mas nesse caso o resultado foi positivo. Per estava muito feliz com a amizade entre Helene e Katya, e era também um homem amável que gostava de ajudar sempre que podia. Então, começou a me dar aulas. Uma ou duas vezes por semana, de graça. Eu não podia nem falar em dinheiro para ele. Meu pai tinha prazer em pagar tudo que fosse relacionado à educação das filhas, mas na época Per fazia um bom dinheiro, por conta própria.

Balançou a cabeça e se corrigiu.

– Não, retiro o que disse. Não teria aceitado o dinheiro, mesmo se fosse muito pobre. Era assim. Sempre querendo ajudar.

Troulsen vislumbrou uma ternura sincera pelo antigo professor nos olhos dela. Não era a



primeira vez que via algo assim. Per Clausen era, sem dúvida, o tipo de homem que sensibilizava as pessoas ao seu redor.

– Bem, como resultado de tudo isso, consegui me graduar com notas respeitáveis, e devo isso a Per. Naquele verão, tive o acidente, e depois Helene morreu, como sabe. Katya e eu éramos as únicas pessoas que conheciam seu passado, que sabiam que provavelmente seu afogamento tinha sido suicídio. E Per, claro, mas só comprovei isso há alguns anos.

Olhou para cima e seus olhares se encontraram.

– Sabia que Helene tinha sido estuprada por seu padrasto ?

Troulsen confirmou e ela prosseguiu.

– Nos anos seguintes, não vi Per. Pensava nele de vez em quando e planejava procurá-lo, mas isso nunca aconteceu. Uma desculpa, apesar de fraca, é que também estava sobrecarregada naquela época ; duas crianças pequenas e o curso de medicina. Mas, antes de contar como reencontrei Per, acho que tenho de falar um pouco sobre meu falecido marido.

Ficou calada até Troulsen indicar que aceitava a mudança de rumo. Ele assentiu, o que faria qualquer que fosse a proposta. Era uma contadora de histórias admirável, daquele tipo que é só a gente encontrar uma posição confortável e ouvir.

– Como já falei, o nome dele era Jeremy Floyd. Seu pai era canadense e a mãe, dinamarquesa. Passou os primeiros anos da vida em Quebec, e depois a família mudou-se para cá. Recebeu treinamento médico em Århus, e a seguir especializou-se em Psiquiatria no Hospital Nacional. Seu maior interesse era o comportamento sexual humano e, depois do doutorado em Psicologia de Criminosos Sexuais, foi nomeado médico chefe da Clínica de Sexologia. Além do trabalho no hospital, atendia em nossa casa vítimas de incesto e, depois, qualquer pessoa que tivesse sofrido abuso quando criança. No começo, os pacientes particulares eram, principalmente, uma maneira de alimentar sua curiosidade científica. Trabalhando com as vítimas, assim como com os criminosos, fechou o círculo, como ele mesmo definiu, mas depois de certo tempo, a clínica particular ficou mais importante e, por fim, havia longas listas de espera. Também tinha dificuldade em dizer “não” e, tenho de dizer isso, gostava do dinheiro.

Pegou a garrafa térmica e balançou, na esperança de ainda ter café ; estava vazia. Levantou-se e pegou duas latas de refrigerante na geladeira, pôs sobre a mesa, mas, estranhamente, não abriu. Troulsen não se importou. Não gostava de refrigerantes.

– A turma de 1993 da minha irmã se reuniu no outono de 2003. Nesse encontro, Katya soube que Per não estava reagindo bem à morte da filha. Ouviu dizer que tinha perdido o emprego, estava bebendo e ficava muitas vezes fora de si. Quando ela me contou isso, decidi que tinha chegado a hora de retribuir o que ele havia feito por mim. Acho que o visitei uma meia dúzia de vezes. Estava frequentemente bêbado, ou meio bêbado, mas sempre ficava feliz quando me via. Falávamos principalmente sobre Helene, embora não houvesse muito que dizer ; portanto, nossas conversas se tornaram repetições dos mesmos assuntos tristes e, se posso ser totalmente honesta, comecei a ficar meio cansada dessas visitas, apesar de ser eu quem tomava a iniciativa. Mas então tive uma ideia. Era algo conveniente, claro. Convenci Jeremy a aceitar Per como paciente. Foi difícil, mas consegui. À sua maneira, Per era uma vítima de abuso, mesmo que não tivesse sofrido isso pessoalmente, e esse foi o argumento que

usei para persuadir meu marido a tentar. Foi ainda mais difícil fazer com que Per aceitasse o papel de paciente e, no começo, achei que não ia dar certo. Mas Jeremy era esperto e persistente quando se tratava de trabalho. Acredito, também, que depois de um tempo Per concluiu que precisava de ajuda. De qualquer maneira, eles finalmente iniciaram uma terapia ; algumas vezes tive de buscar Per em casa, porque não havia comparecido à sessão. Houve duas vezes em que tive de interná-lo para desintoxicação. Ele não admitia tomar medicamentos.

Troulsen observou :

– Houve uma vez em que o buscou num quiosque na rua principal de Bagsværd ?

– Sim, aconteceu isso.

– Estava dirigindo um Porsche cinza ?

– Sim, isso também aconteceu. É do meu pai. O meu carro é um Audi.

Troulsen ficou satisfeito. Tudo fazia sentido.

– Examinamos cuidadosamente os registros de desintoxicações alcoólicas ambulatoriais, mas, até onde posso afirmar, não consta o nome de Per Clausen.

Ela sorriu, um pouco tímida.

– Bem, Jeremy e eu trabalhávamos no Hospital Nacional. Digamos que em algumas ocasiões Per ficou em um leito extra. Um pouco fora do convencional.

Troulsen lamentou interiormente. Era exatamente esse tipo de coisa que dificultava tanto uma investigação.

– Enfim, a vida de Per foi se organizando aos poucos, com o decorrer da terapia. Mas sei pouco sobre esse processo, pois Jeremy nunca falava dos seus pacientes. Eles queriam privacidade e meu marido ficava feliz em conceder isso. Tinham uma entrada privativa e, basicamente, eu não podia nem aparecer no meu próprio jardim quando chegavam ou saíam. Até soube alguma coisa um tempo depois, mas, paradoxalmente, foi pelo Per. Depois de um ano de tratamento com Jeremy, ele procurou um grupo de autoajuda.

Emilie calou-se. A palavra ficou no ar. E também um pequeno tremor na voz quando ela disse isso. Não tinha nada de boba e é certo que tinha pensado bem sobre a importância do que sabia. Troulsen percebeu o quanto seu ressentimento em relação a ela cresceu de repente dentro dele. Teve que se controlar muito para manter a calma.

– Por que não nos procurou ?

A pergunta envolvia muitas coisas e ela podia facilmente se recusar a respondê-la imediatamente, mas nem tentou fazer isso.

– Realmente, não sei. Talvez tenha achado melhor não me envolver. E não sei o nome de ninguém do grupo. Nem tenho certeza de quantos eram.

Fez uma pausa e ficou olhando para o ar, antes de concluir.

– Na minha opinião, não há dúvidas de que foi errado matar aquelas pessoas. Muito errado, e Jeremy também pensaria assim, mas não sei se tinha alguma coisa a ver com...

Não terminou a frase. Talvez porque não tinha convicção do que ia dizer. Troulsen falou, muito sério :

– Não vai poder trabalhar hoje. Tenho de levá-la ao QG da Polícia em Copenhague.

Emilie Mosberg Floyd logo viu que não tinha opção.

– Creio que sim.

Balançou a cabeça, pensativa, e repetiu.  
– Creio que sim.  
Troulsen não podia estar mais de acordo.

Anita Dahlgren estava sentada na cantina da redação do *Dagbladet*. Achava-se sozinha na mesa, e isso era bom, porque uma das muitas regras – não escritas – do jornal proibia conversas ao celular no horário de almoço, e ela estava violando a tal lei. Por outro lado, uma autoridade superior ordenava que os funcionários conseguissem notícias importantes, portanto o convite para um jantar que tinha acabado de receber de Kasper Planck compensava a violação da norma. Pelo menos, foi o que decidiu acreditar. De qualquer modo, ignorava os olhares irritados dos colegas. O convite foi uma surpresa e, a princípio, se sentiu feliz e honrada. Mas a alegria durou pouco.

– Está dizendo que devo comprar os ingredientes e preparar a refeição ?

Escutou a resposta. A grosseria do velho senhor era ultrajante.

– Não estou entendendo por que ainda não desliguei esse telefone e o deixei falando sozinho.

Um colega em uma mesa próxima gritou que era uma ótima ideia. Ao mesmo tempo, Anni Staal apareceu e sentou-se na sua frente, como se tivesse se materializado no ar. Era um feito impressionante, se o que estava segurando fosse levado em conta. Em apenas uma das mãos, ela trazia duas garrafas de cerveja, cada uma com um copo de cabeça para baixo sobre o topo. Sem interromper a estagiária, empurrou uma cerveja sobre a mesa na direção de Anita, que logo encerrou a discussão.

– Sim, sei que é um homem idoso e fraco, mas... e... farei o que quer. Até amanhã às cinco.

A conversa tinha ficado impossível, com a chefe bem à sua frente e, por isso, tinha se rendido. Na verdade, mais cedo ou mais tarde, ia se render de qualquer modo. Olhou agressivamente para Anni.

– Não bebo cerveja a essa hora do dia. O que quer ? Estou no horário de almoço.

Anni sorriu ironicamente.

– De fato, eu também não.

– Então por que comprou ? Caramba !

– Porque o assunto é pessoal, e porque somos dinamarquesas. Não discutimos assuntos pessoais sem cerveja, concorda ?

Anita concordou com a lógica. As pessoas têm que respeitar sua herança cultural. Cedeu e deu um gole, mas sem nenhum tipo de brinde. Aí seria demais. Anni bebeu também. Depois secou a boca com o dorso da mão.

– Não gosta de mim, não é ?

Era uma pergunta tola. Ambas sabiam a resposta, que veio secamente :

– Não, não gosto. É competente no que faz e posso aprender com você, mas não gosto de você.

– Não está sozinha. Com o tempo, aprendi a conviver com isso.

- Da maneira melhor e mais arrogante.
- Se pensa assim... Mas não estou aqui para brigar.
- Então é para quê ?
- Tem uma fonte muito boa no Departamento de Homicídios, não é verdade ?
- Realmente achou que eu responderia a essa pergunta ?
- Por favor, veja que não estou perguntando quem é, apenas se tem alguém. Mas, tudo bem, é fácil saber quem é, portanto não precisa dizer nada. Vamos deixar como está.
- Tem suas próprias fontes.
- Vamos esquecer isso, por enquanto. Qual é a sua opinião a respeito do assassinato dos pedófilos ?

- Você já sabe.
- Por favor, não seja tão pouco receptiva. Quero uma opinião, só isso.
- Com certeza. Minha patroa está a favor da vigilância, da violência e da intimidação. Não vê que essa caça às bruxas em torno dos estupradores de crianças é nojenta, e só piora tudo ? Os políticos estão fazendo o que podem para se expressarem apropriadamente, de modo que a mensagem real chegue até mesmo ao eleitor mais ignorante. Cinco, seis, dez, vinte, duzentos, mil..., são animais, não são pessoas, vamos exterminá-los. Onde foi que ouvi isso antes ?

Essa fala irritou Anni, contra a sua vontade, e também a deixou um pouco triste, emoção bastante desconhecida para ela. Tomou cuidado, entretanto, para não parecer chateada.

- Não estou defendendo a violência, mas também não vou apoiar o estupro de crianças. Muito menos crianças sendo encomendadas como se fossem objetos de consumo. Não creio que nem mesmo você consegue ignorar aquele vídeo.

Anita fez um gesto de desamparo. A discussão era inútil.

- E como acha que ganhamos a vida ? Viu os dados recentes sobre as vendas ?
- Não, não vi. Tenho lido histórias de espancamentos de bandidos em todo o país, mas provavelmente não daremos muita importância a isso na edição de amanhã, por causa das restrições de espaço.

Anita estava extremamente irritada.

- Ora, por que não procura outro emprego ?
- Como sabe que não estou procurando ?
- Não sei. Viu nossa nova pesquisa de opinião ? Foi postada no *site* ontem.
- Por sorte, não vi.
- Pergunta : “Realmente quer que o crime contra os pedófilos seja desvendado ?” Quer tentar adivinhar o resultado ?

- Prefiro não.
- 64 por cento não querem ; 28 por cento não sabem ; oito por cento querem. Vamos publicar na primeira página.
- Podia imaginar. Estamos matando o escorpião com o seu próprio veneno.
- Não entendi.

Anita demorou a responder. Primeiro, tomou o resto da cerveja, que tinha sumido alarmantemente depressa. Um risco ocupacional, numa pessoa tão jovem. A autorrepreensão

foi exagerada e ela deu um pequeno sorriso triste.

– Deixa para lá. Por que não diz logo o que quer de mim ?

– Sua ajuda. Estive pensando que o maior problema da polícia atualmente é a opinião pública. O Departamento de Homicídios não tem apenas que fazer uma investigação ; também tem um problema de relações públicas. Em outras palavras, se não conseguirem mudar a opinião pública, o trabalho deles vai ficar cada vez mais difícil ; mais cedo ou mais tarde, vão perceber isso.

– E onde é que eu entro ?

– Quero uma entrevista exclusiva com Konrad Simonsen.

– *Você quer ?*

– Sim, eu. E tem que ser com ele, não pode ser com um daqueles que Simonsen empurra para a mídia quando o público precisa ser informado de alguma coisa. Se conseguirmos superar nossa antipatia pessoal, esse arranjo pode ser mutuamente benéfico.

Anni enfatizou sua lógica batendo um dedo sobre a mesa. Não mencionou que a ideia estava num *e-mail* de um leitor. Um mérito emprestado não podia fazer mal a ninguém. Anita refletiu e chegou à conclusão de que a chefe tinha razão.

– E quer que eu passe isso adiante ? Por que complicar tanto ? Por que não liga para ele e diz isso ? Vou pensar.

– Bobagem. Você pensa rapidamente. Diga se vai me ajudar ou não.

A resposta foi arrogante e afrontosa.

– Talvez sim, talvez não. Vai ficar sabendo.

Anita se levantou.

– Obrigada pela cerveja.

Anni ficou observando a estagiária sair.

– De nada, sua vagabundazinha.

– Sua vagabunda agoísta !

Poul Troulsen resmungou, referindo-se a Emilie Mosberg Floyd. Arne Pedersen e Pauline Berg o fitaram, e depois trocaram olhares. Essa reação não era típica dele. Normalmente, era calmo e equilibrado ; pelo menos quando entre os colegas. Mas a mulher tinha realmente conseguido deixá-lo nervoso.

Os três achavam-se sentados em um cubículo estreito atrás da sala de interrogatório número 4, no QG, em Copenhague. Um quadrado de vidro entre os dois cômodos ocupava quase a parede inteira. Do lado de lá, parecia um espelho. Um arranjo comum em delegacias de polícia no mundo todo, que significava que outras pessoas podiam participar das sessões sem serem vistas ou ouvidas. Esse era o objetivo. Porém, os alto-falantes escondidos eram da Idade da Pedra e, sendo assim, a acústica era horrível ; as vozes tinham um eco metálico altamente irritante. Às vezes, não se ouvia nada. A da Condessa, em particular, era distorcida ; parecia um personagem de desenho animado. Sendo mais profunda, a de Konrad Simonsen chegava quase intacta.

Troulsen não moveu a cabeça, quando perguntou :

– Vão a algum lugar ?

Pauline se levantou, como se tivesse recebido uma ordem.

Pedersen perguntou :

– Por que está com tanta raiva dela ?

– Realmente, não sei. Talvez porque não acredito, nem por um segundo, que estava planejando nos procurar, se não a tivéssemos encontrado. Talvez porque esteja farto da falta de cooperação das pessoas. Na melhor das hipóteses. Se dependesse de mim, simplesmente substituiríamos as pessoas por algo mais novo e melhor. Nunca tive tempos tão difíceis no meu trabalho, desde as manifestações sobre o Vietnã em 1967. E há poucas horas, na prefeitura de Gentofte, descontei meu estresse num burocrata baixinho e oleoso, que me irritou, e que provavelmente vai nos presentear com uma queixa boba e desnecessária.

Pedersen ficou desanimado também, e começou a pensar nos seus próprios problemas.

– Sei como é. Na sexta-feira, um de meus filhos foi zombado por um colega de escola por causa do meu trabalho, e agora tenho uma reunião lá porque meu filho causou um nariz sangrento no tal imbecil. Normalmente, tento instruir as crianças a resolver as coisas sem usar violência, mas dessa vez abri uma exceção e disse que estava orgulhoso dele. Gostaria que o orgulho fosse recíproco, mas, infelizmente, sei que não é assim no momento, embora ele não diga nada diretamente.

Poderia ter acrescentado que estava muito cansado de ter de dar informações importantes – sobre a investigação – para o *Dagbladet*, só porque um velho rabugento havia tido um pressentimento. Mas não falou nada disso.

– Por que não pede para ser transferido para...

A pergunta de Berg era bem-intencionada. Também estava tendo problemas. Mas as expressões no rosto dos outros fizeram com que se calasse.

– E deixá-lo sozinho nessa merda ?

A postura de Troulsen em relação a Simonsen beirava a reverência. Pedersen se levantou e sentou-se mais perto de Berg. Perdoou a moça, interiormente ; ela era de outra geração. Talvez menos masoquista, talvez um pouco mais tola.

O interrogatório de Emilie Mosberg Floyd do outro lado do vidro estava indo bem. Ela estava colaborando. Sem reclamar, repetia o que já havia explicado a Troulsen. Gastava o tempo que fosse necessário nas explicações e demonstrava seus sentimentos quando dava uma resposta. De vez em quando – se achasse que uma pergunta era difícil – pensava longamente, com esforço. Mas não havia nada de doloroso nessas pausas, e Simonsen e a Condessa esperavam pacientemente. Era o que acontecia naquele momento, embora a pausa estivesse mais longa que as outras ; em compensação, a resposta também foi comprida.

– Não acho que é especialmente importante saber se ele parou de beber. Sem dúvida, Per era alcoólatra quando o encontrei. Mal dava conta de fazer seu trabalho, e era indiferente a tudo. Sua vida se despedaçou quando perdeu Helene ; castigou-se, destruindo a saúde e a psique. Mas as conversas entre ele e Jeremy tiveram resultado. Como já mencionei, frequentemente ia buscá-lo em Bagsværd e o levava de volta. Com exceção do início desse processo, nunca estava bêbado ; nem mesmo meio bêbado. Não sei se bebia no restante do tempo ; às vezes ficávamos até duas semanas sem nos vermos. Por isso, não posso dizer se parou de beber, mas posso afirmar com certeza que mudou. Deixou de ser indiferente, e se tornou participativo, muito mais presente.

Procurava as palavras mais apropriadas.

– E... como vou dizer ?... muito seguro. Per podia ser uma pessoa excepcionalmente... eletrizante, quase dominadora. E muito inteligente, à sua própria maneira. Era como se pudesse ser humilde e arrogante, ao mesmo tempo. Uma característica rara. De qualquer maneira, no início Jeremy ficou fascinado por ele e o convenceu a contar a sua história para os outros pacientes.

– Ou foi o contrário ? – a Condessa perguntou.

– Não entendi.

Não teve tempo de reelaborar a pergunta, pois Simonsen foi bem mais direto.

– Você e Per Clausen tiveram um relacionamento sexual ?

Só mesmo muitos anos de prática possibilitaram que a Condessa escondesse o espanto. Uma conexão amorosa entre aquela mulher e o zelador era a última coisa que ela poderia imaginar, e só a diferença de idade já tornaria a pergunta indelicada. E havia também a diferença de estilo de vida. E, para sua perplexidade, Emilie Mosberg Floyd não descartou a pergunta como absurda, nem se alterou.

– Não, sexual, no sentido tradicional da palavra, não. Nunca fomos para a cama. Per jamais concordaria com nada parecido.

– Mas tinham um relacionamento ?

– É verdade. Tínhamos.

Pela primeira vez durante o interrogatório a mulher foi reticente e a Condessa enviou



pensamentos silenciosos de gratidão para o chefe. Quando ele era bom, era muito bom. O elo mais fraco do psiquiatra obviamente era sua esposa. Aquilo estava começando a fazer sentido. A investigadora fez a pergunta seguinte.

– Ficava com ele quando o levava para casa ?

– No começo, conversávamos no carro. Depois passamos a ir para a casa dele para conversar, às vezes durante toda a noite. Outras vezes eu dormia, com ele ao meu lado. Meu casamento estava muito instável na época. Meu marido trabalhava o tempo todo e esperava que eu fizesse tudo em casa. Para piorar, tinha amantes e frequentemente viajava de férias sem mim. Per me dizia quais batalhas eu deveria travar e quais deveria deixar para depois. Ele consultava Jeremy, eu o consultava, e no final todos saíam ganhando. Quer dizer, antes desses... crimes acontecerem. Per morreu e os jornais escreveram todos os tipos de coisas sobre ele. Isso foi duro. Fiquei com raiva, decepcionada e triste, tudo ao mesmo tempo. Sinto muita falta dele, muito mais do que do meu marido, mas não podia ir ao seu funeral ; tive de me contentar em pôr um buquê no seu túmulo no dia seguinte.

A Condessa falou, calmamente.

– Talvez também não tenha ido porque havia percebido a conexão e não queria se envolver.

Emilie Mosberg Floyd olhou para o gravador e acenou com a cabeça. Deixaram por isso mesmo.

Simonsen disse :

– É difícil imaginar que nunca falavam sobre a terapia dele. Você e Per Clausen, assim como você e seu marido.

– Falávamos, mas só um pouco. Per preferia não misturar as coisas. Jeremy também. Meu marido odiava o fato de que eu conversava com Per, mas não tinha opção ; tinha de aceitar. Quando contei para ele, ficou furioso e ameaçou interromper a terapia, mas, pela primeira vez, me defendi. Disse que, se fizesse isso, iria embora e levaria as crianças. Mudou de ideia e essa foi minha primeira vitória. Depois vieram outras.

– Mas o nome dele devia aparecer algumas vezes.

– Sim, aparecia. Quando as sessões individuais entre Jeremy e seus pacientes acabavam, ele gostava de colocá-los em grupos de autoajuda. O tempo necessário para o paciente começar a participar de um desses grupos variava, dependia do caso. Jeremy era muito cuidadoso na formação dos grupos, para que fossem bem-sucedidos. Quando possível, levava em conta, inclusive, a localização geográfica. Normalmente, seus pacientes vinham de longe, alguns até mesmo de Jutland. Geralmente, um grupo consistia de quatro a seis indivíduos e, no começo, Jeremy participava e dirigia as reuniões. Depois de um tempo, elas continuavam sem ele ; eram, por assim dizer, expulsos do ninho, um processo que levava uns poucos meses, mas isso também variava conforme o grupo.

– E Per Clausen participou de um desses grupos ?

– Esse era o problema. Falei com Jeremy algumas vezes sobre isso. Ele tinha dúvidas sobre terminar o tratamento de Per dessa forma. Por outro lado, Per estava muito interessado em fazer parte de um grupo. Mencionou isso em várias ocasiões diferentes e pressionei Jeremy para que criasse um grupo para ele.

Olhou longa e tristemente para o ar e falou :

– Sim, forcei-o a fazer isso, e acho que Jeremy queria se livrar de Per ; afastá-lo das nossas vidas. Era difícil para ele separar o lado pessoal do profissional, nesse caso.

– Por que ele tinha dúvidas ? Era por que Clausen não havia sofrido abuso ? Quer dizer, ele mesmo ?

– Não, era outra coisa. Em parte, temia que Per dominasse o grupo, e havia motivos para essa preocupação. Como falei, tinha um poder de manipulação incrível. Mas não era realmente esse o problema. Era mais porque Per... Per simplesmente odiava pedófilos ; era um ódio furioso, mortal. Uma vez falamos sobre o padrasto de Helene, que estava com uma doença grave. Per me contou isso cheio de alegria. Não sei como ficou sabendo. Noutra ocasião, houve um daqueles casos horríveis em que a criança é assassinada. Sua reação foi patológica. Não ficou fora de si, ao contrário. Estava muito... controlado, e, ao mesmo tempo, me causou medo, sem realmente dizer muita coisa. É difícil explicar, estava... Não sei como descrever para que entendam. Estava... horripilante. Era um lado dele que eu não gostava, mas talvez fosse sua verdadeira personalidade, se é possível ser assim. Jeremy disse uma vez que não havia no mundo palavras suficientes para descrever a alma de Per, mas isso foi durante uma briga, portanto estava exagerando.

Nenhum dos ouvintes acreditou nesse detalhe, mas ambos decidiram não falar nada. Atrás do vidro, Troulsen balançou a cabeça, contrariado. Essa história era consideravelmente diferente da que tinha ouvido pouco tempo antes. Simonsen perguntou :

– Então Per Clausen fez parte de um grupo ?

– Sim. E Jeremy reuniu um grupo de pessoas que podiam oferecer certa resistência a Per, pessoas que também possuíam personalidade forte. Para o meu marido, tudo isso foi uma espécie de empreendimento.

– E você nunca teve acesso a nomes ? Nem por intermédio de Jeremy, nem de Per Clausen ?

– Não, nunca.

Hesitou. Havia mais alguma coisa, e a Condessa fez a clássica introdução :

– Mas...

– Mas... houve alguns... alguns episódios. Uma vez Per comentou que as vítimas de pedófilos abrangem todo o espectro social, ou alguma coisa parecida. Depois acrescentou : “enfermeiros, fazendeiros, executivos da publicidade, zeladores, alpinistas”. Isso foi logo após o grupo ser formado.

– Alpinista. O que quis dizer com isso ?

– Não sei. Também me perguntei isso quando tive tempo para pensar. Naquela hora, achei que se referia a Jeremy, que era um alpinista no seu tempo vago, mas ele provavelmente estava aludindo a outra pessoa. Dificilmente, Per iria se referir a Jeremy como alpinista, mas, paradoxalmente, acho que essa é a razão pela qual consigo me lembrar da frase toda, e, principalmente, da ordem das palavras. É claro que não tenho certeza de que mencionou todas essas profissões.

– Nunca viu ninguém ?

– Nunca. Nenhum deles, exceto Per, lógico. Sempre chegava um pouco mais cedo, sentava-se comigo na cozinha, e tomava uma xícara de café. Isto é, quando eu não ia buscá-lo.

Depois disso, descia para o consultório de Jeremy. Os outros usavam uma entrada independente.

A Condessa deixou os braços caírem ao lado do corpo, num gesto de impotência. A mulher entendeu mal e tomou isso como uma falta de respeito pelo direito dos pacientes ao anonimato. E, bruscamente, assumiu um tom ríspido e profissional.

– Uma violação do anonimato na hora errada pode, frequentemente, significar a diferença entre o sucesso e o fracasso da terapia. Acho que não entendem realmente o que o abuso sexual na infância causa nas pessoas e como são profundas as marcas que ficam em suas almas. Sabiam que algumas vítimas têm de ir a dentistas especiais pelo resto da vida porque têm uma resistência incontrolável em abrir a boca para qualquer dentista ?

Esse era um lado dela que ainda não tinham visto. Era a cardiologista falando mais alto. A Condessa não se preocupou em explicar-se ; apenas se desculpou. Era mais fácil. Simonsen trouxe a conversa de volta ao assunto em questão.

– Existe algo mais que pode nos contar sobre o grupo de Per Clausen ? Qualquer coisa mesmo, independentemente do que pensa que significa. Deve entender que estamos realmente interessados nessas cinco pessoas.

– Existe. Tem mais uma coisa. Um dos membros do grupo se chamava Helle.

– A enfermeira ?

Era o segundo passo em falso da Condessa em pouquíssimo tempo.

– Acho que pode ser uma boa dedução, se não acredita que uma mulher pode ser uma fazendeira, ou uma alpinista...

Simonsen disfarçou um sorriso. A Condessa não tentou esconder seu erro.

– Sinto muito. Por favor, fale sobre Helle.

– Tinha deixado um agasalho no porão e eu estava saindo para levar Per em casa. Estávamos sentados na cozinha quando ela tocou a campainha. Meu filho mais velho abriu a porta ; não tinha mais do que três anos de idade. Lembro-me de que foi à cozinha e falou, orgulhoso : “O nome dela é Helle e esqueci a blusa”. Per e eu rimos do erro, mas a mensagem era clara. Jeremy deve ter ouvido isso, porque entregou o agasalho e nunca mais soube dela.

Fez uma das suas longas pausas. Esperaram em silêncio, mas em vão.

– Infelizmente, não há mais nada a dizer. Pelo menos, nada de que posso me lembrar.

Simonsen levou a conversa para um assunto mais prático.

– E os arquivos do seu marido ?

– Destruí tudo quando Jeremy morreu. Queimei os arquivos na nossa lareira, sem olhar nem um sequer. Eram algumas centenas e isso me ocupou várias noites. Antes de queimá-los, falei com alguns colegas dele e concordaram que era o que deveria ser feito.

– E as contas ? Como pagavam seu marido ?

– Sempre em espécie, e antes ou depois de cada sessão. Jeremy fazia questão de entregar as contas ; achava que isso motivava os clientes a se esforçarem mais durante o tratamento.

– Não parece concordar com isso.

– Era o departamento dele, a prática dele, não tinha que me meter. Pessoalmente, suspeito que parte dessa convicção tem a ver com impostos, ou melhor, evasão de impostos. De qualquer forma, sempre tínhamos muito dinheiro vivo em casa. Às vezes, Jeremy comprava joias caras para mim, sem se importar com o fato de que odeio acessórios ostensivos. Quando

morreu, encontrei muito dinheiro escondido. Uma parte no cofre, e o resto em pacotes de notas espalhados pela casa. Há pouco tempo, encontrei um desses pacotes e, mesmo ele sendo meu marido, não posso deixar de dizer que isso era patológico. Mas, antes que pensem qualquer coisa, quero dizer que procurei as autoridades fiscais pessoalmente e, depois de uma longa investigação, decidiram que eu podia ficar com o dinheiro.

A Condessa e Simonsen acenaram positivamente com a cabeça, embora não tivessem a menor intenção de denunciá-la por evasão fiscal. Depois, fizeram mais uma meia dúzia de perguntas, sem chegar a lugar algum. O nome Stig Åge Thorsen não lhe dizia nada e uma foto do homem muito menos. Apenas ficaram sabendo que todas as consultas de Jeremy eram marcadas no Hospital Nacional e, portanto, registros de telefonemas seriam muito difíceis de rastrear.

E foi isso. Não avançaram mais nesse interrogatório, que já tinha durado mais de duas horas. Todos três queriam finalizá-lo, e coube a Simonsen tomar a decisão. Após tentar, sem resultado, aprofundar no relacionamento da mulher com sua irmã mais nova, ignorando os olhares suplicantes da Condessa, Simonsen finalmente achou que era a hora de encerrar aquilo. Olhou para o relógio, leu as horas em voz alta para o gravador e, formalmente, pôs fim à sessão. Os dois detetives se levantaram. Emilie Mosberg Floyd permaneceu sentada.

– Desligou o gravador ?

A pergunta foi direcionada a Simonsen, que respondeu afirmativamente.

– Existe algo que gostaria de dizer, mas que não quero que seja gravado.

Sentaram-se novamente.

– Primeiro, quero declarar, com toda convicção, que não faço parte do grupo que alega que matar pedófilos é um ato legítimo. Não é correto nem legalmente, nem moralmente, nem de qualquer outro modo, e me sinto traída por Per, embora ainda o ame. É estranho, me deixa confusa, não entendo, mas é assim. E isso, mesmo acreditando que ele está por trás do arrombamento que aconteceu na nossa casa em março desse ano, e que pode ter plantado em Jeremy a ideia de Aconcágua. Uma montanha para a qual, olhando em retrospectiva, ele definitivamente não estava preparado.

Lutava contra as emoções ; falou, direta ;

– Edema cerebral.

Depois explicou :

– Doença de altura.

Simonsen murmurou :

– O arrombamento.

– Sim, claro. Vou chegar lá. Estávamos no Canadá, com o irmão de Jeremy, quando alguém invadiu nossa casa e vasculhou os arquivos dele. A janela do consultório e o armário onde ficavam os arquivos foram arrombados, mas não estava faltando nada, e não registramos queixa, embora isso pesasse na consciência de Jeremy. Falou em levar os arquivos para o hospital, mas não chegou a fazer isso antes de morrer. Per sabia que íamos ao Canadá e, como falei, acredito que estava por trás disso.

– O que acha que pretendia fazer com as informações ?

– O que você acha ? Seria um ótimo começo, se quisesse encontrar seguidores, digamos

assim, e lembre-se de que Jeremy já o havia apresentado a alguns. Não seria um estranho desconhecido quando um dia procurasse por eles.

Dessa vez, foi ela que se levantou e, atrás do vidro, Troulsen seguiu o exemplo. Tinha uma necessidade urgente de ir ao banheiro. No caminho, deu um soco com raiva na moldura da porta. Porém, sua ira não era em relação à mulher, mas ao marido falecido. Por armazenamento descuidado, negligente, estúpido, idiota de pastas confidenciais.

Como todas as enfermeiras da clínica, Helle Smidt Jørgensen era uma *expert* na contagem de pílulas. Havia enfileirado 10 tipos à sua frente : sete foram tiradas de frascos com tampa de rosca e três foram arrancadas de lâminas de alumínio. Apontou para as três últimas e explicou para a aluna :

– Vai detestar estas. Vão causar um dano permanente no polegar direito.

A estudante olhou para o polegar, como se quisesse dizer adeus a ele. Helle Smidt Jørgensen acrescentou, entediada :

– Vai demorar algum tempo. Mas agora, ouça. Primeiro, você tira as tampas dos estojos onde colocará as doses, que são para 14 dias. Depois as ordena sistematicamente, começando pelas pílulas da manhã, depois as do almoço, em seguida as do jantar e, finalmente, as que ajudam a dormir. Isso significa 22 pílulas por dia para Signe Petersen e, como pode ver, se ela ainda não está muito doente, os medicamentos farão o melhor que puderem para que fique.

Enquanto explicava isso, ela mesma começou a se sentir mal. De todas as pessoas, era a que menos podia falar em abuso de substâncias. A visão foi ficando embaçada e a fala, incoerente.

– ... ajudas para dormir e psicofármacos são alarmantemente predominantes e têm sido há anos. É perigoso misturá-los com bebidas alcoólicas, mas não consigo chegar ao fim do dia sem elas. Antes, era só à noite, mas agora tem também as vozes nos corredores, isto é, como se a polícia estivesse lá.

Olhou para a aluna, que parecia estar distante e sem entender nada. Nunca entendiam. Explicou, pacientemente :

– O pulso acelera e as mãos tremem. É a adrenalina, o hormônio que afeta o sistema nervoso simpático quando somos caçados o tempo todo. O dia todo, todo dia. Tio à noite, polícia durante o dia, veja só. Uma bebida e algumas pílulas a mais melhoram tudo.

Alguma coisa estava errada, mas ela não sabia o que era. Saiu andando pelo corredor, cambaleante, e sentou-se nos degraus da entrada dos fundos da clínica. Ali era possível respirar ar fresco e se recuperar. O vento levemente frio na testa era agradável e um simples raio de sol enfrentou o céu cinzento e brilhou sobre ela. Helle inspirou profundamente algumas vezes e percebeu que de repente o mundo tinha ficado menor, como se qualquer coisa além de ficar sentada ali não tivesse a menor importância. Um sentimento estranho tomou conta dela ; um sentimento que era distante e agora estava próximo. Ela era uma criança, estava jogando bola, e era importante. *Karen, Maren, Mette bam, Anni, Anne, Anette bam, Kylle, Pylle, Rylle, Bente bam*. As rimas eram fáceis, mesmo a nova : *Alekto, Megaira, Tisifone bam, Nemesis bam*, mas era difícil controlar as bolas. Principalmente por cima do ombro. De vez em quando deixava uma cair e tinha de começar de novo, desde o começo. Essa era a regra, que ela cumpria para ficar tão boa naquilo quanto as garotas maiores. Uma bola caiu de suas mãos, e teve que se esforçar para encontrá-la, por isso abriu os olhos e viu que havia pessoas

ao seu redor ; pessoas que lhe queriam bem.

Explicou que não precisavam se preocupar e que tudo ficaria bem. Todos entenderam. Claro que entenderam, era fácil entender. Também era fácil nadar depois que aprendera. Sabia nadar sem boias nos braços, orgulhosamente, ao lado da mãe. Amava quando estavam na piscina do clube, só as duas e, lógico, muitas outras pessoas desconhecidas. Pensou em se afastar, mas perdeu a coragem quando um garoto grande, de uns 10 anos, veio nadando em sua direção. Foi difícil mudar de rumo, mas conseguiu. Então ouviu uma voz gritando do outro lado do corredor :

– Todas as faixas amarelas para fora !

Eram elas. Tinham uma faixa de elástico amarela – com a chave do armário – em volta do tornozelo. Fez uma careta de raiva para a mãe, trocaram beijinhos e riram, porque tinham que lutar para não afundarem. Depois, nadaram devagar até a beira da piscina.

No Departamento de Homicídios, no QG de Copenhague, o ar estava carregado.

O ministro da Justiça falava no rádio. Era famoso por suas expressões sofisticadas e sua prolixidade, mas nessa segunda-feira quebrou mais um recorde. Entre outras coisas, porque o entrevistador servia, principalmente, para oferecer sugestões úteis para ele desenvolver seu monólogo. Malte Borup olhava para todo lado, em busca de uma tradução. Quando viu que não ia conseguir, pegou papel e um lápis e sumiu no seu próprio mundo de caracteres e sinais misteriosos. Logo depois, a entrevista acabou e o apresentador anunciou o programa seguinte. Pedersen desligou o rádio, enquanto Troulsen, com sua eloquência, deu voz ao sentimento dominante na sala :

– Babaca populista !

O telefone celular de Simonsen tocou ; era Helmer Hammer. O investigador se dirigiu ao canto mais remoto da sala. Ao mesmo tempo, Pedersen se sentiu obrigado a fazer comentários depreciativos sobre o ministro da Justiça.

– Frase por frase, é tudo conversa fiada, mas a mensagem implícita é suficientemente clara. “Governo ao gosto do povo. Endurecer as leis para impedir a revolta justificada do povo. Mudar a hierarquia de poder, para que o povo tenha a polícia a seu favor novamente.” Imbecil ! É um imbecil !

Troulsen acrescentou, com sarcasmo :

– “Crianças compradas como caixas de sabão em pó. Todos nós vimos isso, e estamos horrorizados.” Tem o dom da oratória, aquele porco. E nem uma palavra sobre os cinco assassinatos que vieram logo depois. Alguém tem de calar a boca dele.

A Condessa e Pedersen balançaram a cabeça, desanimados, e Berg baixou os olhos.

Simonsen voltou e relatou os detalhes da conversa com o chefe de polícia.

– O ministro da Justiça está falando por si mesmo, e aquela sugestão de que a hierarquia de poder seja modificada não tem nenhum fundamento. De qualquer modo, se isso acontecesse, não teria o menor impacto. Falei tanto com o chefe de polícia local quanto com o da polícia nacional. A ideia por trás de um grupo especial não é nossa e será interpretada como um golpe político para mostrar à população que medidas extraordinárias estão sendo tomadas com relação a esse caso. Afinal, assassinatos em massa não são eventos corriqueiros ; felizmente.

Pedersen perguntou, cético :

– Helmer Hammer falou isso mesmo ?

– Não, quem está dizendo sou eu. Entretanto, falou que os legisladores deram início a debates a respeito das atuais punições por abuso infantil e que elas podem ficar mais severas. O ministro da Justiça e alguns dos seus companheiros andaram sondando ; essa ideia tem sido bem recebida pelos outros partidos também. Muitos evitam se manifestar. Pelo menos, por enquanto. Mas não vamos nos envolver. Vamos continuar nosso trabalho, e, em hipótese



nenhuma, falaremos de política. Principalmente eu. Não posso me pronunciar sobre isso, de jeito nenhum.

A Condessa balançou a cabeça.

– Não gosto de trabalhar para um espertalhão safado.

Vindas dela, essas palavras eram bem fortes. Basicamente, só falava bem das pessoas. Simonsen parou no meio do grupo, determinado, poderoso.

– E não trabalha. Trabalha para mim, e para a democracia. Se não está satisfeita com a composição do nosso governo, pode se filiar a um partido político.

Ele gostaria de ter escolhido melhor as palavras. Falado algo que os unisse, mas não sabia o que poderia ser. Afinal, o que poderiam esperar ? Não era político, nem ministro. Optou pelo que era concreto, pela realidade. Levantou os braços, em um gesto meio estranho e falou :

– E não podemos nos esquecer de que hoje foi um dia bastante produtivo. Definitivamente, conseguimos informações novas e sólidas para orientar as investigações. Principalmente no que se refere ao interrogatório de Stig Åge Thorsen amanhã. Ainda não sei quem vai fazer isso ; provavelmente seremos a Condessa e eu, mas quero que todos estejam preparados. Por outro lado, Arne e eu terminaremos o trabalho com a televisão. Da última vez, gastamos muito tempo com aquilo. A propósito, tenho um encontro amanhã, e, por isso, chegarei um pouco atrasado. Talvez consiga um novo fornecedor de dados das telecomunicações ; mais seguro e mais confiável, o que pode ser muito bom, se levarmos em conta a lentidão enlouquecedora das nossas fontes atuais. E agora, uma última coisa é...

Fez uma breve pausa antes de continuar.

– Como algo me diz que a situação dos nossos recursos não continuará favorável para sempre, gostaria de convidar todos os presentes para um fino e lauto jantar às custas do Estado, enquanto ainda posso. E será um prazer mandar uma cópia da conta para aquela dama de ferro do *Dagbladet*. Alguém se interessa ?

A Condessa aceitou. Troulsen disse não. Vinha enganando uma gripe, e o resultado é que estava extremamente cansado ; tudo o que desejava era ir para casa descansar. Pedersen também recusou o convite. Na noite seguinte, ele e Simonsen jantariam com Kasper Planck, o que não poderia ser mencionado ali, mas passar duas noites longe da família, por motivos que não fossem profissionais, estava fora de questão. Um só evento já era difícil de justificar. Restaram Pauline Berg e Malte Borup, mas ao menos dessa vez Berg demonstrou rapidez de raciocínio.

– Nós também não. Malte prometeu dar uma espiada no meu computador. Está travado e preciso que seja consertado com urgência.

Quando ouviu seu nome, Borup tirou os olhos das fórmulas e, como sempre, não entendeu nada. Nem o suficiente para fazê-lo enrubescer.

A garota estava sentada em uma cadeira no meio do estúdio e parecia um anjo. Vestia uma bata de linho claro e não usava nenhuma joia, a não ser um colar de contas de âmbar, que brilhavam como o sol sobre seu pescoço branco. Os cachos dourados flutuavam ao redor do rosto perfeito. Os olhos claros brilhavam cheios de vida e eram encantadores à primeira vista. Natural, pura, perfeita, como num sonho ; só era preciso ignorar o jeans apertado e as botas *sexy* de couro preto. E foi o que a câmera fez.

Erik Mørk não conseguia desviar os olhos dela.

O diretor estava dando ordens. Sem olhar diretamente para a garota, concentrava-se num enorme monitor de TV na parede de trás, onde ela aparecia da cintura para cima. Dava instruções para o cinegrafista e para o entrevistador.

– Vamos ensaiar novamente aquela parte sobre o abuso.

A garota resmungou.

– É no mínimo a décima vez.

– É a sexta, e você é boa, muito boa, mas pode ser ainda melhor. Será só o começo, o resto está fantástico. Está pronta ?

– Tudo bem, tudo bem, mas é a última vez.

Sua expressão mudou rapidamente de amarga para doce. O diretor falou :

– Comece por : “Você sofreu abuso quando criança ?”

O entrevistador repetiu a frase, mas acrescentou um tom emocionado.

– Você sofreu abuso quando criança ?

Ela olhou para o chão e não respondeu. Duas lágrimas rolaram sobre suas bochechas, e a garota continuou calada. Seu silêncio gritava para a câmera. Então, ergueu a cabeça e secou o rosto. A primeira fala foi hesitante. Penetrante e insegura.

– Sim, sofri abuso quando criança.

Depois disso, a voz foi ficando mais clara e firme ; também ganhou um tom levemente questionador.

– Abuso... abuso é o nome que dão. É como se tivesse sido obrigada a distribuir jornais sem ser paga para isso. É assim que vocês adultos chamam aquilo.

A partir daí, falou alto e claramente. Acusadora, mas nem histérica, nem agressiva.

– Fui estuprada. Dos 9 aos 14 anos de idade, fui estuprada. Muito... era uma boa semana quando acontecia só três vezes. E continuou, mês após mês, ano após ano. Foi por isso que concordei em fazer isto aqui hoje. O destino das vítimas me interessa muito mais do que os criminosos.

– E acha que isto pode ajudar ?

Ela ignorou a pergunta. Era a terceira vez que Mørk escutava aquela parte, mas estava tão eficaz e forte quanto na primeira. Desespero e impotência transpareciam no lindo rosto da garota.

– Precisam ver meu irmão. Não deu conta, está muito doente, e não têm lugar para ele na clínica.

Mørk teve desejo de abraçá-la. Apenas abraçá-la, bem apertado ; protegê-la, confortá-la. Afastou a ideia – achou absurda –, mas inconscientemente deu alguns passos em sua direção.

O entrevistador fez uma pausa antes de lançar a próxima pergunta. Quando ela falou de novo, estava mais calma e a voz saiu mais baixa.

– Onde estavam os adultos quando mais precisei deles ? Onde estava minha mãe ? Minha família ? Meus professores ? Os conselheiros ? Todas as pessoas que deveriam estar cuidando de mim ?

Estava olhando diretamente para a câmera. O diretor interferiu :

– Ok, corta ! Vamos ter de praticar essa parte algumas vezes para parecer mais espontânea. Está muito rápida.

A garota falou, amarga :

– Antes estava muito devagar.

– Exatamente. E agora, com disse, está depressa demais. E gostaria que fosse um pouco menos acusadora, talvez um toque de incerteza fosse bom. Dê a si mesma um pouco mais de tempo, para não parecer que está recitando. Pode fazer isso imediatamente ?

Mørk tinha dificuldade para explicar o que queria. Mas observou a garota e ela refez aquela parte, com bravura.

– Onde vocês estavam ? E onde estão agora ? Por que permitem associações pedófilas ? Por que a punição para estupro de adultos é mais severa do que para estupro de um menor ? Por que...

O diretor a interrompeu.

– Obrigado, obrigado, isso foi ótimo.

– O que devo fazer se for interrompida ?

– Não será, mas há um pequeno detalhe...

– Droga ! Você continua, e continua...

– Quero que pareça um pouco mais triste quando fala do seu irmão.

– Posso debulhar-me em lágrimas quando falar dele.

Houve uma pausa. O entrevistador saiu do estúdio. A garota, o cinegrafista e o diretor se aproximaram de Mørk.

O diretor falou :

– Ele tem o talento mais fenomenal que já conheci. Consegue enrubescer como a virtude em si, pode chorar e tocar o coração de um cobrador de dívidas, seu sorriso é capaz de persuadir o sol a brilhar numa noite de inverno ; sua fala, o tom, a aparência... é completa e, além de tudo, é inteligente.

Falava como se a garota não estivesse presente. Mørk concordou. O potencial dela era mesmo incrível. Apesar disso, ele sentiu uma pontada de preocupação.

– Mas o que ela está dizendo, também é... é... O que aconteceu com ela ?

– Aconteceu ? Não estou entendendo o que quer dizer.

– Aquilo aconteceu de verdade ?

O diretor se retirou. Mørk ficou olhando, confuso, depois perguntou para o cinegrafista :

– Por que ele saiu ? Ficou chateado com alguma coisa ?  
– Não se preocupe com ele. É um pouco excêntrico. Há palavras que não suporta. Mas temos sorte de ter alguém desse calibre. É fabuloso.

Mørk acenou com a cabeça como se estivesse entendendo. O homem continuou :

– Deveria ler os livros dele : *Na aldeia global, a câmara é deus* ou *Todos pisam em besouros, não em joaninhas*. Essas são as suas obras mais famosas.

– Devem significar alguma coisa.

– Alguma coisa ? Não está entendendo, está ?

– Não, provavelmente não.

O homem pegou um maço de cigarros. Ofereceu um para a garota, que balançou a cabeça como resposta. Então, ele tirou um e pôs atrás da orelha, enquanto procurava o isqueiro nos bolsos.

– Viu aquela mãe ontem ? Nas ruínas do conjunto habitacional ? A CNN mostrou.

Mørk acenou afirmativamente. Tinha visto parte da reportagem.

– Estava completamente arrasada. Só a aparência já era um desastre. Macacão preto, pele maltratada, sobancelhas parecidas com a crina de um pônei. Lembra-se de como gritava ? Reclamava tanto que as legendas não podiam acompanhar. Balançava os braços, se contorcia, virava os olhos, parecia um limpador de chaminés ferido. A verdade é que desperdiçou sua única chance. As pessoas ficam constrangidas. Onde acha que seus filhos mortos estão agora ? Perdidos no esquecimento.

Acendeu o cigarro e continuou.

– Perguntou sobre o que aconteceu, mas o que aconteceu tem a ver com o futuro, não com o passado. É por isso que ensaiamos.

Mørk entendeu a lógica do homem. E, claro, ele estava certo.

– Compreendo. Só achei... não sei... um pouco dissimulado.

– Não trabalha com publicidade ?

– Sim, trabalho.

– Então, qual é o problema ? Ela já era fantástica e quisemos que ficasse brilhante. Vamos arrumá-la, de modo que não pareça que está usando maquiagem ; mas isso só depois de amanhã, quando a filmagem será para valer. Vamos ceder algum material para o seu *site*. Preto e branco, acho ; ela gosta mais. Apenas espere até ver o produto final. Vai amar.

A garota estava ao lado deles e parecia bastante entediada. Disse :

– Deixou o cérebro em casa ? Per Clausen disse que era esperto. É claro que tenho de ensaiar. Não praticou antes, quando falou da sua irmã morta ?

– Como sabe disso ?

– O que acha ? Eu estava lá quando falou dela. E então, ensaiou ou não ?

– Sim, mas... aquilo foi diferente.

Ela desistiu dele, com um movimento dos ombros e perguntou, impaciente :

– Podemos continuar ? Estou enlouquecendo com essa conversa da Idade da Pedra.

Konrad Simonsen parou na estação de Østerport, comprou uma xícara de café e sentou-se no fundo da lanchonete. A manhã tinha começado bem e acabado pessimamente. O jantar com a Condessa havia sido fantástico. Prometeram um ao outro que sairiam de novo em breve, e ele tinha acordado com um ótimo humor, sentindo-se muito bem. Tinha até cantado no banho, coisa que não fazia já havia anos. Porém, quando estava pronto para sair, a correspondência chegou e seu mundo caiu.

A letra era de Per Clausen ; era um envelope amarelo de tamanho A4, com selo de Fredericia e data do dia anterior. Continha fotografias embaçadas de Ana Mia. Numa delas, a moça estava saindo do prédio onde morava ; noutra, estava tirando o cadeado da bicicleta ; numa terceira, pedalava em direção à câmara. Havia também dois versos de um salmo que Simonsen conhecia muito bem. “A morte pode vir à noite, mas a alegria vem pela manhã.” Mil pensamentos se misturaram na sua cabeça, enquanto o medo revolvía-se no seu estômago e o suor brotava na sua testa. Os papéis caíram das suas mãos. Sentou-se no chão e tentou gradualmente superar o ataque de pânico e direcionar seus pensamentos para uma linha mais realista.

Na véspera, Ana Mia tinha viajado para a ilha de Bornholm ; fora visitar uma amiga que havia tido um bebê ; portanto, não corria perigo imediato. O bom senso também falou que a ameaça velada era mais para perturbá-lo do que para ser levada a sério. Uma conclusão racional e clara, que, inicialmente, seu cérebro tinha se recusado a aceitar. Aos poucos, Simonsen recuperou o controle suficiente para ordenar os pensamentos. Como Per Clausen sabia que Ana Mia era sua filha ? Ou que morava naquele prédio ? Estava sendo observada ? Os jornais da semana anterior tinham noticiado sobre as férias interrompidas dele e da filha ? Havia outra explicação ? Essas perguntas não podiam ser respondidas enquanto estivesse ali sentado, e isso aumentou seu sentimento de impotência. Mas conseguiu reprimi-las. Outra emoção aos poucos o dominou e permitiu que se levantasse. Depois, foi capaz de reunir forças, entender o que havia acontecido e pôr o incidente de lado, dentro da sua cabeça. Quando estava pronto de novo para sair, sua aparência não denunciava nenhum vestígio do turbilhão que tinha enfrentado. Entretanto, por dentro, experimentava um ódio pessoal implacável, com uma intensidade que até então não conhecia.

Os pensamentos de Simonsen sobre os eventos da manhã tinham impedido que percebesse que a pessoa por quem esperava já estava ali ao lado. Escondeu o péssimo humor e o cumprimentou, gentilmente.

– Bom dia.

O homem estava bem-vestido, de modo conservador. Pela gravata, dava para ver que exercia um cargo burocrático. Era de meia-idade, mas sua cabeça quase careca e a postura curvada faziam com que parecesse mais velho. A voz era inexpressiva.

– Bom dia, inspetor ; ou o que for agora.

– Foi gentil em ter vindo.

O homem deu um sorriso sarcástico.

– Tive outra opção ?

– Isso não é um interrogatório. Na verdade, quero lhe pedir um favor.

– Quando a polícia pede um favor, ela normalmente tem uma ameaça debaixo da manga.

– Não dessa vez. O que vou pedir vai além dos limites da lei ; portanto, se não quiser me ajudar, nossa amizade não será abalada.

– Quer dizer que somos amigos ?

Foi uma pergunta sensata. Chamar a ligação entre eles de “amizade” era interferir no sentido dessa palavra. Já tinha jogado xadrez com ele em alguns torneios, mas não o tinha visto mais depois que o interrogara, e que testemunhara contra ele na corte por volta de 12 anos antes. Simonsen falou, pensativo :

– Não, claro que não. Expressei-me mal, peço desculpas. Não somos *amigos*.

Bebeu um gole do café. Já estava frio. Por uma fração de segundo, pensou em deixar claro seu desagrado em relação ao estigma que pairava sobre ex-presidiários. Aquilo só aumentava a criminalidade e era irracional. Na sua opinião, a ficha da pessoa deveria ficar limpa novamente depois que cumprisse a pena, mas guardou isso para si mesmo e disse :

– Como estão as coisas ?

O homem respondeu, relutante.

– As coisas estão como estão. Faço meus tratamentos, tomo meus remédios, nunca interajo com crianças, não assisto a filmes, não gosto de revistas.

– Sei de tudo isso. Pesquisei o que pude a seu respeito, mas não foi isso o que quis dizer. Perguntei como vão as coisas num sentido mais geral.

O homem olhou para ele, surpreso. Depois respondeu.

– Bom, em geral, as coisas não estão especialmente boas, já que é o que quer saber. Fico fechado em mim mesmo. Vejo televisão ; algumas vezes, vou ao teatro ; leio livros para passar o tempo. Os fins de semana são longos, assim como as férias. Os dias da semana são melhores. *Tenho* meu trabalho.

Olhou para baixo, na direção da mesa.

– Sinto uma falta horrível dos meus filhos. Todos os dias. Ambos são adultos agora, mas nunca os vejo. É compreensível.

Simonsen achou difícil responder.

– É compreensível.

– Sim, sim, claro que é.

O homem levantou a cabeça. Sua dor era facilmente visível.

– Obrigado por perguntar. Mas fale, o que posso fazer para ajudá-lo ?

– Primeiro, conte-me o que pensa sobre o debate atual a respeito de pedofilia.

– *Debate*. Bem, acho que é uma forma de chamar isso.

– Não encontrei uma palavra melhor.

– A verdade é que estou com medo, mas não posso fazer nada, a não ser abaixar a cabeça e esperar que esse assunto morra.

Simonsen concordou com a cabeça, solidário. Depois explicou a tarefa.

– Não tenho um bom canal alternativo para informações sobre ligações telefônicas. Sabe do que estou falando, quem liga para quem, onde e por quanto tempo. E não tenho autorização legal. Mesmo que tivesse, o risco, no contexto atual, é de que um ou outro erro infeliz possa afetar exatamente as informações de que preciso. Sendo assim, não ousou pressionar nossas fontes oficiais, e as extraoficiais se recusam a colaborar.

A Condessa era um exemplo dessa última parte. Em circunstâncias normais, podia conseguir esse tipo de informação num piscar de olhos.

– Isso não me surpreende.

– E pode ser muita coisa. Vai me ajudar ? Pode me ajudar ?

– Acho que posso, sim. Tenho um colega que é responsável pela segurança dos nossos programas e tem acesso livre aos bancos de dados, inclusive as cópias de segurança antigas. Preciso falar com ele antes, mas acho que vai concordar. Mesmo se meu passado acabar... vindo à tona.

– Está preocupado com isso ?

– Nem escutou o que eu disse ?

Simonsen constatou que essa pergunta estava sendo feita a ele toda hora nos últimos tempos. Não respondeu. Tirou um envelope do bolso e pegou um cartão de visitas na carteira. Escreveu nele.

– Tome, pegue isso. Meu número pessoal está no verso. Este envelope contém uma lista de coisas que gostaríamos de esclarecer, e a verdade é que o tempo é um fator essencial, mas sei que não pode fazer mágica. Ligue para mim quando conseguir falar com o seu amigo, ou se tiver algum problema.

O homem pôs o cartão no bolso de dentro do paletó e o envelope, na pasta de documentos.

– Vai encontrar quem fez aquela chacina ?

– Claro que vou. Vou encontrá-los, sim. Cada um e todos. Se não for hoje, será amanhã, ou na semana que vem, ou no ano que vem, mas vou encontrar, mais cedo ou mais tarde. Com sorte, não vai demorar muito.

– Prefiro que seja mais cedo ; assim, esse ódio diminui um pouco.

Não pareceu muito confiante. Era como se estivesse fazendo uma reza. Andaram juntos algum tempo, trocaram um aperto de mão e se separaram.

Pauline Berg argumentava entusiasticamente e Simonsen deixou que ela expressasse sua opinião. Quando começou a ficar repetitiva, ele a interrompeu e resumiu suas ideias, sem indicar se concordava ou não.

– Alega que Stig Åge Thorsen tem medo de mulheres, ou, mais precisamente, de contato mais íntimo com mulheres da sua faixa etária, e está sugerindo que, durante o interrogatório, tiremos vantagem dessa suposta aversão. Portanto, você mesma deve ser quem faz as perguntas, embora objetivamente falando seja a menos qualificada de nós. E propõe isso a menos de duas horas da sessão. Chegou a tal conclusão por causa de uma conversa de dez minutos com alguém que o conheceu durante um cruzeiro na Grécia. Está certo ?

A investigadora mais jovem do Departamento de Homicídios estava firme em suas convicções.

– Sim, está certo.

– A mulher que estava no cruzeiro ligou por vontade própria e, sendo assim, não temos como comprovar a veracidade da informação que nos deu. Também está certo ?

– Sim, não temos certeza de nada.

– Continue.

– Eu e a Condessa deveríamos conduzir o interrogatório, e poderíamos também mudar a disposição dos móveis, para criar um ambiente mais íntimo. É importante nos sentarmos bem próximos.

Arne Pedersen olhou para o teto. Simonsen, entretanto, fez um gesto de aprovação. Não a favor da sugestão – ainda não tinha uma opinião formada –, mas pela determinação da moça.

– Também estou excluído ?

Berg respondeu indiretamente.

– A mulher falou dos mesmos sinais que tenho percebido em homens que ficam tensos, ou mesmo amedrontados, perto de mim. Essas reações são particularmente típicas de homens que tiveram uma infância insegura ; li sobre isso. E confere com o fato de Stig Åge Thorsen ter procurado a ajuda de Jeremy Floyd.

Pedersen olhou para ela, um pouco espantado. Esse era realmente um lado novo de Berg, que ele não conhecia. Ela não retornou o olhar ; ficou concentrada em Simonsen, que observava as gotas de chuva do outro lado das janelas da sala. A autoconfiança da moça estava no nível máximo.

Na noite anterior ela havia aparecido – sem avisar e chorando – na residência de Kasper Planck. A consciência pesada por causa da mentira que havia falado para Condessa sobre a conversa no café em Gudme estava acabando com ela. Por fim, não aguentara mais e foi falar com o antigo diretor do Departamento de Homicídios, a única pessoa que achou que poderia compreendê-la.



O velho senhor lhe deu um lenço e escutou calmamente. Depois, pousou uma enrugada mão sobre a cabeça dela e disse, suavemente :

– Acho que será perdoada. Por que sairia ilesa no meio dessa loucura toda ? Há até pessoas que não querem que encontremos os assassinos, se pudermos acreditar na mídia.

– Mas e o amigo de Frank Ditlevsen ? Um dos seus garotos velhos. Essa é uma informação importante. Deveria tê-la compartilhado há muito tempo.

– Deixe as conclusões para ele tirar por si mesmo. Já deveria ter feito isso, de qualquer modo.

– Como poderia ? Como pode saber disso ?

– Claro que pode. A morte dos irmãos foi por motivos pessoais. Frank Ditlevsen foi enforcado no meio do evento e Allan Ditlevsen era o senhor Extra, uma excelente e significativa escolha de palavras. E motivos pessoais têm sua razão de ser.

Berg ficou boquiaberta.

– Há quanto tempo sabe disso ?

– Saber... ora ! Ainda é uma suposição, mas tenho uma reunião esta semana que deve esclarecer algumas coisas. Então veremos. O tempo dirá. Mas venha até aqui. Há uma coisa que quero lhe dar.

O velho senhor tirou uma caixa do fundo de uma gaveta numa escrivaninha de mogno. Segurou um colar, um peixe de ouro, muito bonito, em uma corrente simples e leve.

– Pertencia à minha esposa. Agora é seu.

– Mas...

Ele pôs o dedo em frente à boca, e ela se calou. Então colocou o colar no pescoço ; teve um caimento elegante, e era muito discreto. Era como se já estivesse lá havia muito tempo.

– É maravilhoso, mas...

O dedo em frente à boca, novamente. Berg ficou com a alma leve e aliviada. As lágrimas, agora, eram de alegria. Pegou o lenço emprestado pela segunda vez e, depois que se recompôs, perguntou :

– É sempre tão generoso... Existe algo que eu possa fazer para retribuir ?

– Pode molhar as minhas plantas. Estão precisando muito.

A ideia de andar por ali com um regador na mão, e sob a orientação do velho senhor, a fez sorrir, e o assunto foi encerrado.

Simonsen decidiu que, em se tratando de nervosismo masculino, estava diante de uma *expert*.

– A Condessa será a principal condutora do interrogatório e o seu papel é auxiliar. Mas só tomarei a decisão final depois que ela conversar com a mulher que contou do flerte no cruzeiro e concordar com a sua sugestão. E tem mais uma coisa, Pauline.

Olhou diretamente nos olhos de Berg.

– Se cometer algum erro, ou se a Condessa precisar de mais ajuda, você será imediatamente substituída, e não quero ouvir nenhuma reclamação sobre isso depois. Entendido ?

– Completamente. Agradeço o voto de confiança. Acho que é uma decisão sensata.

– Ainda não é uma decisão. E você tem menos de duas horas com a Condessa. Saiba aproveitar bem esse tempo.

Foi o que ela fez. Saiu, antes que Pedersen tivesse tempo para se levantar.

Stig Åge Thorsen e seu advogado chegaram pontualmente, e o fato de que Berg tinha feito uma interpretação correta logo ficou confirmado. A testemunha demonstrou mesmo não gostar de ficar perto de duas mulheres, e o contato próximo com a mais jovem pareceu deixar Thorsen constrangido. Ele praticamente puxou a mão de volta no momento em que Berg a tocou, calorosa e gentilmente, ao cumprimentá-lo. Simonsen e Pedersen estavam sentados atrás do espelho. Simonsen falou :

– Está certa. Viu aquilo ? É óbvio, basta olhar. Vi como se contraiu. Talvez ele mesmo nem tenha percebido. De qualquer modo, o advogado não notou.

Na sala do interrogatório, a Condessa estava gesticulando e explicando alguma coisa.

– Por favor, sentem-se. Como podem ver, tivemos que fazer uma mudança temporária na disposição da mobília, mas acho que isso não será um problema.

Haviam conseguido, às pressas, arranjar uma mesa quadrada relativamente pequena, com uma cadeira em cada um dos quatro lados, para que Berg pudesse sentar-se perto de Stig Åge Thorsen, independentemente do assento que o advogado escolhesse.

Simonsen comentou, entusiasmado :

– Brilhante !

Arne Pedersen perguntou, meio mal-humorado :

– Afinal, o que aconteceu com o programa de televisão ? Eles não viriam hoje ?

– Foi adiado, por enquanto ; não sei quais serão as consequências. Parece que surgiu algo mais importante, mas fique calmo, vamos acompanhar o interrogatório.

A sessão foi dura para Stig Åge Thorsen. Suas posturas defensivas bem ensaiadas ajudaram pouco e a Condessa o deixou atordoado com as mais variadas perguntas.

– Seu carro estava envolvido em um acidente no dia 18 de novembro de 2003, quando alguém o atingiu, parado em Lille Strandvej, em Gentofte. O que estava fazendo lá ?

Ele nunca estivera em Gentofte. Empurrou o relatório do acidente. Só podia ser um engano.

– Quem pagou o seu cruzeiro na Grécia ? Foi o mesmo estranho da fogueira ?

Hesitou, não se lembrava, recusou-se a responder e, por fim, alegou que tinha economizado por muitos anos para fazer a viagem.

– Em abril, procurou Frederiksværk Stålvalseværk e comprou uma pilha de carvão que a fábrica tinha armazenado no antigo porto comercial. O que pretendia fazer com aquilo ?

Era bom ter carvão em estoque. Acabou usando para queimar a *minivan*, mas não tinha planejado isso.

– Como foi sua infância ? Seu antigo professor na escola de Kregme disse que teve uma infância difícil. É verdade ?

Tinha vivido uma infância normal. Uma infância 100% perfeitamente normal. O professor era doido, um velho tolo e demente.

– Atacou uma mulher na praia em Saloniki. O que aconteceu lá ?

Nesse momento, o advogado reagiu, mas a acusação já tinha surtido efeito. Stig Åge Thorsen parecia um cão ferido, chicoteado.

E a Condessa continuou, e continuou, pulando de um assunto para outro, cutucando aqui e ali, mencionando coisas que o deixavam prestes a sucumbir, e voltando a elas 10 minutos mais tarde, com dupla intensidade, até que o fazendeiro começou a dar sinais de fadiga mental. Tropeçava em frases, esfregava os olhos, beliscava as têmporas, demonstrava irritação, raiva e, finalmente, indiferença. Depois de tudo isso, ela fez a pergunta fátidica.

– Conhece Jeremy Floyd ?

– Nunca ouvi esse nome.

– Posso mandar buscá-lo e colocá-los frente a frente. É isso que quer ?

Berg interferiu. Até então, não havia dito nada. Naquele momento, cuidadosamente se opôs à Condessa.

– Mas, mas ele...

A Condessa tentou fazer com que ela se calasse.

– Sei que ele é um psiquiatra, mas seus votos de sigilo profissional não valem nada em um caso de homicídio como esse. Então, senhor Thorsen, devo providenciar um encontro cara a cara ?

Berg insistiu :

– Mas, mas...

– Agora não, Pauline.

A Condessa foi rude, o advogado se assustou, Stig Åge Thorsen mordeu a isca.

– Ele está morto ; portanto, não pode providenciar nada.

– Hum, muito bem ! Acho que isso muda um pouco o rumo das coisas. Fico surpresa com...

O sorriso de Simonsen foi largo e satisfeito.

– Nem percebeu que caiu em contradição.

Pedersen respondeu :

– Nem o advogado. Está sentado lá, como uma esfinge. Não ajuda muito.

– Não se deixe enganar pela sua postura. É bom, eu o conheço. Mas você está certo, ele não parece disposto a fazer mais do que sua obrigação.

Meia hora depois, a Condessa decidiu que era o momento certo. Inclinou-se para frente e pôs os braços sobre a mesa.

– O dinheiro que você recebeu do tal estranho, você doou pela internet para uma ONG indiana chamada Sanlaap. Por que escolheu essa organização ?

Stig Åge Thorsen pareceu estar esperando a pergunta.

– Acho que vi uma propaganda na televisão, mas não tenho certeza. Talvez tenha sido uma coincidência, não sei.

Cruzou os braços. Finalmente, uma pergunta que podia responder.

Mas Berg não se deu por satisfeita.

– Sanlaap opera fora de Bombaim, ou, para ser mais específica, em Kamthipura, uma das maiores regiões de prostituição do mundo. Há 200 mil mulheres e crianças... desde os 7 anos de idade, à venda lá. As crianças são mantidas como escravas sexuais em prostíbulos

insalubres e atendem uma média de 15 a 20 clientes por dia. Muitas deles vêm de Catmandu, no Nepal, onde são sequestradas por traficantes de escravos, que as levam para as Índia, onde são vendidas para os bordéis. Nas primeiras semanas, as crianças são surradas ou torturadas até cederem e cooperarem na nova profissão. Quando não estão sendo estupradas, ficam escondidas por mulheres em lugares pequenos e escuros, como sótãos, para que a polícia não as encontre. Quando as descobrem, exigem porcentagem nos lucros. Grande parte das garotas apresenta HIV positivo. Não recebem tratamento e se tornam aidéticas. Muitas, também, ficam grávidas e criam seus bebês em condições indescritivelmente horrorosas.

Falou devagar e claramente, encarando Stig Åge Thorsen. Ele tinha se distanciado dela o máximo que a cadeira permitia, mas não podia fugir do seu olhar. Quando Berg terminou seu discurso, o homem respondeu, sem levar em conta que ela não havia feito nenhuma pergunta.

– Sim, é terrível ; e o mundo não dá a mínima.

A Condessa o interrompeu, com um tom acusador e a voz cortante como uma navalha.

– Dá dinheiro para a Sanlaap para aliviar sua consciência, não é ? Fez tratamento com Jeremy Floyd porque não consegue manter as mãos longe de criancinhas. Diga a verdade.

O advogado reagiu, furioso.

– O que é isso ?

Mas a reação de Stig Åge Thorsen foi ainda mais violenta. Sua explosão foi ruidosa ; ele quase gritou.

– Não, não, é o contrário. Eu fui vítima. Fui ferido.

Berg também levantou a voz, igualmente furiosa com a Condessa.

– Não está entendendo nada, ele não faz mal a crianças. Não viu nada do que se passou aqui ?

Num gesto de proteção, a moça pôs a mão sobre o braço do homem.

A Condessa não tentou esconder que discordava da colega.

– Caramba, estava no grupo de tratamento comportamental com o zelador Per Clausen e com a enfermeira, Helle... Helle... oh, como é mesmo o nome dela ?

Em seu esforço para se lembrar do nome, bateu os dedos na mesa algumas vezes, olhando para Stig Åge Thorsen, e então o milagre aconteceu.

– Jørgensen, Helle Smidt Jørgensen, mas éramos os que...

Não continuou. O advogado finalmente percebeu o que estava havendo e, de forma efetiva, encerrou a sessão, colocando a mão sobre a boca do cliente.

– Isso já foi longe demais, senhoras, mais do que demais. Nem tenho palavras para expressar o que está acontecendo aqui.

Estava enfurecido. Falou para todos, em voz alta e tom formal :

– Que todos saibam que estou com a mão sobre a boca do meu cliente e aconselhando-o firmemente a terminar este interrogatório.

Depois se levantou e praticamente puxou Stig Åge Thorsen junto consigo, afastando-o das duas mulheres. Em seguida, virou-se para o espelho.

– Isso é terrorismo psicológico, Simon. Venha cá.

Simonsen se levantou pesadamente.

– Acho que vou ter de entrar e acalmá-los. Lembra o nome, Arne ?

– Helle Smidt Jørgensen.

– Encontre-a. Não vamos conseguir ser suficientemente rápidos.

A Condessa se encontrou com o chefe após o interrogatório de Stig Åge Thorsen. Antes, teve de esperar pacientemente por 15 minutos, temendo que o perdesse de vista. Assim que ele se despediu do advogado, caminhou em sua direção.

– Simon, precisamos conversar.

Simonsen se virou, um pouco assustado. O tom dela era determinado, para não dizer ríspido. Ele a dispensou, da maneira mais gentil possível.

– Sinto muito, Condessa, mas isso vai ter de esperar. Tenho uma reunião com os chefes agora, e depois...

Ela pegou a mão do investigador e o conduziu à sala dele. Para surpresa do próprio Simonsen, ele a seguiu, sem protestar, e obedeceu quando ela ordenou :

– Sente-se.

A mulher permaneceu de pé ao seu lado. Ele olhou para cima e perguntou :

– O que está acontecendo com você ?

– Não é comigo, é com você.

– O que quer dizer ?

– Quero dizer que assim que tem uma oportunidade, parece que vai a algum lugar a 100 milhas daqui. E nem tente me enganar. Diga logo o que está acontecendo.

Foi a mão dela em seu ombro, mais do que as palavras, que o convenceu a revelar a verdade. Então, abriu uma gaveta da mesa de trabalho e entregou-lhe o envelope que havia recebido de manhã. Levantou-se e foi à janela, onde ficou parado, de costas para a Condessa. Algum tempo depois, ele a ouviu sentar-se em sua cadeira e houve um silêncio que durou uma eternidade, até que sentiu o braço dela ao redor do seu corpo. Ela falou calma, mas claramente :

– Que providências tomou ?

Simonsen não respondeu. As palavras morreram em sua boca, quando sentiu um forte gosto agri-doce. O gosto apareceu de repente e o fez lembrar-se das balas duras de sua infância, que podia comprar por cinco centavos na lojinha da rua principal ; ou eram dois centavos ? Não se lembrava bem do preço, só daquele gosto forte de limão com açúcar, que tomava conta da boca toda e durava muito tempo depois que a bala já tinha acabado. Como agora.

A lembrança do gosto lhe deu medo, mas as imagens que vieram à sua cabeça em seguida foram bem piores. Por um momento, viu Anna Mia pendurada em uma corda longa ; os braços e as pernas se contraindo em espasmos incontrolláveis e os olhos suplicantes encarando-o, em vão. A visão não durou mais de um segundo ; depois, Simonsen sentiu muito ódio e saboreou, um a um, os impulsos diabólicos que povoaram seu cérebro – um joelho esmagado, polegares quebrados, ou, ainda melhor, um chute violento na base da cabeça da vítima, que estava estirada de barriga para baixo, urrando sobre o meio-fio. É como deveria ser. Ninguém iria ameaçar sua filha... Fechou uma das mãos e socou a palma da outra. Uma, duas, muitas vezes,

com movimentos curtos, para não balançar o braço da Condessa. Ela repetiu a pergunta e o trouxe de volta para realidade.

– Simon, que providências tomou ?

– Anna Mia está com a mãe em Bornholm. Tem dropes de alcaçuz ? Aqueles que normalmente carrega na bolsa. Ou água mesmo.

– Quanto tempo ficará lá ?

– Quem ?

– Quanto tempo Anna Mia ficará em Bornholm ?

– Até sexta-feira, acho.

– Falou com ela ?

– Não.

– Com mais alguém ?

– Só com você.

Ficaram lá mais um pouco, pensativos, até que o telefone de Simonsen tocou. A Condessa se sentou na sua frente e aprovou o que ouviu. A reunião com os chefes de polícia foi adiada por 15 minutos – sem explicações ou pedidos de desculpas. Ele apontou para o envelope na mão dela e perguntou :

– O que *você* faria ?

A mulher respondeu casualmente, como se a pergunta não tivesse muita importância.

– Só as precauções habituais, Simon.

– É o que farei, então.

– Não, eu cuidarei disso. Mas não há motivo para se preocupar. Está claro que o objetivo da carta era apenas perturbar você.

– Não é ? Já recebi vários tipos de ameaças.

– Claro. Não deve se preocupar com isso.

– Acho que foi porque levei Pauline comigo no interrogatório dele. Quer dizer, de Per Clausen ; sabe como é, tem a ver com a filha dele. Pode ser uma espécie de vingança por causa disso. Entende, não é ?

– Sim, claro. Mas agora precisa ir para sua reunião e parar de se preocupar com isso.

Simonsen concordou e a Condessa foi embora com o envelope. Quando a porta se fechou, ele imediatamente se sentiu sonolento.

Cozinhar bem não era uma das qualidades de Anita Dahlgren, portanto ela se limitou ao trivial : um coquetel de camarão com pão de alho, como aperitivo ; filé mignon, batatas assadas com manteiga de ervas, uma pequena tigela de molho *béarnaise*, além de uma salada mista, com azeitonas e queijo feta, como pratos principais ; e sorvete de baunilha para a sobremesa. Com esse cardápio, nem ela poderia errar.

Simonsen a elogiou pela, no mínimo, quinta vez.

– Isso está delicioso !

Pedersen acrescentou, sorridente :

– Sim, muito bem, Planck !

Planck ignorou o comentário e falou, sério :

– Não convidei vocês só pelo prazer da companhia. Tenho pensado sobre uma ideia e quero discuti-la, mas antes precisam saber que não vou mais ao QG. Já não estou tão bem como antes e não tenho mais a mesma disposição para visitá-los.

O astral pesou. O velho senhor olhou rapidamente para cada uma das pessoas ao seu redor.

– Não fiquem tão arrasados. Nunca planejei viver cem anos, e não ousem começar a chorar. Anita, seque os olhos... não vou morrer amanhã.

– Desculpe, vou parar. É que estou gostando cada vez mais de você.

– Como eu de você, minha jovem. Vamos tirar as coisas da mesa, enquanto esses dois talentosos cavalheiros pensam numa pequena charada. Como era mesmo que estávamos chamando nosso amigo da serra elétrica, Simon ?

Simon não respondeu imediatamente. Estava olhando para Anita. Planck percebeu.

– Esta noite, Anita participará da discussão.

– Ok. Se é o que diz... Estamos o chamando de “alpinista”.

– Alpinista. Um nome excelente. Qual é a maior fraqueza desse Alpinista ?

O velho senhor e a jovem se levantaram e foram juntos para a cozinha. Enquanto Anita lavava a louça, ele perguntou :

– Também quer adivinhar ?

– Não, mas realmente gostaria de saber a resposta.

– A resposta é a imagem dele. É uma resposta muito banal, mas também muito importante.

Ela ficou pensativa.

– É, isso é verdade. Aquela parte sobre a imagem dele. Acha que vão pensar nisso ?

– Simon, sim. Arne, não. Não pensa em coisas tão simples. E gasta sua energia mental em coisas que não consegue controlar. Esta noite não falou de nada que não fosse a enfermeira ; portanto, não vai pensar nisso.

– Você é sempre tão seguro !

– Espere e verá.



Planck estava certo. Voltaram para a sala com café e xícaras, e enquanto Anita servia, Pedersen deu-se por vencido.

– Não sei. Queria dizer que é a infância dele, mas não sei se isso é um problema, e se for, até agora ele não demonstrou, pelo menos em relação ao que fez. Depois achei que acreditamos que ele havia conhecido os irmãos Ditlevsen anteriormente, quando moravam em Sjælland, mas isto também não é uma fraqueza ; ou é nessa conexão que está pensando ?

Sua contribuição foi gentilmente ignorada. Todos olhavam para Simonsen, que estava sorrindo feliz. Não estava passando pela crise de suor que sempre o atacava após o jantar e já tinha a resposta de Planck. O que mais poderia querer um investigador chefe com excesso de peso e ligeiramente arrogante ? Disse, alegre :

– Está falando de sua imagem na mídia, não é ?

– Acertou na mosca ! É exatamente isso. O que aconteceria se nós o ameaçássemos com alguns estragos na sua imagem pública ? Não interessa como, apenas suponham que podemos fazer isso. Então ? O que aconteceria ?

Pedersen melhorou um pouco sua própria imagem, com uma reação rápida :

– Ele responderia da melhor forma que pudesse. E responderia até mesmo para nós, na medida do possível.

Simon concordou.

– Alguém fez tentativas corajosas de incutir impressões e imagens repulsivas na cabeça das pessoas. E com muito sucesso.

Foi a vez de Anita.

– Como na entrevista com o linha-dura do Parlamento, que... oh... realmente se ocupou com os pôsteres de Thor Gran como pano de fundo ?

Olhou para os outros para ver a reação. Balançaram a cabeça e ela explicou.

– São apenas *close-ups* de Thor Gran dentro da *minivan*... sabem do que estou falando..., quando ele escolhe uma das *delicinhas* numeradas. E debaixo, só uma frase : “Não, não vai”. A mensagem é bastante clara. Uma coisa simples que prendeu a atenção dos dinamarqueses. É isso... Thor Gran no momento em que... selecionava a criança. Os pôsteres foram mostrados por um minuto, talvez um minuto e meio, e provavelmente a entrevista foi só um pretexto para mostrá-los. É como a mensagem subliminar com a garrafa de Coca-Cola, que foi inserida em filmes da década de 1950 para vender maior quantidade do refrigerante nos intervalos ; alguém manipula nosso subconsciente e ninguém faz nada contra isso.

Simonsen contestou.

– Isso se chama percepção subliminar e é, basicamente, um mito. Esse conceito nunca foi comprovado e ninguém nunca manipulou um filme desse jeito. Mas é uma boa história.

– Ao contrário do pôster de Thor – Pedersen acrescentou, com sarcasmo.

Simonsen ficou tenso. Fechou os olhos por um ou dois segundos, depois tirou do bolso interno do paletó uma caixa de dropes de alcaçuz, pôs um na boca e ofereceu aos outros. Ninguém quis. Pedersen comentou :

– Sempre detestou isso. O que aconteceu ?

– Nada.

Ainda detestava alcaçuz, mas era um excelente antídoto contra boca amarga. O que

poderia dizer ? Que as fotos de Anna Mía que recebera invadiam sua boca de repente, sem mais nem menos ? Quem entenderia isso, se nem ele próprio compreendia ? E o que os outros tinham a ver com essa história ? Não tinha sentido falar sobre uma coisa que já estava sob controle. Isso mesmo : controle. Assim que pusesse as mãos naqueles imbecis que tinham ameaçado sua filha, mostraria para eles que tinha tudo sob controle. Bastardos psicopatas !

Planck conseguiu redirecionar a conversa para o que realmente interessava.

– Agora prestem atenção e parem de perder tempo com besteiras. Tenho uma ideia de como contar uma verdade alternativa, mas preciso da ajuda de vocês três. E cada um terá que fazer um pequeno sacrifício. Querem ouvir ?

Era uma estratégia teatral e Anita foi quem expressou o que os três estavam pensando.

– Às vezes é tão arrogante... Claro que queremos ouvir.

Planck não se importou com a crítica. Em vez disso, explicou seu plano, começando pela moça.

– Anita, tem que esquecer tudo sobre sua ética jornalística. Sem falar na fidelidade aos seus empregadores. Vou forjar um namorado para você, nem que seja temporário. Arne, terá que se preparar para enganar aquela sua amiga safada do *Dagbladet*. E enquanto eu estiver nisso, quero que siga os conselhos de um velho homem. Precisa procurar ajuda profissional por causa dos jogos a dinheiro, antes que perca totalmente o controle sobre isso. E também precisa pôr sua vida pessoal em ordem.

O rosto de Pedersen ficou vermelho como um tomate maduro. Não falou nada, apenas secou a testa com a gravata. Ninguém nunca tinha visto aquilo antes. Planck se virou para Simonsen.

– Simon, você fica com a parte mais difícil. Primeiro, não pode levar as regras a sério demais nos próximos dias. Muitos dos métodos que vou sugerir não são exatamente legais. Segundo, vai dar uma entrevista a Anni Staal. E, terceiro, terá que manter Helmer Hammer e todo o pessoal do QG totalmente fora dos nossos planos.

Simonsen concordou, cauteloso.

Planck falou para todos :

– Talvez devessem pensar sobre tudo isso por algum tempo antes que eu prossiga. Decidam se querem mesmo ouvir minha proposta.

Anita não precisou pensar duas vezes.

– Danem-se meus padrões ; e minha ética como repórter já é praticamente inexistente. Isso parece emocionante. Meu namorado é bonito ?

Os dois homens concordaram, sem muito entusiasmo.

O jantar de Planck teve um final súbito e desagradável para Simonsen. Assim que os planos para a campanha na mídia foram feitos e todos podiam relaxar e se divertir, ele recebeu uma ligação do hospital Herlev, onde uma enfermeira do setor de cirurgia ortopédica havia encontrado seu cartão. Pediu licença e saiu imediatamente.

Chegou lá por volta de meia hora depois. O paciente, aquele que não era um amigo seu, estava dormindo um sono agitado. Simonsen o observou e balançou a cabeça quando, depois de algum tempo, sua visão se ajustou à luz fraca do quarto. O edredom azul-claro foi retirado de cima do homem adormecido e a parte de cima da cama foi levantada para que seu tronco ficasse levemente elevado. Tubos saíam do nariz do homem. Ouvia-se uma respiração fraca. Um turbante de gaze branca cobria sua testa e um curativo grosso tampava o nariz quebrado, proporcionando-lhe uma aparência macabra.

– Quer saber o que aconteceu ?

Simonsen se virou, assustado. Havia um homem sentado em uma cadeira distante do leito. E, sem esperar por uma resposta, ele começou a contar a história.

– Eram sete ou oito esperando por ele debaixo dos degraus da escada. Alguns seguravam bastões e todos estavam usando botas. Eles me seguraram e o atacaram. Não teve como escapar. Chutaram e bateram sem parar e, em menos de um minuto, estava caído no chão, sangrando e inconsciente.

Simonsen falou, também em voz baixa :

– É horrível, e ele não é o único. A mesma coisa tem acontecido em vários lugares do país inteiro.

– Ainda não ouviu o pior de tudo. Um deles cortou sua testa com um canivete. “Por seus desejos abomináveis, pelas infâncias arruinadas, pela dor que causou”, ele disse. Como num ritual doentio. Os outros pareciam achar que aquilo era demais, mas não fizeram nada para impedir.

– Que frases são essas ? Não entendi.

– São versos de um rebuscado poema ao ódio que pode ser visto em um desses *sites* antipedofilia que estão se multiplicando ultimamente. Não me lembro qual, mas sei essa parte. Foram recitados cinco vezes, correspondendo a cinco números : 5, 6... 7, 10, 20 ! Sua testa está toda retalhada.

A voz do homem ficou fraca.

– Não suporto pensar nisso. Preciso de um tempo.

Simonsen virou as costas para ele. Depois de alguns minutos, o homem falou, no escuro.

– Estou bem de novo.

– Conseguiria se lembrar da pessoa que fez os cortes ?

– Na verdade, era uma mulher, Ora, não passava de uma garota. Nunca vi nada tão horrível ; nem mesmo em filmes. E os homens simplesmente olhavam. Pareciam achar que ela

estava ultrapassando todos os limites ; era quase como se estivessem com medo dela.

O homem olhava, angustiado, para escuridão. A luz fraca do quarto caiu sobre seu rosto melancólico. Acrescentou, confuso :

– Mulheres o tempo todo. Quando foi demitido, com a faca, e essa aqui agora.

– Oh, não ! Foi despedido também ?

– Hoje à tarde. Foi por isso que o levei para casa. Não queria deixá-lo sozinho. Disseram que era uma reestruturação, mas ninguém acreditou. Uma jovem filha da mãe do Departamento de Recursos Humanos teve o prazer de demiti-lo, e aposto que se divertiu com isso. Santo Deus, ela é horrível. Do tipo que acabou de sair de uma escola de Administração de Empresas, onde está sendo apresentada essa coleção de outono repleta de arrogância dissimulada e princípios morais próprios. Até trouxe flores com ela. E sabe sobre o que falou ?

Simonsen balançou a cabeça.

– Inveja.

– Inveja ?

– Num monólogo longo e cheio de autopiedade. Tinha inveja da liberdade que ele estava ganhando, das muitas possibilidades de escolher uma vida nova, do fato de agora ele poder dormir até mais tarde todas as manhãs, da indenização, de todos os tipos de coisas possíveis e imagináveis, como se *ela* fosse a vítima ali. Ele falou sobre o tratamento, com remédios caros, contra desvios sexuais, falou do dinheiro, a maior parte do seu salário, que envia para os filhos todos os meses, sem ter nem notícias deles, falou sobre seu remorso ; sim, implorou e chorou, mas não adiantou absolutamente nada. A bruxa estava, oh, tão solidária, e tão invejosa da sua coragem de demonstrar emoções. As pessoas ao redor sorriam e apreciavam seus comentários desprezíveis. Gente que ele conhecia por 15 anos. Não sei o que dizer, além de que aquelas pessoas...

Sem encontrar palavras, parou de falar. Simonsen também ficou calado, e só se podia ouvir o suave zumbido da eletricidade. Algum tempo depois, o homem tentou novamente.

– Aquelas pessoas e as outras que começaram essa... isso está totalmente errado. Perverso, horripilante, não consigo encontrar outras palavras.

O paciente gemeu, como se quisesse indicar que concordava. O homem ignorou. Simonsen sentiu a exaustão tomar conta dele. Se ficasse ali sentado mais tempo, iria adormecer.

– O que quis dizer com “essa mulher aqui agora” ? Tem mais ?

– Vai saber logo. É quase a pior de todas.

Não foi preciso esperar muito. De repente, uma gargalhada feminina, vinda das caixas de som, tomou conta do quarto, e uma voz, também de mulher, muito alta e aguda, soltou gritos que pareciam vir do além. O paciente acordou e começou a chorar, mas logo adormeceu de novo, pois estava sob o efeito de muitos medicamentos fortes. Simonsen tinha se assustado, e a calma só retornou aos poucos. Sentiu náuseas e repugnância.

– Que diabos foi isso ?

– Acho que é um demônio que pensa que meu colega não merece dormir.

– O que ela grita ?

– Não sei ao certo. Algo como ser a filha da noite, aquela que nunca descansa, e que tem uma fúria eterna. Não consigo entender o resto.

– Isso é loucura. Por que os funcionários do hospital não dão um fim nisso ?

– Já procurei a enfermeira de plantão quatro vezes. E lhe disse umas poucas e boas, mas ninguém sabe de onde vem a voz. Ou, então, não se importam ; podem até estar envolvidos, não sei, mas está muito difícil suportar isso.

Simonsen sentiu um forte, incomum – até extravagante – desejo de bater, não em alguma coisa, mas em alguém. Ir atrás da enfermeira e dar uns murros na cabeça dela ; depois, vê-la fugindo pelo corredor com aqueles horrorosos tamancos amarelos empoeirados. Só para começar.

Logo percebeu que estava com medo. Medo da sociedade oculta que não conseguia descobrir. Da conspiração sem rosto. Do estado de espírito da população, que obedecia às suas próprias leis, e que era assustadora, com seu ódio e, pior, sua indiferença. Na ausência de coisa melhor, esmurrou a parede, frustrado, e chutou um cano do aquecimento, com tanta força que o cano voou pelo quarto. O homem na cama tremeu, nervoso.

– Droga !

Nem ele mesmo sabia se estava se queixando da situação ou do barulho que tinha feito. Depois, tentou com todas as forças pensar em algo mais construtivo.

– Você é o colega dele que pode me ajudar com dados sobre as telecomunicações ?

– Sim, sou eu, e recebi sua mensagem. Hoje de manhã, estava um pouco insensível a isso tudo, mas, definitivamente, não estou mais. Vai ter a ajuda de que precisa.

– E as outras companhias, isto, é, as concorrentes ? Pode me ajudar com relação a elas também ?

– Tenho acesso a todas as informações no setor de telecomunicações. Nós, da segurança, trabalhamos juntos e colaboramos uns com os outros. Mas vou precisar de alguém dos seus para conseguir entrar no registro de cidadãos e coisas desse tipo. Podemos organizar tudo amanhã.

– Fico feliz, mas pensei numa outra coisa, que nem tenho certeza se pode ser feita.

– Diga o que é.

Simonsen falou. O homem não pareceu surpreso.

– Qual é o número em que pensou ?

Simonsen informou o número e o homem tirou um telefone celular do bolso. A luz azul do mostrador iluminou seu rosto. O investigador pôde vê-lo nitidamente, pela primeira vez, e lhe ocorreu que nem sabia o nome dele. Os polegares do homem eram ágeis como os de um adolescente, e quando terminou de digitar, moveu a cabeça para cima e para baixo algumas vezes.

– A polícia espionando nossa imprensa livre... Que tempos, que tempos !

Sua voz assumiu um tom inapropriadamente humorístico e Simonsen entendeu isso perfeitamente. Era uma maneira de manter a brutalidade a distância. Superar o desespero e mandar as três mulheres de volta para o inferno, de onde nunca deveriam ter saído. Na meia-luz, fez um gesto teatral, aliviado.

– Sim, temos uma nova situação.

Anni Staal estava esperando por Konrad Simonsen.

Apenas alguns minutos antes, Anita havia ligado e falado que seus esforços, mais cedo, haviam rendido bons resultados.

– Praça da Prefeitura, 2 horas da tarde, e Simonsen só tem cinco minutos.

Anita tinha desligado antes que Anni pudesse falar uma palavra que fosse ; portanto, não podia fazer nada, a não ser comparecer ao encontro. Estava se questionando se havia entendido mal a mensagem, quando viu o inspetor chefe caminhando na sua direção. Parecia exausto, e não gastou tempo com gentilezas desnecessárias.

– Sinto pelo local, mas tenho uma tarefa a cumprir aqui perto e, na pressa, foi o que pensei. Mas vamos deixar isso para lá. Ouvi dizer que quer uma entrevista, e longa, sobre o caso que estou investigando.

Anni sorriu, contente. Era um começo promissor.

– Sim, quero, e gostaria muito que aceitasse. Somos úteis um para o outro.

– Talvez esteja certa, embora eu tenha de admitir que demorei algum tempo para ver sentido nessa aliança. E devo deixar claro que sua linha de trabalho, em geral, não me agrada nem um pouco ; detesto, em particular, o tratamento que dá à minha investigação.

A jornalista esquivou-se da reprovação com um sorriso curto e cínico, e falou :

– Mas sabe que a polícia está com um problema de imagem pública.

– Que você ajudou a criar.

– Então será bom expor seu ponto de vista.

– Acho que sim, mas tenho algumas condições, e essa é uma situação de “pegar ou largar”. Não estou disposto a fazer nenhuma negociação.

– Estou ouvindo.

– Quero um documento formal – assinado por nós dois, seu chefe e alguém do setor administrativo, que diga que não tem permissão para publicar uma frase que seja da entrevista, antes que eu tenha lido tudo e autorizado por escrito. Pode ser que eu não permita que escreva nada que disser, direta ou indiretamente, e, se fizer isso terá que doar cinco milhões para a Cruz Vermelha.

Anni não pensou muito na proposta, antes de dizer :

– Não tem muita confiança em nós.

– Acho que a única coisa que você respeita é dinheiro, principalmente o que sai do seu bolso.

– Até o fim do dia, o documento estará em sua residência.

– Ótimo. Ponha na caixa de correio ; não estarei em casa. Amanhã às 10 horas no *Dagbladet* ?

– Que tal na sua casa ? É mais reservado.

– Só pode estar doente.

– Não muito. Se quiser sensibilizar as pessoas, tem de convidá-las a conhecer sua casa. Isso proporciona uma oportunidade melhor de se apresentar de uma forma mais humana, ou seja, vão ver que não tem apenas cérebro, tem coração também. Acredite, sei o que estou dizendo.

Anni cruzou os dedos. A ideia era interessante, mas os argumentos pareciam bastante banais. Demorou um bom tempo ele para responder.

– Na minha casa, às 10 horas, e nada de fotografos.

– Maravilha. Às 10 na sua casa, e o fotógrafo só fará um único retrato de nós dois conversando ; depois irá embora. Juro pelo túmulo de minha mãe.

Simonsen acenou a mão, irritado, e ela considerou isso como um consentimento.

Ninguém poderia acusar Anni de dormir sobre os louros da vitória. A entrevista exclusiva com Konrad Simonsen era uma grande vitória, mas, de volta à redação do jornal, ela deixou esse pensamento de lado, e nas horas seguintes se concentrou na edição do dia seguinte. Por exemplo, recusou a proposta de um artigo feita por sua estagiária, e com isso descontou sua má conduta ao telefone mais cedo. Anita tinha colocado a proposta em cima da mesa da chefe.

– Pode jogar isso fora.

A estagiária olhou, furiosa. A rejeição não era uma surpresa.

– Ao menos leu a proposta ? A testa dele foi coberta de navalhadas enquanto estava inconsciente.

A voz de Anni Staal foi fria e sua escolha de palavras foi até mais cínica e provocativa do que ela realmente pretendia.

– Não me interessa saber se arrancaram seu caralho. Essa proposta não se encaixa na nossa linha de trabalho, e sabe muito bem disso. Não é o que as pessoas querem ler, meu bem... Isso não vai ser publicado.

Anita se levantou, e sua voz saiu estridente.

– Não sou seu *bem*, e deveria prestar mais atenção. Nem sempre as coisas são como parecem. Se for descoberto que o motivo dos assassinatos é algo bem menos nobre do que vingança sobre pedófilos... bom, aí a bomba vai cair na sua cabeça. Apenas aguarde até seu amado público começar a procurar outro bode expiatório. Sei de pelo menos uma pessoa que vai ter de admitir publicamente que estava errada.

Anita Staal estava alterada, mas começou a perceber isso, principalmente porque vários colegas tinham parado tudo para observar a discussão. Mesmo numa redação de jornal, onde a linguagem usada é geralmente curta e grossa, a fala da estagiária tinha passado dos limites aceitáveis. Mas não foi o insulto que perturbou a jornalista.

– O que quer dizer com isso ? Explique-se.

Explicar-se não era uma coisa que Anita queria fazer. A moça simplesmente pegou sua bolsa e foi embora, mas antes falou :

– Estou protegendo minhas fontes.

Anni Staal continuou a trabalhar, mas os comentários de Anita ficaram martelando na sua cabeça o resto do dia. Por algum tempo, a perturbaram tanto que pensou seriamente em procurar sua fonte na polícia, mesmo sabendo que ele ficaria furioso. Mas não passou de um

pensamento, porque naquela noite ele ligou por vontade própria, com uma mensagem que, para a jornalista, soou como um *déjà-vu*, considerando o que tinha acontecido naquela mesma manhã.

– No estacionamento do Centro Cívico em Nansensgade, dentro de meia hora. Leve dinheiro em espécie.

Desligou, antes que ela pudesse ao menos confirmar.

Quando Anni Staal chegou, Arne Pedersen estava cochilando dentro do carro. Ela sentou-se ao seu lado.

– Boa noite, meu passarinho cantante. Na rua, assim tão tarde ? Problemas financeiros outra vez ?

Essas palavras doeram, e Pedersen sentiu que a odiava mais do que podia imaginar.

– Olá, Anni. Gostaria que não me chamasse assim. Acho muito desagradável.

Ela se desculpou, deixando claro que reconhecia o erro.

– Não foi minha intenção chateá-lo ; por favor, me desculpe. Mas diga... o que tem para mim ?

– Vai lhe custar cinco mil e terá que esclarecer isso com Simon antes de publicar qualquer coisa. Meu chefe não passa mais as informações. Não confia mais em ninguém, a não ser em Kasper Planck ; nem em mim. Está totalmente paranoico. Esse caso está acabando com ele. O clima no QG está horrível.

Achou que a descrição não era totalmente falsa.

– Cinco mil é muito dinheiro.

– Talvez, mas o que vou contar vale ainda mais. Cinco viagens à Tailândia, a 24 mil cada, mais cinco vezes 20 mil em espécie ; até aí, quase 250 mil. Some a isso três cartões de débito, cujas senhas o dono estava mais do que disposto a compartilhar. O trabalho com a motosserra custou mais 110 mil. Além disso, na conta bancária de Frank Ditlevsen em Zurique havia por volta de dois milhões. Ou seja, a soma total beira dois milhões e trezentos mil, e isso só nas primeiras descobertas. Estão chegando novas informações o tempo todo. Tive acesso às contas bancárias de duas das vítimas. Lembre-se de que morreram há duas semanas, e a data parece bem próxima do dia do último saque, como pode ver nestes documentos. Mas olhe e devolva ; se publicar isso, vou ser crucificado logo em seguida.

Anni Staal examinou os extratos bancários. Sua voz mostrava entusiasmo, quando os devolveu.

– O que isso significa ?

– Foi latrocínio. Homicídio com objetivo de roubo.

– Do que está falando ? Roubo ?

– Esqueça tudo sobre uma vingança nobre. E toda essa comoção nacional é completamente sem fundamento. O motivo real foi ganância, simplesmente ganância.

– Mas isso é terrível. Tem certeza do que está dizendo ?

– Total, não. Só 80 por cento, mas sim, é a verdade. Pode tentar fazer com que Simon confirme, pois posso lhe dar outra informação, e essa será de graça. Vai poder entrevistá-lo ; acabou de me dizer isso.

– Já fez contato. Vou encontrá-lo amanhã de manhã.

– Bom, então já está até agendado. Sabe também que ele vai a Riga, capital da Letônia,



nesse fim de semana ? Os traficantes que trabalhavam com o vendedor de cachorros-quentes são da máfia dos países bálticos ; e ele tentou enganá-los. A polícia da Letônia prendeu um deles ontem e acho que vão fazê-lo abrir a boca em pouco tempo. Os métodos que usam são mais convincentes que os nossos, digamos assim.

Anni Staal franziu as sobrancelhas. Não tinha nada de boba.

– Por que manter segredo ?

– Simon está reunindo provas discretamente, enquanto todos acham que o motivo foi... política sexual. Nem mesmo Helmer Hammer foi informado sobre isso, tenho certeza. Acho que Simon quer dar uma lição no país. Só isso. *Vão quebrar a cara*. São palavras dele. Foi o que disse a Planck outro dia. Não entendi quando falou pela primeira vez, mas acho que agora compreendo. E é claro que quer ter 100 por cento de certeza antes de tornar isso público, já que nossa credibilidade está baixa e metade do país acredita que estamos escondendo informações sobre a pedofilia das vítimas.

– Mas, mas... Tenho muitas perguntas. Per Clausen, por exemplo, o zelador ; onde é que ele entra ?

Pedersen estava esperando essa pergunta. Respondeu calmamente.

– Era um idiota útil, que finalmente entendeu a verdade. Mas aí já era tarde demais. Os corpos estavam nas macas e os traficantes já tinham sumido. Por que acha que se suicidou ?

Anni Staal concordou, de má vontade.

– E o homem do cachorro-quente ? Matou o próprio irmão ?

– Sentiam ódio mortal um pelo outro. Ambos tinham problemas emocionais.

– Mas, então, como o cara do cachorro-quente foi morto ? Quer dizer... toda aquela história da árvore... por que aquilo ? Estão todos se perguntando isso.

Pedersen sorriu, malicioso, e pensou até sua cabeça doer. Não haviam previsto essa pergunta.

– Pode não conhecer, mas há um provérbio na Letônia que ajuda a entender a mensagem : “Uma flor é outorgada ao que se mantém fiel, o traidor é detido pelo galho”. Vem de uma tradição ortodoxa russa. Mas, diga, as informações não valem cinco mil coroas ?

A jornalista não respondeu imediatamente. Ficou pensativa, tentando decifrar o que ele havia dito. Finalmente, disse :

– Caramba ! Cabeças vão rolar. Sim, valem cinco mil.

Pedersen sorriu, tranquilo.

A Condessa estava sentada, pensativa, examinando o quadro branco. Estava pendurado bem perto da sua mesa de trabalho, e ela tinha empurrado a cadeira para ver bem os quatro nomes que tinha escrito com sua letra de colegial – caprichada, e quase impessoal : *Per Clausen, Stig Åge Thorsen, Helle Smidt Jørgensen, Erik Mørk*.

– Tem certeza, Condessa ?

Ela se virou, assustada. Konrad Simonsen havia entrado sem que ela percebesse. Ele parecia realmente exausto e a Condessa nem imaginou que se poderia dizer o mesmo dela.

– Sim, tenho certeza. Por vários motivos, mas principalmente por causa dos diários que Helle Smidt Jørgensen manteve por vinte anos. Sempre uma agenda da marca Mayland, ano após ano, variando apenas a cor da capa. Poul estudou todos minuciosamente.

– A morte dela foi quase um golpe para nós. Tem certeza de que foi morte natural ?

– Sim, absoluta. Foi um infarto fulminante, provavelmente causado por estresse, álcool e medicamentos. Chegamos dois dias tarde demais. Mas não há dúvidas de que participou dos assassinatos, e Poul concorda com isso.

– Ouvi dizer que ele foi para casa.

– *Rastejou* é uma palavra melhor. Parecia um cadáver. Deveria ter ficado na cama ontem. Mas e você ? Parece cansado. Promete que vai se alimentar adequadamente ?

Simonsen deu de ombros. Havia comido o jantar de Planck na véspera, mas na última vez que comera em casa, o cardápio era pizza congelada, que ele pôs no forno e esqueceu ali, o que resultou em um terrível gosto de papelão. Apontou para os nomes.

– Aceitaria me passar as suas conclusões ? Tenho uma reunião no centro da cidade em menos de 20 minutos, mas estarei de volta à noite e posso, então, ler seu relatório.

– Vai ter de me perdoar, Simon, mas não consigo imaginar o que pode ser mais importante do que isto. E já que é esse o assunto, o que aconteceu com as reuniões da equipe de investigação ? No momento, você é a única pessoa que tem uma visão global da situação. Eu e os outros só temos um quadro parcial. É seu novo estilo de liderança ? Porque, se for, não me importo.

Suas palavras foram mais duras que a sua voz, que era quase triste. Como ele não respondeu imediatamente e, em vez disso, puxou uma cadeira e sentou-se, ela se arrependeu de ter falado daquela forma.

– Isso é apenas parcialmente verdade. Mas está certa. Existe algo que ainda não contei, e foi porque sei que você seria totalmente contra. Ia saber em breve, mas talvez agora seja o momento. Pode vir hoje à noite ? Tarde, por volta da meia-noite ? Pode trazer Pauline, se ela quiser vir.

A Condessa resolveu voltar atrás. Fosse o que fosse, poderia esperar. Era mais importante que Simonsen dormisse um pouco. Não andava fazendo isso com frequência ultimamente.

– Até poderia, mas se for amanhã, vai dar na mesma ; portanto, está livre para retirar a

proposta.

Simonsen encolheu os ombros, meio confuso com a situação. Não sabia se estava sendo criticado ou defendido.

– Para mim, não faz diferença. Vou voltar aqui, de qualquer maneira.

– Vai falar com o anônimo *expert* em computadores que tomou o lugar de Malte ? Aquele a quem deu permissão para circular por aqui sozinho, às vezes ?

Era uma pergunta irônica.

– Na verdade, não. Vou ler relatórios.

– Acho que vou retomar a investigação mais tarde.

Ele mudou o assunto e apontou para o quadro branco.

– Antes de sair, gostaria que me relatasse os pontos principais. Estou vendo que incluiu Erik Mørk no grupo dos justiceiros.

A Condessa sorriu por causa da palavra que ele usou. Era uma boa escolha. Depois pegou um dos diários de Helle Smidt Jørgensen e olhou algumas páginas que Poul Troulsen havia marcado com *post it*.

– 6 de maio de 2005, Per, 20 horas ; 11 de outubro de 2005, Per, 19h30 horas ; 2 de novembro de 2005, Erik, 20 horas ; e por aí vai, e vai. São 63 anotações desse tipo, geralmente uma por semana, com exceção dos períodos de férias. A primeira é de 3 de fevereiro de 2005, e a última é de 26 de setembro deste ano, e desde o verão a frequência dos encontros aumentou. Ela só registra o primeiro nome, que vai mudando : Per, Erik, Stig. Se a reunião é na casa dela, só põe uma estrela, o que aconteceu nove vezes. É claro que há outros encontros e primeiros nomes, mas nada com essa regularidade. E Jeremy Floyd está lá também. Seu nome aparece 22 vezes, exatamente 18 meses antes de começarem os encontros semanais, ou seja, da primavera de 2003 até o começo de 2004. Ela sempre escreve o nome dele como JF. Tudo encaixa perfeitamente. Fiz uma lista.

– Sobrenomes, endereços, números de telefone, *e-mails* ?

– Nada, infelizmente. Poul leu os diários quatro vezes ; eu li duas. Algumas páginas foram arrancadas ; pode ter sido com o objetivo de não deixar pistas.

– E o tal de Alpinista ? Nada de encontros na casa dele ? Nem referências a ele ?

– Não, nada ; isso pode significar que não tinha uma residência, ou que morava muito longe. Stig Åge Thorsen, em Kregme, só recebeu os outros três vezes, provavelmente por causa da distância. Mas há duas anotações particularmente interessantes. O fim de semana de 8 a 10 de setembro deste ano : *cavando na casa de Stig e cozinhando* ; e 10 de dezembro de 2005 : *jantar de Natal (às custas de Erik), reserva de mesa para cinco pessoas, 19 horas, restaurante Hjørnekroen, Nørrebrogade, 23*. Pensei que o quinto participante pudesse ser o médico ; então, liguei para Emilie Mosberg Floyd. Foi meio constrangedor, mas falei com ela. Disse que ele nunca participaria de um evento particular de seus clientes, o que era algo que eu já supunha que ela diria, mas o fato é que ele já havia morrido meses antes do tal jantar.

Simonsen fez um gesto com a mão direita para ela se apressar e olhou para o relógio. A Condessa falou num ritmo mais rápido.

– Erik Mørk é o do anúncio sobre ter sofrido abuso sexual quando criança ; sua empresa administra o *site* WeHateThem.dk com um profissionalismo impressionante. O portal é constantemente atualizado, e já teve quase 25 mil acessos até agora, apesar do tom claramente

agressivo. “Você não deve se envergonhar, eles devem se envergonhar. Você não deve esconder, eles devem esconder. Você não deve temer, eles devem temer.” E por aí vai. Entre outras coisas, mostraram o tal anúncio com as vítimas sexuais da viagem de férias a Chiang Mai, na Tailândia ; aquele que encontramos na bolsa secreta de Thor Gran, e que acho que devemos descobrir como tiveram acesso a ele. Minha suposição é que foi Erik Mørk quem fez o tal anúncio.

– Interessante. Mais alguma coisa ?

– Mørk transformou toda a sua empresa em um grupo de incentivo ao ódio, com a missão de incitar a população contra a pedofilia.

– Sabemos disso já há algum tempo.

– Sim, não é nada de novo. A novidade é que Poul e eu conseguimos fazer uma ligação entre ele e o crime, e uma das mais importantes conexões é isto aqui, veja. Esta é uma lista dos clientes de pornografia infantil que encontramos no disco rígido do computador de Frank Ditlevsen. As outras três são listas que, certamente, a empresa de Erik Mørk enviou para pessoas particularmente ativas que apoiam a sua missão. Correligionários que, quando têm acesso aos nomes e endereços, parecem saber exatamente o que fazer com pedófilos que moram na sua área. Essa é a razão principal da violência. Preste atenção aos erros de ortografia.

Simonsen examinou a lista minuciosamente, enquanto a Condessa explicava.

– Bjarne Anton *Adersen*, em vez de *Andersen*. Hans *Orne* Nielsen, no lugar de Hans *Arne* Nielsen. *Pale* Henriksen, e não *Palle* Henriksen. São as mesmas listas, Simon, e o que é ainda melhor é que é difícil arrumar uma explicação convincente perante o Tribunal de Justiça.

– Está certa. Parece bem interessante.

– Também precisa saber que WeHateThem.dk está fazendo tudo o que pode para divulgar a entrevista *on-line* de Stig Åge Thorsen amanhã à noite. Não ficaria surpresa se isso se tornasse um evento nacional.

– Ele pode ter se unido ao... movimento.

– É. Mas tem mais. Temos uma cópia impressa dos números de telefone dos quais foram feitas ligações para a escola Langebæk na semana passada, ou seja, quando as pessoas ainda queriam nos ajudar e, sendo assim, é válida. Mørk ligou para o local de trabalho de Per Clausen duas vezes e Stig Åge Thorsen ligou uma vez. O primeiro é executivo da publicidade e o outro é fazendeiro ; os dois se encaixam perfeitamente na lista de profissões que Emilie Mosberg Floyd ouviu de Per Clausen.

– Ótimo. Você e Poul fizeram um bom trabalho. Não deixe de informar Arne e talvez ele possa ajudar vocês na elaboração do relatório.

– Já falei com Arne, mas não consigo achar Planck. Deixei uma mensagem na secretária eletrônica. Sabe do paradeiro dele ?

– Sinto muito, nem me lembrei de falar. Está doente, ou melhor, com estafa. Não tem mais energia para vir aqui. É só o que tenho a dizer.

– Claro, entendo. O que acha de intimarmos Erik Mørk ?

Simonsen demorou um pouco para responder. Queria ficar lá um tempo e conversar com ela sobre isso e aquilo, nem que fosse para descumprir sua agenda tão apertada. Estava se

sobrecarregando muito, talvez por orgulho, ou porque superestimava a própria importância. Olhou para o relógio novamente e perdeu a ilusão. E como saber se ela estaria disposta a isso ?

– Sinto muito, me distraí.

– Estou perguntando se acha que devemos intimidar Erik Mørk.

A ideia de pôr as mãos em um dos que fotografaram sua filha deixou rastros. A boca de Simonsen desejou ardentemente um dropes de alcaçuz. Tirou a embalagem, quase vazia, do bolso, pôs os três últimos na boca e olhou para o chão, para esconder sua fúria. Depois respondeu.

– Não, não quero que mais ninguém seja intimidado, a não ser que haja uma acusação que justifique isso. Da próxima vez que vierem, ficarão impedidos de voltar para casa durante muito tempo, muito tempo mesmo.

– Certo.

A Condessa o observou longamente. Achou que talvez estivesse sobrecarregado ; provavelmente estava se envolvendo mais do que deveria. O certo é que Simonsen sabia o que estava fazendo.

Uma mulher jovem estava andando discretamente na praça em frente à prefeitura no centro de Copenhague, tentando se esconder atrás de pedestres e de carros estacionados. Finalmente, chegou bem perto do homem que queria surpreender, e que estava olhando para o outro lado. Parou atrás dele, pôs o dedo no seu pescoço e disse :

– Pow ! Está morto !

Malte Borup olhou para ela.

– Ei, Anita. De onde você surgiu ?

– Caí do céu. É um péssimo policial espião, se considerarmos como foi fácil pegar você de surpresa, assim, sem nenhum problema.

– Não sou um policial espião.

– Seja lá o que for. Não duraria muito tempo. Mas venha cá, lembre-se de que somos um casal.

Pôs a mão ao redor da cintura dele e o puxou.

Os dois haviam sido apresentados por volta de 8 horas antes e Anita tinha a sensação de que se conheciam havia anos. Sentira isso na primeira vez que pusera os olhos sobre ele. Tinha sido no McDonald's da Strøget em Copenhague.

Já estava sentada quando Arne Pedersen e Malte Borup chegaram. Assim que os viu, levantou-se e os cumprimentou. Para sua própria surpresa, Pedersen recebeu um abraço. Depois ela olhou para o seu parceiro. Era simpático. Fez uma reverência sedutora e estendeu a mão.

– Sou Anita Dahlgren, estagiária em um jornal. Deve ser o gênio da espionagem computacional.

Malte Borup retribuiu o cumprimento e pareceu não se importar com o título.

– Sim, sou eu. Meu nome é Malte.

Sentaram-se e compartilharam os três refrigerantes que os dois haviam trazido. Pedersen os advertiu :

– Devem estar conscientes de que estão fazendo uma coisa ilegal e que fazem isso por vontade própria. Essa é outra forma de dizer que, se forem descobertos e tudo cair por terra, simplesmente negaremos qualquer envolvimento. Não é justo, mas é como são as coisas.

Os dois jovens acenaram com a cabeça e Malte ainda acrescentou um curto “sim”. Anita pôs as mãos sob o queixo e olhou profundamente nos seus olhos.

– Quanto tempo vai durar a instalação ?

– Um minuto no computador remoto, 10 minutos no seu computador e de um a cinco minutos para você aprender o programa.

– Provavelmente não mais que 30 segundos. Sou rápida.

Pedersen teve de cutucá-la no ombro para que olhasse para ele de novo. Depois, perguntou :

– Como vão entrar ?  
– A ideia é usar a porta. É por isso que somos namorados. Não se lembra do que Kasper falou ?

Malte olhou para Pedersen, espantado.

– Como ? Namorados ?

Anita perguntou, bruscamente :

– Não explicou para ele ?

– Na verdade, não. Achei que seria melhor você explicar essa parte. Pareceria mais real. Acho também que podem fazer isso sem mim e, portanto, estou indo embora agora. Só vim mesmo para apresentá-los. Podem beber meu refrigerante, nem toquei nele.

Levantou-se e saiu rapidamente, enquanto o olhar de Anita atravessava sua jaqueta e o queimava vivo.

Malte tentou de novo.

– Namorados ?

– Sim, sabe como é... andando de mãos dadas, e cheios de carinhos e delicadezas um com o outro. Tem namorada ?

– Namorada ? Não, não tenho.

– Isso é bom. Também não tenho namorado. Agora somos um casal.

– É, ok. Sim. Quer dizer, obrigado...

Anita sorriu para ele.

O porteiro os cumprimentou.

– Olá, Anita ! Já é tarde. Esqueceu alguma coisa ?

– Sim. Preciso imprimir alguns arquivos. Você não tem aí um crachá de visitante para o meu namorado entrar comigo, tem ? Estou muito apaixonada por ele e posso perdê-lo se ele congelar aqui fora enquanto me espera.

– Não precisa disso. Não se preocupe. Podem entrar.

Caminharam calmamente até o elevador. Quando estavam subindo, Malte perguntou :

– Não gosta da sua chefe ?

– Nem um pouco. Ela é simplesmente... argh ! Tão má, tão desagradável !

– Argh ? Má, desagradável ?

– Exatamente.

Logo depois, Anita acrescentou :

– Sou uma militante radical. É necessário, quando se quer ser um bom jornalista.

Malte concordou, sério, e ela lhe deu um tapinha no ombro.

– Era brincadeira, seu bobo ! Não percebeu ?

– Não, sou lento na compreensão, exceto quando se trata de tecnologia.

Os próximos minutos confirmaram o que Malte havia dito. Em muito pouco tempo, os programas foram instalados no computador de Anni Staal, assim como no de Anita.

– Já está pronto, pode testar. Se acessar o seu navegador e escrever “Garfield” no campo url... nada de www ou http ou qualquer outra coisa, apenas “Garfield”, o *browser* vai mostrar a tela do outro computador e você poderá ver o que ela está fazendo. Se alguém chegar, basta

pressionar a tecla de “espaço”. Está acompanhando ?

– Sim, perfeitamente. Garfield e tecla de “espaço”.

– Exatamente. Se escrever “Garfield barra código”, poderá ver a identificação e a senha dela, mas só depois da próxima vez em que ela se conectar. Lembre-se de que é uma barra, e não uma contrabarra. Depois disso, poderá se conectar como se fosse ela. Na sua própria máquina, e até mesmo quando ela estiver usando a dela, se quiser. E poderá ler os *e-mails* dela. Ou mandar *e-mails* no nome dela.

– Garfield barra, e não contrabarra, código e roubo a identificação e a senha dela.

– Isso mesmo. Se quiser se conectar como se fosse ela, deverá reiniciar o seu computador com este CD no *drive*. Não vai notar nenhuma diferença, mas isso vai lhe garantir que depois ninguém poderá saber qual computador você usou.

– CD espião se quiser me conectar como se fosse ela.

– Isso. E agora, a última coisa. Se pressionar “Ctrl Alt Esc”, tudo que instalei será apagado e ninguém saberá o que andou fazendo. Por outro lado, isso também quer dizer que não poderá mais usar os programas. E isso é irreversível.

– Ctrl Alt Esc, e serei pura como uma santa.

– Entendeu perfeitamente.

– Isso foi rápido.

Anita se levantou e lhe deu um beijo, que não foi exatamente rápido.

– Por que fez isso ? Não há ninguém aqui.

– É melhor prevenir.

Sorriu docemente e ele retornou o sorriso, timidamente.

O relógio da prefeitura badalou meia-noite sobre os telhados da cidade e um novo dia começou.



Simonsen estava limpando a casa. Considerando a aparência da sala de visitas, o encontro com Anni Staal vinha numa hora tão inapropriada quanto possível. Ele tinha uma faxineira duas vezes por mês, aos domingos, o que significava que já estava com pelo menos 10 dias de bagunça e poeira. Assim, se quisesse parecer digno para os milhares de leitores do *Dagbladet*, o aspirador de pó era sua única opção. Mas a atividade foi bruscamente interrompida por uma meia que invadiu o bocal e bloqueou a entrada de ar, o que ele entendeu como um claro sinal – das mais altas autoridades – de que até as coisas boas podem ser excessivas. Parou. Não havia razão para chegar ao outro extremo e acabar parecendo patologicamente limpo.

Logo depois disso, a campainha tocou e o homem do hospital estava na sua porta.

– Bom dia, senhor Simonsen. As coisas aconteceram mais rapidamente do que imaginei. Seu colega de trabalho é talentoso, e com a experiência adequada, será muito bom no futuro, mas por enquanto precisa terminar seus estudos.

Simon fez um sinal para que ele entrasse. O homem parou no *hall*, sem fazer qualquer movimento que indicasse que tiraria o casaco. Estava segurando um envelope.

– Encontramos 41 homens que fizeram mais de um contato com a central telefônica do Hospital Nacional no período de 2002 a 2005, e viveram no Condado de Trundholm, entre 1965 e 1980. Se presumirmos que é o mesmo homem, entre os 25 e os 40 anos de idade, e que não foi admitido no Hospital Nacional, a lista pode ser reduzida a quatro, dos quais um saiu do país no outono de 2005 e, sendo assim, pode eliminá-lo. Mas achamos melhor incluí-lo porque morou na mesma vila que os dois irmãos assassinados. É o primeiro da lista.

Simonsen pegou o envelope e agradeceu. O homem prosseguiu.

– E depois, tem isso aqui, que me lembra que sua convidada do *Dagbladet* está atrasada. Teve problemas com o fotógrafo. Ele perdeu a hora e dormiu mais do que deveria. Ainda está em casa.

O homem tirou um telefone do bolso. Simonsen falou :

– Parece que seus truques técnicos estão funcionando bem.

– Claro que sim. É mais fácil do que imagina, se tiver conhecimento e acesso adequados. Ele toca toda vez que o telefone celular dela faz alguma conexão com outro telefone, independentemente de quem está ligando para quem. E aí você escuta a conversa. Nem ela nem a pessoa com quem está falando podem ouvir você, e quando a conversa acaba ou você não quer mais ouvir, basta desligar. Mas não pode usá-lo como um telefone normal. Não vai funcionar.

– Existe algum risco de ser descoberto ?

– Da minha parte, não ; seria eu mesmo quem descobriria. Em termos de risco, você é o lado fraco e, por isso, quando acabar esse caso, vou querer esse aparelho de volta.

Simonsen sorriu, irônico.

– É claro que ter uma coisa como essa à mão facilitaria muito o meu trabalho.

O homem respondeu, seco :

– Ora, tem que pensar grande. Seria muito mais esperto instalar um *chip* em cada cidadão e, assim, o Estado poderia tomar conta de todos nós.

Apesar do exagero, suas palavras enfatizavam o caráter do que estavam fazendo, e nenhum dos dois fez qualquer outro comentário.

Naquele momento, a cópia do telefone de Anni Staal tocou e o homem o entregou a Simonsen, que o usou pela primeira vez elegantemente. Ficou ouvindo, e uma súbita e rara preocupação com a ética fez com que virasse as costas para o seu visitante. Foi uma ligação breve. O fotógrafo havia sido substituído por um mais saudável e a jornalista já estava a caminho.

A interação inicial entre Simonsen e a repórter criminal do *Dagbladet*, Anni Staal, foi nitidamente tensa. Assim que chegaram, o fotógrafo fez o seu trabalho e foi embora. Os dois adversários ficaram a sós, sentindo-se meio constrangidos. Mas dentro de pouco tempo, descobriram vários interesses em comum – apesar das diferentes opiniões sobre eles – e os primeiros 15 minutos foram gastos com bate-papo. A atmosfera de nervosismo deu lugar a uma espécie de amabilidade velada e, de vez em quando, se pegavam sorrindo.

Depois, deram início ao trabalho. Anni sugeriu um diálogo dividido em duas partes.

– Podemos começar reunindo dados para o seu perfil. Eu pergunto, você responde, e depois escrevo tudo. A seguir, podemos fazer a clássica entrevista sobre o caso que está investigando ; no artigo, coloco suas palavras entre aspas, sem editar.

Simonsen concordou e na hora que se seguiu falaram livremente sobre ele e seu trabalho. As perguntas dela demonstravam um impressionante conhecimento sobre o assunto e, embora o enfoque fosse banal e com um tom de fofoca, seu profissionalismo merecia respeito. Entretanto, Simonsen não relaxou nem por um segundo ; em parte, porque tinha sua própria agenda secreta para seguir e, também, porque sentiu que por trás daquela fachada cordial estava o tempo todo sendo testado.

As perguntas dela o deixaram incomodado só duas vezes.

– Às vezes consulta parapsicólogos. Acredita em fantasmas e espíritos ?

O assunto era um campo minado, mas ele conseguiu sair mais ou menos ileso. Discutiu o uso sério e equilibrado de videntes, e citou exemplos de casos em que a ajuda dessas pessoas havia sido útil.

O segundo tópico que o deixou constrangido foi seu relacionamento com a mídia.

– No nosso meio, você é tido como arrogante e nada cooperativo. Está sempre nos evitando e geralmente é rude conosco. Por que age assim ?

Em vez de se lançar em uma longa explicação sobre sua forma de encarar o crime, o entretenimento, as vendas de jornais e os índices de audiência de programas, apenas confessou francamente :

– Esta é uma de minhas fraquezas. Sou bem melhor em investigações do que em comunicações.

E então não havia mais o que ser dito sobre aquilo.

De repente, aconteceu algo que poderia ter sido fatal. O telefone celular de Anni Staal tocou ; ela pediu desculpas e atendeu. Logo em seguida o telefone cópia, que estava no peitoril da janela, tocou também. Simonsen o desligou, apressadamente. Anni Staal não percebeu nada, e quando estava pronta para recomeçar, o investigador havia ido à cozinha e se acalmado. Voltou e terminou a frase que estava falando quando fora interrompido.

– Mas, como disse, algumas vezes uma investigação pouco consistente acaba em processo e condenação, enquanto outra conduzida com muito cuidado e muita habilidade não dá em nada. Ou aprende a aceitar isso ou esquece que o trabalho é injusto. E, daqui a pouco, você vai ganhar um café.

Anni Staal acenou com a cabeça, pensativa.

– Isso é bom. De minha parte, preciso reduzir o consumo. Tomo umas 20 xícaras por dia. Muito bem, a entrevista foi ótima. Acho que já tenho material suficiente. Quer acrescentar alguma coisa ? Acha que está faltando alguma informação ?

– Não quero que mencione o nome da minha filha. Ou melhor, quero que a deixe completamente fora disso.

Anni Staal concordou, estendeu a mão e desligou o gravador.

– Compreendo perfeitamente. Não se preocupe. Não vou mencioná-la.

Simonsen pegou um dropes de alcaçuz e pôs na boca. Depois rosnou :

– Nunca se sabe que tipos de animais pervertidos estão à solta lá fora.

– Perdão ; o que disse ?

As palavras haviam escapado de sua boca. Ele limpou a garganta.

– Não foi nada. Obrigado por deixar minha filha de fora.

– Não há por que agradecer.

Ele sorriu, demonstrando mais segurança do que realmente sentia.

– Então vamos ao caso atual, isto é, o tão famoso assassinato. Como falei, penso que trataremos isso como uma entrevista normal ; eu pergunto, você responde, e eu publico exatamente o que disse.

– Tudo bem, assim está bom para mim.

Ela pegou outro *tape* na bolsa e retirou o filme plástico. Geralmente, usava gravador digital, mas um gravador de fita magnética possibilitava pausas mais naturais, e era disso que precisava ali. Antes de inserir o *tape*, escreveu alguma coisa no papel que acompanhava a embalagem. Depois explicou :

– Estou usando um bom e velho gravador de fitas hoje. Minha maravilha digital está estragada, de uma forma que nenhum dos rapazes da tecnologia da informação consegue consertar.

– Sei como é. A maioria do meu pessoal prefere o velho gravador de fitas às suas nada confiáveis versões digitais.

O tom de Simonsen era informal, assim como o dela, mas por dentro ele sentia a tensão crescer ; o investigador, então, recostou-se no sofá, simulando calma. Em seus pensamentos, tinha gastado um bom tempo ensaiando como abordaria vários pontos. Especialmente em relação às causas financeiras para o assassinato dos pedófilos, conforme Pedersen tinha explicado para ela. Também pensou em como agir caso ela não trouxesse essas informações à

conversa. Finalmente, havia tentado afastar esses pensamentos, o que era praticamente impossível, pois ficavam andando em círculos, sem nenhum resultado útil.

Talvez porque havia pensado em todas as hipóteses inúmeras vezes, Simonsen pôde responder às primeiras perguntas, aparentemente inocentes, com facilidade. Porém, mais tarde, quando recapitulou tudo, não teve nenhuma dúvida de que as perguntas haviam sido cuidadosamente formuladas e suas respostas estavam bem longe de serem isentas de consequências.

– Diga, foi ideia sua concordar em me conceder uma entrevista ?

Anni Staal tinha ido direto a uma falha do plano de Kasper Planck. Se ele sabia que o motivo do crime era financeiro, e todos – especificamente a imprensa de tabloides, que ele odiava – estavam pensando na direção errada, não haveria razão para ele se preocupar em melhorar sua imagem perante o público, e muito menos perante a jornalista. Na verdade, seria mais esperto se deixasse o *Dagbladet* por fora de tudo até o promotor encontrar provas suficientes para o crime de latrocínio.

Cerrou os dentes, como se estivesse reprimindo uma fala amarga.

– Não, não totalmente.

– Helmer Hammer ?

Encolheu os ombros. O que podia fazer senão defender-se ? Depois acrescentou :

– Se me perguntar isso com o gravador ligado, vou dizer que a ideia foi exclusivamente minha. Entretanto, este “aperto de mãos” foi ideia minha, mas meu chefe aprovou sem nenhuma objeção.

Anni Staal sorriu, compreensiva. Também tinha padrões que deveriam ser obedecidos. Ele se levantou, buscou o café, encheu duas xícaras e sentou-se novamente. A convidada agradeceu e ligou o gravador.

– Vamos direto ao assunto. Se não entender alguma pergunta, vamos discuti-la antes de responder.

Ele concordou.

– Está ótimo.

– O ponto central : é verdade que o motivo dos assassinatos dos pedófilos é dinheiro, e que estamos falando simplesmente de matança por motivos financeiros ?

Simonsen derramou metade do café sobre a perna da calça. Foi convincente, mas doeu para valer.

Arne Pedersen estava em maus lençóis. As duas mulheres para quem estava se explicando não queriam escutar com muita atenção. Com atitudes sarcásticas e pequenos comentários cétricos, estavam mais do que dando dicas de que suas palavras não surtiavam o efeito desejado. “Imbecil” e “cabeça de bagre” não eram palavras que traziam uma contribuição positiva para a conversa. Continuou dando o melhor de si e ninguém poderia acusá-lo de não tentar executar a tarefa árdua que seu chefe lhe havia atribuído. Concluiu sua explicação com um detalhe adicional, enumerando as razões pelas quais havia sido necessário mantê-las “no escuro” por mais de um dia e, em certos contextos, por um tempo ainda maior.

Os olhos da Condessa brilhavam de raiva e ele se concentrou em Pauline, até que ela mostrou a língua para ele. A partir daí, passou a olhar para o teto. Quando finalmente se calou, nenhuma de suas ouvintes falou nada imediatamente, e por uns momentos Pedersen teve esperanças de que a conversa estivesse encerrada e de que poderia voltar ileso para o seu escritório. Mas esse otimismo era totalmente fora da realidade. A voz da Condessa assumiu um tom exagerado, como se estivesse repreendendo uma criança.

– Foi Simon que mandou você aqui com essa conversa fiada ? Não é homem o bastante para nos falar isso pessoalmente ? Por que não apareceu ? Essa entrevista não pode durar o dia todo.

– Ele não vem. Vai ficar em casa o resto do dia... Caramba, Pauline, pare com isso !

Pauline havia enchido a mão de cliques e os estava jogando, um a um, na cabeça dele. Como a distância era pequena, dificilmente errava a mira, e o mais recente havia atingido a testa de Pedersen. A Condessa prosseguiu.

– Em casa ? Está doente ?

– Não, não está doente. Apenas decidiu ficar em casa. Talvez queira refletir um pouco. E pare com esse tom de vítima. Simon sabe o que está fazendo.

– Esse não é o problema. O problema é que *nós* não sabemos o que está fazendo. E você ? Sabe o que ele está aprontando ?

Pedersen teve de admitir a verdade. Estava se perguntando a mesma coisa.

– Não, não sei.

Foi a vez de Berg.

– Explique de novo por que não nos disse isso antes, mas me poupe de suas preocupações ridículas. Se não confia em nós, apenas fale isso. Por que não participamos da reunião na terça-feira ?

– Sabe que não era uma reunião ; foi um jantar. E não há garantias de que nosso plano vai ser bem-sucedido... Oh, pare com isso, Pauline ! Que chatice ! Muitas coisas têm que dar certo primeiro. Mas é lógico que confiamos em vocês. Até agora estão fazendo um trabalho realmente brilhante.

– Idiota !

A Condessa acrescentou :

– Cabeça-dura !

– Abra logo o jogo.

Pedersen olhou para a Condessa. Embora o relacionamento dos dois não fosse muito significativo, ele estava se sentindo incomodado com aquela situação. E era mais fácil lidar com Pauline quando estavam a sós.

– Saibam que não fui eu quem quis deixá-las fora disso.

– Agora está sendo patético, Arne, mas tudo bem, vamos deixar isso de lado. De quem foi a ideia ? Do próprio Simon ? E quem trouxe essa jornalista estagiária ?

– Kasper Planck. Isto serve de resposta para as duas perguntas : Kasper Planck.

– Hum. Deveria ter adivinhado. E outra coisa. Não entendo como Anni Staal pode confiar em você.

– Bem, isso não é tão simples... mas... tenho um relacionamento com ela.

Berg explodiu.

– Tem um relacionamento com aquele saco de gordura ?

– Não, caramba, não é esse tipo de relacionamento. Quer dizer... bom, acho que devo contar.

Explicou como havia sido selecionado por Anni Staal por causa do vício do jogo e exagerou na sua culpa, para ver se com isso melhorava o clima. A estratégia funcionou. Berg voltou com os cliques restantes para o copo de metal. A Condessa balançou a cabeça e resumiu.

– Vamos ver se entendi direito. Você plantou em Anni Staal uma versão de estelionato, ou seja lá qual for o nome, com antecedência, e Simon será forçado a confirmar isso na entrevista hoje. Ela vai retornar ao jornal e terminar seu artigo, mas antes de publicá-lo na primeira página, precisa de uma autorização por escrito. Então ela manda uma cópia do artigo para Simonsen e a estagiária entrega uma cópia para o Mørk. Quando isso acontecer, o Alpinista cai da árvore. Ainda não entendi bem essa parte. E para acompanhar nosso progresso, instalamos aparelhos de escuta nos escritórios do maior jornal do país. Além disso, estamos grampeando ilegalmente o telefone de uma jornalista, porque um homem gentil, completamente desconhecido, interferiu na sua linha. É mais ou menos isso ?

Pedersen não gostou da maneira séria com que ela descreveu a situação, mas não podia dizer que estava errada.

– Sim, acho que sim. A parte a respeito do telefone só veio mais tarde. E Simon também disse que você poderia ser contra.

A Condessa ouviu o comentário e olhou para fora da janela por um momento. Depois chocou os dois.

– É... isso não é totalmente mal planejado, e fora uma entrevista com o assassino em pessoa, o grupo justiceiro certamente não tem nada que possa desmentir a notícia ; e, mesmo com proteção da fonte, estariam correndo um grande risco.

– Maior do que o risco que correu o assassino, quando presumiu que a escola Langbæk estaria vazia logo depois das férias. Muitas coisas poderiam não dar certo ali. E a matança por dinheiro vai atingi-los violentamente... sim... vai devastá-los. Vão perder apoio de todo

mundo, e terão que tentar alguma coisa. Simon acha que o plano tem cinquenta por cento de chance de sucesso, mas acho que essa chance é maior.

– E nós ? Onde entramos nessa história ?

Berg estava tentando ir mais além do que permitia o ritmo da conversa.

Pedersen explicou.

– Depois que a repórter estagiária... a propósito, o nome dela é Anita Dahlgren, tiver enviado o artigo de Anni Staal à companhia de Erik Mørk, Simonsen quer que ela e Malte sumam. Vamos mandá-los para longe no fim de semana e você vai junto, para tomar conta deles. Também vão mais dois outros colegas.

Prosseguiu com os detalhes práticos e ignorou a expressão amarga de Berg. Então se virou para a Condessa para lhe dar instruções, mas nesse momento foi impedido de falar.

– Pode parar com isso. Se Simon quer que eu faça parte disso, que venha falar comigo pessoalmente. O certo é eu me recusar, claro, mas, por outro lado, sou a única de nós que pode viver sem o salário, já que em breve seremos suspensos.

Isso doeu. Pedersen ficou pálido. E as coisas ainda pioraram quando a Condessa acenou com a cabeça para Pauline e foi para sua sala. Berg se levantou e ficou de frente para ele. Bem perto, perto demais.

– Há algo que precisa saber, Arne. Algo que quero lhe falar já há um tempo.

Ele apenas balançou a cabeça para cima e para baixo.

– Nós dois, isso é só diversão para você, não é ?

– Não, de jeito nenhum. Não deve pensar assim.

Estava sendo sincero. Estendeu a mão para ela.

– Fique quieto e ouça. Tem seus filhos, sua esposa, sua casa, suas refeições em horários regulares.

Novamente, ele somente balançou a cabeça para cima e para baixo, sem saber o que dizer. Berg segurou a cabeça dele e o olhou nos olhos.

– A partir de agora vai ser do meu jeito. Quando eu quiser, ou melhor, se eu quiser. Entendeu ?

Pedersen balançou a cabeça pela terceira vez. Ela o beijou na boca, depois o afastou e, a seguir, mudou o tom de voz. Parecia uma adolescente ; sensual, mas emburrada.

– Não gosto de bancar a babá do Malte. Um fim de semana fora... socorro ! Por que não posso ficar com você e os outros ? Vai falar com Simon ? Por favor !

A viagem de carro a Ullerløse, quatro quilômetros ao nordeste de Vig, em Odsherred durou por volta de 75 minutos e Konrad Simonsen se divertiu na estrada. Quanto mais o leste se aproximava, mais claro ficava o céu, e logo a região rural da Dinamarca sorria para ele sob o sol, o que melhorava ainda mais o seu humor.

A entrevista com Anni Staal havia superado as expectativas e ele tinha certeza de que ela fora diretamente para a redação do jornal, convencida de que tinha em suas mãos uma bomba que iria abalar a nação e trazer índices de vendas jamais atingidos antes. Ele havia confirmado a história da matança por dinheiro e, depois, dado a ela detalhes adicionais, que eram mentiras do começo ao fim. E falou tudo cuidadosamente, de um modo que seria impossível ela conseguir confirmar as informações. Tinha, também, forçado a jornalista a desligar o gravador e confiar em sua taquigrafia enferrujada para que não pudesse comprovar depois o que ele havia dito. Teria de esperar para saber se o artigo seria suficiente para abalar o grupo de justiceiros e, talvez, fazer o tal Alpinista aparecer por intermédio de Erik Mørk. Havia motivo para ter esperanças.

Não teve dificuldade para encontrar o vilarejo, que não passava de um aglomerado de casas ao redor de uma mercearia e uma igreja. Diminuiu a velocidade e percorreu a rua principal para ter uma primeira impressão do lugar. Não havia nem sinal de alguma fábrica ou qualquer fonte de empregos e – com exceção de uma mulher idosa sobre uma bicicleta – não viu ninguém. Logo estava do outro lado e cercado por campos ; virou o carro e voltou. Parou na mercearia, que imaginou ser o ponto de encontro dos habitantes da pequena cidade. Foi amavelmente recebido por uma comerciante corpulenta, e com uma risada alegre e contagiante.

– Se quer falar sobre o passado, terá que procurar o velho Severinsen ; e aconselho levar essas latas. Ajudam a refrescar a memória dele.

Sorriu enquanto lhe entregava duas latas de cerveja. Depois o acompanhou até a rua e apontou, sorrindo, para a casa onde o homem morava. Logo depois, Simon estava no quintal do velho Severinsen, onde escutou o som de alguém cortando lenha. Severinsen era um velho homem forte, com a pele estragada pelas intempéries. Estava usando roupas verdes, sujas e gastas, e seus finos cabelos brancos balançavam ao vento, ao redor de um rosto harmoniosamente enrugado. Pôs o machado no chão, quando percebeu que tinha visita. Um cão de raça indeterminada levantou a cabeça, olhou para Simonsen e voltou a dormir. Depois que apertaram as mãos, o velho homem o levou até um banco cheio de mofo ao lado da casa. Simonsen sentou-se e esperou pelo melhor. Foi o que aconteceu : o banco aguentou seu peso. Então, entregou-lhe uma cerveja.

– Dizem que mora aqui há muito tempo.

– Minha vida toda.

– Vim de Copenhague para ouvir sobre os irmãos Allan e Frank Ditlevsen. Lembra-se



deles ?

O homem bebeu um pouco da cerveja e Simonsen fez o mesmo. Depois cuspiu e Simonsen o imitou. O gosto da cerveja era horrível.

– Não gostava deles ?

– Não ; eram dois merdas. Passavam mais tempo no bar do que trabalhando honestamente. E se houvesse qualquer coisa que podiam fazer de errado e escapar, faziam.

Uma expressão peculiar surgiu no seu rosto.

– Ambos estão mortos. Alguém os enforcou na capital. Nada menos do que o que mereciam.

A informação não estava muito certa, mas Simonsen não o corrigiu.

– Dei uma surra no pai deles uma vez, quando éramos jovens. Também já morreu, lógico, e há muito tempo. Ninguém aqui sente falta de nenhum deles. Se quer saber, todos os três eram podres.

– Tenho alguns nomes e gostaria de perguntar se significam alguma coisa para você.

– Vamos a eles.

Começou com o primeiro nome da lista.

– Andreas Linke.

O homem refletiu um pouco e depois falou :

– Andreas. Bem, não sei exatamente... sou bom com datas e aparências, mas esqueço nomes.

– Então não sabe quem é ?

– Talvez. Andreas... pode ser o filho, ou melhor, o neto. Mas conheço Linke, claro. É o Alemão. Sim, nunca era chamado de Linke, sempre de Alemão, embora seu nome fosse Linke. Morou aqui vários anos ; na verdade, bem próximo dos irmãos que mencionou.

Um sentimento de triunfo invadiu Simonsen ; o início de um grande alívio em seu corpo, tomando a forma de um orgulho excessivo e culminando num brado interno de vitória, que parecia separar tudo ao seu redor em antes e depois. Havia encontrado o Alpinista !

Tudo o que mais queria era caminhar pelo quintal e saborear o momento, mas era lógico que isso não ajudaria nada. Continuou a conversa.

– Eram vizinhos ?

– Sim, eram, mas com endereços diferentes. Os alemães moravam ao lado da rua da igreja. Essa rua faz uma curva, de forma que as duas últimas casas na direção da floresta estão bem atrás dos irmãos, que moravam na rua principal. Um homem de Copenhague mora lá agora, mas nunca está em casa.

– Pode me contar sobre o Alemão ?

O velho homem concordou. Por algum tempo ficou quieto, pensando no passado. Em seguida, disse :

– O Alemão... é uma longa história. Depois da Guerra, no verão de 1945, mudou-se para cá com a esposa. Queriam viver em um lugar discreto porque ele havia se envolvido em muitas encrencas... teve seu cabelo raspado, esse tipo de coisa, e na época ninguém queria nada com esse tipo de gente. Depois a polícia o levou. Não era realmente da Alemanha, era de Tønder, aqui mesmo, no sul da Dinamarca, mas havia lutado por Hitler e ficou preso por alguns anos, enquanto a mulher teve um filho e cuidou de tudo. Bom, não era exatamente uma

ótima mãe. E diziam que ele havia feito coisas terríveis, embora grande parte fosse boato ; ou não teria sido solto depois de três anos.

– A mulher teve um filho ?

– Sim, de fato, era uma menina ; depois teve outro filho, enquanto ele ainda estava preso, mas esse desapareceu. Fez coisas vergonhosas... Por outro lado, a vida não era fácil para ela, tinha que se virar. Voltaram a viver juntos quando ele foi solto, e então podiam contar um com o outro para ganharem a vida. Ele se empregava como trabalhador agrícola local. Era forte e, com o passar do tempo, as pessoas pensavam menos na guerra ; no fim, era apenas uma pessoa útil. Mas a garota cresceu e ficou muito bonita. Foi estudar em Nykøbing ; isso deve ter sido em 1960 ou 1961. Entretanto, logo voltou para casa, grávida. Ora, ora, tal mãe, tal filha.

– Então ela também teve um bebê ?

– Com certeza, e não tinha mais do que 16 anos de idade. Mas o velho casal nunca reclamava. Estavam acostumados à vida dura. Na época, o Alemão tinha conseguido um emprego estável na fábrica de automóveis em Vig, e mãe e filha mantinham uma horta, algumas galinhas e coisas desse tipo ; rendia pouco, mas já era algum dinheiro. E cuidavam do garotinho. Então veio o fogo. Foi em 1964, outubro de 1964. Lembro-me perfeitamente. Uma história trágica.

– O fogo destruiu a casa ?

– Isso mesmo. Foi a eletricidade, a fiação velha, alguma coisa assim. Aconteceu à noite. O Alemão conseguiu salvar o neto. As duas mulheres morreram lá dentro.

– Então ficou sozinho com a criança ?

– Sim. E uma casa incendiada. O seguro pagou um pouco, mas ele teve de reconstruir a casa sozinho. É verdade que ajudamos, mas o trabalho pesado foi ele quem fez. Aí, começou a ficar esquisito, como se não soubesse bem o que estava acontecendo. Superou a guerra, mas não o fogo.

– Quer dizer que o garoto morava sozinho com o avô.

– Certo. Até 1975 ou 1976, quando morreu ; o Alemão, claro. O governo ficou com a guarda do garoto, mas naquela altura, ele já estava crescendo. Não, espere, na verdade, ele foi ficar com parentes na Alemanha.

Simonsen fez força para dar um gole na cerveja. O velho homem percebeu sua aversão.

– Se não gosta, não beba. Posso dar para o Klods-Hans. Ele tem bom gosto.

Apontou para o cachorro, que olhou, preguiçoso, sem se levantar. Simonsen pôs a cerveja sobre o banco. Depois, disse :

– Se quiser localizar Andreas Linke nos registros da igreja, quem devo procurar ?

– Fale novamente com Brugs-Katrine. Falou com ela quando comprou a cerveja. É como se fosse um “diácono reserva”. Cuida da igreja, do jardim, do coro, de tudo que pode. Vai gostar de ajudar, quando voltar. Agora foi levar o oficial aposentado até a floresta.

– Oficial aposentado ?

– Sim. Também veio me visitar ontem. Homem simpático. Acabaram de passar caminhando ali na rua. Para um investigador chefe, não parece muito observador. Não os viu ? Ele deve ser bastante persuasivo, pois ela não é do tipo que gosta de fazer caminhadas.

O homem sorriu ; o tom de voz era irônico, mas não havia maldade. Depois acrescentou :

– Aqui na zona rural, também lemos jornais, senhor Simonsen.

Simonsen se levantou. O homem explicou como chegar na floresta. Os registros da igreja podiam esperar. O cão também se levantou. Havia cerveja esperando por ele.

O investigador andou entre as faias da floresta de Ullerløse. O terreno era inclinado e o chão estava macio, com folhas molhadas caídas das árvores, o que também dificultava a caminhada. Depois de pouco tempo, já estava muito ofegante. Diminuiu o ritmo. Mais na frente, à esquerda, em uma clareira, viu um homem de costas. Mudou de direção e foi até ele. Quando estava a poucos metros de distância, deu um grito alto, para que sua presença fosse notada, e não causasse um choque desnecessário. Kasper Planck endireitou a postura, sem se virar.

– Pare de gritar. Não sou surdo.

– E parece estar muito bem. O que houve com a sua estafa e seus problemas de saúde ?

– A natureza de Deus cura um homem velho.

Planck chutou um toco de árvore e direcionou o pé para dois outros bem próximos.

– Foi aqui que tudo começou. Ou bem perto daqui. Frank era o primeiro, mas acontecia no celeiro. Allan vinha depois, e gostava muito de ficar ao ar livre. Mas deve saber disso. Eu o vi conversando com aquele velho homem.

– Não o suficiente.

– Claro que não. Esse sempre foi o seu problema. Não se permite o tempo necessário, e nunca aprende.

Simonsen sentiu uma pontada de irritação.

– Estou aqui, não estou ?

Planck mudou o assunto.

– Foram derrubadas no inverno de 1984, e mais tarde fizeram o acabamento cuidadosamente. Quatro grandes faias, em seu auge. Toda a região ouviu falar sobre isso, mas aparentemente ninguém sentiu necessidade de alertar a polícia ou a guarda florestal. Uma construção foi incendiada e isso também não foi comunicado.

– Deve ter sido terrível para ele. Quanto tempo acha que isso durou ?

– De cinco a seis anos. O avô não tinha condições de tomar conta dele. Dizem que estava muito estranho.

– Todos sabiam e ninguém fez nada ?

Era uma pergunta. Planck estava nitidamente mais informado sobre as reações dos moradores do vilarejo e seus pequenos segredos.

– “Sabiam” pode não ser a palavra mais apropriada, mas numa cidade tão pequena como essa, é meio difícil alguém peidar em meio a uma tempestade e o vizinho não tampar o nariz. Pelo menos algumas pessoas perceberam. Quero dizer, às vezes o pobre garoto não conseguia nem andar normalmente, mas isso eu só soube depois que o velho tomou muitas cervejas. A propósito, não achou aquela cerveja muito ruim ?

– Sim, péssima, mas o pobre garoto, quer dizer, o Alpinista, voltou para se vingar do passado ? Pelo menos, fisicamente...

Simonsen apontou para os tocos de árvores.

– Bem, o mais estranho é que não fez isso, se realmente pudermos acreditar no velho.

Pagou outras pessoas para fazerem. Trouxeram um mapa, onde as árvores estavam marcadas. Não tolerou voltar aqui pessoalmente.

Simonsen ficou pensativo, olhando para o ar. Depois perguntou :

– O que o trouxe aqui em cima ?

– O assassinato dos irmãos foi por motivo pessoal. Esse foi o ponto de partida e, com muita reflexão, se pode ir longe. De repente, a verdade brilha ; como um anjo, que cai do céu bem na sua porta numa noite e ilumina sua mente. E aí muitas coisas começam a fazer sentido.

Isso foi um pouco sublime demais para Simonsen, para não dizer incompreensível.

– Pode ficar um pouco mais objetivo ?

– O vendedor de cachorros-quentes teve de receber cinco toneladas de uma faia sobre a cabeça depois que sua vida já tinha sido arrancada dele. Nosso bom Andreas teve de se vingar perto de onde havia sido atacado. E o irmão mais velho teve de ficar balançando no meio e testemunhar a execução dos seus companheiros de viagem.

– Andreas Linke ; sabe o nome. Verificou os registros da igreja ?

Planck deu um leve tapa sobre o bolso do seu paletó.

– Brugs-Katrine me deu uma fotocópia, mas presumo que os seus cérebros eletrônicos também já cuspiram esse nome. Onde ele está morando ? Vai atrás dele, não vai ?

Simonsen hesitou. Começaram a caminhar de volta para o vilarejo. Então ele falou :

– Há alguns problemas. Oficialmente, ele emigrou há cerca de meio ano e, se eu instaurar uma busca, corro o risco de ter a população contra mim. Acho que vou deixá-lo de lado uns dois dias e ver se o plano com relação ao *Dagbladet* traz frutos. Se trouxer, poderei pegá-lo discretamente.

Planck parou e olhou com suspeita para o seu ex-empregado.

– Cuidado, Simon. Já vimos isso antes, e está pisando em um campo minado. As coisas não são bem assim, e você não me engana.

– Só dois dias.

Planck balançou a cabeça.

– É sempre assim, só dois dias.

– Eu vou pegá-lo. Não vai escapar depois de matar seis pessoas. E os outros também não.

– Não mesmo.

– Se não conseguir uma confissão daquilo que só ele e nós sabemos, corro o risco de acabar de mãos abanando. O promotor quase riu na minha cara quando falei em prováveis acusações formais contra Stig Åge Thorsen ; e Erik Mørk está longe de ser preso.

– É, não é fácil viver em um país regido por uma Constituição. Mas vamos conseguir pegar esses dois, é só uma questão de tempo, e sabe muito bem disso.

– O Alpinista também tem que ser preso. Não pode ficar livre.

– Claro que não pode. Não disse o contrário, e não estou preocupado com ele. O problema é você.

Simonsen pôs um dropes de alcaçuz na boca. Andaram em silêncio, depois Planck falou :

– Se ainda fosse seu chefe, tiraria você desse caso, e o mandaria descansar.

Simonsen apenas balançou a cabeça.

– Você não é como eles, Simon.

– Não, lógico que não. Por que está dizendo isso ?

– Oh, pare com essa besteira. Acha mesmo que se comportando como Popeye pode reparar 14 anos de negligência com relação a Anna Mia ?

– Como pode saber por que estou me comportando assim ?

– Sempre foi um livro aberto, mesmo tentando se convencer do contrário. Mas isso agora não vai levar a nada. O importante é que perceba que não é como eles. Simples assim. Pense nisso.

Simonsen parou e cuspiu na floresta a metade da bala que ainda tinha na boca. Depois olhou para o ex-chefe e balançou a cabeça. O que Planck poderia saber sobre ser pai, se não tivera filhos ?

Planck mudou o assunto.

– Como foi a entrevista ?

– Superou nossas expectativas. Anni Staal engoliu tudo e Anita já foi buscar o artigo comigo. Vai levá-lo à empresa de Erik Mørk hoje à noite. No meio do tal programa *on-line* com Stig Åge Thorsen. Espere e verá. Isso vai ser uma loucura.

– Proteja-a. Lembre-se de que são assassinos.

– Está cuidadosamente protegida até retornar ao *Dagbladet*. Depois vai fazer uma viagem de férias com Malte Borup. O Estado vai patrocinar e tenho três policiais tomando conta deles. Pauline Berg é um deles, mas isso é principalmente para tirá-la de circulação. Não tem sentido arriscar sua carreira. Já basta nós arriscarmos a nossa.

Planck concordou, satisfeito, e perguntou :

– Acha que é coincidência Andreas Alpinista Linke, ou seja qual for o seu nome, ter dedicado sua vida adulta a derrubar árvores ?

– É o que ele faz ?

– Isso mesmo. Fez um curso de silvicultura na Alemanha. O filho de Brugs-Katrin encontrou com ele em Odense uma vez e ficou sabendo disso.

– Não sou psicólogo.

– Como não ? Não aprovei seu pedido para fazer um curso sobre criminalidade e psique ? Deve ter aprendido uma coisa ou duas lá ; ou foi dinheiro desperdiçado ?

Planck riu excessivamente da própria piada e recusou ajuda para atravessar o fosso que separava a floresta do caminho para vila.

Simonsen nem ao menos sorriu.

Stig Åge Thorsen estava na empresa de Erik Mørk em Rødovre, sul de Copenhague, e estava ficando cada vez mais irritado. Como haviam combinado, chegou quase três horas antes do programa *on-line* começar, mas após uma turnê entediante entre inúmeras pessoas desconhecidas, cujos nomes logo deixou de querer saber, achava-se em uma sala de conferências, onde o bombardeio de informações havia sido substituído por um longo período de espera passiva. A sala era decorada com o minimalismo da moda. Sua irritação só crescia.

Ainda se passou um bom tempo antes que o amigo finalmente aparecesse. Trazia um prato com seis sanduíches e parecia tenso.

– Por favor, me desculpe pela espera, mas tive um imprevisto.

Thorsen resmungou qualquer coisa incompreensível e deu um breve sorriso bem-educado.

Mørk sentou-se e pegou um sanduíche. Não parecia calmo nem seguro.

– Precisa relaxar um pouco, Erik.

Mørk afrouxou a gravata e tentou seguir o conselho.

– É verdade. As coisas andam muito agitadas. Nunca trabalhei tanto. Tem acompanhado a mídia recentemente ?

– Se está falando dela, a estudante, achei que foi totalmente convincente, quase me fez chorar.

– Foi útil, sem dúvida, mas estava pensando em você. Todos estão ansiosos pela entrevista. Cinco canais de TV locais vão transmitir através dos seus *sites* na internet, ao vivo, se posso falar assim, mas com comentários do estúdio, entende ? Essa é um das coisas em que temos trabalhado muito nos últimos dias.

– O que vai acontecer depois da entrevista ?

Erik Mørk pareceu surpreso.

– Depois da entrevista ? Bom, amanhã vai haver uma manifestação pública em frente ao prédio do Parlamento Christiansborg e em alguns lugares predeterminados nas províncias. No meio do seu programa, vamos mostrar uma tela com nossas exigências, nosso *slogan*, assim como os locais e horários das manifestações. Esse é o ponto principal, claro. Estamos fazendo uso da atenção que terá na mídia para lançar nossa mobilização do público e assegurar o máximo de divulgação, que é o que realmente queremos. Amanhã, vamos publicar um anúncio de página inteira em todos os grandes jornais. Casualmente, mostraremos a estudante, para atrair a atenção das pessoas. Daqui a pouco, vou lhe mostrar a prova do anúncio ; ele ficou muito bom, modéstia à parte.

– Espere, espere, falou em *exigências*...

Mas era difícil interromper Mørk. Poucas horas de sono e adrenalina demais deixaram suas marcas.

– Temos conduzido uma campanha eleitoral massiva dirigida a quase 100 membros do Parlamento ; portanto, os partidos políticos estão fervendo e o último relatório político que

recebi diz que há uma discussão aberta sobre a maneira de lidar com pedófilos. A pressão dos eleitores, a bestialidade de Thor, a violência e, não menos, a garota que sensibilizou toda a população, de casebres a castelos. A propósito, sabe o que significa *metade dos Estados Unidos* ?

– Não tenho ideia, mas sei que...

– Punições com a metade do rigor das punições dos Estados Unidos, o que para nós já é um enorme passo adiante. E o apoio que temos recebido na rede é realmente fantástico. Se eu enviar...

Stig Åge Thorsen deu um tapa na mesa.

– Pare com isso, Erik ! Escute um pouco, só para variar.

Mørk se calou e ouviu.

– Antes de qualquer coisa, o que quis dizer com “exigências” ? Pelo que sei, estabelecemos nossas exigências unanimemente alguns meses atrás. Não me diga que mudou alguma coisa.

– Não, só sistematizei um pouco.

– Continue.

– Estão em três categorias : jurídica, nas quais exigimos punições mais severas e fim da proteção dos criminosos por parte dos pais das crianças vítimas ; preventiva, em que queremos mais investimentos financeiros na educação e treinamento para todos os professores e educadores ; e finalmente, se o estrago já tiver sido feito, queremos assistência psicológica às vítimas com subsídio do Estado.

Thorsen aceitou. Era, grosso modo, o que haviam aprovado.

– Também falou em *slogan*. Que *slogan* é esse ?

– “Acabem com a violência, endureçam a lei”. É o único que temos até amanhã. E não haverá discursos, nem qualquer outra atividade. Na verdade, a ideia é as pessoas ficarem lá, num silêncio digno, até os políticos divulgarem uma nota à população.

– Ótimo, agora parece ter voltado ao normal. Só falta me dar as coordenadas da entrevista. Devagar e com clareza.

– Trouxemos uma consultora de mídia. Ela vai ler as perguntas, você vai responder verbalmente, e ela vai escrever para o público que está *on-line*. Será mais rápido se você mesmo digitar. As pessoas que perguntam normalmente podem fazer uma ou duas questões complementares, de forma que se desenvolve um curto diálogo ; mas você e ela é que vão decidir quantas e por quanto tempo. As coisas funcionam mais ou menos como num programa de rádio. Exceto, claro, pelo filtro que teremos.

– Parece bastante simples.

– É simples. E você, lógico, vai resolver, por conta própria, que perguntas quer ou não responder. A consultora vai ajudá-lo o máximo que puder e vai alertar você se achar que está falando o que não deve.

– Excelente.

– Serei a única outra pessoa presente, mas não vou interferir. Só você e ela estarão envolvidos. Vou ficar lá apenas como uma espécie de suporte. Quer perguntar alguma coisa ?

– Não, isso foi bem completo.

Erik Mørk sorriu.

– Devo ir buscar a prova do anúncio ?

– Sim, por favor.

Levantou-se e saiu. Stig Åge Thorsen ficou sozinho.

Por volta de duas horas depois, a entrevista *on-line* começou ; e começou bem. Stig Åge Thorsen estava tenso durante as primeiras perguntas, mas depois de algum tempo ele e a consultora formaram uma boa dupla. De tempos em tempos, Mørk informava quantas pessoas estavam acompanhando o evento. Sua voz estava triunfante : já tinham atingido por volta de 280 mil acessos. A consultora de mídia leu na tela :

– “Aprova o fato de ele ter matado cinco pessoas ?” Sugestão : aprova o fato de ele ter matado cinco pedófilos ?

Stig Åge Thorsen concordou com a cabeça.

– Sim, aprovo.

– Minha sugestão : aprovo sua luta contra a pedofilia.

– Isso é bom.

A consultora imediatamente digitou a resposta. Então a porta se abriu violentamente e os três se viraram. Alguns funcionários invadiram a sala. Uma mulher que parecia ser a responsável por aquilo se aproximou de Mørk e não tentou esconder a seriedade da situação.

– Erik, tem que vir conosco agora. Temos um grande problema.

Mørk foi com eles, convencido de que era a polícia que havia chegado para prendê-lo. Entraram numa sala, onde uma jovem o aguardava. A mulher encarregada da situação os apresentou.

– Esta é Anita Dahlgren. É uma estudante, estagiária do *Dagbladet*. Leia isto.

Um envelope foi colocado nas suas mãos. Havia a logomarca do jornal em todas as páginas. Ele começou a ler. Após os dois primeiros parágrafos, estava transpirando e teve de se sentar. Depois que acabou de ler tudo, teve a presença de espírito de ficar olhando para os papéis, para ganhar tempo e tentar organizar os pensamentos. Quando levantou a cabeça e encontrou os olhares acusadores das pessoas presentes, não estava completamente despreparado. Assumiu a liderança e se virou para a jovem.

– Onde conseguiu isso ? E por que veio aqui com isso ?

Anita Dahlgren explicou sua solidariedade à causa. Também contou sobre a entrevista inesperada que o investigador chefe, o detetive Konrad Simonsen, havia concedido a Anni Staal.

– Mas se está nos contando tudo com antecedência, é porque não acredita nisso, acredita ?

– Vim aqui pedir satisfações a vocês. Quando ouvi falar da entrevista, não sabia o que ela revelava. Anni Staal não comentou nada. Mas depois pensei que se eu... pudesse ver com antecedência, poderia ajudá-los ; então, quando tive a oportunidade, fiz uma cópia. Mas agora que li tudo... fiquei furiosa, e ainda estou. No caminho para cá, pensei em coisas horríveis ; tive vontade de chorar, mas me segurei. Quer dizer, quando vi o lugar...

A mulher falou :

– Fez bem em vir e entendendo seu ódio. Também estou furiosa.

Mørk decidiu acreditar na jovem. Era uma garota ingênua, mas merecedora de



credibilidade.

– Quando vão publicar ?

– Não tenho ideia. Amanhã, ou no fim de semana, acho, mas espero muito que haja uma boa explicação para isso, ou não sei se continuarei a apoiá-los.

A mulher falou, de novo, olhando fixamente para Mørk.

– Eu também espero. Não sei que loucura é essa, mas se isso for verdade, também estou caindo fora.

Ele ignorou a mulher e se concentrou na jovem.

– Tem o número do telefone de Anni Staal ?

A resposta veio hesitante, embora Anita estivesse radiante interiormente.

– Realmente, não sei... é claro que tenho o número, mas se disser a ela que eu...

Mørk a interrompeu.

– É claro que não vou dizer. Não faria isso de maneira nenhuma. Mas a polícia tramou um monte de mentiras, e é tanto do meu interesse quanto do dela corrigir isso.

O ceticismo da sua colega de trabalho não mudou muito, mas ele continuou, tentando ser o mais convincente possível.

– É tudo mentira ! Nada mais, nada menos que mentira !

Era a vez da mulher.

– Por que a polícia mentiria ? Isso não faz sentido nenhum.

– Claro que faz sentido. Querem a ajuda da população para desvendar o crime e têm certeza de que assim que essa rede de mentiras for publicada receberão informações.

Apontou para ela e falou, determinado :

– Pode tirar suas próprias conclusões. Reconheço que tem nos prestado uma ajuda incrível, mas se não me apoia integralmente, é melhor ir para casa agora. Preciso de você mais do que nunca, mas não com má vontade e dúvidas.

A mulher não escondeu o fato de que realmente havia considerado essa possibilidade. A batida acelerada do coração de Erik Mørk fazia suas têmporas latejarem. Não exatamente por causa da mulher – pessoalmente, não ligava muito para ela –, mas poderia representar a primeira pedra do que poderia se tornar uma avalanche. Depois do que pareceu meia eternidade, ela tomou a decisão.

– Se isso for publicado, vou embora. Há outras coisas recentes que têm me incomodado também... pessoas sendo surradas e coisas desse tipo. Mas isso...

Apontou para o envelope.

– ... não posso conviver com isso.

Muitos dos outros indicaram que concordavam com ela. Mørk não tinha outra opção. Com toda a segurança que pôde reunir, disse :

– Não será publicado.

Não seria uma promessa fácil de cumprir, concluiu algumas horas depois. Estava no bar do restaurante Andrikken, no centro da cidade, e a desconfiança de Anni Staal era quase tangível.

– O fato de saber essas coisas não me impressiona. Pode ter descoberto isso por meio de diferentes fontes, e nada prova que foi você que me enviou os vídeos. E nem mesmo essas suas supostas partes de vídeo que foram eliminadas durante a edição me fazem mudar de

ideia.

Enquanto falava, mostrou um *pen drive* que ele tinha lhe dado.

– E pela mesma razão. Algum adepto da sua causa pode muito bem ter lhe enviado isso, mas naturalmente quero ver esse material. Para ser honesta, não ligo a mínima para essa conversa sua de conspiração policial. Fim da linha, Erik. Não acredito em você. Também pode ter sido enganado, quem sabe ? Não sei qual é seu papel nisso tudo. A única coisa que sei é que até agora não disse uma palavra que me levaria a não publicar o artigo.

Anni Staal estava se divertindo com aquilo. Era evidente que sua posição era privilegiada. E também era óbvio que o homem não sabia sobre a cláusula de Konrad Simonsen. Talvez isso pudesse ser usado a seu favor, no caso de ele realmente ter alguma coisa que a interessasse.

– Sou uma mulher ocupada. Ficarmos aqui sentados perdendo nosso tempo não vai ajudar em nada, e decisões serão tomadas por nós. Pode começar me dizendo como conseguiu a cópia da minha entrevista. Isso eu definitivamente quero saber.

Mørk estava em apuros e deixava transparecer isso. A única razão pela qual não entregara o nome de Anita Dahlgren foi não se lembrar desse nome. Entretanto, lembrava-se do nome da secretária que o atendera quando tinha feito contato a respeito do assunto. A jornalista ouviu o nome.

– A próxima e última pergunta : o que você pode me dar ? Diz que fui enganada, mas não tem como provar. Do meu lado, confirmei as informações com fontes diferentes. Tente enxergar a situação sob o meu ponto de vista. Tem ou não tem alguma coisa do meu interesse ? Para ser bem direta, Erik, ou desembucha ou me deixa cuidar da minha vida.

Alguma coisa dentro dele falou que o que viria a seguir seria definitivo.

– Se conseguir para você uma entrevista com o homem que fez aquilo, ouviria o que ele tem a dizer, antes de publicar sua conversa com o investigador chefe, o detetive Konrad Simonsen ? Ele sabe o que aconteceu com o dinheiro e pode provar isso.

– Uma entrevista com o assassino em pessoa ? Nada mal.

Não respondeu nem achou que ela teria medo.

– Um dia. Vou esperar um dia. Quero uma confirmação mais tarde, ainda hoje, e a entrevista tem de ser amanhã. E tem mais uma coisa. O ideal é que ele entre em contato comigo, assim poderei testá-lo e ter certeza de que foi ele mesmo. Concorda ?

Mørk concordou. O garçom trouxe bebidas que não haviam pedido. Tratava-se de uma cortesia de um cliente que havia reconhecido Staal. Ela deu um gole e ergueu o copo na direção de um homem mais velho e careca que estava sentado a alguns metros deles. O homem, meio bêbado, retornou o sorriso. Mørk, tolamente, imitou a jornalista, e depois disse :

– Só vai falar com você. Nada de polícia.

– Bastante lógico. Digamos que ele vai me ligar às vinte e três horas, no meu telefone celular.

Anni Staal acabou sua bebida, guardou os cigarros na bolsa, desceu elegantemente do banco onde estava sentada e se dirigiu à porta do restaurante. No caminho, deu um beijo na testa do homem careca. Seu batom deixou a marca do beijo. Mørk achou isso grotesco, mas o homem, que parecia um porco, sorriu alegre.



Na volta de Odsherred, Simonsen convidou os membros da equipe mais próximos para uma reunião noturna em sua casa. A exceção foi Poul Troulsen, que, como ele próprio afirmou, estava em seu leito de morte, esperando que ela chegasse logo e o livrasse de tanta dor. A esposa, por outro lado, havia subestimado a doença e descrito Troulsen como “um pouco indisposto”. Simonsen concluiu que a verdade estava em algum lugar entre esses dois extremos, mas de qualquer modo teria que prosseguir sem ele. Os outros prometeram que estariam lá às 10 horas. Só Pauline fez objeções e Simonsen teve de ser duro com ela no telefone.

– Isso não está em discussão, Pauline. Vai pegar Anita Dahlgren às 11 horas no *Dagbladet*. No caminho, vai pegar Malte Borup e os três vão sentar-se no QG e ficar quietinhos até eu fazer contato. Está lá para vigiá-los. E isto é uma ordem.

Inacreditavelmente, Berg continuou a teimar e Simonsen teve de mudar a abordagem.

– Vai poder se juntar a nós depois, e vou mantê-la informada. E é assim que vai ser. Entenda isso.

Kasper Planck, que estava sentado ao lado, tomou o telefone de Simonsen e falou, calmamente :

– Olá, Pauline. Realmente, deve fazer o que Simon está pedindo. É importante.

E desligou o telefone. Simonsen comentou :

– Como foi que fez isso ? Ela estava completamente alterada.

– Deve falar devagar e dar instruções claras. É assim que elas respeitam você. E isso serve para todas as mulheres.

Simonsen refletiu sobre aquilo durante quase todo o caminho para Copenhague. Em casa, pegou o tabuleiro de xadrez, mas o velho senhor estava nitidamente cansado, e dessa vez era de verdade. Simonsen limpou a garganta algumas vezes quando seu adversário já estava pensativo por tempo demais para um mero movimento de peça. Não adiantou. Poderia limpar a garganta quantas vezes quisesse ; o ex-chefe estava dormindo. Levou-o para a cama, tirou os sapatos dele e sentiu-se levemente irritado, pois, na sua opinião, estava vencendo o jogo. Mas talvez a interrupção não tenha sido tão ruim, porque logo depois a Condessa chegou. Meia hora mais cedo e claramente perturbada. Mal pendurou o casaco, começou o ataque.

– Estou me sentindo abandonada, Simon, abandonada e menosprezada. E fico especialmente chateada quando me lembro da segunda-feira à noite. Foi maravilhoso, mas se penso na sua hesitação em compartilhar comigo suas estratégias e descobertas, começo a achar que é tudo falsidade, até mesmo traição. E pode falar quantas vezes quiser que é importante mantermos nossa vida profissional separada da nossa vida pessoal. Você mesmo...

Continuou com a mesma ladainha por um bom tempo. Algumas vezes, ele tentou seguir o conselho de Planck, mas isso não ajudou e, na verdade, parece que piorou as coisas. Por fim, não pôde pensar em nada a não ser dizer que ela estava certa e, depois, esperar a munição

acabar. O que de fato aconteceu, mas de uma forma muito desagradável.

– Estive pensando se ainda quero fazer parte disso. Estou arriscando meu emprego e minha carreira com um plano que é ilegal. Sem falar no lado pessoal, e pessoal aqui quer dizer operacional. A pergunta é : por que eu o ajudaria, Simon, quando nem você ajuda a si mesmo ?

Ele não acompanhou o raciocínio, mas tentou se explicar. A Condessa dispensou sua interferência.

– Tenho falado com Anna Mia por telefone com frequência. Está muito preocupada, e entendo perfeitamente. Ela ama você e talvez eu também o ame. Então, vamos às condições. Estou com você e Arne nisso, sejam lá quais forem as consequências. Mas terá que dar a sua palavra de honra que seguirá as seguintes regras, a partir de segunda-feira. Um : vai tomar os remédios para a diabetes regularmente. Dois : vai a um nutricionista e vai seguir as instruções que ele lhe der. Três : vai parar de fumar. A escolha é sua, Simon. E não diga que sua vida pessoal não é problema meu. Vai ter de tomar uma decisão.

Era demais, de uma vez só, para um homem maduro, querendo ser feliz. Talvez o amor fosse cego, mas definitivamente não era mudo ; pelo menos, não nesse caso. E o romantismo não estava exatamente perceptível nas suas cuidadosamente enumeradas condições. Ele desviou o olhar e tentou fugir daquilo. Não custava tentar.

– Kasper Planck e eu descobrimos a identidade do Alpinista hoje. O nome dele é Andreas Linke. Mas não sabemos do seu paradeiro. Portanto, precisamos fazer com que ele apareça. Exatamente como antes de sabermos o seu nome.

– Descobriram o homem ? Por que não disse antes ? Onde foi isso ?

A voz do ex-chefe do Departamento de Homicídios veio seca e penetrante do quarto, e foi impossível ignorá-la.

– Está fazendo o que pode para escapar.

Assustado, Simonsen olhou para a direção de onde vinha a voz. Havia achado que Planck estava dormindo. Depois fez alguns círculos com o dedo próximo ao ouvido, indicando para Condessa que o ex-chefe não estava muito bom da cabeça. Isso não foi nada favorável, porque a próxima frase de Planck não pôde ser ignorada.

– Ele está dormindo. Não preste atenção no que diz, sua pateta !

Simonsen balançou os braços no ar, irritado. Gritou :

– Fale como uma pessoa normal ! Nunca conversamos nesse tom !

Olhou para a Condessa com ar de quem pede desculpas, mas aquela tentativa de escapar das condições impostas por ela também não funcionou.

– Fiz uma proposta, Simon. Poderia fazer a gentileza de responder ?

Algum tempo depois, Kasper Planck, Arne Pedersen, Pauline Berg e a Condessa estavam em volta da mesa de centro da sala de visitas de Simonsen, enquanto o anfitrião fumava perto da janela. Arne Pedersen falava ao telefone com Anita Dahlgren, que se encontrava na sede do *Dagbladet*. Relatou para os colegas :

– Está com fones de ouvido e pode falar mais ou menos livremente. Seu computador está programado para mostrar a tela do computador de Anni Staal, mas no momento não está vendo nada porque a chefe ainda não chegou. Está preocupada porque estão todos indo embora.

Muitos já foram para casa.

Simonsen jogou o cigarro fora e fechou a janela. Depois falou :

– Anni Staal está a caminho. Erik Mørk acabou de telefonar para ela ; disse que vai receber uma ligação dentro de meia hora. Podem começar a ficar na expectativa.

Ninguém falou nada. Todos ficaram esperando, tensos, até que a Condessa quebrou o silêncio.

– Tenho boas notícias. Simonsen vai parar de fumar, no máximo até segunda-feira.

Todos fizeram um gesto de aprovação e lhe deram parabéns, exceto Planck, que apenas deu uma risadinha irônica.

Naquele momento, Arne Pedersen alertou :

– Anni Staal chegou.

A próxima frase demorou um pouco. Estavam todos ansiosos.

– Está ligando o computador e inserindo o *pen drive*... esperem... só um minuto... parece que é um filme. Anita não tem certeza, mas... sim, agora ela tem. É um filme dos enforcamentos. Ela não tem acesso ao som, mas diz que o homem no filme está chorando... e é Thor Gran. Sim, é ele. É tudo horrível, absolutamente horroroso, diz Anita. Anni Staal parou o filme. Está fazendo uma ligação pelo telefone fixo.

Ficou em silêncio por alguns segundos.

– Parece que não está conseguindo completar a ligação.

De repente, Pedersen gritou :

– Droga ! Desligue, Anita ! Ligo para você daqui a pouco.

Imediatamente, atendeu a ligação em espera que seu telefone celular estava indicando. Os outros ficaram impressionados com a transformação do detetive. A voz saiu como um trovão.

– Que diabos é isso, Anni ? Não aprende que nunca deve me ligar ? Da última vez, jurou que não faria isso de novo. Qual é a desculpa ridícula dessa vez ?

Ouviu o que ela disse, e depois falou, sarcástico :

– Agora não *acho* mais, tenho certeza. Mas se duvida, é melhor procurar uma fonte mais confiável.

Escutou novamente, e depois respondeu.

– Não, isso estava certo. A sequência nos filmes era diferente. O primeiro a ser morto foi Jens Allan Karlsen ; ele era o que estava bem na frente, à esquerda. O último foi Frank Ditlevsen, que estava no meio. Mas me diga... por que diabos quer saber isso agora ?

Outra pausa. Depois encerrou a ligação.

– Sim, faça isso. E acrescente mil coroas na sua dívida comigo. Por favor, não me telefone de novo. Entendido ?

Ligou para Anita novamente e a conexão foi reestabelecida.

Nos 20 minutos que se seguiram, nada aconteceu, com exceção do fato de que Pauline Berg foi embora ; e fez isso sem reclamações. Na sede do *Dagbladet*, Anni Staal se ocupava em escrever um *e-mail* sobre como sua entrevista com Konrad Simonsen havia chegado às mãos de terceiros. Desconfiava de uma secretária.

Então, de repente, houve ação de novo. Arne Pedersen narrou :

– O telefone celular dela está chamando.

Ao mesmo tempo, o telefone cópia tocou. Simonsen pegou o aparelho e escutou. A certa altura, escreveu alguma coisa. Quando a ligação foi encerrada, estavam todos olhando fixamente para ele.

– Ele passou no teste a respeito da ordem em que os assassinatos ocorreram. Têm um encontro marcado para amanhã.

A notícia foi seguida de aplausos. Até Kasper Planck manifestou satisfação.

– Kongens Kringle, em Hindstrup Hovedgade, oito quilômetros a leste de Middelford. Meio-dia em ponto.

A Condessa apertou o braço dele, suavemente.

– Falou o nome ?

Simonsen ronronou, como um gato faminto.

– Na verdade, falou. Disse que ela poderia chamá-lo de Alpinista.

O castelo Stenholm datava da metade do século XVI, mesma época em que a baronesa do condado, Lydike Rantzau, havia mandado construir o forte aquático Renaissance. Na época, Skipper Clement e seus abusos sobre os camponeses da Jutlândia durante a guerra civil de 1534 ainda estavam torturando as mentes das pessoas e, por isso, a nova residência da baronesa, sólida e segura, foi fortificada para resistir aos ataques de uma multidão rebelde – paredes duplas, inúmeras canhoneiras, balestreiros, assim como um fosso e uma ponte levadiça. Os maiores atrativos do castelo eram, sem dúvida, o velho jardim de arbustos e o parque natural, mantido no estilo inglês, com caminhos sinuosos e pequenas pontes decorativas sobre lagos artificiais. A propriedade se estendia em declive na direção do fiorde Gamborg, e continuava até o viveiro de pinheiros.

Abaixo do castelo, estava Hindstrup, um pequeno povoado provinciano que tinha uma excelente marina para iates, algumas poucas fábricas e uma praça central, próxima a uma área de pedestres, onde havia um punhado de lojas que lutavam para sobreviver. Chamá-lo de movimentado seria exagero, mas as pessoas se viravam, e embora a maioria trabalhasse em Middelford ou Odense, o vilarejo estava longe de ser considerado sem vida. Principalmente porque o preço das casas era alto e o número de turistas no verão era considerável.

Em Hindstrup, Konrad Simonsen acrescentou “invasão de propriedade particular” à lista de pecados que vinha acumulando nos últimos dias. Felizmente, estava invadindo somente um barracão de madeira que, por sorte, era prolongamento de uma casa desocupada e à venda. De fato, ele não tinha motivos legítimos para estar ali, mas, por outro lado, o local era quase perfeito.

Havia chegado à noite e começado por pesquisar a rua principal, com a ajuda de uma brilhante lua de outono. Diagonalmente em frente à padaria Kongens Kringle, havia uma biblioteca com um pôster informando que estaria aberta às 8 horas da manhã do dia seguinte. Simonsen ligou para a Condessa e contou isso. Embora grogue de sono, ela confirmou que estaria lá.

Logo depois, o investigador encontrou o barracão ; atrás de uma casa numa rua perpendicular à rua principal. Estava destrancado e dentro dele havia lenha e blocos de madeira de tamanhos irregulares enrolados em *nylon* e empilhados, cobrindo uma parede inteira, do chão ao teto. A frente e os fundos do depósito eram de tijolos. As laterais eram formadas por entrecruzamentos de ripas, deixando espaços para a lenha secar ao vento. Com um trabalho árduo, Simonsen abriu espaço em uma dessas laterais e concluiu que aquele era o lugar que estava procurando.

À direita, tinha uma ótima vista da padaria, e na sua frente, bem acima, podia ver o contorno do castelo. O bosque no final do terreno do castelo estava a alguns graus à esquerda, e mesmo a olhos nus sob a luz da lua era possível enxergar a maior parte da borda da floresta. Não podia ser melhor. Buscou os cobertores e a sua bolsa de viagem que estavam no carro.



Acomodou-se – tão confortável quanto possível – sobre alguns blocos de madeira e ajustou o despertador. Segundos antes de fechar os olhos, lançou um olhar na direção da floresta e disse, calmamente :

– Boa noite, Alpinista. Amanhã pego você.

Cinco horas depois, o despertador tocou e Simonsen começou o dia da mesma forma que havia encerrado o anterior : espiou, entre as ripas, a floresta e o castelo. No escuro, a encosta tinha parecido mais inclinada, mas a paisagem não era muito diferente daquela que ele imaginara, ainda em casa, quando a Condessa – com a ajuda de uma tesoura, fita adesiva e cópias impressas de informações encontradas na internet – criou um mapa excelente de Hindstrup e seus arredores.

Puseram o mapa sobre a mesa da sala de jantar e estudaram tudo cuidadosamente, como faz um general antes da batalha. Algum tempo depois Pedersen sugeriu uma abordagem mais sistematizada, batendo a palma da mão sobre diferentes áreas do mapa enquanto falava.

– Certo. Vilarejo, castelo, terreno em aclive que sobe até a floresta, água e viveiro de árvores. Floresta e castelo bem no alto ; vilarejo embaixo. Vamos imaginar que somos o Alpinista. Onde ele pode ter a melhor visão global da região ? É quase uma certeza.

Correu o dedo sobre a borda da floresta.

– Aqui se pode ter uma vista sem obstáculos da rua principal lá embaixo. Pelo menos de um lado dela. Aposto cinco balas de rum que é exatamente o lado onde fica a padaria Kongens Kringle.

A Condessa concordou.

– Exceto pelo fato de que apostar não faz mais parte do seu dicionário, tudo se encaixa perfeitamente. Esse prédio aqui é provavelmente a casa de repouso e o número é ímpar. É bastante provável, então, que a padaria seja do lado oposto. Mas ele pode, também, morar no vilarejo ou ter acesso ao castelo. Funciona alguma coisa lá ?

– Uma escola para crianças com problemas de aprendizagem. Não acho muito provável. Sua fuga seria dificultada se...

Simonsen havia passado um bom tempo observando o mapa. De repente, interrompeu Pedersen.

– Na floresta. Ele se sente seguro entre as árvores. Esconde-se lá e espreita até o momento certo, sinto isso. Talvez já esteja por lá antes do amanhecer. Lembrem-se de que esperou metade da noite perto do quiosque de cachorro-quente em Allerslev.

Planck balançou a cabeça, A Condessa olhou para ele, ansiosa, e Pedersen disse :

– Sugiro 8 a 10 oficiais à paisana no vilarejo e 30 a 40 homens na floresta e no viveiro. Isso o deixará sem chance de escapar.

E continuou, agora dirigindo-se diretamente a Simonsen :

– Se puder, chame gente do grupo de operações especiais. São muito talentosos, e temos tempo para organizar tudo.

Simonsen balançou a cabeça.

– Quantas pessoas querem que ele escape ? Metade da população ? Vinte por cento ? Dez por cento ? Preciso de uma estimativa.

A Condessa respondeu, relutante, já imaginando aonde ele queria chegar.

– É difícil prever. A comoção pública está prestes a oscilar novamente, acho, mas no momento temos quase uma guerra na mídia. A cobertura da imprensa é imprevisível, e a maior parte do que chamam de reportagem de notícias é manipuladora ou fortemente preconceituosa.

– Isso foi um discurso, Condessa. Deveria escrevê-lo. Dez por cento ?

– Não, isso é muito otimismo. Otimismo demais, infelizmente.

Simonsen se virou para Pedersen.

– Arne é bom em estimativas. Por baixo, vamos pensar em cinco por cento. Qual é a chance de selecionarmos, digamos, setenta pessoas, onde nenhuma, nem mesmo uma que seja, divulgue os planos, antes que sejam postos em prática ?

Era um ponto incontestável e nem Pedersen nem a Condessa fizeram objeções, quando o chefe concluiu :

– Nossa força de trabalho amanhã vai consistir em nós três. Vou para lá daqui a pouco, e você, Condessa, vai chegar às 8 horas da manhã. Nessa hora já vou ter encontrado um lugar para ficar. Arne, você segue Anni Staal, mas use um carro diferente do seu.

Ninguém tinha alternativas sensatas para oferecer. Nem mesmo Kasper Planck. Pedersen perguntou :

– E se ele ligar e mudar o local ? Eu faria isso.

– Leve o telefone cópia. Nesse caso, vamos ter de improvisar, mas sei que vai se esconder naquela floresta até a hora do encontro. Ele é assim. A floresta é sua melhor amiga e sua pior inimiga.

Naquele momento, até Pedersen ficou preocupado.

Mas Simonsen, no barracão, não estava preocupado. Sem pressa nenhuma, comeu seus sanduíches de salsicha de fígado de porco e bebeu água do seu cantil. O café e o cigarro matinal teriam que esperar, o que acabou sendo mais fácil do que havia temido. Uma agradável pontada de expectativa atravessou seu corpo e imediatamente o deixou relaxado e descansado. Tirou a arma da bolsa de viagem. Há algum tempo não a usava e, por isso, teve de ajustar as alças do coldre ao tamanho atual da barriga. Logo depois, o telefone celular tocou.

Eram 8h30 e Pedersen havia preparado uma reunião dos três por telefone. Sua voz estava clara e inteligível.

– Parei em uma lanchonete na estrada, perto de Korsør. Não há nada de interessante a respeito do telefone de Anni Staal, exceto o fato de que ela ainda não saiu. Espero que não tenham mudado o lugar do encontro para Valby, por exemplo, pois nesse caso estaremos ferrados. A propósito, aluguei um Audi, um carro bacana. Estou ansioso para saber se podem me ouvir bem.

A Condessa respondeu. Estava sussurrando, mas sua voz também soava clara.

– Traça falando. Posso ouvi-lo perfeitamente, Audi. Estou lendo o jornal. Tenho uma ótima vista da padaria, mas não dá para ver muito mais que isso. Meu maior problema é a presença da bibliotecária ; portanto, vou limitar minha comunicação ao que for estritamente necessário.

Foi a vez de Simonsen. Havia acomodado o telefone entre dois sacos de lenha perto da sua

cabeça e, assim, tinha as duas mãos livres. Sua mensagem foi breve.

– Estou ouvindo bem, mas agora devemos nos concentrar.

Arne Pedersen respondeu, sorrindo ironicamente :

– Audi falando. Não tenho em que me concentrar, a não ser uma estrada meio vazia. O que está fazendo, Simon ? E não deveria ter um codinome também ?

Foi a Condessa que respondeu, ainda sussurrando.

– Acho que podemos chamá-lo de Caçador.

Ela não estava sorrindo. Nem Simonsen.

– Estou trabalhando. Portanto, parem com essa besteira.

Ficaram em silêncio.

Simonsen estava caçando. Lentamente, metodicamente, e com a mais elevada concentração, ele procurava sua presa, explorando minuciosamente a borda da floresta. As cores do outono o ajudavam a diferenciar as árvores. O sol se encontrava atrás dele e sua luz pálida enchia o campo de visão com sombras vermelhas, amarelas, alaranjadas e verdes. Aqui e ali havia árvores que haviam perdido todas as folhas e quebravam a palheta, com seus galhos pretos e ramos vazios. De vez em quando, uma nuvem tapava o sol e a floresta se tornava uma massa impenetrável, uniforme e compacta. Mas, em menos de um minuto, o sol saía outra vez. O investigador aproveitava essas pausas para ajustar o binóculo para a distância lá de baixo, a rua principal, ou na direção de árvores solitárias espalhadas pelo terreno do castelo. Não se interessava pelo castelo propriamente dito.

Pouca coisa acontecia. A certa altura, um jardineiro parou sobre uma das pequenas pontes brancas do jardim. Ficou olhando para frente por uns 10 minutos, imóvel, como se estivesse plantado ali. O homem tinha mais de 50 anos de idade e era desinteressante. Apesar disso, Simonsen ficou aliviado quando ele resolveu dar continuidade à sua vida e lentamente se arrastou em direção ao vilarejo, onde desapareceu. Dois homens apareceram, olhando para todos os lados, mas logo desapareceram também. Nenhuma outra atividade humana, óbvia ou oculta, foi perceptível.

– Espero que esteja dentro de algum lugar, Simon.

Era a Condessa e sua voz estava normal. Certamente, a bibliotecária havia saído.

– Por quê ? O que quer dizer com isso ?

– O tempo, claro. Vamos ter um verdadeiro pé d’água em breve. Ou acha que não ? É o que tem o melhor campo de visão, a não ser que eu tenha entendido errado.

Ela não tinha entendido nada errado, mas Simonsen só podia ver metade do céu. Largou o binóculo, desceu do assento e caminhou até a porta do barracão. Lá fora, sobre a água, o céu estava coberto de nuvens negras e pesadas. Relâmpagos brilhavam no horizonte. Observou a chuva, fascinado. Um fluxo turbulento e correntes de ar arrancaram tufos de nuvens e os jogaram sobre a água. A escuridão chegou e tomou conta. De repente, veio uma tromba d’água, depois outra, e a seguir uma terceira. Curvos, largos no topo e estreitos na base, os três gigantes pareciam estar realizando uma dança exótica. Mas o fenômeno não durou muito. As três colunas foram engolidas pela terra, enquanto um estrondo se espalhou pelo vilarejo. E então a chuva caiu.

Uns 15 minutos depois, a tempestade passou e a luz voltou. Tudo estava como antes ; os mesmos formatos e contornos irregulares, as mesmas nuances de verde, a mesma falta total de

atividade. Ou não. A chuva havia umedecido a área e agora o sol estava refletido em milhares de gotas, de forma que cada folha brilhava e cada galho cintilava, enquanto pequenas criaturas se aventuravam para fora dos esconderijos da floresta para reconquistar seu mundo molhado e renascido. Até mesmo Simonsen estava consciente da mudança e murmurou para si mesmo :

– Você está aí, Alpinista, e vou prendê-lo. Em algum momento vai cometer um erro, um simples e pequeno erro, e então vou pegar você. Estou no topo da cadeia alimentar e tenho muita, muita fome.

Naquele momento, Pedersen ligou para informar os últimos acontecimentos.

– Ela me ultrapassou. Estou a uns cem metros atrás dela.

Um pouco depois, acrescentou :

– Nada de novo sobre a Animada Staal. Acabei de atravessar a ponte e estou bem perto dela. Vamos chegar aí dentro de mais ou menos uma hora. Ouvi algumas notícias no rádio. Querem saber o que está acontecendo ?

A Condessa foi rápida.

– Claro que queremos.

– A notícia principal foi longa e era sobre um protesto em frente ao Christiansborg. As pessoas se reuniram lá, mas parece que há um silêncio sepulcral. Nada de discursos, músicas ou cânticos. Tem um *banner* que defende o endurecimento da lei e o fim da violência. O repórter ouviu a palavra *digno*, mas não passou disso. Noutro lugar, há uma frenética atividade agora. A gangue antipedofilia está atacando, e os políticos estão lutando com suas três exigências principais, que foram publicadas nos jornais de hoje, entre outras. Querem aumento significativo no rigor das punições, fim da proteção dos criminosos por parte dos pais das crianças vítimas de abuso sexual, assistência psicológica às vítimas, com subsídio do Estado, na quantidade e na duração necessárias. As outras exigências se referem à abolição de associações de pedófilos e reforços para que possamos rastrear pornografia infantil na internet. Estão se referindo a reforços financeiros e à possibilidade de punir as instituições que financiam esse material. Também querem que as agências de turismo cujos clientes vão atrás de crianças estrangeiras sejam castigadas.

Simonsen interrompeu :

– Seja mais objetivo. Tenho um olfato muito bom.

Pedersen estava confuso.

– Objetivo, lógico. O resto não entendi.

– Eu entendi muito bem – A Condessa comentou. – Está me assustando, Simon.

Houve uma pausa. Ninguém sabia quem deveria falar, portanto todos ficaram em silêncio. Depois de algum tempo, Pedersen concluiu.

– Há pessoas dizendo que o problema é constitucional. A liberdade de associação abrange, como sabemos, todas as pessoas. E as agências de turismo e os bancos estão em polvorosa. São interesses financeiros e, bem... são assuntos muito delicados.

A Condessa interferiu.

– Não posso dizer que não concordo, mas definitivamente gostaria que os organizadores houvessem recorrido a uma maneira mais convencional de sensibilizar a população.

Nenhum dos dois respondeu. Era claro que ela estava falando só porque Simon havia

pedido silêncio. Logo depois, foi mais direta.

– Ora, não quero saber disso. Está armado, Simon ?

– Não.

– Que bom.

A ajuda a Simonsen veio de uma fonte inesperada – uma voz desconhecida foi ouvida claramente por todos, e nenhuma explicação se fez necessária.

– Por favor, isto é uma sala de leitura, e não um mercado de peixes.

A Condessa parou de falar e Simonsen retomou sua paciente vigília. Depois de algum tempo, era capaz de reconhecer cada contorno e todas as árvores que podia ver. A implacável repetição – em que examinava os mesmos 100 metros da sequência de árvores de novo, e de novo – o fez perder a noção do tempo, e os relatórios esporádicos de Pedersen sobre sua localização começaram a parecer irreais. Só a caça tinha sentido – o cone estreito do seu campo de visão, que se movimentava para baixo e para cima, para um lado e para outro ; de novo, e de novo, sem variar em nada. Uma batalha que envolvia estamina e concentração, na qual nunca duvidou da sua superioridade ou permitiu que uma sombra de incerteza abalasse a confiança no fato de o Alpinista estar escondido em algum lugar no meio daquela folhagem desbotada e úmida.

Subitamente, um bando de pássaros voou sobre uma série de topos de árvores, cujo contorno lembrava uma figa. Voaram em círculos sobre a floresta e depois pousaram novamente. Pareciam gralhas. O investigador chefe não pôde identificar o que os havia alarmado, mas sabia que ali havia alguma coisa. Manteve seu olhar – já muito bem treinado – naquela área por um longo tempo, sem descobrir nada. Finalmente, desistiu e retomou sua exploração no velho e bom padrão de antes.

E então o desastre aconteceu.

A Condessa foi a primeira a se pronunciar, e desta vez soltou a voz, sem dar a mínima para as regras da biblioteca.

– Oh, não ! Isso não pode ser verdade !

Simonsen focalizou seu binóculo na direção da rua principal e também não acreditou no que viu. Em frente à padaria, havia uma viatura policial e três oficiais fardados estavam entrando no estabelecimento. Logo depois, um conjunto de vozes dissonantes invadiu o telefone celular, como se fosse uma novela de rádio.

– Pode culpar o vizinho, o banco, o comerciante, é tudo a mesma coisa, porque a prisão do devedor foi abolida ; mas não culpe o governo, e se fizer isso, pelo menos fale com eles antes. Não pode ignorar as exigências deles, por mais erradas que as coisas estejam, e deveria saber disso, Bolette !

– Quero todos vocês fora daqui ! – A Condessa gritou. – Agora !

Ninguém lhe deu atenção. Ouviu-se a voz de uma mulher.

– Preste atenção nisso. Não tenho televisão. No dia em que Anders morreu, ela parou de funcionar, e isso foi há quatro anos. Quatro anos se passaram e continuam a me cobrar pelas transmissões. E não adianta nada telefonar ou escrever para eles. É impossível explicar que não tenho televisão. Eles não acreditam em mim, aqueles macacos loucos de Copenhague. Imaginem o que aconteceria se eu cobrasse dos meus clientes um pão que não receberam !

– Estão atrapalhando uma missão extremamente importante e têm que ir embora. Isso vai

ter que esperar até amanhã.

A mulher da padaria continuou :

– E aí aparecem aqui três oficiais... A polícia não tem nada melhor para fazer ?

Alguns clientes a apoiaram.

A Condessa tentou novamente, com toda a força dos seus pulmões.

– Saíam daqui agora ! Sou do Departamento de Homicídios.

– Departamento de Homicídios ? Só por que ela foi inadimplente ? Isso é demais !

– Não fui inadimplente. Não tenho televisão. Não possuo televisão. Não quero televisão.

Não conseguem entender isso ?

– Posso comprar quatro *focaccias* antes que a levem ?

De repente, ouviu-se a voz de Pedersen, com uma mensagem que não deixou muito espaço para interpretações.

– Anni Staal recebeu uma mensagem de texto. Escreveram : “*Porcos estúpidos*”.

Simonsen desligou seu aparelho e olhou para a floresta. Por mais de três horas havia observado o lugar sem nenhum resultado. Juntou suas coisas e saiu. Seu otimismo havia sofrido um baque. Quando já não acreditava mais na sorte, ela subitamente apareceu. Ao deixar o barracão e olhar de novo para a floresta com seu binóculo, o investigador viu uma corda cair de uma das árvores sobre as quais os pássaros haviam voado em círculos algum tempo antes. Logo depois, ouviu um estrondo.

Simonsen tinha a reputação de agir racionalmente em situações que demandavam decisões rápidas, e o que fez naquele momento foi quase sem nenhum erro. Primeiro, pensou por mais ou menos 10 segundos, sem se mover. Depois, tirou um mapa da bolsa de viagem e novamente estudou a área atrás do castelo e em direção à água e ao viveiro. Estava claro que subir correndo até os jardins do castelo não era uma boa opção. Primeiro, porque tomaria muito tempo e, segundo, porque suas chances de pegar o homem quando finalmente chegasse lá eram mínimas. O Alpinista era mais rápido que ele e conhecia bem a área. As possibilidades seriam mais favoráveis a ele se subisse de carro até atrás da floresta e tentasse encontrá-lo em um dos caminhos do viveiro de árvores. Jogou de novo suas coisas dentro da bolsa e foi apressadamente para o carro.

Quando já se encontrava na estrada e o caminho se mostrava livre, acelerou o máximo que pôde, e em poucos minutos desceu o longo e reto caminho que cortava o viveiro, dividindo a área em duas partes – ocidental e oriental. Depois de algum tempo, estacionou o carro e continuou a pé. Sem pressa, caminhou o mais silenciosamente possível na direção do próximo cruzamento. Logo estaria do lado direito dos fundos do castelo e um rápido cálculo de cabeça lhe disse que se o Alpinista não tivesse corrido – o que não tinha razão para fazer –, havia uma boa possibilidade de ele estar por lá.

A vegetação dos dois lados da via era formada de pinheiros altos e alinhados ; uma pessoa que quisesse se esconder ali só precisava dar alguns passos e ficar imóvel atrás dos troncos. Portanto, o mais importante naquela situação era não ser visto nem ouvido. De vez em quando, Simonsen parava e escutava, sem perceber qualquer som além do canto de pássaros. A certa altura, encontrou um casal de faisões, que voaram para longe batendo as asas ruidosamente. O investigador agachou-se e esperou que a paz voltasse a reinar. Depois prosseguiu, sem fazer

nenhum barulho. Andou por uns 20 metros e chegou ao cruzamento. Virou para a esquerda e entre as árvores viu o homem andando na sua direção. Naquele momento, já estava com a arma na mão. A distância entre os dois era perfeita : o homem estava longe demais para atacá-lo e perto demais para evitar uma bala. Os olhos se encontraram e ambos sabiam quem era o outro.

– No chão, deitado de costas !

O homem não reagiu e seu olhar passou rapidamente da arma para a floresta. Simonsen puxou o gatilho. O breve clique metálico soou ameaçador e agourento.

– Não tente fazer nada. Se correr, atiro em suas pernas, e faço isso agora, se não se deitar. Terá seu queixo esfaqueado sem nenhuma razão especial, se eu resolver atirar na sua boca. Vou ter o prazer de vê-lo morrer, e o resultado será o mesmo, ou seja, você deitado no chão. Por favor, faça logo a sua escolha, antes que eu decida por você.

O homem pôs a bolsa de lado e se deitou. Não demonstrou nenhum sinal de qualquer sentimento ; nem raiva nem resignação. Simonsen se aproximou, agachou e fechou as algemas em torno dos pulsos dele, com a habilidade que havia ganhado da experiência. Sem pressa, pôs a arma de volta no coldre e acendeu um cigarro. Deu um longo trago e observou sua presa. O corpo do homem era esbelto e proporcional, nitidamente acostumado a exercícios físicos ; os cabelos eram louros e maltratados, e o rosto era marcado pelas intempéries. Os olhos azuis estavam atentos e hostis ; tinha uma cicatriz vermelha sobre uma das sobrancelhas.

Simonsen levantou o homem, revistou-o e – como já era esperado – não encontrou nenhuma arma. Num bolso lateral havia um telefone celular, sem o *chip*. A bolsa continha equipamento de escalada, cordas, um par de botas especiais, com tachas de metal na frente, e um cantil térmico de alumínio. O policial pôs a bolsa debaixo de um pinheiro e cobriu com galhos. Em seguida, olhou para o relógio.

– Andreas Linke, são 11 horas e 37 minutos, e está preso. Também quero informá-lo de que odeio você com todas as minhas forças e de que vai chorar lágrimas de sangue sobre as fotos da minha filha que me enviou.

O homem não disse nada.

Caminharam lado a lado até o carro. Simonsen tirou uma corrente do porta-malas e, cuidadosamente, empurrou o homem para o banco do passageiro. Prendeu uma ponta da corrente na alça do lado direito e a outra ponta na trava do cinto de segurança, que anteriormente havia adaptado para prender um cadeado. Trancou a porta, deu a volta, abriu a porta do motorista, pôs o casaco sobre o teto do carro, tirou o coldre e jogou no banco de trás. Vestiu novamente o casaco, entrou no carro e aliviou um pouco seu passageiro, soltando a alça do lado esquerdo. Isso permitiu ao homem uma relativa mobilidade, mas Simonsen sabia que estava em um raio de ação em que era possível dar-lhe um soco bem dado, caso fosse necessário.

– Se tocar em mim ou no volante, acerto sua cara. Com muita força. Entendeu ?

O Alpinista não respondeu. Simonsen bateu nele e repetiu a pergunta.

– Entendeu ?

Um curto e irado aceno com a cabeça indicou que havia entendido. E Simonsen sorriu, satisfeito.

Alguns quilômetros depois de deixar para trás o viveiro de árvores, aproximaram-se da

rodovia para Odense. O investigador virou à direita e uns 10 quilômetros depois pegou a via expressa E-20, em direção a Copenhague. Manteve uma velocidade regular de um pouco mais de 100 quilômetros por hora. O fluxo de veículos era moderado e não demandava muita atenção. Às 12 horas, ligou o rádio para ouvir as notícias. Notou que o passageiro acompanhava o noticiário atentamente, mas não disse nada.

Muitas pessoas estavam reunidas em frente ao palácio Christiansborg. Pelo menos, era o que dizia a repórter, mas Simonsen não estava 100 por cento de que deveria acreditar naquilo. Ela estava longe de ser objetiva e descrevia de forma melodramática as pessoas que, em silêncio, esperavam pelas decisões dos legisladores. Não havia nenhuma novidade em relação ao Parlamento. Desligou o rádio, e durante os 12 quilômetros que se seguiram, ensaiou mentalmente a conversa telefônica que estava por vir. Depois ligou para Pedersen.

– Alô, Arne. Minha bateria está acabando, portanto escute sem interromper. Peguei-o e estou a caminho do QG.

Falou rapidamente sobre a árvore, a bolsa, o *chip*, e depois acrescentou :

– Não haverá problemas com relação às provas. Ele fala como uma criança amedrontada, e reconheceu a culpa.

A seguir desligou.

O Alpinista parecia alheio a tudo. Com exceção de um breve olhar levemente assustado, quando ouviu Simonsen descrevê-lo como uma criança amedrontada ; apenas olhava, sem nenhuma expressão, para fora da janela. Mas o investigador percebeu – com prazer – certa tensão nele. Não encontrava uma posição confortável e ficava se mexendo no assento o tempo todo. Estavam indo em direção ao sul de Odense. Simonsen quebrou o silêncio.

– Sabia que matou suas vítimas no Dia das Onze Mil Virgens ? Era assim que chamavam o dia 18 de outubro na Idade Média. Ou Dia de Úrsula. Pode escolher. Ambos os nomes vieram da mesma lenda.

Olhou para o homem. Alpinista não disse nada, mas virou um pouco a cabeça e lançou um olhar de irritação. Simonsen continuou, com voz alegre e casual.

– Sim, foi uma história horrível. Muito triste e, infelizmente, muito sangrenta. Úrsula era uma princesa na Grã-Bretanha do século IV. Era extraordinariamente bonita, tal como as outras moças da lenda. Também era muito religiosa, ao contrário do rei inglês, que era pagão. Ainda assim, ele pediu Úrsula em casamento e ela aceitou, com uma condição : antes, faria uma peregrinação a Roma para satisfazer um profundo desejo de união espiritual com Cristo.

Parou de falar bruscamente. Havia um acidente logo adiante e o tráfego estava começando a ficar lento. Passou devagar ao lado do carro acidentado, sem olhar para ele ou para a ambulância que havia acabado de chegar. Alpinista também não olhou.

Quando retomou a velocidade anterior, Simonsen continuou a história – com a certeza de que aquilo constrangia e confundia seu passageiro.

– Onde estava mesmo ? Ah, sim. Úrsula viajou para Roma, mas não foi sozinha. Levou 11 mil donzelas junto com ela e tem de admitir que é um número colossal, enorme, impressionante de virgens. Não acha ?

Alpinista parecia não achar nada. Havia se virado para a janela.

– Tudo bem, depois você dá a sua opinião, mas de qualquer forma eu acho que era um



número muito grande. Enfim, a multidão chegou a Roma e o papa... a propósito, seu nome era Ciríaco, ficou encantado, para dizer o mínimo, o que é realmente um pouco estranho, porque esperava-se que ficasse extremamente irritado, pois era uma imposição da pior categoria. Imagine, 11 mil visitas que não convidadas. O custo da comida seria exorbitante. Conclui-se que era mesmo muito hospitaleiro aquele papa. Finalmente, partiram. Úrsula tinha de voltar para se casar. Mas a viagem de volta não correu tão bem quanto a de ida. Nem um pouco. Cruzaram com Átila, o rei dos hunos e, presumivelmente, alguns hunos ; elas foram assassinadas, todas elas. Ninguém sabe por que razão. Talvez Átila não estivesse tendo um bom dia, ou pode ser que elas o tenham insultado. A verdade, pequeno Andreas, é que, nesse contexto, o que você fez não foi grande coisa. Só matou seis, e cinco dos quais no mesmo dia em que as virgens morreram ; e só 17 séculos antes.

Viu a ponte Storebælts à frente e decidiu esperar para concluir. Sua audiência não falava nada mesmo, então era muito pouco provável que ouvisse alguma reclamação.

Quando estavam se aproximando de Slagelse, ele continuou a história.

– Minha história do passado... oh, é isso. Não acabei ainda. Sabe onde foram assassinadas ?

Como de costume, não recebeu nenhuma resposta, mas Simonsen percebeu que o homem fechou e apertou a mão direita, olhou para o lado, e depois desviou o olhar.

– Quer saber de uma coisa ? Tenho certeza de que sabe onde foi. Todas sofreram o martírio da morte no meio de Colônia, e mesmo com os fatos permanecendo um pouco incertos, foi construída uma basílica no local, em memória do derramamento de sangue. É a Basílica de Santa Úrsula... Ursulaplatz 24, para ser mais exato. Precisa conhecer ; quer dizer, morou a apenas duas ruas dela, na Weindengasse, número 8. Aliás, oficialmente ainda mora lá. Um quarto alugado, no terceiro andar, bem debaixo do crucifixo, o que demonstra que conhece, sim, a igreja. E talvez tenha notado que, para minha história se encaixar, alterei um pouco as datas. Sou assim. Não se pode acreditar sempre em mim. O dia da virgem é 21, e não 18, de outubro, mas deve saber muito bem disso, pois o Dia de Úrsula é muito popular em Colônia.

As orelhas do Alpinista foram ficando cada vez mais vermelhas. Não se importava com o fim da história. Manteve o silêncio, mas Simonsen sabia que não havia um grande jogador de pôquer dentro daquele homem.

Quando chegaram a Sorø, Simonsen saiu da estrada interestadual e prosseguiu na via expressa na direção de Holbæk. Dava para ver que Alpinista estava confuso. A coisa mais sensata a se fazer teria sido continuar naquela mesma estrada, passar por Ringsted e Køge, e chegar a Copenhague pelo sul. Mas, ainda assim, não estavam totalmente fora do caminho. Em um certo ponto, estariam na autoestrada Holbæk, por onde poderiam chegar à capital, passando por Roskilde e Glostrup. Já eram 13 horas e Simonsen ligou o rádio novamente. O horário do programa de notícias era impecável. A voz triunfante da repórter tomou conta do carro.

*“A situação dos violentadores de crianças na Dinamarca piorou. O Pacote Contra a Pedofilia foi negociado aqui, em uma ampla aliança entre o governo e a oposição. A discussão das propostas terá início hoje ainda, no final da tarde. As sentenças judiciais para abuso sexual de crianças vão mais que dobrar e a cláusula sobre a proteção dos*

*criminosos por parte dos pais das crianças vítimas vai deixar de existir. Estupro, em geral, se torna um crime mais grave. Além disso, quase 80 milhões de coroas por ano serão destinados a ações de combate ao abuso sexual de crianças, incluindo assistência às vítimas, expansão do trabalho da polícia, vigilância na internet e pesquisa psicológica. Está havendo uma grande comemoração aqui, na praça em frente ao palácio Christiansborg. Agora vamos ao Ministério da Justiça, onde o ministro está preparando um pronunciamento.”*

Simonsen desligou o rádio. Alpinista tinha um pequeno e discreto sorriso nos lábios.

– Vejo que venceu. Agora só resta definir o projeto de lei, que será aprovado, e você, especialmente, tem uma dívida a pagar. Porém, eu gostaria mais se fosse Per Clausen que estivesse aqui ao meu lado agora, e não você. Estou com um pouco de medo de descobrir, depois que fizer com que abra a boca, que você não passa de uma cópia patética daquele homem vil. Isso é muito irritante.

Essas palavras não caíram no ouvido de um surdo ; o sorriso logo desapareceu. E Simonsen acrescentou, agressivo :

– Há, também, um assunto pessoal que precisamos resolver. Você me enviou fotos da minha filha e isso é algo que jamais poderia ter feito. Vai chorar sobre elas ; mas acho que já lhe falei isso, não é ?

Ficaram em silêncio novamente. A parte inferior das costas de Simonsen começou a doer e ele queria descansar. Tentou amenizar a dor jogando seu peso de um lado para outro. A meio caminho de Holbæk, no vilarejo de Ugerlø, saiu da estrada principal e virou à esquerda no sentido de Mørkøv e Svinninge. Estavam indo rumo ao oeste, na direção oposta de Copenhague, e não demorou nada para Alpinista ficar nervoso. Olhava para todos os lados, confuso, e ficava cada vez mais agitado.

Simonsen lutava contra si mesmo. A razão mandava que desistisse do seu plano e voltasse para Copenhague. O que estava fazendo era errado, embora tivesse controle de si mesmo e da situação. Decidiu abandonar o plano ; mas só depois de um pequeno e derradeiro gesto teatral.

Abriu o compartimento entre os bancos, pegou dois sacos de balas de alcaçuz e jogou sobre o painel. Depois rosnou :

– Você me viciou nesta merda.

Até aquele ponto, havia mantido a calma e a sensatez. Perdê-las trazia uma sensação boa. Gritou :

– Logo vou empurrar esse saco inteiro pela sua goela abaixo.

O prisioneiro lhe lançou um olhar apavorado, o que Simonsen apreciou. Depois, o investigador abriu a janela e jogou as balas fora. Não as queria mais. Aquilo podia ir para o inferno ; e como podia !

Quando passaram por Mørkøv, Alpinista não resistiu mais e perguntou :

– Para onde estamos indo ?

Foi a primeira vez que Simonsen ouviu sua voz. Era uma voz levemente rouca e cheia de pânico.

– Ainda não adivinhou ? Não é exatamente rápido para raciocinar. Se fosse um pouquinho mais esperto, já teria começado a implorar por misericórdia.

Diminuiu a velocidade, imaginando que o homem pudesse tentar pegar no volante. Atravessaram lentamente a paisagem de outono. O céu tinha ficado carregado de nuvens sombrias mais cedo, mas naquele momento o sol já tinha voltado a brilhar. Simonsen olhou para todos os lados, com um leve sorriso na boca, como se estivesse apreciando a vista. Mas ali não havia nada demais que realmente valesse ver – uma fazenda, um carro se aproximando, campos limpos após a colheita, com fardos espalhados aqui e acolá, como se um gigante tivesse lançado um punhado de dados. Sem olhar para o passageiro, Simonsen falou :

– É interessante como a nossa mente funciona. Você pode ir para lá e para cá por meses em busca dos seus velhos carrascos, Frank e Allan, enquanto planeja como vai matá-los. Já é adulto e não precisa mais temê-los. Mas ainda evita o local onde foi violentado. Quase não vai lá e toda a sua força física não ajuda em nada. Pelo menos, não foi capaz de derrubar as árvores e pôr fogo no celeiro. Precisou de ajuda para isso. Por outro lado, tudo aconteceu há muito tempo, e as coisas mudam. Vamos ver, vamos ver. A propósito, como prefere ser chamado, Alpinista ou Andreas ?

A pergunta veio naturalmente.

– Céus ! Diga onde estamos indo.

A voz do homem era quase estridente. Simon falou :

– Fiz uma pergunta.

– Aqui na Dinamarca todos me chamam de Alpinista, portanto é o nome que prefiro. Onde está me levando ?

– Ótimo. Então vou chamá-lo de Andreas. A verdade deve ser dita : odeio você ! Deveria ter deixado minha filha fora disso, seu ser desprezível.

As mãos do Alpinista contorciam-se de nervoso e o corpo sacudia de um lado para o outro. Simonsen continuou dirigindo. Passaram por Svinninge e, depois, Hørve. Alpinista começou a suar. Pequenas gotas apareceram na testa, e depois no nariz, e de tempos em tempos ele secava o rosto com a manga da camisa.

– Não tem o direito de me levar lá.

O tom agressivo já tinha ido embora, e naquele momento estava mais perto da súplica.

– Direito. É uma palavra interessante. Se começássemos a discutir o que temos ou não o direito de fazer, não chegaríamos a lugar nenhum, não acha ?

– Não pode desistir disso ? Acho que não suportaria...

– Não, garanto que não vou desistir. Pegar um desvio para o lugar onde tudo começou é perfeitamente conveniente para mim. O celeiro, onde Frank estuprou você, e as árvores, onde foi a vez da Allan.

O homem tinha colocado as mãos sobre as orelhas, para não ouvir, e batia a cabeça contra o banco. A cor do seu rosto havia sumido – exceto, claro, pela cicatriz, que continuava muito vermelha. Assim que ele tirou as mãos, Simonsen atacou, sem dó e sem pena.

– As pessoas mais velhas do vilarejo dizem que você mal podia andar quando os irmãos atacavam você ; ficava mancando, como se tivesse cagado nas calças.

Alpinista virou a cabeça, tentando se proteger das palavras.

– Tudo bem, seu merda ! Se me disser seu endereço na Alemanha e seu endereço na Dinamarca, mudo de rumo.

Não foi tão fácil. No começo, Alpinista preferiu suportar a tortura, mas quanto mais se aproximavam do local de destino, mais difícil ficava aquilo. Finalmente, desistiu.

– Na Alemanha, moro no endereço que mencionou : Weindegasse, 8, em Colônia. Aqui na Dinamarca, alugo um apartamento de térreo em Fredericia, em Iverstigade, 42, e é clandestino. O proprietário não quer saber quem sou, contanto que receba seu dinheiro todo mês. Leve-me de volta a Copenhague. Quero um advogado.

A raiva voltou à sua voz enquanto falava. Seu olhar ficou cheio de rancor e a agitação desapareceu.

– Você quer, você quer... Pode tomar um murro na cara a qualquer momento se *eu* quiser. Fale sobre as fotos que recebi.

A resposta veio depois de uma breve pausa.

– Isso foi coisa de Per Clausen. Ele mandou o envelope com uma mensagem que dizia para esperar uma semana antes de enviar. Até agora, eu nem sabia o que estava dentro daquele envelope.

– Como foi que ele soube da minha filha ?

– Não sei. Acho que se preparou para enfrentar você. Vire esse carro, quero voltar para Copenhague. Você prometeu. Não temos nada contra a sua família.

– Então não deveriam ter envolvido minha filha nisso, porque foi algo que realmente me tirou do sério ; muito mais do que pode imaginar. Agora, vamos nos divertir. Falei que não se pode acreditar sempre em mim. Na próxima vez, deve prestar mais atenção no que digo.

Alpinista olhou para ele sem entender nada. Depois o pânico voltou, e dessa vez era bem maior que antes. Tremia incontrolavelmente, como se estivesse sentindo muito frio. Choramingava, e depois de uns quilômetros, começou a implorar. Estava patético, e não obteve nenhuma resposta. Perto de Fårveijle, Simonsen virou à direita, e logo puderam ver a baía de Sejerø à esquerda, o que queria dizer que estavam se aproximando do local. Alpinista chorava e implorava. Entre o pranto e a súplica, divagava sobre tudo que existe entre o céu e a Terra, o tudo e o nada. Coisas até interessantes, mas que não serviam como provas do crime que cometera.

De repente, Simonsen parou o carro. Tirou um mapa do porta-luvas, saiu do carro e acendeu um cigarro. Deixou a porta aberta, de forma que pudessem conversar, embora a habilidade do Alpinista para falar fosse quase nula.

– Ainda não entendeu, Andreas, que não se trata da sua confissão. A confissão vem depois. Estamos falando de vingança. Vingança pelas pessoas que matou. Devem ter implorado por suas vidas, mas os matou sem misericórdia. Está prestes a receber uma sentença de morte e merece isso. Mas antes vamos concretizar o seu pior pesadelo. Sonha com aquele lugar ? Mesmo depois do tratamento psiquiátrico e da sua gloriosa cruzada, acho que sonha, sim. E vai visitá-lo agora ; não adianta implorar, cantar, gritar...

Gritar foi basicamente o que o homem fez, mas não berrava, era uma espécie de chiado, como um gatinho sendo esmagado. Depois começou a puxar a corrente, mas só conseguiu uma marca vermelha no pulso. Simonsen continuava a fumar seu cigarro tranquilamente, despreocupado, até que, subitamente, o homem se virou e viu a arma, jogada negligentemente sobre o banco traseiro. Fez um movimento brusco e a tirou do coldre. Primeiro, pôs o

revólver no colo. Depois, a pegou de novo, tremendo, e a apontou para o rosto do policial.

Calmamente, Simonsen jogou o cigarro fora. Sentou-se no banco do motorista e, com a palma da mão, empurrou o homem e a arma para longe, como se estivesse se livrando de um inseto. Alpinista resistiu o quanto pôde.

– Não acredito, Andreas. E nem acho que iria me ferir, tremendo desse jeito que está. Além do mais, isso não ajudaria você em nada. Vamos a Ullerløse.

Virou a chave o ligou o motor. Alpinista ficou olhando longamente para ele, perturbado ; depois apontou a arma para a própria boca e puxou o gatilho. Ouviram um clique. Tentou de novo, com o mesmo resultado. Então escorregou para baixo no assento, impotente e com um olhar vazio. Simonsen percebeu, pelo cheiro, que ele havia molhado as calças. Desligou o motor e saiu do carro. Pôs as mãos no teto do automóvel e ficou assim por um bom tempo. Depois, endireitou o corpo e gritou, com todas as forças :

– Tinha que ser você, Per, seu demônio, não esse ser patético !

Olhou para a estrada à sua frente, olhou para trás, e falou para o ar.

– Mas não sou como você, Per. Se fosse, teria gostado. Um bônus, depois da vitória. Mas não terá isso. De jeito nenhum.

Contornou o carro, soltou o Alpinista da corrente, levantou-o e o ajudou a secar um pouco da urina, com o auxílio de lenços de papel. Era hora de ir para casa.

\*

Foram recebidos no QG em Copenhague por uma agitada Pauline Berg. Simonsen havia ligado para ela, que estava numa pousada, e ordenado que voltasse ao trabalho e preparasse a sala de interrogatórios. Além disso, avisou a moça que ela conduziria a sessão de perguntas. Berg havia feito tudo competentemente, mas também havia falado várias vezes com a Condessa e com Arne Pedersen.

– A Condessa e Arne querem que ligue para eles imediatamente. Ambos estão... preocupados com esses acontecimentos, e não entendem como apareceu aqui sozinho com...

Procurou, em vão, pelas palavras certas, e apontou para o Alpinista, que estava encolhido atrás de Simonsen, constrangido, fraco e vulnerável como uma criancinha diante dos pais após fazer uma travessura.

– Andreas Linke. O nome dele é Andreas Linke, e não há nada de estranho no fato de que o trouxe sozinho. É totalmente inofensivo. Na verdade, também é amável e prestativo.

Alpinista acenou com a cabeça, como se quisesse confirmar a afirmação. Berg olhou para ele, franziu as sobrancelhas, e Simonsen continuou :

– Agora vamos entrar e bater um papo com Andreas. Essas explicações podem ficar para depois. Está pronta ?

Não, ela não estava. Sabendo que não tinha nenhuma opção a não ser obedecê-lo, pediu licença e foi ao banheiro, de onde – como uma colegial em apuros – ligou para a Condessa. Quando entrou na sala de interrogatórios um pouco mais tarde, seu chefe já havia dado os passos iniciais, e ela o ouviu dizer para o gravador que Pauline Berg havia chegado. Andreas Linke estava sentado, com as pernas cruzadas sob o corpo. Submisso como um cão ferido, acompanhava cada movimento e cada palavra de Simonsen. Seu rosto estava anormalmente pálido e, quando dava uma resposta, parecia um filho que faria qualquer coisa para aplacar a

fúria de um pai severo. Simonsen falava de forma simples e direta.

– Não adianta balançar a cabeça. Tem de falar para o gravador que não quer um advogado.

– Não quero advogado nenhum.

E então veio uma série de perguntas que tinham a ver com a vida do Alpinista ; a seguir, houve uma sistemática investigação sobre seu relacionamento com os outros membros do grupo de autoajuda. Finalmente, Simonsen chegou aos assassinatos.

– Você matou cinco pessoas no ginásio esportivo da escola Langebæk, em Bagsværd ?

– Matei. Fui eu quem os matou.

– Conte como fez isso.

– Foram enforcados. Eu os enforquei.

Sorriu, se desculpando.

– Quem o ajudou ?

– Os outros membros do grupo ; eles também estavam envolvidos nisso.

– Quem são ?

– Quer os nomes deles ?

– Sim, Andreas, diga os nomes. Nomes e sobrenomes. Quero que mencione os nomes de todos os envolvidos nos assassinatos.

Ele contou nos dedos.

– Per Clausen e Stig Åge Thorsen. E Erik Mørk ; isso mesmo, Erik Mørk. E eu.

– Ninguém mais ?

– Não, ninguém mais.

Simonsen franziu a testa.

– Oh, sinto muito. Havia Helle Jørgensen. Quer dizer, Helle Smidt Jørgensen. Havia me esquecido dela. Tem de me perdoar. Mas, de todo modo, está morta. E Per Clausen ; Per também está morto.

Deu uma risadinha e acrescentou :

– Helle não tentou morrer. Simplesmente aconteceu.

Berg finalmente se recompôs. Tinham a confissão. Era suficiente. Empurrou a cadeira para trás, ruidosamente, e se levantou.

– Não quero mais participar disso.

Simonsen também se levantou, e disse, com a voz firme e autoritária :

– Sente-se, garota ! E faça seu trabalho.

Ela se sentou novamente, enrubescida, enquanto ele voltou a fita do gravador. Isso lhe deu um pouco de trabalho, e alguns minutos se passaram antes de poderem continuar.

– Há uma coisa que é importante para mim, Andreas, uma coisa que só você e eu sabemos, e que gostaria muito que você dissesse.

Alpinista acenou positivamente, conformado.

– Como levou os cinco homens da *minivan* até o ginásio ?

– Alguns foram andando, mas usei um carrinho de mão para levar os que estavam inconscientes. Amarrei-os no carrinho. Eram pesados, mas sou forte. Era isso que queria saber ?

– Não, não exatamente. Alguma coisa aconteceu com um deles, quando estava tirando-o da *minivan*. Lembra-se disso ? Lembra-se de qual deles era ?

Alpinista ficou calado, pensativo, por algum tempo. De repente, seu rosto se iluminou.

– Thor Gran, era Thor Gran. Caiu, e sua orelha começou a sangrar. A orelha bateu no chão e ganhou um corte grande. Mas foi um acidente.

– Foi exatamente o que pensei. Agora diga quem teve a ideia de matá-los e a razão pela qual tinham de morrer.

Desta vez, Alpinista não precisou pensar.

– A ideia foi de Per Clausen. Era um cara muito esperto. Disse que quando todos estivessem mortos, todo o mundo iria querer escutar. Teríamos a atenção pública, Per falou. E então seria mais difícil alguém... quando alguém...

Olhou para baixo, constrangido, procurando, em vão, pelas palavras certas. Anna Mia entrou na sala, seguida por Poul Troulsen. Ele olhou para o Alpinista e depois disparou uma ordem para Pauline.

– Vá chamar uma ambulância, e rápido.

Berg saiu correndo ; Anna Mia calmamente se aproximou de Simonsen e o abraçou.

– Deve estar cansado, papai. Vamos embora.

Pegou a mão dele e saíram.

– Consegui pegá-los, Anna Mia. Ouviu isso ? Eu consegui !

– Sim, conseguiu. Isso foi muito bom, mas agora acabou. Vamos sair de férias.

De volta à casa de Simonsen, Anna Mia cozinhou para o pai e o ajudou a fazer a mala. A Condessa chegou um pouco depois, mas não falaram sobre o caso. O caso estava encerrado. Simonsen estava sentado em uma poltrona e tentava ler um livro sobre xadrez. Quando falavam com ele, respondia com monossílabos, como se não soubesse muito bem o que acontecia à sua volta. As duas mulheres o deixaram em paz. A Condessa foi à cozinha duas ou três vezes para falar ao telefone, e numa dessas vezes aumentou o tom da voz, mas quando voltou não disse nada sobre isso e ninguém perguntou. Não era da conta deles. Por volta de 8 horas da noite, estavam prontos para partir.

Foram no carro da Condessa. Simonsen foi relegado ao banco de trás, onde logo adormeceu. As duas se revezaram no volante – cada uma dirigindo por mais ou menos uma hora – e se divertiram com conversas sem importância. Chegaram às 2 horas e concordaram em deixar o homem adormecido ficar onde estava. Levaram as bagagens e guardaram as coisas essenciais nos devidos lugares. Depois encerraram o dia com uma taça de vinho branco. A Condessa foi para o seu quarto e Anna Mia foi até o carro.

Para sua surpresa, Anna Mia dormiu, sem intervalos, por três horas, e responsabilizou o vinho por isso. Quando abriu os olhos, o sol estava se levantando e, depois de um momento de desorientação, conseguiu saber onde se achava. O pai já estava acordado. Estava sentado, olhando pela janela. Ela sorriu, quando olhou para ele e disse, calmamente :

– Bom dia, e bem-vindo ao Mar do Norte. Quer caminhar até a praia ?

Era tudo que Simonsen queria. Saíram do carro e, de mãos dadas, atravessaram as dunas. Quando puderam ver o mar, pararam. Ondas prateadas, cobertas de espuma, brilhavam no sol da manhã e, ruidosas, quebravam na praia. O vento batia em seus rostos. Anna Mia descansou a cabeça no ombro do pai.

– É bonito, não é, papai ?

– Sim. Sim, é muito bonito.

**FIM**



## Títulos da Vertigo

.....

Sete dias em river falls | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

Tradução : Fernando Scheibe

Meu primeiro assassinato | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Tradução de Salma Saad

Os sete crimes de Roma | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Tradução : Fernando Scheibe

A fera interior | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos ?

Tradução : Márcia Guimarães

Estava escrito | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossas crianças ?

Tradução : Elisa Nazarian

Copyright © Lotte Hammer and Søren Hammer / Gyldendal 2010 [All rights reserved.]  
This Portuguese edition published by agreement with Gyldendal Group Agency and Vikings of  
Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda.  
Copyright da tradução © 2013 Editora Nemo/Vertigo

**TÍTULO ORIGINAL**  
Svinehunde  
**CAPA**  
Diogo Droschi  
(sobre foto de Goran Zeck)  
**TRADUÇÃO**  
Márcia Guimarães  
**PREPARAÇÃO**  
Lizette Mercadante  
**REVISÃO**  
Lúcia Assumpção  
**DIAGRAMAÇÃO**  
Tristelune Production

Coleção dirigida por Arnaud Vin

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos,  
eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**VERTIGO**  
Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar,  
Conj. 2301, Cerqueira César . São Paulo . SP .  
cep 01311-940 Tel. : (55 11) 3034 4468

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

Hammer, Lotte

A fera interior : Podemos fazer justiça com as próprias mãos ? / Lotte & Søren Hammer ;  
tradução Márcia Guimarães. -- 1. ed. -- São Paulo : Vertigo, 2013.

Título original : Svinehunde

ISBN : 978-85-8286-003-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura dinamarquesa) I. Hammer, Søren. II. Título.

13-06411 CDD-839.81

Índices para catálogo sistemático :

1. Ficção policial e de mistério :

Literatura dinamarquesa 839.81